



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS HISTÓRICO-COMPARATIVOS
SOBRE A DIVERSIFICAÇÃO DO SUB-RAMO VI
DA FAMÍLIA LINGUÍSTICA TUPÍ-GUARANÍ

Brasília
2015

ANA MARIA GOUVEIA CAVALCANTI AGUILAR

**CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS HISTÓRICO-COMPARATIVOS
SOBRE A DIVERSIFICAÇÃO DO SUB-RAMO VI
DA FAMÍLIA LINGUÍSTICA TUPÍ-GUARANÍ**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

**Brasília
2015**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da
Universidade de Brasília.

AAG283c Aguilar, Ana Maria G. Cavalcanti.
Contribuições para os estudos histórico-comparativos sobre a diversificação do sub-ramo VI da família linguística Tupí-Guaraní / Ana Maria G. Cavalcanti Aguilar; -- Brasília, 2015. 223 p.

Tese (Doutorado em Linguística) -- Universidade de Brasília, Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2015.

1.Família Tupí-Guaraní. 2. Classificação genética. 3. Sub-ramo VI. 4. Tupí-Kawahíwa. 5. Kayabí. I. Cabral, A.S.A.C., orient. II. Título.

ANA MARIA GOUVEIA CAVALCANTI AGUILAR

**CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS HISTÓRICO-COMPARATIVOS
SOBRE A DIVERSIFICAÇÃO DO SUB-RAMO VI
DA FAMÍLIA LINGUÍSTICA TUPÍ-GUARANÍ**

Esta tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutor em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Linguística, do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Brasília, 15 de dezembro de 2015.

Profa. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Dra. (Presidente)
Universidade de Brasília - LIP, II-UnB

Profa. Rozana Reigota Naves, Dra. (Membro Interno)
Universidade de Brasília - LIP, II-UnB

Profa. Edna Cristina Muniz da Silva, Dra. (Membro Interno)
Universidade de Brasília

Profa. Eliete de Jesus Bararuá Solano, Dra. (Membro Externo)
Universidade do Estado do Pará

Prof. Jorge Domingues Lopes, Dr. (Membro Externo)
Universidade Federal do Pará

Profa. Raimunda Benedita Cristina Caldas, Dra. (Suplente)
Universidade Federal do Pará

Para os povos Tupí-Kawahíwa.

AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo, meu Salvador e fiel Amigo. A Deus, *Iavé*, que me abençoa, abundantemente, com seu Amor, Graça e Sabedoria. E ao Espírito Santo por guiar meus passos.

Ao Lúcio, meu esposo, e ao Gérson, meu filho, que sempre estiveram ao meu lado. Gracias, Lucio, pelo amor compartilhado há 25 anos. Obrigada, filho, pelas traduções, digitalizações e apoio incondicional.

À minha amada mãe, Severina Maria da Silva (in memoriam), que sinto estar próxima a mim, através de meus irmãos, cunhados e sobrinhos: Maria José, Sandra Maria, Júnior; Jarbas, Enéas; Marlon, Matheus, Vinícius, Filipe e Émile Cristina. Obrigada pelo amor, carinho e respeito. Como é importante saber que vocês fazem parte de minha vida.

Aos meus queridos sogros, Máximo Vilca e Cristina Aguilar, pelas continuas orações. E aos demais familiares do Lúcio, por sempre desejarem o nosso sucesso.

Aos povos Tupí-Kawahíwa, por me ensinarem sobre a língua e a cultura. Um agradecimento especial aos Parintintín, por me receberam nas aldeias Traíra, Canavial e Pupunha e pela colaboração dispensada à minha pesquisa e trabalho de campo.

À Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus José Ribeiro Filho, em especial aos professores e técnicos do Departamento de Línguas Vernáculas, pela compreensão e incentivo, especialmente aos prezados colegas: Agripino Freire, Nair Gurgel, Socorro Dias, Eduardo Martins, Elizabete Sanches, Socorro Beltrão, Valdir Vegine e Maria de Fátima Molina.

Aos Professores Dra. Marília Pimentel, atuando com Chefe do Departamento de Línguas Vernáculas (DLV/UNIR); Dra. Odete Burgeile, coordenadora do GELLSO (UNIR), e o mui caro amigo Dr. Júlio Rocha, atuando como Diretor do Núcleo de Ciências Humanas (NCH/UNIR), pelo apoio e os incentivos constantes ao longo de todo o Doutorado.

À Universidade de Brasília, principalmente aos professores doutores, à coordenação e aos funcionários, técnicos e estagiários do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UnB), por compartilharem seus conhecimentos valiosos durante as aulas e cursos assistidos na UnB, pela prontidão e gentileza com que sempre nos atendem.

À Profa. Dra. Ana Cabral, minha orientadora, pelos preciosos conhecimentos a mim concedidos e pela confiança depositada. Além dos cursos por ela proferidos, os quais muito ampliaram meus conhecimentos, me beneficiei das suas experiências de pesquisa junto aos Tupí-Guaraní. Meus sinceros agradecimentos.

Aos membros da banca de defesa, Prof. Dr. Jorge Domingues Lopes, Profa. Dra. Rozana Reigota Naves, Profa. Dra. Edna Cristina Muniz da Silva e Profa. Dra. Eliete de Jesus Bararuá Solano, pelas observações e valiosas contribuições a esta tese.

À Profa. Dra. Wany Sampaio, pela gentileza e confiança com que me cedeu seus dados e por sua importante participação na banca de qualificação. Agradeço pelas leituras e considerações valiosas a respeito deste estudo.

Ao Prof. Aryon Rodrigues (in memoriam), por sua preciosa contribuição aos estudos de línguas indígenas, à Linguística no Brasil e à formação de pesquisadores nessa área.

Ao Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/IL/UnB), em especial aos colegas pesquisadores: Suseile Andrade, Ariel Silva, Fábio Couto, Rodrigo Prudente, Maxwell Gomes, Chandra Veigas, Áustria Brito, Lidianne Camargos, Sanderson Castro, Gabriel Barros, Tiscianne Alencar, Gabriela Linhares e Edneia Isidoro, sobretudo, pela amizade e aprendizagem pessoal e profissional.

Aos professores e pesquisadores Dr. Andérbio Martins e Dra. Tabita Fernandes, pela forma gentil de compartilharem seus estudos comigo. Os tenho por exemplo de excelência profissional e pessoal nos estudos sobre línguas e culturas indígenas.

Aos colegas indígenas, professores e pesquisadores: Joaquim Kaxinawá, Paltu Kamaiura, Makaulaka Mehinako, Kaman Nahukua, Wary Kamaiurá, Altaci Rubim, Mauro Carvalho, Lucas Manchineri e Nanblá Gakran, pelos ensinamentos e pela parceria nesse processo de aprendizado e de construção de saberes.

À Profa. Dra. Enilde Faulstich, pelas inspiradoras aulas sobre políticas linguísticas, lexicologia e terminologia. Ser sua aluna foi um privilégio.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos de Doutorado (Prodoutoral/CAPES/UNIR).

Aos colegas da PROPesq e do Centro de Estudos da Linguagem, da UNIR/PVH, principalmente à Angélica Barbosa e à Francisca Brandão, pelo apoio técnico enquanto servidoras da UNIR e pelo companheirismo.

À Profa. Pra. Milsolange P. L. Valadares por sua colaboração no trabalho de campo realizado junto aos Parintintín da Aldeia Pupunha (Humaitá/AM). Agradeço por sua singular amizade e contínua intercessão.

Aos funcionários das bibliotecas onde fiz levantamento bibliográfico: Biblioteca Marechal Rondon, da Fundação Nacional do Índio (FUNAI-RJ); Biblioteca Francisca Keller,

do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/MN/UFRJ); Biblioteca do Museu Histórico Nacional (MHN/RJ); Biblioteca Nacional (BN/RJ); Biblioteca Curt Nimuendajú (FUNAI-DF); Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BC/UnB); Biblioteca Nacional de Brasília (BNB/DF) e, de forma especial à bibliotecária Lourdes Cristina Araújo Coimbra, do Centro de Documentação em Línguas Indígenas (CELIN/Museu Nacional/UFRJ), por sempre me atenderam com presteza e diligência durante minhas visitas.

Aos queridos amigos e amigas do coração e irmãos de fé, meus, do Lucio e do Gérson, por toda ajuda e companheirismo: Andrea Gomes e Arley Silva, Inês Helena, Eunice dos Santos, Sebastião Valadares e Milsolange Pires, João Adair e Kátia Pains, Antônio Baltazar e Ruthelene Cardoso, Iinar Santos, Geraldo Teixeira, Kátia Farias, Márcia Nathalie e Ivan Amaral, Rejane Miguel, Eliseu Martins,... A lista é grande, então, minha gratidão à nossa querida família cristã, pelos momentos de companheirismo e solidariedade.

À saudosa amiga do coração, Wilmen Teixeira da Silva, por me receber em sua casa, por ser também um exemplo a ser seguido. A sua amizade fez Brasília ser para mim uma cidade maravilhosa.

À Nilza Fernandes, que abriu a porta de sua casa para me hospedar em Brasília. Obrigada pela confiança que sempre depositou em mim.

Aos antropólogos Julio Cezar Melatti, Cristhian Teofilo da Silva, Stephen Grant Baines e Estevão Rafael Fernandes, pelas profícuas aulas sobre a etno-história e a etnografia dos povos indígenas.

Ao arqueólogo Eurico Teófilo Miller, pelos preciosos ensinamentos e valiosas conversas sobre a história da cultura indígena na Região Amazônica.

À Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto, pelo incentivo e sugestões de leitura para a seleção do doutorado na UnB e na UNESP/SJRP. Fui aprovada nas duas. Obrigada.

A todos que de alguma maneira me ajudaram a concluir esta tese e me deram o incentivo para levar este trabalho adiante. Certamente alguns ficarão anônimos. Mas, não se trata propriamente de descortesia, pois a todos sou grata. Merci.

Obrigada, Deus TriUno, por poder contar com essas pessoas e instituições neste momento tão importante. Obrigada por colocá-las tão caprichosamente em minha história de vida.

“FILHO meu, não te esqueças da minha lei, e o teu coração guarde os meus mandamentos.

Porque eles aumentarão os teus dias e te acrescentarão anos de vida e paz.

Não te desamparem a benignidade e a fidelidade; ata-as ao teu pescoço; escreve-as na tábua do teu coração.

E acharás graça e bom entendimento aos olhos de Deus e do homem.

Confia no SENHOR de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento.

Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.

Não sejas sábio a teus próprios olhos; teme ao SENHOR e aparta-te do mal.

Isto será saúde para o teu âmago, e medula para os teus ossos.”

RESUMO

A presente tese investiga aspectos do complexo linguístico-cultural Tupí-Kawahíwa, com foco na hipótese do agrupamento da língua Kayabí a esse complexo. Conforme a classificação interna da família Tupí-Guaraní proposta por Rodrigues (1984-1985), essa língua, juntamente com o Asuriní do Xingu e o Araweté, estava incluída no Sub-ramo V dessa família. Contudo, Rodrigues e Cabral (2002) considerando o acesso a novos dados sobre as línguas dos diversos sub-ramos, postularam, à luz dos critérios reformulados e dados adicionais, uma revisão da classificação interna dessa grande família linguística e, nessa revisão, o Kayabí foi associado ao Sub-ramo VI. Sob essa perspectiva, as línguas Kayabí, Amondáwa, Uru-Eu-Wau-Wau, Karipúna, Piripkúra, Diahói, Parintintín, Tenharim, †Tupí-Kawahíb, Apiaká e Júma, passam a constituir o *Kawahíb branch* (RODRIGUES, CABRAL, 2012, p. 499). Esta tese constitui, então, um prosseguimento do trabalho de revisão da classificação interna desse sub-ramo. Sendo assim, buscamos mais elementos para o agrupamento da língua Kayabí nesse complexo. Dada sua natureza comparativa, este trabalho vale-se de descrições disponíveis da língua Kayabí e das línguas da família Tupí-Guaraní dos sub-ramos V (Asuriní do Xingu), VI (Parintintín, Uru-Eu-Wau-Wau, Amondáwa, e outras línguas Kawahíwa sempre que possível e necessário), VII (Kamajurá) e VIII (Wayampí). Propomos, assim, um estudo histórico-comparativo como tradicionalmente vem sendo aplicado na linha de estudiosos como Rodrigues (1953, 1984-1985, 1985, 1996, 2001, 2010), Campbell (1998); Kaufman (1990); Hock, (1991); Thomason e Kaufman (1988), Meillet (1908, 1925, 1921), Hamp (1989), Lehman (1962), Labov (1969), entre outros. Os resultados do estudo comparativo atestam um grau de relacionamento genético do Kayabí mais próximo das línguas do Sub-ramo VI do que com o Sub-ramo V, VII e VIII, fortalecendo a hipótese de Rodrigues (1970a) na classificação apresentada na Grande Enciclopédia Delta-Larousse e retomada na revisão da classificação interna da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, CABRAL, 2002, 2012).

Palavras-chave: Kayabí, Tupí-Kawahíwa, Classificação genética, Família Tupí-Guaraní, Sub-ramo VI.

ABSTRACT

This work investigates aspects of the linguistic-cultural Tupí-Kawahíwa complex is investigated, focusing on the hypothesis which agrupates the Kayabí language to this complex. According to the internal classification of the Tupí-Guaraní Family, proposed by Rodrigues (1984-1985), this language, together with Asuriní do Xingu and Araweté were included into to branch V of that family. However, Rodrigues and Cabral (2002) considering new linguistic data from the languages of the Family have proposed, in the light of reviwed criteria and aditional ones a revision the association of Kayabí with languages of branch VI. In this perspective, the Kayabí, Amondáwa, Uru-Eu-Wau-Wau, Karipúna, Piripkúra, Diahói, Parintintín, Tenharim, †Tupí-Kawahíb, Apiaká and Júma languages were analized as constituents of the o *Kawahíb branch* (RODRIGUES, CABRAL, 2012, p. 499). This dissertation seeks for more elements to strenghtening the hypothesis, which treats the Kayabí as a Kawahíwa language. This comparative work considers the linguistic descriptions of Kayabí and of the Tupí-Guaraní to branchs V (Asuriní do Xingu), VI (Parintintín, Uru-Eu-Wau-Wau, Amondáwa, etc.), VI (Kamajurá) and VIII (Wayampí). The study follows the historical-comparative works by Rodrigues (1953, 1980, 1984-1985, 1985, 1996, 2001a, 2001b, 2001c, 2010 [1989]), Campbell (1998); Kaufman (1990); Hock, (1991); Thomason and Kaufman (1988), Meillet (1908, 1925, 1921), Hamp (1989), Lehman (1962), and Labov (1969). The results of the study show the closest genetic relationship of Kayabí with languages of to branch VI, contributing to the hypothesis of Rodrigues (1970a), and retaken in (RODRIGUES, CABRAL, 2002, 2012).

Keywords: Kayabí, Tupí-Kawahíwa, Genetic classification, Tupí-Guaraní Family, Branch VI.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: DIVISÃO DOS KAWAHÍWA - (KRACKE, 2007).....	41
QUADRO 02: DIVISÃO DOS KAWAHÍWA - (AGUILAR, 2013)	42
QUADRO 03: POPULAÇÃO TUPÍ-KAWAHÍWA	44
QUADRO 04: ETNIAS TUPÍ-KAWAHÍWA	46
QUADRO 05: TERRAS INDÍGENAS TUPÍ-KAWAHÍWA	52
QUADRO 06: GRUPO DE FAMÍLIAS EXTENSAS APIAKÁ	60
QUADRO 07: T. I. PIRIPKÚRA	62
QUADRO 08: KAWAHÍWA DO RIO PARDO E ISOLADOS	64
QUADRO 09: SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DAS LÍNGUAS KAWAHÍWA (UNESCO)	104
QUADRO 10: TRONCO TUPÍ.....	109
QUADRO 11: TRONCO TUPÍ – RAMOS E FAMÍLIA	110
QUADRO 12: POPULAÇÃO TUPÍ: POVOS/ETNIAS	111
QUADRO 13: POVOS TUPÍ-GUARANÍ: IBGE-CENSO 2010	112
QUADRO 14: LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ: IBGE-CENSO 2010.....	113
QUADRO 15: O GRUPO TUPÍ-KAWAHÍWA (SAMPAIO, 2001)	118
QUADRO 16: CLASSIFICAÇÃO TUPI-KAWAHIB - SIL (1977).....	119
QUADRO 17: CLASSIFICAÇÃO DO TRONCO LINGUÍSTICO TUPÍ (RODRIGUES, 1964)	120
QUADRO 18: LÍNGUAS AMERÍNDIAS DO BRASIL (RODRIGUES, 1970a)	122
QUADRO 19: LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ (MELATTI, 1987)	123
QUADRO 20: CLASSIFICAÇÃO DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ (RODRIGUES, 1984-1985) ..	124
QUADRO 21: LÍNGUAS DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ NO BRASIL (RODRIGUES, 1985) ...	125
QUADRO 22: CLASSIFICAÇÃO DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ - SUB-RAMOS V E VI.....	126
QUADRO 23: REVISÃO DA CLASSIFICAÇÃO INTERNA DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ.....	127
QUADRO 24: CLASSIFICAÇÃO INTERNA TUPÍ-KAWAHÍWA (RODRIGUES, CABRAL, 2012)..	129
QUADRO 25: O AGRUPAMENTO INTERNO DO KAYABÍ (MELLO, 2002)	131
QUADRO 26: RETENÇÃO DE REFLEXO DO FONEMA PTG <i>*ts</i>	143
QUADRO 27: RETENÇÃO DE REFLEXO DO FONEMA PTG <i>*tf</i>	144
QUADRO 28: SONORIDADE DAS CONSOANTES FINAIS	144
QUADRO 29: PÓS-ORALIZAÇÃO DE CONSOANTES NASAIS	146
QUADRO 30: ENFRAQUECIMENTO - <i>*pw</i> e de <i>p</i> seguido de <i>u</i> para ϕ	147
QUADRO 31: CONSOANTES FINAIS	149
QUADRO 32: MUDANÇAS VOCÁLICAS	153
QUADRO 33: ENFRAQUECIMENTO DE PTG <i>*p</i> EM ϕ DIANTE DE <i>*u</i>	154
QUADRO 34: PREFIXOS CORREFERENCIAIS	159

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: A IDENTIDADE KAWAHÍWA - TRÊS NÍVEIS.....	28
FIGURA 02: A TRÍADE KAWAHÍWA.....	33
FIGURA 03: BOAS VINDAS - PEPP.....	37
FIGURA 04: DANÇA DO RITUAL YRERUA.....	37
FIGURA 05: MAPA - POVOS DO COMPLEXO KAWAHÍWA.....	43
FIGURA 06: MAPA - OS KAWAHÍWA SETENTRIONAIS.....	54
FIGURA 07: PARINTINTIN DA T. I. IPIXUNA.....	54
FIGURA 08: MAPA - OS PARINTINTÍN-KAWAHÍWA.....	55
FIGURA 09: AS INDÍGENAS MANDEÍ E MAITÁ JUMA, COM OS FILHOS E MARIDOS URU-EU-WAU-WAU (JUPAÚ).....	56
FIGURA 10: ARUKÁ, O ÚLTIMO HOMEM DA ETNIA JUMA.....	56
FIGURA 11: MAPA - LOCALIZANDO OS DIAHÓI - VITOR HUGO DE 1959.....	57
FIGURA 12: MAPA - KAWAHÍVA DO RIO PARDO.....	63
FIGURA 13: MAPA - DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS KAYABÍ.....	65
FIGURA 14: OS TENHARIM DA T. I. SEPOTL.....	106
FIGURA 15: CLASSIFICAÇÃO INTERNA DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ.....	114
FIGURA 16: MAPA-LOCALIZAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS DO ESTADO DE RONDÔNIA E ENTORNO.....	115

LISTA DE SIGLAS

ABEP	Associação Brasileira de Estudos Populacionais
AM	Amazonas
ASLIB	Atlas Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil
CEL	Centro de Estudos da Linguagem
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
GECEL	Grupo de Estudos em Culturas, Educação e Linguagens
GELLSO	Grupo de Estudos Linguísticos, Literários e Socioculturais
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
ISO	Organização Internacional para Padronização
LALLI	Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas
MEC	Ministério da Educação
MT	Mato Grosso
PA	Pará
PIX	Parque Indígena do Xingu
PPGAS	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Linguística
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RO	Rondônia
SIL	Summer Institute of Linguistics
T.I.	Terra Indígena
UAB	Univeridade Aberta do Brasil
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UnB	Universidade de Brasília
UNESP/SJRP	Universidade Estadual de São Paulo de São José do Rio Preto
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIR	Universidade Federal de Rondônia

LISTA DE ABREVIATURAS

1sg	Primeira pessoa do singular
2sg	Segunda pessoa do singular
1CORR	Primeira pessoa do singular correferente
2CORR	Segunda pessoa do singular correferente
3sg	Terceira pessoa do singular ou plural
3CORR	Terceira pessoa do singular ou plural correferente
12(3)	Primeira pessoa do plural inclusiva
12(3) CORR	Primeira pessoa do plural inclusiva correferente
13	Primeira pessoa do plural exclusiva
13 CORR	Primeira pessoa do plural exclusiva correferente
23	Segunda pessoa do plural
23CORR	Segunda pessoa do plural correferente
2Ag	Agente
ACUS	Acusativo
ARG	Caso argumentativo
CAUS	Causativo
CIRCUNS	Circunstancial
CORR	Correferente
COMPL	Completivo
CAUS	Causativo
C.C.	Causativo-comitativo
FOC	Foco
GER	Modo gerúndio
IND.II	Modo Indicativo II
PTG	Proto-Tupí-Guaraní
PROJ	Projetivo
RECIP	Recíproco
REFL	Reflexivo
R1	Relacional de contiguidade
R2	Relacional de não-contiguidade
R3	Relacional genérico e humano

LISTA DE ABREVIATURAS DE LÍNGUAS INDÍGENAS

Amd	Amondáwa
Apk	Apiaká
AsX	Asuriní do Xingu
Dh	Diahói
Jm	Júma
Jup	Jupaú (Uru-Eu-Wau-Wau)
Kar	Karipúna
Kby	Kayabí
Kmr	Kamajurá
Prp	Piripkúra
Prt	Parintintín
Tnh	Tenharim
Uru	Uru-Eu-Wau-Wau (Jupaú)
Wyp	Wayampí

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
2 CAMINHOS HISTÓRICOS E TEMÁTICOS: OS POVOS KAWAHÍWA.....	25
2.1 Considerações iniciais.....	25
2.2 Os Kawahíwa: etnogênese e identidade cultural	26
2.3 Os Kawahíwa: conceito e etnônimos	35
2.4 Os Kawahíwa Meridionais e os Kawahíwa Setentrionais	41
2.5 História dos Kawahíwa: Origem, dispersão, expansão e localização	47
2.6 Povos Kawahíwa: Setentrionais e Meridionais	52
2.6.1 Os Kawahíwa Setentrionais	53
2.6.2 Os Kawahíwa Meridionais	58
2.7 Sobre os Kawahíwa considerados isolados	62
2.8 Os Povos Kayabí, Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampí: História, origem, dispersão, expansão e localização.....	64
2.9 Considerações gerais.....	67
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	69
3.1 Considerações iniciais.....	69
3.2 Linguística Histórica: uma breve descrição.....	70
3.3 O Método Histórico-Comparativo.....	76
3.3.1 Critérios do Método Histórico-Comparativo.....	79
3.4 Considerações gerais.....	81
4 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E WEBGRÁFICO.....	82
4.1 Considerações iniciais.....	82
4.2 Bibliografia e Webgrafia sobre os Tupí-Kawahíwa	82
4.3 Revisão bibliográfica: obras de diversas áreas do conhecimento	84
4.4 Estudos linguísticos sobre as línguas do complexo Kawahíwa	91
4.4.1 Obras lexicográficas.....	96
4.4.2 Alguns estudos: Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampí.....	102
4.5 Considerações gerais.....	103
5 CLASSIFICAÇÃO INTERNA DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ.....	108
5.1 Considerações iniciais.....	108
5.2 A classificação do Tronco Tupí.....	108
5.2.1 A classificação interna da família Tupí-Guaraní	110
5.3 O sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní	116
5.4 Sobre o Kayabí no complexo Kawahíwa	119
5.5 Considerações gerais.....	135
6 O KAYABÍ NO SUB-RAMO VI DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ.....	138
6.1 Considerações iniciais.....	138
6.2 Roteiro da análise contrastiva das línguas	139
6.3 Evidências gramaticais - aspectos fonológicos.....	142
6.4 Evidências lexicais e fonológicas - (RODRIGUES, 1984-1985, RODRIGUES, DIETRICH, 1997).....	148
6.4.1 Sobre as consoantes finais.....	148
6.4.1.1 Consoantes finais.....	148
6.4.2 Mudanças vocálicas	153
6.4.3 Enfraquecimento de PTG* <i>p</i> em ϕ diante de * <i>u</i>	154
6.4.4 Algumas considerações.....	155
6.5. Comparação Morfológica e Morfossintática	155
6.5.1 Expressão de agente e/ou paciente quando o primeiro é ‘2’ ou ‘23’ e o segundo é ‘1’ ou ‘13’ ..	156

6.5.2 Existência ou não de um mesmo conjunto de prefixos correferenciais para todas as pessoas em verbos intransitivos	158
6.5.3 Distinção morfológica entre reflexivo e recíproco	162
6.5.4 Modo circunstancial	164
6.5.5 Presença ou ausência de pronomes pessoais ergativos	165
6.5.6 A existência de pronomes de terceira pessoa.....	166
6.5.7 Distinção entre marcas de primeira pessoa inclusiva de acordo com a transitividade do verbo...	167
6.5.8 Noções de tempo.....	169
6.6 Considerações gerais	169
CONCLUSÃO	170
REFERÊNCIAS.....	174
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	188
ANEXOS.....	192
ANEXO A – MAPA - T.I. TUPÍ-GUARANÍ (SIC/FUNAI/BSB).....	192
ANEXO B – LÍNGUAS KAWAHÍWA AMEAÇADAS- ATLAS.....	193
ANEXO C – MAPA - OS ÍNDIOS PARINTINTÍN DO RIO MADEIRA	197
ANEXO D – FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES	198
ANEXO E – ROTEIRO PARA A AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS.....	201
ANEXO F – VOCABULÁRIO – LÍNGUAS AMONDÁWA E KARIPÚNA.....	203
ANEXO G – CLASSIFICAÇÃO INTERNA TUPÍ-KAWAHÍWA (SAMPAIO, 2001)	207
ANEXO H – CLASSIFICAÇÃO DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ (MELLO, 2002).....	209
ANEXO I – FOTOS: PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA/TRABALHO DE CAMPO	210
APÊNDICES	218
APÊNDICE A – AMOSTRA LEXICAL_43-100_SUB-RAMO_VI.....	218
APÊNDICE B – LÉXICO 43_100 (As.T, Av.C-T, Prt, Km, Uru, Kby)	220

1 INTRODUÇÃO

Desde minha Especialização em Língua Espanhola, Literatura Espanhola e Literatura Hispano-Americana (1995), aprendi que são indissociáveis as relações entre língua e cultura nos processos de identificação dos sujeitos, que são agentes sociais. Isto significa que ambas são mutuamente correspondentes, ou seja, a língua medeia as relações sociais, políticas, familiares, religiosas, econômicas, educacionais, cibernéticas, profissionais. Esse diálogo contínuo entre cultura e língua sugere não só que o conhecimento de uma língua requer a compreensão da cultura e da história de seus falantes, mas também que a identidade dos agentes sociais resulta da coesão entre os modos de ser e estar no mundo e o imaginário linguístico, que está intrinsecamente associado ao imaginário social.

Sob essa perspectiva iniciei em 2006 uma pesquisa sobre os mitos do povo Amondáwa (povo Tupí-Kawahíwa). Logo, os meus estudos e aprendizado sobre povos e línguas Tupí-Guaraní tiveram início nesse ano, quando passei a ser membro do Grupo de Estudos em Culturas, Educação e Linguagens (GECEL), grupo de estudo vinculado à Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Nesse ano fui convidada a coordenar o subprojeto “Descrição e análise de construções metafóricas literárias e do cotidiano em textos narrativos Amondáwa” (2006-2008), que contou com a participação de graduandos bolsistas do PIBIC (UNIR). Essa pesquisa foi incluída na segunda fase do projeto “Espaço, Movimento e Metáfora em Amondáwa”, coordenado pela Dra. Wany Sampaio.

Assim sendo, posso afirmar que meus primeiros passos como pesquisadora na área da linguística (indígena, descritiva, histórica, funcional) aconteceram em diálogo com meu mestrado em Teoria da Literatura pela Universidade Estadual de São Paulo (UNESP/SJRP - 2002) e teve também uma relação positiva com minha prática profissional, pois desde 1997 atuo ativamente no ensino superior como professora em cursos de licenciatura e bacharelado. Na Universidade Federal de Rondônia de 1997 a 2004 atuei como professora “temporária”, mas, a partir de 2004, aprovada em concurso público, passei a ser “prata da casa”, pois minha graduação em Letras Português e suas Respectivas Literaturas foi realizada na UNIR (1993). Assim sendo, desde 2004 atuo com dedicação exclusiva como professora do Departamento de Línguas Vernáculas da UNIR, em Porto Velho, Rondônia.

Mas, nessa caminhada profissional tive que fazer uma transição de professora da área da Literatura para atuar como docente-pesquisadora da área da Linguística/Língua Portuguesa. Essa transição terá três datas como marco central. A primeira é o ano de 2004,

quando passei a fazer parte do quadro de docentes do Departamento de Línguas Vernáculas da UNIR, onde atuo na área de Língua Portuguesa e Linguística. Desde então, dedico-me aos estudos e pesquisas sobre línguas clássicas, linguística e educação à distância (EaD). Nesta linha de trabalho, já atuei como agente no sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) nas funções de professora pesquisadora conteudista, professora pesquisadora formadora e coordenadora do Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura.

A segunda data da transição é o ano de 2008, quando elaborei e coordenei o projeto “Descrição e análise de aspectos textuais nas narrativas mitológicas amondawa”, que contou com o subprojeto “Intertextualidade, referenciação e progressão textual nas narrativas mitológicas amondawa” (2008 – 2010).

A terceira data é o ano de 2009, quando estive na coordenação do Centro de Estudos da Linguagem (CEL/UNIR) e passei a integrante do Grupo de Estudos Linguísticos, Literários e Socioculturais (GELLSO), coordenado pela Profa. Dra. Odete Burgeile. Nesse ano, elaborei em co-autoria com Burgeile o artigo "*Children Literature and the Indigenous Culture Revitalization in the Inclusive School*". Este texto foi apresentado no *International Committee Panel*, pois foi o artigo premiado (ChLA Award and Grant Recipients for 2009)¹ em primeiro lugar na seleção feita para participar da *Conference 36th annual Children's Literature Association Conference held in Charlotte, (June 11-14, 2009): University of North Carolina*.

Outras atividades e experiências importantes aconteceram nesse período de transição - entre 2004 e 2009. Foi nesse período, mais precisamente em 2007, que nasceu o desejo de fazer o doutorado com foco em línguas indígenas. Nesse ano participei do “II Encontro Internacional sobre Línguas e Culturas dos Povos Tupi” e do “I Workshop sobre Línguas Indígenas Ameaçadas”, sob a responsabilidade do Laboratório de Línguas Indígenas, coordenado pelos professores Dr. Aryon Rodrigues e Dra. Ana Suely A. C. Cabral. Foi nesse encontro e workshop que ouvi, com mais atenção, sobre a necessidade e a possibilidade de “revitalização das línguas indígenas dos povos Tupi”.

Lembro-me como se fosse hoje. No último dia desse evento, sentada ao fundo do Auditório Dois Candangos (FE5/UnB) ouvi um líder indígena falar sobre a singular importância de estudos sobre as línguas e os povos Tupi. O convite foi feito por esse líder, com destaque para a urgente necessidade de estudos etnolinguísticos. Nessa hora, senti nascer em mim a vontade de fazer o meu doutorado na UnB, com o objetivo de contribuir para os estudos e pesquisas na área da linguística voltada para os povos e as línguas Tupi-Guaraní. Atendi o

¹ Disponível em: <http://www.childlitassn.org/assets/docs/programme%20final%20pdf%20with%20cover.pdf>

chamado. Aqui estou. Os anos passaram. De 2011 até hoje, sei que foi possível fazer algo, embora pouco, se comparado ao que ainda preciso realizar. Assim, continuar a fazer parte do grupo de pessoas e dialogar com instituições que contribuem para o fortalecimento, valorização e revitalização das línguas Tupí, é minha vontade.

Assim sendo, esta tese objetivou colaborar com os estudos e pesquisas sobre o complexo linguístico e cultural Tupí-Kawahíwa, que é composto pelas línguas e povos do sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní, conforme proposto nas pesquisas de Rodrigues e Cabral (2002, 2012). Destaco, nesse particular, que o estudo apresentado nesta tese tem como referência principal a classificação interna das línguas Tupí-Guaraní proposta por Rodrigues (1984-1985) no texto “Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní”. Segundo o autor, sua proposta de subdivisão da família linguística Tupí-Guaraní possuía bastante consistência do ponto de vista da Linguística Histórica, foi realizada com base no conhecimento que se tinha sobre essa família (RODRIGUES, 1984-1985, p. 33) e “poderia revelar-se útil como modelo hipotético de desmembramento histórico das línguas e, em certa medida, dos povos Tupí-Guaraní” (RODRIGUES, 1984-1985, p. 33).

Nessa classificação da família Tupí-Guaraní, Rodrigues agrupa a língua Kayabí ao sub-ramo V (cf. QUADRO 20), não sendo considerada, portanto, uma língua do complexo Kawahíwa. Quase vinte anos depois, essa proposta de subdivisão da família linguística Tupí-Guaraní foi revisada por Rodrigues e Cabral (2002) no texto “Reverendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní”. Onde é relançada a hipótese de proximidade genética do Kayabí com as línguas Tupí-Kawahíwa. Digo que foi “relançada”, porque na "classificação genética mais ou menos detalhada das línguas Ameríndias do Brasil" apresentada por Rodrigues na Grande Enciclopédia Delta-Larousse (RODRIGUES, 1970a, p. 4035), a língua Kayabí está associada ao complexo dialetal Kawahíwa (cf. QUADRO 18). É, portanto, na revisão realizada por Rodrigues e Cabral (2002) que temos a proposta de reagrupamento da língua Kayabí ao complexo Kawahíwa (cf. QUADRO 23). Conforme nos informam os autores, essa revisão da classificação interna da família Tupí-Guaraní realizou-se à luz de critérios adicionais, fonológicos e gramaticais (RODRIGUES, CABRAL, 2002, p. 331-332).

Sendo assim, o agrupamento do Kayabí ao sub-ramo VI da família linguística Tupí-Guaraní foi um estímulo a novas pesquisas nessa linha de investigação. A problemática abordada nesta tese centra-se, assim, na associação do Kayabí no complexo Kawahíwa. Portanto, esta tese procurou responder a seguinte questão de pesquisa: Quais são as evidências linguísticas adicionais que fundamentam o agrupamento da língua Kayabí ao complexo

linguístico Tupí-Kawahíwa? Afim de responder a essa questão, realizamos uma pesquisa qualitativa-descritiva mesclada com aspectos quantitativos que podem corroborar para a fundamentação da hipótese defendida por Rodrigues e Cabral (2002, p. 334).

Quanto à necessidade e possibilidade do desenvolvimento de revisão dos estudos sobre os sub-ramos da família Tupí-Guaraní, vale ressaltar que Rodrigues afirmou que sua proposta de classificação das línguas dessa família era “um **modelo hipotético** de desmembramento histórico das línguas e, em certa medida, dos povos Tupí-Guaraní, **a ser testado** não só pelos linguistas, mas sobretudo também pelos antropólogos, em vista de argumentos sociais e culturais” (RODRIGUES, 1984-1985, p. 33. Grifos meus.). É sob essa perspectiva que, na revisão da classificação interna da família Tupí-Guaraní, os autores afirmam que com “o avanço considerável na documentação das línguas da família” essa revisão foi “viável e necessária” (RODRIGUES, CABRAL, 2002, p. 327). Assim sendo, adoto, nesta tese, a justificativa desses dois estudiosos.

Portanto, foi nesse sentido que, a partir de dezembro de 2012, com a orientação da Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e, em alguns momentos com a colaboração do Prof. Emérito Dr. Aryon Rodrigues (*in memoriam*) e da Profa. Dra. Wany Sampaio (UNIR/GECEL), passei a estudar o sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní, tendo o objetivo geral de contribuir para os estudos sobre as línguas Tupí-Kawahíwa e, por extensão, colaborar para o conhecimento das línguas do tronco Tupí.

Sabe-se que algumas das línguas dos povos Tupí-Guaraní, conforme apresentamos no Anexo B, correm sério risco de extinção (o Apiaká, o Piripkúra, o Júma, o Diahói e o Parintintín, por exemplo). Neste sentido, entendemos que estudos etnolinguísticos sobre as culturas e as línguas dos povos Tupí-Kawahíwa podem colaborar para o fortalecimento dessas línguas, para o processo de revitalização dos saberes tradicionais e para apoiar a valorização da identidade cultural dos povos indígenas Tupí. Este fato me aguçou o interesse de verificar a hipótese de Rodrigues e Cabral (2002) sobre a língua Kayabí pertencer ao sub-ramo VI da família linguística Tupí-Guaraní. Para tanto, nesta tese a abordagem histórico-comparativa é a utilizada com prioridade para realizar o estudo sobre as línguas do sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní.

Portanto, sob a perspectiva da Linguística Histórica, o estudo proposto nesta tese lança mão de estudos antropológicos, etno-históricos e linguísticos, especialmente, os de natureza descritiva das Línguas Indígenas, tendo como referência os estudos reconstrutivos do Proto-Tupí-Guaraní (PTG) de Rodrigues (1984-1985), assim como os trabalhos sobre descrição

linguística das línguas do sub-ramo VI (RODRIGUES, CABRAL, 2002; SAMPAIO, 1997, 2001). O estudo parte do pressuposto de que as línguas apresentam organização estrutural, são constituídas de subsistemas (lexical, fonológico, morfológico, sintático e semântico), mas que refletem a experiência dos seus falantes no meio em que vivem e servem primordialmente para a comunicação. Essas interfaces da língua podem ser percebidas, por exemplo, nos traços semânticos, gramaticas e fonológicos que constituem o léxico. Neste sentido, o léxico apresenta propriedades relativas ao significado (sistema semântico), possui uma forma fônica definida pelas propriedades dos fonemas (sistema fonológico) e apresenta traços formais relacionados à morfologia e à sintaxe da língua, tais como, radical, classe de palavra, pessoa, número e gênero. Assim, os subsistemas linguísticos se inter-relacionam de modos diversos e diferentes (cf. MEILLET, 1925; THOMASON, KAUFMAN, 1988; CAMPBELL, 1998). Sendo assim, entendemos quer seja do ponto de vista sincrônico, quer seja do ponto de vista diacrônico, esses subsistemas não são descritos com adequação, se concebidos como subsistemas autônomos (SOLANO, 2009, p.23; SILVA, 2010, p. 70).

A tese é composta por duas partes principais, as quais se subdividem, por sua vez, em seções, e estas em subseções. Na primeira parte, além desta Introdução, são abordados os fundamentos teóricos e metodológicos, bem como uma breve apresentação da etno-histórica dos povos cujas línguas são foco desta tese. Neste primeiro momento incluímos, também, o levantamento bibliográfico e discorremos sobre a classificação interna das línguas Tupí-Guaraní. Portanto, essa primeira parte é composta por cinco seções com suas subdivisões. Na segunda parte, o foco é a análise contrastiva dos dados das línguas investigadas. Esta parte tem uma seção subdividida em seis subseções, onde apresentamos evidências linguísticas de que o Kayabí é uma língua do complexo Kawahíwa.

Sendo este um trabalho de cunho multidisciplinar, são diversas as fontes de referência e as áreas do conhecimento, mas todas em diálogo com a Linguística Histórica, de onde advém a principal base teórica adotada nesta tese. Assim, no presente estudo, além do trabalho comparativo, com o qual, por meio do Método Histórico-Comparativo, procuramos contribuir para o conhecimento do sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní, procedemos a um estudo etno-histórico do complexo linguístico e cultural Kawahíwa.

É o que buscamos apresentar desde a Introdução, que é a **seção 1** desta tese. Na sequência apresentamos a **seção 2** – “Breve histórico sobre os povos estudados”, onde fazemos observações sobre a origem, a dispersão/expansão, a localização dos povos Kawahíwa, bem

como, sobre os povos Kayabí, Asuriní do Xingu, Kamajurá² e Wayampí, para mostrar com qual das línguas o Kayabí mais se aproxima.

Compreender, então, a língua Kayabí e as línguas do Sub-ramo VI, bem como, estudar outras três línguas da mesma família (Tupí-Guaraní) para verificar o que foi proposto por Rodrigues e Cabral (2002) – o agrupamento do Kayabí no sub-ramo VI – foi uma jornada que exigiu uma contínua e diversificada leitura teórica sobre línguas e culturas Tupí-Guaraní. Assim, obras da área da Linguística Histórica são a base do nosso trabalho na **seção 3**, onde discutimos, ainda que brevemente, sobre os caminhos teóricos e metodológicos que percorremos para avaliar a hipótese de Rodrigues e Cabral (2002), ou seja, a de o Kayabí pertencer ao complexo Kawahíwa.

Apresentamos uma seleção e tecemos breves considerações, na **seção 4**, de/sobre estudos disponíveis sobre os povos e as línguas do complexo Tupí-Kawahíwa e, também, sobre as línguas Kayabí, Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampí.

Na **seção 5**, as fontes consultadas são de áreas diversas (ento-história, linguística, arqueologia, filosofia, etc.), que interagem para colaborar com o desenvolvimento das reflexões que apresentamos sobre a classificação interna da família Tupí-Guaraní.

Já na **seção 6** apresentamos uma análise comparativa de alguns aspectos das línguas Parintintín, Tenharim, Uru-Eu-Wau-Wau, Amondáwa (e outras línguas Kawahíwa, sempre que possível e necessário), Kayabí, Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampí, apontando as diferenças e as convergências entre essas línguas. Neste caso, desde o enfoque histórico comparativo, as convergências podem ser apreendidas como confirmações de que o Kayabí e as línguas Kawahíwa têm uma matriz básica, evidenciando uma estrutura fundamental comum, ou seja, é uma língua que pertencem ao Proto-Tupí-Guaraní, especificamente, ao complexo linguístico Kawahíwa. Essa confirmação, ou esclarecimento, poderá contribuir para o processo de ensino e de aprendizado das línguas e culturas Tupí-Kawahíwa.

A **Conclusão** segue a ordem padrão, e, na sequência apresentamos as **Referências** e a **Bibliografia consultada**, seguidas dos **Anexos** e dos **Apêndices**. Portanto, esta é a organização do presente trabalho.

Por ser um estudo etnolinguístico e histórico-comparativo que tem por objetivo colaborar para o conhecimento das línguas e das culturas do complexo Kawahíwa, que constitui o subconjunto VI da Família Tupí-Guaraní, a opção de ilustrar a tese com mapas e fotos

² Adotei, nesta tese, a grafia Kamajurá, pois fui informada por Paltu Kamaiwrá (comunicação pessoal) que o povo tem preferido essa grafia, ao invés de Kamaiurá.

correspondeu, sobretudo, ao propósito de produzir um trabalho acessível à leitura dos Kawahíwa, bem como, de todos os estudiosos e pesquisadores interessados em conhecer as línguas e as culturas dos Tupí-Kawahíwa, conseqüentemente dos povos e línguas da família Tupí-Guaraní e, por extensão, o tronco Tupí. Sendo assim, sempre que parecia necessário, incluí explicações e comentários em nota de rodapé.

As fotos (cf. ANEXO I), especialmente, foram registros de atividades envolvendo os Kawahíwa (Parintintín, Júma, Diahói, Tenharim e Jupaú) que participaram das entrevistas e dos eventos em que estive a convite das lideranças Kawahíwa organizadoras desses eventos. Também incluí outros registros fotográficos relacionados à este trabalho; por exemplo, de situações, eventos, professores e colega que colaboraram para a produção desta tese. Conteí com a colaboração, por exemplo, de professores Kamajurá, quando estavam no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (LALLI/UnB) participando do trabalho de elaboração do “Atlas Sonoro das Línguas Indígenas” (ASLIB). Algumas fotografias, bem sabemos, além de registrar eventos e situações vivenciadas no período da pesquisa, podem contribuir para a compreensão de atividades realizadas em trabalho de campo. Por este motivo, também, optei por incluir fotografias, figuras, quadros e mapas diversos.

É, portanto, nosso interesse que o texto possibilite uma leitura acessível a todos os que neste trabalho buscarem informações e conhecimento sobre os diversos assuntos aqui abordados: línguas e culturas indígenas, línguas Tupí-Guaraní, povos e línguas do complexo Kawahíwa, Linguística Histórica. É nosso desejo, também, que esse trabalho contribua para uma escritura etnolinguística condizente com os projetos socioeducacionais dos povos desse complexo cultural e linguístico: os Tupí-Kawahíwa.

Antes de passar adiante, é necessário explicar que esta tese está equipada com uma bateria de Hiperlinks, que podem remeter à uma outra página (referências, anexos, apêndices, seção ou subseção) em que um termo hiperlinkado possua alguma relação importante com um conteúdo apresentado em outro lugar da tese. Assim, nesta tese, o *hyperlink* funciona como um ponto de conexão entre os conteúdos das seções e subseções.

2 CAMINHOS HISTÓRICOS E TEMÁTICOS: OS POVOS KAWAHÍWA

Se um povo possui termos para designar, por exemplo, o arco e a flecha, é porque esse povo conhece tais armas; os nomes dos elementos culturais indicam, com mais ou menos segurança, a existência de tais elementos, e um simples vocabulário pode, portanto, fornecer interessantes dados sobre a cultura.

Rodrigues (1948, p. 193-194)

2.1 Considerações iniciais

Nesta seção, fazemos uma breve apresentação da etno-história dos povos Kawahíwa e do povo Kayabí, bem como, tecemos algumas considerações sobre os povos Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampí.

Neste trabalho se usa o termo Tupí-Kawahíwa (ou Kawahíwa) para fazer referência ao conjunto de povos e línguas indígenas do sub-ramo VI da família linguística Tupí-Guaraní. Concretamente, conforme a classificação de Rodrigues e Cabral (2012, p. 497-499), os Kawahíwa são representados na atualidade pelos Parintintín, Tenharim, Diahói, Júma, Karipúna, Uru-Eu-Wau-Wau (Jupaú), Amondáwa, Apiaká, Kayabí, Piripkúra³, e os Kawahíwa “isolados”⁴. Os Kawahíwa estão distribuídos numa macrorregião cultural de grande diversidade étnica e linguística, cujo complexo linguístico e cultural está baseado no que Vander Velden (2010, p. 120) descreveu como “Identidades linguísticas, culturais e históricas conectam os povos Tupí-Kawahíwa [...]”. Neste sentido, a epígrafe desta seção visa a enfatizar que há uma relação intrínseca entre história e língua, isto é, o estudo do parentesco das línguas situa-se no ponto de encontro entre linguística e história.

Sob esse ponto de vista, a partir da leituras de estudos sobre a etnografia e a etno-história dos falantes de línguas do tronco Tupí é possível pensarmos na existência de correlação, ou vínculo, entre dados da Linguística Histórica, da Antropologia Social e da Arqueologia sobre a origem e a expansão dos povos da família linguística Tupí-Guaraní em território brasileiro (cf. MELATTI, 1987, p. 31-43; MILLER, 2007, p. 83-89; PEGGION, 2005, 2-14; CORRÊA-DASILVA, 2010a, p. 280-292). Tem-se aqui, portanto, uma proposta de estudo interdisciplinar.

³ Os Piripkúra tiveram o primeiro contato em 1984; esse contato se repetiu em 2007.

⁴ Esses indígenas vivem em situação de isolamento voluntário.

Nesse sentido, considero que os diversos estudos apresentados nesta seção e na Seção 4 sobre a etno-história e a etnografia dos Tupí-Kawahíwa podem colaborar para a compreensão da interferência da cultura no plano da linguagem e testar a hipótese do Kayabí ser membro do complexo Kawahíwa. Ou seja, verificarmos a consistência do agrupamento da língua Kayabí no sub-ramo VI da família linguística Tupí-Guaraní (RODRIGUES, CABRAL, 2002).

Mas, o que significa Kawahíwa? Quem são os povos que constituem esse complexo cultural e linguístico? Estas são algumas das questões que discutiremos na subseções a seguir. Para tanto, descrevo de acordo com a classificação de Rodrigues e Cabral (2002, 2012) quem são os povos Kawahíwa e faço uma revisão da classificação elaborada por Kracke (2007, p. 26-27) dos grupos Kawahíwa Meridionais e Kawahíwa Setentrionais (cf. QUADRO 1). Neste caso, proponho a inclusão dos povos Kawahíwa do sul do Pará e do noroeste de Mato Grosso – os Apiaká, os Kayabí e os Piripkúra – no grupo dos Kawahíwa Meridionais (cf. QUADRO 2). Além disso, apresento algumas considerações sobre os povos indígenas Asuriní do Xingu (sub-ramo V), Parintintín, Tenharim, Diahói, Júma, Uru-Eu-Wau-Wau, Amondáwa, Karipúna, Apiaká e Piripkúra (sub-ramo VI), Kamajurá (sub-ramo VII) e os Wayampí (sub-ramo VIII) cujas línguas serão comparadas nesta tese.

2.2 Os Kawahíwa: etnogênese e identidade cultural

Os povos Tupí-Kawahíwa, dentro das condições do conjunto etnolinguístico, estão conectados por sua inter-relação histórica e cultural. Segundo Peggion (2005, p. 4), é possível afirmar “(com as reservas necessárias)”, que esses povos conformam a sociedade Kawahíwa, pois há o reconhecimento por parte dos grupos de suas relações em comum. Neste sentido, Venere (2005, p. 30) destaca que “Nas últimas décadas, tem-se gestado o fenômeno antropológico chamado de “Etnogênese”, isto é, alguns grupos que reeditam seus critérios de pertencimento e reivindicam a identidade étnica”.

O conceito de Etnogênese foi originalmente cunhado para se referir ao processo histórico de configuração de grupos étnicos por causa de migrações, invasões, conquistas, fissões ou fusões. Esse conceito foi sendo progressivamente ampliado e, mais recentemente, passou a ser usado também para descrever os “processos de emergência social e política dos grupos tradicionalmente submetidos a relações de dominação” (BARTOLOMÉ, 2006, p.39). Nesse sentido, os povos Kawahíwa se auto reconhecem como membros de uma mesma tradição

cultural. Assim, os Tupí-Kawahíwa utilizam diferentes critérios para reafirmar a apropriação e o vínculo de identidade cultural, bem como, para promover o resgate histórico cultural.

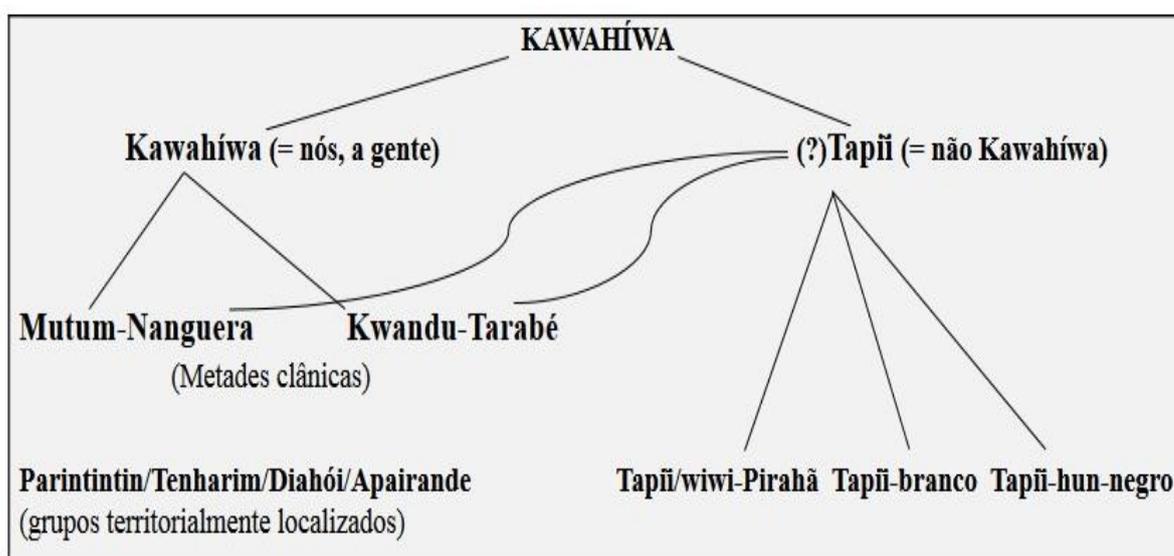
Os critérios de reconhecimento do pertencimento étnico podem estar relacionados à adoção, ao intercâmbio, à simbiose de traços culturais, à produção de novas configurações sociais e culturais e, também, ao processo de hibridação (ou “mistura”). Neste caso, ocorre a junção de diferentes matrizes culturais, tendo em vista a constituição da cultura de um agrupamento étnico ser fruto de um sistema dinâmico. Para Tempesta (2009a, p. 37), a “mistura” para os Apiaká “consiste na combinação de um idioma corporal a modos de vida dispostos simbolicamente num *continuum* espaciocultural”. A autora entende que “mistura” tem a ver com a “concepção claramente transformacional e plástica”, pois nomeia uma “concepção de história calcada no processo social de fabricação de corpos e pessoas” (TEMPESTA, 2009a, p. 37).

Em síntese, a etnogênese no processo de fortalecimento da identidade cultural é parte constitutiva do próprio processo histórico do complexo Kawahíwa. Assim sendo, na perspectiva apresentada por Peggion (2005), Venere (2005), Bartolomé (2006) e Tempesta (2009a) a exemplo do que já propunha Menéndez (1989), os Kawahíwa constituem uma série de unidades sociais em que os critérios de pertencimento que esse complexo cultural reedita, estão em sintonia com uma questão que a Geografia vem discutindo, em várias partes do mundo: a relação entre identidade e territorialidade (ALMEIDA SILVA, 2010, p. 45-46, 75-81).

Segundo Menéndez (1989a, p.139-141), os Kawahíwa possuíam, no passado, uma localização muito próxima e uma unidade cultural, sendo corresidentes no mesmo território do Alto Tapajós, além disso, na organização social tinham em comum o mesmo processo adaptativo, a existência de metades exogâmicas, descendência patrilinear, residência patriolocal, iguais costumes guerreiros e padrão de assentamento semelhante. No artigo “A presença do branco na mitologia Kawahíwa: história e identidade de um povo Tupi”, Menéndez (1989b, p. 343) afirma que a identidade Kawahíwa está organizada em três níveis bem diferenciados (cf. FIGURA 1). De acordo com o autor, os dois primeiros níveis são de caráter geral, com a identificação da comunidade e das metades exogâmicas. O terceiro nível apresenta a identificação de cada grupo dessa comunidade. O autor faz a seguinte explicação sobre esses níveis:

- PRIMEIRO NÍVEL: caráter geral, identifica a comunidade à qual se pertence (Kawahíwa), nível inclusivo de identidade, relação de alteridade;
- SEGUNDO: caráter geral, metades clânicas, as categorias mais amplas de identidade, pois organizam o universo de representações coletivas, permitindo identificar fatos sociais e fenômenos naturais;
- TERCEIRO: identificação pelo grupo, territorialmente localizado, ao qual pertence cada Kawahíwa, possui designações próprias: Parintintin, Diahói, etc.

FIGURA 01: A IDENTIDADE KAWAHÍWA: TRÊS NÍVEIS



.FONTE: Menéndez (1989b, p. 343).

Sobre a organização do parentesco e da família, Fridel Grünberg (1970a, p. 277-278), em sua análise componencial do sistema de parentesco⁵ dos Kayabí, e George Grünberg (2004), em seu livro sobre a história e a etnografia dos “Kayabí do Brasil Central”, assinalam que a família dos Kayabí é composta, geralmente, de uma “extensa família uxori-local com patripotestas”, e que adotam “o princípio de parentesco consanguíneo bilinear dentro de um grupo bilateral” (GRÜNBERG, 2004, p.165). Neste livro, Grünberg, ao destacar que os Kayabí classificavam os Apiaká (*tapi'itsiu*) como “parentes”, “são dos nossos”, “são como nós”, e que falavam a mesma língua (GRÜNBERG, 2004, p.179) estabelece um diálogo com Menéndez sobre a afinidade Kawahíwa ser, “aparentemente, maior com os Apiaká e Kayabí”

⁵ Segundo França (2012, p. 89), o sistema de metades, ou parentesco, “é, antes de tudo, uma teoria indígena da relação e da pessoa”.

(MENÉNDEZ, 1989, p.140). Sobre essa afinidade lemos em Silva (2009, p. 92) que “*In old times, the Apiaka and the Kaiabi were close neighbors, and narratives from individuals of both groups consider them as being relatives sharing many cultural features, including peanut cultivation*”⁶. Ou seja, teias de relações eram constituídas entre os Kawahíwa. Nesse sentido, as questões territoriais, organização social e sistema de parentesco anteriores ao contato já propiciavam que esses povos mantivessem relações entre si. Sobre a territorialidade, em seu livro, Grünberg (2004, p. 257) afirma que a região ancestral dos Kayabí localiza-se na bacia hidrográfica do Rio Tapajós, que abrange parte das sub-bacias do Rio dos Peixes e do Rio Teles Pires. Sobre a intercompreensão linguística e o sistema de parentesco dos Kayabí, Apiaká e outro povo denominado Kawahíwa, etnônimo dado também aos Parintintín (NIMUENDAJÚ, 1924, p.201) Kracke (2007, p.23-24) os classifica como “grupo ancestral Cauahib” e esclarece que:

Todos esses grupos falam dialetos da **mesma língua** e partilham do mesmo sistema de metades exogâmicas patrilineares. A língua Kagwahiv foi classificada por Martius (1867, citado em Nimuendajú 1924:205) como uma língua Tupí Central, assim como **Apiaká e Kayabí**, todas as três originalmente (no século XIX) localizadas em torno dos rios Arinos e Juruena, formadores do rio Tapajós. O **grupo ancestral “Cauahib”** foi expulso da confluência Arinos-Juruena no início do século XIX. (Grifos meus)

Esses estudos (NIMUENDAJÚ, 1924; MENÉNDEZ, 1989; GRÜNBERG, 2004; PEGGION, 2005; KRACKE, 2007; SILVA, 2009; FRANÇA, 2010, 2012) apontam, ao meu ver, uma identidade cultural entre esses povos (Kawahíwa Setentrionais e Kawahíwa Meridionais)⁷, fortalecendo o argumento de Vander Velden (2010, p.120) sobre os povos Kawahíwa estarem conectados por possuírem identidades culturais, históricas e linguísticas. De acordo com Woodward (2000, p. 27-28), existem duas formas diferentes de identidades culturais. A primeira ocorre quando um grupo étnico busca recuperar o seu passado histórico e uma cultura partilhada. Isto é o que vem acontecendo, por exemplo, com os Kayabí em relação à retomada da área tradicional na Terra Indígena Batelão. Segundo o antropólogo Senra (2003), nesse território está inscrita a história e a cosmologia Kayabí. É o que ocorre, também, com os Apiaká, que lutam para concluir a demarcação da TI Apiaká do Pontal e Isolados. Neste território está, de acordo com os Apiaká, o grupo de parentes “isolados”. Neste caso, essa

⁶ “Nos tempos antigos, os Apiaká e Kaiabí foram vizinhos próximos, e pessoas de ambos os grupos consideram-se como sendo parentes que partilham muitas características culturais, incluindo o cultivo de amendoim” (SILVA, 2009, p.92, tradução minha).

⁷ Cf. subseção 2.4, e KRACKE, 2007; AGUILAR, 2013.

demarcação territorial além de ser uma questão político-econômica, é, para o povo Apiaká, uma forma de “recuperar um pouco de sua “cultura” (sobretudo a língua) e de sua história” (TEMPESTA, 2008, p. 13). A segunda concepção de identidade cultural acontece no ato de reconhecimento entre os indivíduos e nas suas reivindicações comuns (WOODWARD, 2000, p. 28). É o que acontece, por exemplo, com os Tenharim e os Diahói, que se mobilizaram para fazer cobrança pecuniária dos veículos que cruzam suas Terras (SILVEIRA, 2009, p. 217-234). Devemos notar que essas duas concepções de identidade cultural possuem um caráter político-cultural e que ambas são adotadas pelos povos Kawahíwa de acordo com o contexto histórico-social de cada povo. Desse modo, por reconhecerem uma identidade cultural e histórica, na maioria das vezes, os temas em comum colocam os Kawahíwa em ação como grupo único.

Como se vê, falar do conceito "Kawahíwa" é tão difícil quanto falar de identidade étnica, especialmente quando a discussão sobre esses temas é delimitada à definição do etnônimo e à discussão da identidade cultural de um grupo étnico. Entendo que atentar para as relações sociais, históricas e políticas dos povos Tupi-Kawahíwa possibilitará situar essa discussão em um território mais firme para compreendermos a interação que existe entre o etnônimo e a identidade étnica dos indígenas Kawahíwa, tendo em vista, no contexto atual, a necessidade que esses indígenas têm de se utilizarem de uma autodenominação para fortalecer e valorizar a identificação e a identidade etnolinguística. Graças à perspectiva da linguística Pré-Histórica⁸, da etnografia crítica e da história social da Linguagem podemos abordar a trajetória da identidade étnica e do etnônimo dos Kawahíwa, com uma análise das marcas identitárias étnicas e linguísticas, buscando compreender as razões do processo da autodenominação Kawahíwa ser considerado indispensável para que se mantenham a unidade étnica.

Quanto às marcas identitárias linguísticas, entendemos que a língua é um fato social. Neste sentido, pode-se afirmar que as ideias de uma pessoa, de uma geração, de uma comunidade, bem como a cultura de um povo, expressam-se por meio da língua. Sob esta perspectiva, a língua, além de projetar, comunicar e transmitir o conhecimento humano, permite a construção de identidade como construção social.

Segundo Hall (1990) devemos pensar sobre “identidade como uma 'produção', que nunca está completa, que está sempre em processo, sempre construída dentro e não fora da representação” do discurso (HALL, 1990, p. 222, tradução minha)⁹, o que nos leva a pensar que

⁸ A linguística pré-histórica é um desdobramento contemporâneo da linguística histórica. Para desenvolver análise das afinidades e das relações linguísticas entre as línguas estudadas, a linguística pré-histórica adota “o método de pesquisa linguística que somente se utiliza de dados linguísticos atuais” (CORRÊA-DA-SILVA, 2010, 5, 57, 68).

⁹ Texto original: “we should think, instead, of identity as a 'production', which is never complete, always in process, and always constituted within, not outside, representation” (HALL, 1990, p. 222).

a linguagem utilizada para nomear as relações sociais e os elementos da natureza, por exemplo, os animais e termos de parentesco, funciona como um importante fator construtor da identidade étnica e linguística. Por causa disto, o vocabulário linguístico aponta para o reconhecimento de pertença, ou seja, a língua(gem) projeta a história, territorialização e a culturalidade, que são compartilhados pelos Kawahíwa.

Neste caso, salientamos que a identidade linguística é balizada pela pertença a uma língua, que projeta a cultura. Mas, é preciso compreender que a identidade linguística se constrói pelas práticas discursivas e, assim sendo, a língua(gem) dos Tupí-Kawahíwa, com suas semelhanças e diferenças, reivindicam o reconhecimento de pertença a uma identidade linguística e cultural, que apresentam a fluidez e a transitoriedade como características. Isto implica dizer que a identidade cultural dos Kawahíwa sofre contínuos deslocamentos ou descontinuidades (FRANÇA, 2012, p. 33-39; TEMPESTA, 2009a, p. 55-56; SILVA, 2013, p.51-58). Ora, semelhança e similitude dos vocábulos usados pelos Kawahíwa são construídas dentro de locais contextuais e sistemas de valor específico (BHABHA, 1998, p.41): temos aqui, portanto, uma ‘indústria cultural’, em que se admite que uma língua seja fundamento cultural de primeira ordem.

Uma seleção, descrição e análise de termos escolhidos do vocabulário Kayabí e das línguas comparadas podem ser evidências do reconhecimento de pertença ao complexo Kawahíwa, isto é, o vocabulário correspondente pode ser considerado uma marca da identidade linguística Tupi-Kawahíwa. Desse grupo, destacam-se os termos utilizados para nomear parentesco, partes do corpo, animais, cores e quantificadores (números). Tais termos constroem símbolos culturais e ajudam a (re)construir a história e a fortalecer as tradições, que expressam valores e normas de comportamento implicados no sentimento de pertença ao complexo Tupí-Kawahíwa.

Junto aos termos de parentesco, outros termos projetam a identidade linguística dos Kawahíwa, tal como o vocabulário utilizado para nomear as partes do corpo humano. Os termos utilizados para nomear 'cabeça', 'olho', 'mão', 'pé', 'boca', 'dente', 'dedo', (cf. APRÊNDICE A e B), por exemplo, reforçam o pressuposto de parentesco linguístico, assim como o léxico relativo às metades exogâmicas reforça a ideia de 'unidade' interlocutória Kawahíwa. Digamos, então, que o léxico linguístico retrata o pertencimento das línguas dos povos Kawahíwa a uma comunidade linguística, mas apresentam particularidades dialetais em seu uso. Sampaio (1997, p. 86-87), aponta em sua revisão da classificação das línguas Tupí-Kawahíwa que as diferenças fonéticas e lexicais “se constituem como elemento de identificação sóciopolítica dos indígenas

Tenharim, Parintintín, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondáwa”. A estudiosa afirma que “É através destas diferenças que cada um deles se identifica como povo” (SAMPAIO, 1997, p.87). Temos, assim, semelhanças e similitude de alguns lexemas usados pelos Kawahíwa, também ditos Tupí-Kawahíwa (cf. seção 6).

Neste sentido, os principais conteúdos culturais presentes na identificação de um povo como sendo parte do complexo cultural Tupí-Kawahíwa parecem ser: o **critério linguístico** (para os Kayabí do Parque Xingu e os Tenharim esse é um critério fundamental), o casamento em **exogamia de metades** (e.g., para os Parintintín as duas metades são: mutum/gavião real; já para os Karipúna temos: mutum/tucano; os nomes das metade são iguais para os Amondáwa e os Jupaú: mutum/arara; assim como para os Tenharim e os Júma: mutum/arara araraúna) e, ser **co-participante do passado histórico** (e.g., a etno-história dos Diahói relacionada aos Tenharim, e o passado histórico dos Amondáwa em relação aos Jupaú).

Quanto às metades, Kracke (2007, p.24), referindo-se aos povos que se autodenominam Kawahíwa, destaca que o sistema de metades exogâmicas patrilineares é um “marcador histórico” que “diferencia o povo Kagwahiv de todas as outras tribos que falam línguas da família Tupí-Guaraní”. De acordo com Menéndez (1989, p.141), o sistema de relações Kayabí descrito por Grünberg (1970b) não assinala a existência de um sistema de parentesco de metades exogâmicas, mas se aproxima muito ao sistema de parentesco Kawahíwa no que diz respeito ao casamento preferencial e simétrico entre primos cruzados, a residência patrilocal, a descendência patrilinear e a figura do “patriarca”. Menéndez (1989) sugere que para os Tenharim as metades além de possuírem fundamento mítico, operam na nominação, bem como na escolha de cônjuges e no estabelecimento de alianças políticas. Ao tratar dessa questão com os Jupaú (Uru-Eu-Wau-Wau), França (2012, p. 89) diz que:

Entre todos os Kagwahiva, o nome de uma delas é sempre mutum, e o da outra varia, de grupo para grupo, entre arara, gavião-real, maracanã e tucano. Quando perguntados sobre o que os faz reconhecer outros grupos kagwahiva, os Uru-eu-wau-wau costumam destacar a língua, as tatuagens faciais, o uso de alguns colares e o fato de haver, entre todos eles, pessoas-mutum e pessoas-arara.

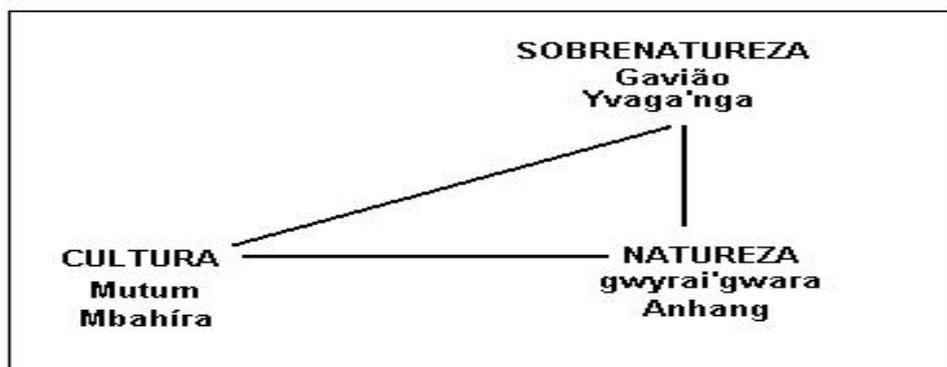
Em seu estudo sobre as metades exogâmicas Parintintín, Angela Kurovski (2009, p. 61) afirma que para esse povo a exogamia de metades é o casamento ideal, contudo, na atualidade, existe a busca de casamentos inter-étnicos, o que não significa “o desuso dos princípios estruturais próprios, mas apresenta-se como uma aplicação desses princípios culturais na situação contemporânea”. Também podemos incluir nessa situação, os Kayabí, Apiaká, Diahói,

que no sistema de parentesco têm presente a dinâmica das metades como reguladoras de alianças matrimoniais e econômicas e o papel na nomação.

Compreender o modelo da organização social de um povo é fundamental para compreendermos, de algum modo, os vínculos de filiação no interior de uma família linguística, uma vez que a língua é o meio básico de organização da experiência e do conhecimento da sociedade. De acordo com Peggion (2005, p. 10-12), o sistema de metades pode ser considerado um aspecto central da vida social do complexo Kawahíwa.

A partir desse sistema de metades exogâmicas patrilineares, o dualismo em perpétuo desequilíbrio (ou assimetria desigual) é manifestado em diferentes domínios da vida social, isto é, a assimetria verificada entre as metades pode ser encontrada em outras instâncias da sociedade dos coletivos Kawahíwa (Kracke 1978, p.12; 1984a, p.100; Menéndez 1989, p.110). No plano político-econômico, por exemplo, temos a relação sogro/genro. É através delas que os indivíduos são nominados, recebem um cõnjuge e estabelecem alianças políticas. Neste sentido, as metades parecem operar “num plano de intersecção entre o sistema de classes e o sistema de relações” (PEGGION, 2005, p. 93). Existe, também, casamento em que há um terceiro clã, gerando uma tríade, conforme verificamos na figura a seguir:

FIGURA 02: A TRÍADE KAWAHÍWA



FONTE: Peggion (2005).

A tríade Kawahíwa, segundo Peggion (2005, p.90) refere-se ao registro feito por Kracke (1978, p.13) sobre configuração diferente das metades exogâmicas entre os Parintintín, em que há uma tríade de clãs, constituída pelas duas metades referidas (Mutum e Gavião) e uma terceira que é um subdivisão das metades, denominadas “gwyrarai’gwara”, conforme Betts (1981, p.68). Essa configuração tem ocorrido com mais incidência entre os coletivos Kawahíwa nas últimas décadas.

Essa subdivisão é também marcada diferença no tratamento dado aos indivíduos pertencentes a uma ou outra metade, o que significa que o sistema de relações no plano político e econômica poderá apresentar mudanças. É o que aconteceu nos primeiros anos da transferência dos Kayabí para o Parque Indígena Xingu. E, também, faz parte do processo histórico dos Apiaká, que, em determinados momentos da história, tiveram que fazer uma atualização possível do sistema de parentesco, usando em momentos de crise, as alianças matrimoniais. Mas, nos dias atuais, devido à formação sociopolítica contemporânea e amparados no respeito a direitos que a nova legislação indigenista brasileira assegura aos povos indígenas, tanto os Kayabí, quanto os Apiaká, têm buscado o fortalecimento da cultura; para tanto, a valorização do sistema de parentesco tem sido parte do projeto de fortalecimentos da cultura e valorização da identidade étnica.

Sobre esta reinvenção, ou “aplicação desses princípios culturais na situação contemporânea”, Peggion (2003, p. 51) esclarece que “As sociedades indígenas, ao contrário de serem agentes passivos, incorporando valores e perdendo suas tradições, são sujeitos que fazem uso de instrumentos exógenos para estabelecerem seu próprio projeto de sociedade”. De acordo com Signorini (1998, p. 9), temos aqui uma inversão na conceituação tradicional de identidade, pois “no lugar de um todo estável e homogêneo”, podemos afirmar que os povos Kawahíwa apresentam processos “proteiformes” em “permanente estado de fluxo”.

Assim sendo, podemos dizer que as “metades exogâmicas”, a “co-participação no passado histórico”, bem como, o “critério linguístico” enquanto conteúdos culturais presentes na identificação de uma etnia são suficientemente ‘bons’ se servem aos propósitos de pertencimento ao complexo Kawahíwa. A partir desse ponto de vista o conceito de etnia, como uma identidade que se manifesta e se sustenta através do parentesco e da língua, não pode estar sujeito à uma adaptação às leis do comércio, ou apenas ter base em uma fundação econômica viável. Nesse caso, a noção de pertencimento à etnia Kawahíwa remete a uma construção permanentemente (re)feita nas relações sociais, ao longo do tempo, entre os povos Tupí-Kawahíwa, de modo que em tal construção afloram as “fronteiras identificatórias” entre os Kawahíwa Setentrionais e os Kawahíwa Meridionais (MENÉNDEZ, 1989, p. 2, 26, 66, 137, 140; PEGGION, 2005, p 36-84). Dessa forma, estudos sobre a organização social, sobre o processo histórico e sobre as línguas desses povos possibilitam o reconhecimento da legitimidade do pertencimento a esse complexo linguístico e cultural.

Considerando, portanto, o conceito de etnogênese, os critérios de identificação e as diferentes formas de revitalização e fortalecimento da identidade cultural dos Tupí-Kawahíwa,

fazemos a seguinte pergunta: o que significa “Kawahíwa”? A apropriação dos etnônimos é uma das questões sobre a qual refletiremos nas próximas páginas. Não será, todavia, uma discussão exaustiva sobre os diversos etnônimos dos povos Tupí-Kawahíwa e, tampouco, sobre as diversas teorias criadas para tratar da essência da identidade étnica, linguística, cultural. Os apontamentos que fiz sobre o conceito e a identidade Kawahíwa foram breves e têm o objetivo de contribuir para uma discussão mais ampla sobre as identidades linguísticas, culturais e históricas que conectam os povos Tupí-Kawahíwa que se espalham pelo Sul do Amazonas (Parintintín, Tenharim, Diahói e Júma), Centro-Norte de Rondônia (Karipúna, Jupaú e Amondáwa), Noroeste do Mato Grosso (Apiaká, Kayabí e Piripkúra) e Oeste do Pará (Apiaká/Kayabí). Neste sentido, a grande ambição desses apontamentos não foi a de dar uma visão panorâmica completa da etnogênese e identidade cultural Kawahíwa, mas sim a de trazer elementos para o conhecimento do complexo Tupí-Kawahíwa, dentro de uma perspectiva etnolinguística.

2.3 Os Kawahíwa: conceito e etnônimos

Kawahíwa é um “termo geral para os indígenas, especialmente os Parintintín e seus parentes”. É o que La Vera Betts, do Summer Institute of Linguistics (SIL), informa em seu *Dicionário Parintintín-Português/Português-Parintintín* (BETTS, 1981, p.74). Mas, a autora não informa o conceito dessa palavra. A difícil tarefa de conceituar o termo Kawahíwa foi apresentada, em 1989, pelo antropólogo Miguel Menéndez num artigo sobre a “história e identidade de um povo Tupí” (MENÉNDEZ, 1987/88/89, 331-353). E, naquela época, final dos anos 80, começar a discussão explicando o significado do etnônimo “Kawahíwa”, complexo cultural tão pouco conhecido, pareceu-me uma ótima estratégia argumentativa. Mas, não é o que acontece, pois, Menéndez informa ao leitor que essa tarefa “não será tentada aqui”, pois o autor considera difícil para os linguistas e etnólogos definir o termo “Kawahíwa”. Contudo, Menéndez conjectura que o termo define uma "comunidade da língua", visto que grupos distantes que falam línguas muito próximas, como os Júma da margem esquerda do rio Madeira ou os Uru-Eu-Wau-Wau do Estado de Rondônia, são dados pelos Tenharim como sendo também Kawahíwa (MENÉNDEZ, 1989, p. 331-332).

A dificuldade apresentada pelo estudioso motivou-me pesquisar e estudar um pouco mais sobre o etnônimo e a autodenominação Kawahíwa. Verifiquei, contudo, que não se trata de apenas explicar o que significa o termo “Kawahíwa”, é preciso, também, sob a

perspectiva da etnolinguística, da sociolinguística e das políticas linguísticas, abordar os contextos e os sentidos dados para esse termo em situações diversas. É o que proponho fazer, em poucas linhas, nesta subseção.

Estudos a respeito dos etnônimos e da autodenominação indicam que o nomear o outro, ou a si mesmo, tem sido uma (re)ação relacionada com a política de identidade étnico-cultural dos povos indígenas. Os Kawahíwa se identificavam com o nome de seus *Tuxáuas*, ou pelos rios que circundam a aldeia, *Ytynghy*, como os Tenharim do rio Marmelos. É o que nos informa o antropólogo Peggion (2005, p.4):

Acredito que toda a região ocupada pelos Kagwahiva nos últimos dois séculos – atuais sul do Amazonas e norte de Rondônia – foi palco de constantes uniões e rupturas entre grupos domésticos que se definiam pelo nome do chefe ou por uma referência geográfica: um rio, uma serra.

Sob essa perspectiva, o termo Kawahíwa, como unidade linguística, tem sido utilizado pelos povos Tupí-Kawahíwa para nomear sua unidade cultural com suas respectivas reivindicações políticas, valores e princípios culturais. Daí a importância da nomeação para certas culturas, famílias, indivíduos no contexto sócioeconômico, político e cultural na antiguidade e, também, nos dias atuais. É o caso dos Kayabí do Parque Indígena do Xingu, que desde 2008 discutem sobre a autodenominação, ou o verdadeiro nome. Segundo Stuchi (2010, p. 27-28), dessa discussão saiu uma indicação do termo *Kawaiwete*, que significa “Grande Guerreiro”, e do termo “Kayabí”, cujo significado na “língua geral”, de acordo com esse mesmo autor seria “morador do mato”.

O fato de os Kayabí estarem discutindo o termo para nomeá-los enquanto povo linguisticamente e culturalmente diferenciado evidencia a participação de indígenas no processo de apropriação e definição de etnônimos, no caso específico, dos povos Kawahíwa. Temos, portanto, uma autodenominação sob uma política indígena. É o caso do nome Pykahu-Parintintín do Amazonas, recentemente adotado pelos Parintintín.

A autodenominação Pykahu-Parintintín é fruto do conhecimento obtido pelos Parintintín durante o diagnóstico etnoambiental e o etnozoneamento da TI Ipixuna elaborado nos anos de 2005 a 2006 pela Kanidé – Associação de Defesa Ambiental em parceria com a Organização do Povo Indígena Parintintín do Amazonas (OPIPAM). Esse projeto foi concluído:¹⁰ em 2012 (cf. CARDOZO, VALE JÚNIOR, 2012, p. 7-8). Segundo esses autores, *Pykahu* significa ‘avoante’, e refere-se a um pássaro que existe na região do rio Madeira. Já o

¹⁰ Em julho de 2012, estive no evento do encerramento do Projeto de Ecoturismo Pykahu-Parintintín, quando foi apresentado um resumo descritivo das atividades realizadas durante esse diagnóstico e etnozoneamento.

nome Parintintín, é uma denominação dada, provavelmente, pelos Munduruku, e segundo Hemming (2005, p. 68) significa ‘inimigo’ na língua Munduruku. Como se vê, na atualidade, é marcante a presença das Políticas Linguísticas no processo de autodenominação e apropriação dos etnônimos dos povos indígenas Kawahíwa. Veja a seguir as figuras 3 e 4 sobre o Projeto Ecoturismo Pykahu-Parintintín (PEPP), que aconteceu em julho de 2012, na Aldeia Traíra (Humaitá/AM).

FIGURA 03: BOAS VINDAS- PEPP



FIGURA 04: DANÇA DO RITUAL YRERUA.



FONTE: Ana Maria Aguilar – Aldeia Traíra/Parintintín - Julho de 2012.

Nesse sentido, a história do etnônimo dos *Laklãnõ*¹¹, povo do tronco Macro-Jê, assemelha-se à história dos Kayabí (*Kawaiwete*) e dos Parintintín (*Pykahu-Parintintín*), povos do tronco Tupí. Verifica-se a presença de uma política linguística no processo de autodenominação dos *Laklãnõ*, na busca pela substituição do termo “Xokleng”, que é a designação mais comum nas produções da comunidade científica; mas, com o passar dos tempos, o termo *Laklãnõ* vem ganhando força. Convém aqui lembrar o que diz Hoerhann (2012, p. 40) sobre essa autodenominação:

Há muitos anos a comunidade se reconhece como Xokleng, mas o termo Laklãnõ nesta forma simplificada de escrita vem ganhando força com o passar dos tempos. [...] e pude constatar a valorização dada por eles à palavra *Laklãnõ*, a qual no meu entendimento representa melhor a identidade étnica desses indígenas. Afinal, *Laklãnõ* foi um apelido que eles mesmos criaram para reconhecerem os seus iguais, e isso muitos anos antes do surgimento de uma entidade protetora.

¹¹ São os Xokleng: povo indígena, da família Jê, localizado em Santa Catarina na Terra Indígena Laklãnõ-Ibirama.

Sabe-se que o termo "Xokleng" não corresponde a autodenominação do povo. Foi¹² o etnólogo Sílvio Coelho dos Santos que popularizou esse termo através de seu trabalho e o grupo manteve porque considerou essa nomeação um instrumento que colaboraria com o reconhecimento da identidade externa, o que de fato aconteceu nos períodos de lutas políticas junto aos órgãos com os quais os Xokleng tiveram que tratar. Entretanto, estamos em outros tempos. Essa nova realidade tem gerado novas posturas políticas e um renovado olhar desse povo sobre o mundo e sobre si mesmo. Daí, nos dias atuais, muitos desses indígenas se autodenominam "Laklãnõ", isso é, "gente do sol" ou "gente ligeira" (GAKRAN, 2005, p.12-14). Entende-se, portanto, que "Laklãnõ", assim como *Kawaiwete* é uma autodenominação que busca conquistar e assegurar espaço político interno; para tanto, há uma preocupação efetiva com o fortalecimento da língua e da cultura¹³.

Seguindo essa linha de pensamento, considere que conceituar o termo *Kawahíwa* seria uma tarefa fácil. Mas, à medida que investiguei a questão, encontrei informações diversas e desiguais. Assim, os retalhos da história do termo *Kawahíwa* pareceram-me uma ótima oportunidade para a construção de uma colcha de retalhos. O que significou muito trabalho. Dentre os diversos entraves para conceituar o termo *Kawahíwa*, destaco dois.

Primeiro, não existe unanimidade quanto ao significado desse etnônimo entre etno-historiadores e linguistas que se voltam, especificamente, para o estudo sobre as culturas e as línguas Tupí-Kawahíwa.

O que se vê, na maioria dos casos, é citação direta ou indireta sem verificar o rigor de dados obtidos ou aferir a veracidade do significado apresentado. Por exemplo, o artigo de Emery (2002, p.7), em que o autor cita a explicação dada por Nimuendajú (1924, p. 2001), mas não apresenta nenhum comentário ou explicação.

Segundo, há desconhecimento da história sobre a escolha e o significado desse termo como instrumento para o processo de reconhecimento da identidade étnica dos povos Tupí-Kawahíwa. Contudo, encontrei obras de diferentes áreas do conhecimento (antropologia, arqueologia, psicologia, linguística, epidemiologia, filosofia e geografia) em que identifiquei comentários sobre o termo *Kawahíwa*, dentre as tais, destaco: Menéndez (1989), Kracke (1989, 2005); Peggion (1996, 2005); Sampaio (1997, 2001); Paiva (2005); Pádua (2007); Kurovski

¹² Sobre esse assunto conversei com o linguista, professor e pesquisador Nanblá Gakran, que é Laklãnõ (Xokleng). Nanblá, neste ano de 2015, no primeiro semestre, defendeu sua tese de doutorado em Linguística pela UnB sobre gramática da língua Laklãnõ, falada pelo povo Xokleng, de Santa Catarina, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Suelly A. C. Cabral.

¹³ Xokleng. Diponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xokleng/972>. Acesso em: 14 nov. 2013.

(2009); Tempesta (2009a, 2009b, 2010a, 2010b); Stuchi (2010); Almeida Silva (2010); França (2012); Silva (2013). Da leitura dessas obras, o que se vê é que não há um significado único para esse termo. O que predomina é o significado *lato sensu* (sentido amplo), em que a designação Kawahíwa significa "nossa gente", em oposição a tapy'yn, "inimigo"; em detrimento do significado *stricto sensu* (sentido mais restrito), conforme sugerido por Curt Nimuendajú:

[...] em sua própria língua se denomina Kawahíb ou Kawahíwa quando este nome ainda é seguido por um suffixo, uma posposição ou um adjetivo. Não tem este nome a significação de « homens da mata », como Martius explica (CM II. 5), mas é composto de *kab*, *káwa* = vespa + *ahib* (= ?), e designa uma pequena qualidade de vespas sociaes, de côr avermelhada e muito irritaveis que também entre os moradores do Baixo Amazonas é conhecida por «cauahiba». (NIMUENDAJÚ, 1924, p. 201, Sic).

Mas, Nimuendajú não chega a especificar o conceito dado ao termo Kawahíwa enquanto nomeação ou etnônimo. É, portanto, a partir dos diversos registros e, também, levando em conta o conhecimento linguístico adquirido nos últimos trinta anos sobre as línguas e as culturas dos Tupí-Guaraní que a Profa. Dra. Ana Suelly A. C. Cabral elaborou a seguinte explicação (informação verbal) para o vocábulo Kawahíwa: uma composição de *-Kaβ* ‘caba’ e *-ahíβ* ‘ruim, braba, forte’, resultando em *Kawahíβ* ou *Kawahíβ-a*, em que o tema é flexionado pelo caso argumentativo: *Kawahíβa* ou *Kawahíwa*.

Assim, de acordo com os significados apresentados para o termo Kawahíwa, podemos dizer que a história do significado do conceito Kawahíwa está relacionada à história dos povos indígenas no Brasil, tendo em vista que nessa história “as imagens dos índios [...] assumem diversos significados: ora são representados como selvagens, ora idealizados, ora se baseiam na ideia de um índio genérico” (BURGEILE, AGUILAR, LIMA, VENERE, 2010, p. 48). Dessa forma, o que venho sustentando é que a (re)construção do conceito Kawahíwa possui fases distintas, que denominarei: fase colonial, fase nacional e fase da autodenominação.

Na primeira, o indígena Kawahíwa é apresentado (ou descrito) como um “selvagem”, ou seja, há nessa nomeação uma conotação pejorativa, pois o (indígena) Kawahíwa é um “**animal selvagem**” para os colonizadores e para os outros povos indígenas (cf. NIMUENDAJU, 1924, p. 201). Já na segunda fase, o conceito Kawahíwa está relacionado à expressão ‘índio feroz’, passando da descrição de um animal irracional (“selvagem”) para a construção da ideia de “**povo bravo**”. Neste momento, há, na história do Brasil um novo olhar dos colonizadores sobre os povos indígenas; tendo em vista que o contexto histórico necessita construir uma imagem mais humana e “moderna” da nação brasileira frente ao resto do mundo.

Assim, os Kawahíwa (e os povos indígenas em geral) são reconhecidos não mais como “animais selvagem”, mas como “povos da selva”. Neste sentido, agora os indígenas são considerados “selvagens” por estarem conectados à terra, à floresta, à selva; e não por serem “animais indomáveis”. Muda, portanto, o olhar sobre a natureza dos povos indígenas, muda, então, o olhar sobre os Tupí-Kawahíwa: que agora é um “povo selvagem” no sentido de ser um “povo indígena guerreiro”, que luta pelo direito à liberdade. É nesse contexto que passam a emergir subsídios para valorizar a dignidade da pessoa humana, o que levou ao reconhecimento da liberdade como direito fundamental dos povos indígenas, o que findou em constituir o direito ao território e o direito de dispor de si mesmo quando tenha que interagir com outros povos e culturas.

Com o significado de “**povo forte**”, temos a terceira fase da construção do conceito Kawahíwa. Essa fase está intrinsecamente relacionada à história dos povos indígenas em terra brasileira nos últimos trinta anos, que não só lutam pela manutenção e fortalecimento da liberdade como direito fundamental, mas também lutam para formar nas novas gerações uma consciência social da identidade étnica. Continuar a ser dono de si mesmo requer, portanto, que as novas gerações, sejam “fortes” para que além de um território tenham também educação cultural, social e política. Neste sentido, o conceito Kawahíwa se integra, no atual contexto histórico, na síntese entre liberdade e identidade étnica.

Para finalizar esta subseção, considero importante destacar aqui duas expressões que ouvi líderes Kawahíwa falarem: “**a agente se chama Kawahíwa**” e “**nossa gente é povo guerreiro**”. Ouvi essas expressões nos eventos que participei, em trabalho de campo, junto aos Kawahíwa em 2011 e 2012. Essa participação nos eventos Kawahíwa fez parte do plano de curso semestral do doutorado e foi uma das atividades propostas no plano de curso de três disciplinas cursadas na UnB: “Trabalho de Campo 1”, “Trabalho de Campo para Línguas Indígenas” e “Trabalho de Campo 2”. Somente após leituras, estudos e pesquisas sobre o conceito e os etnônimos, foi possível verificar que a autodenominação (“a gente se chama Kawahíwa”) e a autodescrição (“nossa gente é povo guerreiro”) resultam de uma história que inclui o significado auto-valorativo, numa contínua luta pelo fortalecimento da identidade étnica dos povos Kawahíwa.

2.4 Os Kawahíwa Meridionais e os Kawahíwa Setentrionais

Sobre os grupos conhecidos como Kawahíwa, Kracke (2007, p. 23, 27) afirma que “existem pelo menos onze ou doze grupos”. Os povos Kawahíwa do médio Madeira, ou seja, do sul do Amazonas, podem ser identificados como “Kagwahiv Setentrionais” (Parintintín, Tenharim, Diahói, Júma), e os três povos Kawahíwa do centro-norte de Rondônia pode-se designar “Kagwahiv Meridionais” (Karipúna, Jupaú, Amondáwa). Nessa relação, o autor deixa de fora os grupos Tupí-Kawahíwa do Mato Grosso (MT) e do Pará (PA): os Apiaká, os Kayabí e os Piripkúra. Este último, apesar de ter feito contato em 2007, de acordo com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) está incluído na relação de indígenas em isolamento, uma vez que vivem em situação de isolamento voluntário. Na divisão apresentada por Kracke (2007, p.27), podemos identificar, portanto, a seguinte divisão dos povos Kawahíwa:

QUADRO 01: DIVISÃO DOS KAWAHÍWA - (KRACKE, 2007)

Kagwahiv Setentrionais	Kagwahiv Meridionais
Parintintín	Jupaú
Tenharim	Amondáwa
Jiahui	Karipúna
Pãĩĩ	
Kutipãĩĩ	
Júma	

Os Paiĩ e os Kutipãĩĩ, de acordo com a pesquisa bibliográfica que realizei, foram incluídos na classificação de Kracke (2007, p.27) por estarem localizados geograficamente próximos aos Parintintín e aos Tenharim, na margem leste do Médio Madeira. Todavia, nos dicionários elaborados por Betts (1981, 2012), a autora nos informa que Pãĩĩ, é o “nome dos parentes dos Parintintín que moram perto” (BETTS, 1981, p.116), e seriam conhecidos pelo nome de Jahui, ou Diarroi (BETTS, 1981, p.74; 2012, p.23). Os Kutipãĩĩ, de acordo com Kracke (2005) resultou de uma cisão com os Paiĩ, pois, “*Fission was a continuing process; a Pai'ĩ, _ chief described to one backwoodsman, who passed it on to me, how the Kutipãĩ'ĩ_ split off from the Pãĩ'_over a leadership issue*”¹⁴.

¹⁴ “Fissão foi um processo contínuo; um chefe Pãĩ', descrito para um sertanejo, que passou para mim, como o Kutipãĩ' separou do Pãĩ' sobre uma questão de liderança” (Kracke, 2005, tradução minha). História dos Parintintín. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Parintintín/912>

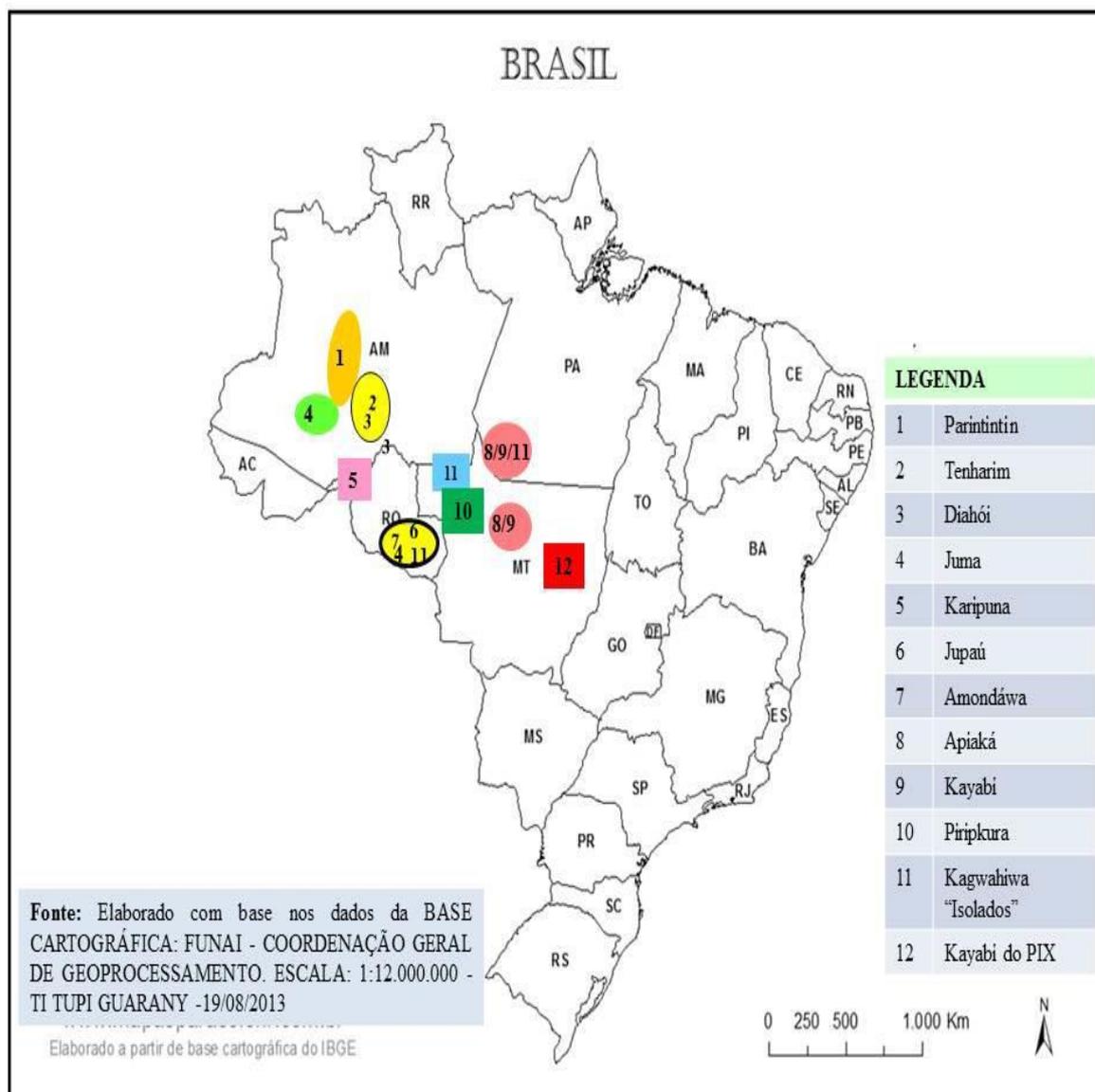
Assim, neste trabalho, subscrevo a classificação de Kracke (2007) em dois grupos, os “Kawahíwa Meridionais” e os “Kawahíwa Setentrionais”, mas proponho incluir na constelação dos “Kagwahiv Meridionais”, os Apiaká, os Kayabí e os Piripkúra, deixando para incluir os Paiĩ e os Kutipãĩĩ depois que investigar mais sobre eles. A proposta leva em consideração os múltiplos vínculos históricos e políticos que conectam os povos Kawahíwa do sul do Amazonas e do centro-norte de Rondônia, com os povos Kawahíwa do extremo norte do Mato Grosso e sul do Pará. Portanto, proponho a seguinte classificação para os povos que compõem o sub-ramo VI da família Linguística Tupí-Guaraní – o complexo Kawahíwa – foco de análise deste trabalho:

QUADRO 02: DIVISÃO DOS KAWAHÍWA - (AGUILAR, 2013)

Kawahíwa Setentrionais	Kawahíwa Meridionais
Parintintín	Jupaú (Uru-Eu-Wau-Wau)
Tenharim	Amondáwa
Diahói	Karipúna
Júma	Apiaká
	Kayabí (Kawaiwete)
	Piripkúra

Em termos geográficos, nos dias atuais, os povos Tupí-Kawahíwa referidos nesta tese, estão distribuídos na região que compreende, no sul do Amazonas, os que formam a constelação dos Kawahíwa Setentrionais: Parintintín, Tenharim, Diahói e Júma; no centro-norte de Rondônia: Karipúna, Jupaú, Amondáwa, os indígenas Kawahíwa em isolamento; e ainda no noroeste do Mato Grosso e o sul do Pará: Apiaká, Kayabí, Piripkúra, os indígenas Kawahíwa em isolamento; esses constituem os Kawahíwa Meridionais. Assim, temos o seguinte Mapa do complexo Kawahíwa:

FIGURA 05: MAPA - POVOS DO COMPLEXO KAWAHÍWA



Organização: AGUILAR (2013) a partir das informações de Rodrigues e Cabral (2002, 2012), Peggion (2005), Kracke (2007), Almeida Silva (2009), Kurovski (2009, 2010), Tempesta (2009a, 2010a), Athayde (2010); Stuchi (2010), França (2012), Silva (2013) e Denófrio (2012, 2012-2013).

De acordo com o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, os povos Tupí-Kawahíwa possuem uma população de cerca de 6370 indígenas (Quadro 3). Isso sem contar, naturalmente, os Kawahíwa "isolados".

QUADRO 03: POPULAÇÃO TUPI-KAWAHÍWA

Povos Kawahíwa	População
Amondáwa	123
Apiaká	799
Diahói	135
Júma	12
Karipúna ¹⁵	2297
Kawahíb	1
Kayabí	1814
Parintintim	477
Tenharim	525
Uru-Eu-Wau-Wau	184
Total:	6367

FONTE: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Estamos considerando, portanto, os Kawahíwa localizados no território etnográfico “Grande Rondônia” (VANDER VELDEN, 2010, p. 117)¹⁶. Para o antropólogo Vander Velden (2010, p. 118), essa área, no sentido etnológico, é uma zona de transição ecológica, e configura “uma espécie de zona-tampão transicional”. Na verdade, a “Grande Rondônia” (GR) e o “Grande Madeira” (GM) são delimitações mais recentes que, em certo sentido dialogam com a delimitação da região Tapajós-Madeira, considerada como área cultural Tupí (MENÉNDEZ, 1984/85, p. 272), coincidem com a definição da região Guaporé-Mamoré como “área linguística” (CREVELS, van der VOORT, 2008, p.157). A GR está relacionada à hipótese¹⁷ apresentada por Rodrigues (1964), de que é “nessa área do Guaporé” que deve ser procurado “o centro de difusão do Proto-Tupí” (RODRIGUES, 1964, p. 103). Essa hipótese foi avaliada e verificada pelo arqueólogo Miller (1983a; 1983b, p. 272-288). Para este pesquisador, desde a década de 1980 a proposta de Rodrigues já era considerada “mais um fato linguístico e arqueológico, do que apenas uma hipótese linguística isolada” (MILLER, 2009, p. 38).

Em estudos recentes sobre as territorialidades, assim como as implicações socioeconômicas, ambientais e culturais dos *Kawahib* de Rondônia (*Jupaú* ou *Pindobatywudjara-Ga* e *Amondawa*), o estudioso de Geografia Humana, Adnilson de Almeida

¹⁵ Estão incorretos os dados apresentados nesse quadro sobre a população dos povos Karipuna (2297) e Kawahíb (1), pois se o primeiro refere-se aos Karipúna de Rondônia e o segundo aos Piripikúra, sabe-se que esses dados estão equivocados (Cf. Quadro 4).

¹⁶ Ramirez (2010, p. 179) propõe uma outra hipótese “Grande Madeira”. Para Ramirez, “Grande Madeira” é também como propõe Velder (2010), uma área caracterizada pela alta diversidade étnica, linguística e com uma notável riqueza cultural.

¹⁷ A hipótese é a de que o local onde se encontra a maior diversidade de línguas de um tronco linguístico coincide com a origem desse tronco (RODRIGUES, 1964, p.103).

Silva (2010, p.9), mostra, entre outras coisas, que a “construção espacial pelos *Kawahib* decorre de suas experiências socioespaciais e sóciocsmogônicas responsáveis pela construção dos ‘marcadores territoriais’ que (re)afirmam suas identidades”.

Mas, a origem e as rotas de expansão dos povos Tupi é um dos temas de discussão acalorada entre diversos estudiosos e pesquisadores da etnologia, da linguística histórica e da etnoarqueologia¹⁸. Um dos assuntos que está longe de ser consensual entre os especialistas, por exemplo, é a hipótese da origem amazônica para os Tupí-Guaraní. Esse interesse (e curiosidade natural) pela origem e dispersão dos Tupi é tema recorrente desde o início do processo de *colonização* do Brasil.

Assim, a hipótese de Rodrigues é uma das que vem sendo discutida desde 1958. Aqui cabe ressaltar que os trabalhos de Linguística Histórica desenvolvidos por Rodrigues (1958, 1964) continuam sendo de grande importância, tendo em vista as considerações de Miller (1983a, 1983b, 2009) sobre a hipótese de Rodrigues. Veja-se, a seguir, o Quadro 4, que nos apresenta a seguinte distribuição da população Tupi-Kawahíwa. Nesse quadro¹⁹ podemos verificar que os povos Kawahíwa destacados neste trabalho estão localizados em quatro unidades federativas do Brasil: Rondônia, Pará, Amazonas e Mato Grosso. Essa distribuição e expansão dos Tupi-Kawahíwa parece dialogar com a hipótese de Rodrigues (1964, p. 103) da origem amazônica para os Tupi-Guaraní.

¹⁸ A etnoarqueologia trabalha com sociedades contemporâneas, buscando dados etnográficos para responder problemas de interesse arqueológico. (SILVA, 2009, p. 27-37)

¹⁹Quadro adaptado do Relatório Etnias Indígenas Brasileiras. Disponível: em <http://www.instituto.antropos.com.br>. Alguns dados numéricos do Quadro 4, adaptado do Relatório Etnias Indígenas Brasileiras, diferem dos dados do Censo 2010, que também apresenta problemas (Cf. Quadro 3).

QUADRO 04: ETNIAS TUPÍ-KAWAHÍWA

ETNIA	ISO	ESTADO	OUTROS NOMES	POPULAÇÃO	LÍNGUA
Amondáwa	adw	Rondônia	Amondava	123	Amondáwa Português
Apiaká	api	Mato Grosso, Pará, Amazonas	Apiacá	799	Português Apiaká ("lembradores da língua") ²⁰
Diahói	pah	Amazonas	Jiahui	135	Português Diahói ("lembradores da língua")
Júma	jua	Amazonas	Yuma	12	Júma Português
Karipúna de Rondônia	kmv	Rondônia	Karipúna de Guaporé, Caripuna, Karipúna, Ahé	21	Português Karipúna ("lembradores da língua")
Kayabí	kyz	Mato Grosso, Pará	Kajabi, Kaiabi, Parua, Maquiri, Caiabi, Kayabí, Cajabi	1.814	Kayabí Português
Parintintín	pah	Amazonas	Cabahyba	477	Português Parintintín ("lembradores da língua")
Tenharim	pah	Amazonas	(Kagwahiva)	525	Tenharim Português
Uru-Eu- Wau-Wau	urz	Rondônia	Urupain, Uru- Pa-In, Jupaú, Bocas-negras, Bocas-pretas,...	184	Uru-Eu-Wau- Wau Português
Isolados do Madeirinha		Mato Grosso	Kawahiva do Rio Pardo	?	(Tupi-Kawahíwa)
Isolados do Teles Pires		Mato Grosso	(Isolados do Rio São Tomé)	?	Apiaká
Piripkúra (recém-contatados)		Mato Grosso	Piripkúra	2(3)	(Tupi-Kawahíwa)
Isolados da T. I. Uru-Eu-Wau-Wau		Rondônia	(Parakwara, Isolados de Rondônia, Jurureis)	?	(Tupi-Kawahíwa)

²⁰ Os lembradores das línguas são as pessoas que mantêm as lembranças da língua materna ancestral, lambram-se de palavras e frases, mas não a utilizam no seu cotidiano. Os tais podem colaborar para o resgate das memórias linguísticas e culturais do povo, possibilitando a revitalização e o fortalecimento da língua ancestral e da cultura de seu povo.

Como pode-se observar (Quadro 4) quanto à população dos Kawahíwa Setentrionais, a quantidade de indígenas Parintintín, Diahói e Júma é menor que a dos Tenharim. Quanto aos Kawahíwa Meridionais, os Kayabí²¹ apresentam maior quantidade de pessoas em relação aos Apiaká, Piripkúra, Uru-Eu-Wau-Wau, Amondáwa e Karipúna. Contudo, se compararmos o decréscimo populacional sofrido pelos povos Tupí-Kawahíwa quando do contato com os colonizadores e também os resultados dos censos demográficos brasileiros a partir de 1991 – quando começaram a captar de maneira específica a população indígena – com o Censo de 2010, é possível verificarmos que, assim como os Tenharim e os Kayabí, os outros povos Tupí-Kawahíwa (Júma, Amondáwa e Diahói, por exemplo) encontram-se em processo de crescimento populacional.

Segundo Pagliaro (2005, p. 79), alguns povos indígenas têm crescido, em média, de 3 a 5% ao ano, nos últimos decênios. É o que tem acontecido com os Kamajurá (PAGLIARO et al., 2004). A partir de 1984, o crescimento populacional progressivo dos Kayabí supera a média de 5% ao ano (PAGLIARO, 2005, p.79). Aqui caberia uma pesquisa sobre a fecundidade, a migração e a mortalidade dos Kawahíwa, pois o conhecimento desses componentes demográficos pode colaborar para o planejamento e ajustes de políticas públicas de educação e saúde.

2.5 História dos Kawahíwa: Origem, dispersão, expansão e localização

Os estudos sobre a organização social dos povos indígenas no Brasil nos mostram que há diferentes formas de pensar, agir e interagir no mundo e que a história de uma língua está ligada à história do seu povo, isto é, o processo de modificação sociocultural de um povo implica modificações na história externa e interna da língua. A mudança linguística está, então, relacionada aos acontecimentos sociais, políticos e culturais. Sob essa perspectiva, nesta subseção, dá-se especial atenção às contribuições da etno-história, da etnologia e da etnoarqueologia em diálogo com os estudos da Linguística Histórica sobre a origem, a dispersão, a expansão, a localização e a situação atual dos povos do complexo Kawahíwa, pois entendemos que tais contribuições são significativas para o entendimento da identidade linguística dos Tupí-Kawahíwa (setentrionais e meridionais).

É importante ainda ressaltar que a prática historiográfica, segundo Michel de Certeau nos permite postular ao mesmo tempo o passado e o futuro de uma sociedade, porque

²¹ De acordo com Weiss (1998, p. 9), no recenseamento de 1955 feito pelo Pe. João foram identificados 340 Kayabí.

possibilita a efetuação de uma clivagem entre o presente e o passado a partir do lugar social em que nos colocamos para fazer história (CERTEAU, 1982, p. 86). Assim, saber sobre o processo dinâmico da origem, dispersão, expansão territorial e a organização social dos povos Tupí-Kawahíwa nos permite compreender as dinâmicas transformacionais que, além da proximidade geográfica e linguística, são partilhadas pelo complexo Kawahíwa.

Modernamente, as culturas e as línguas do Tupí-Kawahíwa têm sido estudadas por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento; alguns dos quais marcaram história por reunir importantes contribuições ao conhecimento científico sobre povos e línguas do complexo Kawahíwa; dentre os quais, destacamos, neste momento, Curt Nimuendajú (1924, 1961, 1963), Peggion (2005), Menéndez (1981, 1981-1982; 1984-1985; 1987/88/89; 1989), Betts (1981, 2012), Dobson (1997, 2005), Weiss, (1998, 2005), Sampaio (1997, 2001).

Sabe-se que a história dos Tupí-Kawahíwa “se passou em dois momentos e espaços particulares” (MENÉNDEZ, 1981,1989). Temos o primeiro momento na região do alto Tapajós, que aconteceu antes do contato com os não índios e do processo de colonização das terras da América do Sul. Já o segundo momento deu-se na região dos afluentes orientais do rio Madeira, e também no curso médio do rio Machado. De acordo com Menéndez (1989, p. 335), o contato dos Kawahíwa com os não índios se deu nos seguintes momentos:

de 1752 à 1850, esse contato é de caráter indireto. Durante esse período as informações sobre o branco devem ter sido passadas através de grupos vizinhos. De meados do século XIX até 1922, o contato é de índole hostil, com todo o contingente Kagwahiwa se confrontando com o branco. Com a pacificação dos Parintintim do rio Maici, nessa data, as hostilidades continuaram a cargo de alguns grupos Kagwahiwa tais como os Tenharim, Diarroi ou Apairande.

Sobre a unidade das trajetórias histórico-culturais comuns e dos alinhamentos políticos recentes dos grupos Tupí-Guaraní, como já citamos antes, o antropólogo Vander Velden (2010, p. 120) afirma que os povos Tupí-Kawahíwa estão conectados por identidades linguísticas, culturais e históricas. Nesta conexão entre os diferentes povos que constituem o complexo Kawahíwa temos as “zonas de contato” – espaço social onde, segundo Peggion (2005, p. 94) há o encontro das metades exogâmicas Kawahíwa. Nessa “zona de contato” temos, então, choques e entrelaçamentos (PRATT, 1999 apud BITTENCOURT, 2006, p. 155) dos povos do complexo Kawahíwa que em seu dualismo apresenta o plano de intersecção, pois a assimetria entre as metades não recusa o princípio de reciprocidade. Portanto, as diferenças entre os povos Kawahíwa ao mesmo tempo em que provocam embates, podem interagir, de

modo a formar uma identidade étnica, pois esses povos Tupí-Kawahíwa compartilham determinadas características culturais, históricas e linguísticas (cf. 2.2).

Atualmente, os povos do complexo Kawahíwa estão localizados em quatro unidades da federação brasileira: sul do **Amazonas**, centro-oeste de **Rondônia** (RODRIGUES, 1985), e, mais recentemente, considerando a inclusão dos Apiaká, Kayabí, Piripkúra e os Kawahíwa “Isolados” no grupo dos Kawahíwa Meridionais (AGUILAR, 2013, p.18), podemos acrescentar, portanto, mais duas unidades federativas brasileiras: o sul do **Pará** e o noroeste e nordeste de **Mato Grosso**. Assim, ao ponto de vista linguístico devem ser agregados elementos da etno-história. Neste caso, a organização social, política e econômica; a origem, expansão e dispersão; a questão das metades exogâmicas, por exemplo (MENÉNDEZ, 1989; PEGGION, 2005; TEMPESTA, 2009a; KUROVSKI, 2009; FRANÇA, 2012).

Por outro lado, os povos Kawahíwa apresentam identidades sociopolíticas um tanto diversas, especialmente se comparamos a atual situação dos Júma com a dos Kayabí do Parque Indígena do Xingu (PIX). Os Júma foram transferidos, em 1998, da região do rio Purus para a T.I. Uru-Eu-Wau-Wau, no estado de Rondônia. Esse povo vive, desde então, na aldeia do Alto Jamari junto aos Jupaú (FRANÇA, 2012). Os Júma contavam com os últimos remanescentes, o total de seis pessoas: um homem, sua esposa e quatro filhas. Estas casaram com indígenas Jupaú, mas, de acordo com a cultura, os filhos do sexo masculinos são considerados da etnia do pai, pois a “dupla nacionalidade” (ou dupla etnia) não faz parte do sistema cultural desses povos indígenas. Assim, a exemplo dos Júma-Kawahíwa, outros povos estão “lamentavelmente, ameaçados de desaparecimento pelo violento processo colonizador na região, que ainda se faz sentir em múltiplos eventos e variados contextos” (VANDER VELDEN, 2010, p.132). Contudo, na questão demográfica, a história dos Kayabí do Parque Indígena do Xingu (PIX) é bem diferente, pois estão revertendo o quadro da depopulação sofrida por causa do contato com a sociedade nacional. Atualmente os Kayabí apresentam o maior contingente populacional de língua Tupí do Parque. É o que nos mostra os estudos coordenados pela demógrafa Heloisa Pagliaro:

O contato dos Kayabí com a sociedade nacional desde a década de 1920 deu origem à depopulação por confrontos e epidemias e à emigração de parte do grupo o Parque Indígena do Xingu a partir da década de 1950. Atualmente somam 1250 habitantes, sendo o maior contingente populacional de língua Tupí do Parque. Entre 1970 e 2007 essa população cresceu aproximadamente 5% ao ano. (PAGLIARO; MARTINS, MENDONÇA, 2013[2010], p.1).

Do ponto de vista demográfico, a depopulação nos primeiros anos do contato com os não indígenas aconteceu em larga escala, o que resultou dos diferentes processos das relações

sociais interétnicas com a sociedade nacional, bem como, diferentes trajetórias histórico-culturais que os povos Kawahíwa vivenciaram. Por esta razão, conhecer de perto a história dos Tupí-Kawahíwa é de suma importância para compreendermos os aspectos inovadores e as distinções entre as línguas que compõem esse complexo linguístico (cf. subseções 6.3, 6.4 e 6.5)

Quanto à origem e expansão dos Tupí, é Carl Friedrich Philipp von Martius, em 1830, que apresenta a primeira pesquisa relevante sobre a origem e dispersão dos Tupí. No rastro de Martius (1867) seguem vários outros estudiosos com novas contribuições. São estudos que mostram, por exemplo, que a origem cultural dos Tupí está constituída por elementos amazônicos que não se perderam quando esses povos realizaram a dispersão geográfica pelo leste da América do Sul (NELLI, 2008, p.22).

De acordo com Peggion (2005), Kracke (2007) e Menéndez (1989), os Tupi-Kawahíwa têm como um diferencial cultural dentre os falantes do Tupi-Guarani o fato de sua morfologia social ser segmentada em duas metades exogâmicas. Segundo esses autores, essa é uma característica presente apenas neles e nos Tapirapé, dentre os Tupí (cf. 2.2; PEGGION, 2005).

Para conhecermos a trajetória histórica dos Kawahíwa – povo de origem Tupí, incluídos na família Tupí-Guaraní –, além das obras de Martius (1867), Nimuendajú (1924, 1948), Menéndez (1981/1982, 1984/1985, 1989), consultamos outras fontes com o objetivo de criar uma coerência narrativa sobre a origem, a dispersão, a localização e atual situação dos povos Kawahíwa, o que foi um dos grandes desafios no desenvolvimento da presente seção, tendo em vista a diversidade de tipos de materiais utilizados e do vasto período ao qual se refere: do século XVII aos dias atuais. Os principais textos que nos ajudam a compreender a história externa e estudar a história interna das culturas e línguas dos Tupí-Kawahíwa foram: Kracke (2005, 2007), Peggion (1996, 2005), Paiva (1998, 2005), Athayde (2003, 2009), Almeida Silva (2010), Souza (2004), Tempesta (2009a, 2010a), Kurovski (2005, 2009, 2010), França (2012), Deonófrío (2012), Silva (2013), Vaz (2011, 2013), Betts (1981, 1971), Pease (1971, 1977, 1991, 2007), Dobson (1973, 1983a, 1983b, 1983c, 1997, 2005), Weiss (1998, 2005), Abrahamson e Abrahamson (1984), Netto e Moraes (1992), Gomes (2007, 2012), Sampaio (1997, 2001), Cabral (2000a, 2000b, 2001), Cabral e Solano (2006), Cabral e Rodrigues (2002a, 2002b, 2005, 2012, 2014) e os estudos de Rodrigues sobre as línguas Tupí-Guaraní (1953, 1964, 1970a, 1985, 1996, 2010). Recorri, em determinados momentos, à leitura de Diário Oficial da União (D.O.U.), pois, nessa fonte há um conjunto de informações sobre a origem, a dispersão e a organização social dos povos indígenas.

Por este estudo ter como foco a história interna do complexo Kawahíwa utilizaremos, preferencialmente, a expressão “interflúvio Madeira-Tapajós” para nos referir ao imenso território etnográfico onde estão localizados os povos Tupí-Kawahíwa. Essa denominação dialoga com a proposição do arqueólogo Miller (2009), o que vem corroborar e esclarecer a região proposta por Rodrigues (1958, 1964, 1985) como centro de origem e dispersão do Proto-Tupí-Guaraní. Assim, a seguir, apresento informações sobre aspectos socioculturais dos povos Kawahíwa. Dentre esses aspectos, o sistema de parentesco é o que mais nos interessa aqui, tendo em vista que para esses povos as relações de parentesco são a principal forma de organização social.

Sendo assim, o estudo sobre o parentesco dos povos Kawahíwa, Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampí é importante (BATALHA, 1995)²² para a análise do agrupamento do Kayabí ao complexo Tupí-Kawahíwa, pois a organização familiar de um povo indígena além de apresentar um sistema terminológico, que consiste em um vocabulário, possui também um sistema de atitudes, que corresponde às condutas dos indivíduos conforme as relações sociais que estabelecem entre si.

Conforme a epígrafe utilizada no início desta seção, o social, o cultural e o histórico estão na língua. Assim, no sistema de parentesco de um povo indígena temos uma intrínseca relação entre linguagem e cultura. Nesse sentido, os resultados obtidos sobre a terminologia de parentesco (PEGGION, 2005, p. 100-106; 230; TEMPESTA, 2009a, p. 144-174; ALMEIDA SILVA, 2010, p. 212-216) dos povos Kawahíwa podem ser uma contribuição aos estudos comparativos da família linguística Tupí-Guaraní, e mais particularmente aos estudos sobre o modelo de diversificação do sub-ramo VI dessa família linguística.

Segundo Peggion (2005, p. 86-101), os dados sobre o parentesco dos povos Kawahíwa mostram que os sistemas guardam entre si uma forte semelhança estrutural. Assim, os arranjos matrimoniais comuns a todos os Kawahíwa indicam um modelo de casamento entre primos cruzados. Para o autor, esse modelo, em linhas gerais, não destoa da exogamia de metades (LÉVI-STRAUSS, 1947, p.141), permitindo uma certa harmonia no funcionamento das regras matrimoniais.

Peggion (2005) apresenta em sua hipótese a hierarquia das metades como exercício de dominação, ou seja, para esse antropólogo, na organização da estrutura social Tupí-

²² BATALHA, L. Breve Análise Sobre o Parentesco como forma de organização social. *Instituto Superior Técnico*. Lisboa, 1995. Disponível em: <http://www.iscsp.utl.pt/~lbatalha/downloads/analiseparentesco.pdf>. Último acesso: 04 nov 2015.

Kawahíwa as metades resultam do “uso intencional e político de uma expressão ontológica do dualismo em perpétuo desequilíbrio”. Nesse caso, o autor destaca que o predomínio de uma metade sobre a outra é circunstancial e resultado da contingência. Logo, a hierarquia não se dá de maneira ostensiva, envolvendo uma série de variantes dentro de um espaço de imponderáveis. O que fica pressuposto nessa hipótese é que não seria uma confusão do antropólogo afirmar que os contatos interétnicos e intraétnicos causaram diversas mudanças nos sistemas de parentesco dos Kawahíwa. Essas mudanças, no entanto, fazem parte da **contínua construção** da identidade comum e da unidade política desses povos, o que condiz com a expressão “dualismo em perpétuo desequilíbrio” utilizada pelo autor (PEGGION, 2005, p. 192).

2.6 Povos Kawahíwa: Setentrionais e Meridionais

Nesta subseção, faço algumas considerações sobre os povos Kawahíwa, os Kayabí, os Asuriní do Xingu, os Kamajurá e os Waympi. Os dados etnográficos sobre esses povos provêm de diversas fontes (e.g., etno-história, da etnologia e da etnoarqueologia), que serão indicadas no decorrer do texto. Apresentamos também um resumo sobre informações históricas relativas aos povos em tela, de forma a melhor situá-los no contexto histórico e sociocultural do foco proposto nesta tese: o agrupamento do Kayabí ao sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1970a; RODRIGUES, CABRAL, 2002, 2012). Vejamos, a seguir, o atual quadro das terras indígenas dos povos Kawahíwa e Kayabí.

QUADRO 05: TERRAS INDÍGENAS TUPI-KAWAHIWA

Amazonas:
T.I. Nove de Janeiro (Parintintín)
T.I. Ipixuna (Parintinitn)
T.I. Tenharim
T.I. Tenharim – Gleba B
T.I. Tenharim - Sepoti
T.I. Diahói
Rondônia:
T. I. Karipúna
T. I. Uru-Eu-Wau-Wau (Jupaú, Amondáwa, Júma)
Mato grosso/Pará:
T. I. Apiaká do Pontal (Apiaká e Kawahíwa Isolados)
T. I. Apiaká-Kayabí
T. I. Batelão (Kayabí)
T. I. Piripkúra
T. I. Kawahíwa do Rio Pardo (Kawahíwa Isolados)
Os Kayabí do PIX

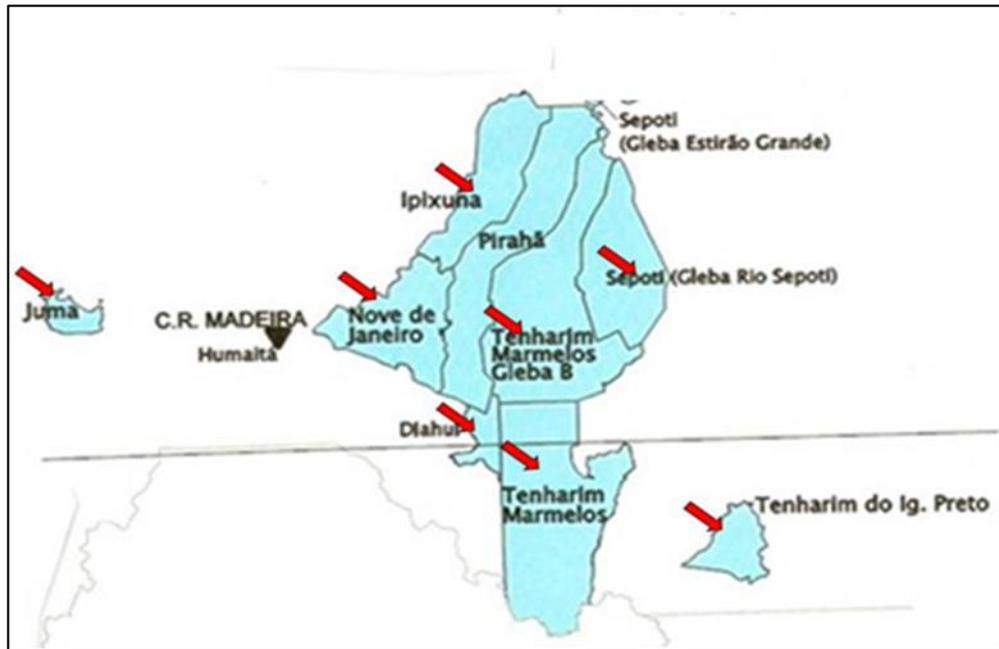
Esse quadro apresenta a denominação e localização das Terras Indígenas dos povos do complexo Kawahíwa, já incluídos aqui os Kayabí, pois um grupo convive na T. I. Apiaká-Kayabí. O Quadro 05 foi organizado com base nos estudos realizados por Peggion (2005), Tempesta (2009a), Athayde (2005, 2009), Almeida Silva (2010), França (2012) e Rebeca Silva (2013), bem como, no Mapa -T.I. Tupí-Guaraní (cf. ANEXO A) elaborado, a pedido nosso (Protocolo: 08850005910201311-SIC/FUNAI/BSB), pela Coordenação de Geoprocessamento da FUNAI/Agosto de 2013.

Importante destacar que, de acordo com Nimuendajú (1924) os Kawahíwa ao migrar do Alto Tapajós para o oeste, acabaram dividindo-se em diversos segmentos (povos). A atual localização geográfica dos povos Tupi-Kawahíwa em Rondônia, Pará, Mato Grosso e Amazonas resulta da dispersão após o contato (Kayabí, Júma, por exemplo) e expansão (e.g. Parintintín, Apiaká, Tenharim). A dispersão desses povos deu-se por causa dos diversos conflitos com os colonizadores (aqui podemos incluir a transferência dos Kayabí para o PIX, por exemplo). A dispersão desses povos não pode ser confundida com a prática comum de expansão territorial praticada pelos povos Tupí-Guaraní pelo território nacional. Vejamos no Mapa - T.I. Tupí-Guaraní (ANEXO A), a localização dos povos Kawahíwa do sul do Amazonas (Parintintín, Tenharim, Diahói e Júma), os povos Kawahíwa do centro-oeste de Rondônia (Jupáú, Amondáwa e Karipúna) e os povos do extremo norte do Mato Grosso (Apiaká, Kayabí, Piripkúra, Kawahíwa “Isolados”) e sul do Pará (Apiaká/Kayabí). A atual distribuição geográfica dos Kawahíwa poderá ser visualizada nos mapas de localização, que acompanha os comentários sobre os povos em tela.

2.6.1 Os Kawahíwa Setentrionais

Os Kawahíwa setentrionais estão distribuídos na região do médio rio Madeira, no estado do Amazonas, são eles: os Parintintín (cf. ANEXO C), os Tenharim, os Diahói e os Júma (transferidos em 1998 da região do rio Purus, hoje vivem na T. I. Uru-Eu Wau-Wau). Assim, a seguir apresentamos poucas, mas significantes informações sobre os povos incluídos no grupo Kawahíwa Setentrional.

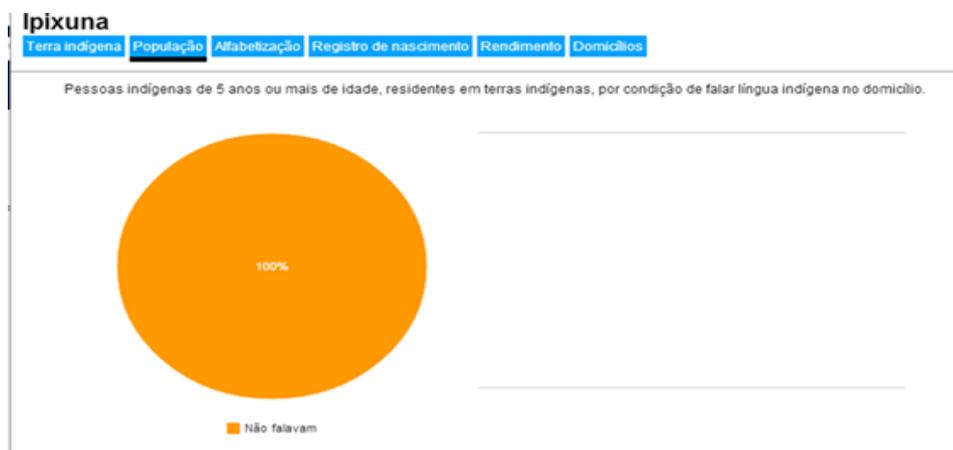
FIGURA 06: MAPA - OS KAWAHÍWA SETENTRIONAIS



FONTE: Aguilar (2013, p. 39).

Os **Pykahu-Parintintín** do Amazonas habitam em duas Terras Indígenas no município de Humaitá (T. I. Nove de Janeiro e T. I. Ipixuna), no sul do estado do Amazonas. Sua organização social é de metades exogâmicas com nomes de pássaros – Mytum ou Mytunyguera (Mutum) e Kwandu (Gavião Real), conforme Bandeira e Cardozo, (2012, p.8). A situação linguística dos Parintintín é preocupante, pois o Censo 2010 indica que não há falantes (fluentes), logo, é preciso estar em estado de alerta, pois sem falantes, a língua será extinta. De acordo como o “Atlas of the World’s Languages”, as línguas Parintintín, Apiaká, Diahói e Júma estão em situação de “Critically endangered”.

FIGURA 07: PARINTINTIN DA T. I. IPIXUNA



FONTE: IBGE - CENSO 2010

Os últimos remanescentes do povo **Júma** vivem na Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau, localizada no centro-oeste do Estado de Rondônia. Os Júma a partir da década de 1940 sofreram sucessivos ataques dos regionais. Nos dias atuais o povo Júma está reduzido a um homem e suas três filhas. Estas casaram-se com homens Uru-Eu-Wau-Wau, pois não havia mais possibilidade de casamento entre os Júma. Os filhos das Júma, segundo o princípio da patrilinearidade (cf. 2.5), são considerados Uru-Eu-Wau-Wau (SILVA, 2010, p.31). De acordo com França (2010, p. 80), há muitas conexões entre esses dois povos, sendo “provável que em tempos não muito remotos eles tenham sido um só povo”.

FIGURA 09: AS INDÍGENAS MANDEÍ E MAITÁ JUMA, COM OS FILHOS E MARIDOS URU-EU-WAU-WAU (JUPAUÍ).

FIGURA 10: ARUKÁ, O ÚLTIMO HOMEM DA ETNIA JUMA.

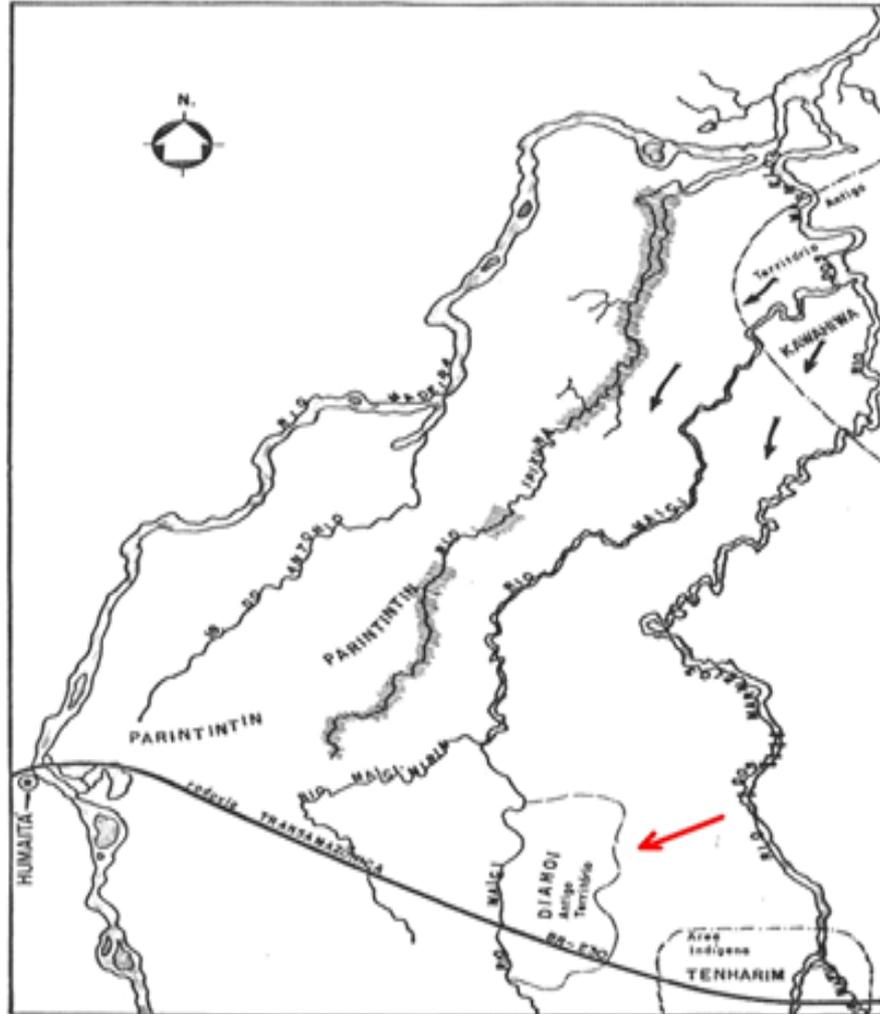


FONTE: Ana Maria Aguilar – Aldeia Traíra/Parintintín - Julho de 2012.

Os **Diahói**, também denominados “Jiahui”, um povo de filiação linguística Tupí-Guaraní, assim como os Parintintín e os Tenharim autodenomina-se Kawahíwa. Os Diahói vivem na região do curso médio do Rio Madeira, ao sul do Estado do Amazonas. A atual grafia – Diahói – resulta de uma opção dos próprios índios (Nilcélio Jiahui, conversa pessoal, 2013). Segundo Peggion (2002), circunstâncias históricas quase exterminaram o grupo, que teve suas terras ocupadas por fazendeiros. Nessa época, os Diahói passaram a viver em cidades vizinhas, ou junto aos Tenharim. A partir de 1998 com o processo de retomada do território indígena,

esse povo vem buscando garantir sua sobrevivência física e cultural. Segundo Paiva (2005, p. 54), as metades exogâmicas dos Diahói são Mutum e Arara Taravé, semelhante aos Tenharim.

FIGURA 11: MAPA - LOCALIZANDO OS DIAHÓI - VITOR HUGO DE 1959



FONTE: Peggion (2005).

Os estudos de Peggion (1996, 2005, 2006) e de Menéndez (1981, 1989) sobre o povo **Tenharim**, apresentam importantes informações sobre a organização social, sistema de parentesco, ritual e alteridade desse povo, que nos dias atuais vive em suas Terras Indígenas (Rio Marmelos, Igarapé Preto e Sepoti). Segundo esses dois estudiosos, o contato dos Tenharim com os colonizadores remonta ao século XIX; mais diretamente nos anos em que foi aberta a BR 230, a Transamazônica. O sistema de parentesco segue o tipo praticado pelos povos Kawahíwa: metades exogâmicas - Mutum e Arara Taravé (PEGGION, 2005, p. 86), residência uxorilocal, descendência patrilinear e o sistema de parentesco é com casamento de primos cruzados.

2.6.2 Os Kawahíwa Meridionais

O grupo dos Kawahiwa Meridionais, de acordo com Aguilar (2013), no contexto atual, é constituído pelos Jupauí (Uru-Eu-Wau-Wau), os Amondáwa, os Karipúna, os Apiaká, os Kayabí e os Piripkúra. Este agrupamento é parte do foco desta tese, uma vez que buscamos evidências que corroborem a hipótese da inclusão dos Kayabí no sub-ramo VI da família Tupi-Guaraní (Rodrigues e Cabral, 2002). Assim sendo, destacamos que os povos Kawahíwa Meridionais estão distribuídos na região do rio Machado, no centro-oeste estado de Rondônia, noroeste de Mato Grosso e sul do Pará. Ou seja, a distribuição geográfica desses povos está dentro da área etnográfica denominada “Amazônia Centro Meridional, de acordo com os estudos etnográficos do antropólogo Julio Cezar Melatti (2011, cap. 23, p. 5-6, 13). Semelhante ao que informamos em 2.3. Nesta subseção apresentamos algumas informações sobre os povos Kawahíwa meridionais. Mas, neste caso, apresentamos mais detalhes sobre a localização por se tratar do grupo em que incluímos os Apiaká, os Kayabí e os Piripkúra na classificação dos Kawahíwa Meridionais proposta por Kracke (2007).

Os **Karipúna** vivem na aldeia Panorama (LEÃO, AZANHA, MARETTO, 2004, p. 13; MEIRELES, 1983, p. 108-109) que fica na TI Karipúna localizada em Porto Velho e em Nova Mamoré, municípios de Rondônia. A TI tem como limites naturais os rios Jacy-Paraná e seu afluente pela margem esquerda, o rio Formoso (a leste); os igarapés Fortaleza (ao norte). Silva (2013, p. 40)²³ citando Paiva (2000, 2005), afirma que língua Karipúna de Rondônia pode ser classificada como pertencente ao grupo Tupi- Kawahíwa. Paiva (2005, p. 54) nos informa que as metades exogâmicas dos Karipúna são Mutum e Tucano/Taravé.

Os **Uru-Eu-Wau-Wau**, etnônimo bastante difundido entre os indígenas e não-indígenas da região etnográfica Tapajós-Madeira, ou Amazônia Centro Meridional, autodenominam-se “Jupauí”. Segundo Peggion (2005, p.65), essa denominação (Uru-Eu-Wau-Wau) foi dada pelos Oro-wari, povo Txapakura que vive na mesma região. A Terra Indígena (TI) Uru-Eu-Wau-Wau é a maior TI do estado de Rondônia, com 1.867.117 ha, abarca 7,68% do Estado; está totalmente regularizada, mas possui sérios problemas devido à sobreposições de glebas de assentamento do INCRA (TEIXEIRA, 2011, p. 385). De acordo com Sampaio (2001, p.28), os Uru-Eu-Wau-Wau tiveram os primeiros contatos em 1981 e já se

²³ Minha gratidão aos professores MSc. Rebeca Silva e Dr. Valdir Vegine (UNIR) pelos textos e informações sobre os Karipúna de Rondônia.

autodenominavam “Cagwarip”. De acordo com França (2012, p. 88), as metades exogâmicas do Jupaú são o Mutum e a Arara (Kanidé).

O primeiro contato com o povo **Amondáwa** aconteceu em 1986. De acordo com Sampaio (1997, p. 10), o Amondáwa são “aparentados dos Parintintín e Tenharim, os quais segundo Menendez (1984, MANCIN, 1984, p.2) se denominam, respectivamente, Kawahiva e Kawahib”. O sistema de metades exogâmicas patrilineares é semelhante ao dos Uru-Eu-Wau-Wau: Mutum e Arara (PEGGION, 2005, p. 13; FRANÇA, 2012, p.89). Os Amondáwa vivem na região central de Rondônia, localizada no município Mirante da Serra, na Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau. Em 1998, criaram a Associação do Povo Indígena Amondáwa (APIA), com o objetivo de promover o autodesenvolvimento da comunidade.

Os **Apiaká** formavam um povo numeroso e guerreiro, viviam originalmente na bacia do rio Tapajós, na Amazônia meridional. Nos dias atuais, vivem em aldeias localizadas nos rios dos Peixes, Teles Pires e Juruena, no norte de Mato Grosso, bem como, em cidades dos estados do Pará, Mato Grosso e Amazonas. De acordo com Tempesta (2010a, p.78), na virada do século XIX para o século XX, aconteceu um “violento decréscimo populacional, devido a epidemias e a massacres empreendidos por particulares atuantes na frente extrativista da borracha”.

Essa história é parecida com o que aconteceu com os Diahói, os Amondáwa, os Júma e os Karipúna, e outros povos indígenas, que após o contato foram cruelmente massacrados. Sabe-se que os Apiaká, até a década de 1980, chegaram a ser considerados extintos. Contudo, o povo conseguiu reverter esse quadro. Essa dizimação e a dispersão por toda a região promoveu o casamentos com imigrantes, negros, nordestinos, outros povos indígenas, gerando a categoria “misturado” (TEMPESTA, 2009a, p.105), conceito “ eminentemente político” que se refere a relações de parentesco, o qual remete, necessariamente, à história dos Apiaká. Conforme a autora, a organização social dos Apiaká é com base na família extensa, com tendência à uxorilocalidade (TEMPESTA, 2009a, p.24). De acordo com o “Atlas of the World’s Languages” da UNESCO, algumas línguas dos complexo Kawahíwa correm sério risco de extinção (cf. ANEXO B). A língua Apiaká foi classificada na categoria “Critically endangered”, mas com a morte do único falante vivo de que se tinha notícia, a língua tem sido considerada extinta. Mas, essa não é uma situação finalizada, pois com os dados e registros feitos sobre a língua e a participação de “lembradores”, os Apiaká estão desenvolvendo um projeto²⁴ para revitalizar e fortalecer a língua e a cultura.

²⁴ A pesquisadora Prof. Suseile Andrade Sousa está realizando pesquisa sobre a língua Apiaká por meio do projeto de pesquisa intitulado "Uma gramática pedagógica da Língua Apiaká: falas da vida cotidiana da época em que o povo Apiaká usava a língua materna como língua de comunicação".

Sobre a Terra Indígena Apiaká do Pontal e Isolados, considero importante destacar a coexistência de dois padrões de ocupação em relação de estreita complementaridade:

- **Os Apiaká do Pontal** - às margens dos rios Teles Pires e Juruena, no curso baixo.
- **Vestígios da presença de índios isolados** - porção central da área, entre as cabeceiras e o curso médio do rio São Tomé e os igarapés da Eufrásia, das Almas, do Anil, São Tomezinho, São Florêncio e Bração.

QUADRO 06: GRUPO DE FAMÍLIAS EXTENSAS APIAKÁ

FAMÍLIAS EXTENSAS	LOCALIZAÇÃO
Morimã	Rio dos Peixes – T.I. Apiaká-Kayabí
Paleci	rios Anipiri e ao médio Teles Pires
Kamassori	rios Anipiri e baixo Teles Pires
Xivico Apiaká	baixo Juruena
Apiaká “puros”	Rio São Tomé onde ainda viveriam os Apiaká isolados

As aldeias Apiaká:

- ✓ **No estado do Mato Grosso:**
 - Mayrob e Figueirinha, no Rio dos Peixes (TI Apiaká-Kayabi).
 - Pontal (na área delimitada), no rio Juruena.
 - Minhocuçu e Mairowy, no rio Teles Pires (TI Kayabí, declarada).
- ✓ **No estado do Pará:**
 - Vista Alegre e Bom Futuro, no rio Teles Pires (TI Munduruku, homologada).

Blocos microrregionais de aldeias Apiaká:

- No Rio dos Peixes, cujo centro político é Mayrob.
- Nos rios Teles Pires e Juruena, tendo por centro Mairowy.

O destaque dado aos Apiaká, nesta subseção, deve-se ao objetivo de compreender a afinidade Kawahíwa ser “maior com os Apiaká e Kayabí”, segundo Menéndez (1989, p. 140), e por a língua Apiaká estar agrupada ao lado do Kayabí na revisão da classificação da família Tupí-Guaraní realizada por Rodrigues e Cabral (2002, p. 334, 336). Entendo que a identificação Kawahíwa entre os Kayabí e os Apiaká, e destes com os Parintintín (Kawahíwa) conforme apresentado por Nimuendajú (1924, p. 262), contribui para o levantamento, seleção e análise contrastiva de dados linguísticos que nos possibilitem identificar as semelhanças ente as línguas

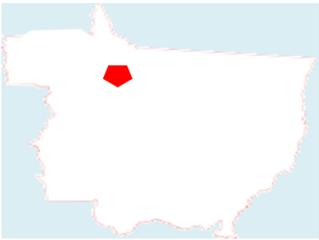
do sub-ramo VI e o Kayabí. Sobre a identificação da língua Parintintín (Kawahíwa) com a língua Apiaká, Nimuendajú (1924, p. 261) afirma que:

A língua dos **Kawahiwa-Parintintín** é Tupi puro; ella é a mesma dos bandos de **Kawahib** chamados “Tupi” no Alto Machado e, como já o affirmam as relações antigas, é **parente muito proximo do Apiaka**, motivo porque Martius via nos “**Cahahibas**” e **Apiacás** os representantes principaes dos seus Tupis Centraes. (Grifos meus).

Estudos realizados por Cabral (2009, 2010) sobre o parentesco linguístico dos **Piripkúra** e estudos realizados por Denófrío (2012, 2013) sobre a etnografia desse povo, nos informam que são indígenas da etnia Tupí-Guaraní. Sobre o parentesco dos Piripkúra com outros povos Kawahíwa, Denófrío (2013, p.12) destaca que “Les Karipúna, les Uru-eu-wau-wau et les Piripkúra sont tous des collectifs de langues Kagwahiva qui on été contactés (par défaut d’une expression plus juste) par l’État brésilien entre les années 1970 et 1980”. A existência do povo Piripkúra está em situação crítica, pois contam, na atualidade, com um total de três indígenas, dois homens que vivem em situação de isolamento voluntário no extremo norte de Mato Grosso, e uma mulher casada com um Karipúna (DENÓFRIO, 2013, p.11).

Cabral (2009) analisou dados linguísticos da língua Piripkúra e classificou essa língua no sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní, agrupando-a, portanto, no complexo Tupí-Kawahíwa (cf. QUADRO 24). No relatório de pesquisa de campo e laudo linguístico da língua Piripkúra, a autora esclarece que a língua falada pelos Piripkúra “apresenta características que, por um lado a aproxima do Uru-Eu-Wau-Wau, do Amondáwa e do Karipúna, mas possui outras características que a aproximam do grupo Parintintín, Jiahói e Tenharim” (CABRAL, 2009, p. 8). A associação da língua Piripkúra, Apiaká e Kayabí ao complexo Kawahíwa, bem como outras questões relacionadas à classificação interna desse complexo, é um estudo que está sendo desenvolvido por pesquisadores do LALLI/UnB sob a coordenação da referida pesquisadora. Esta tese faz parte desse estudo.

QUADRO 07: T. I. PIRIPKÚRA

Etnia	Kawahíwa	 <p>Superfície aproximada de 242.500 ha e Perímetro aproximado de 284 km</p>
Extensão Ha.	Em identificação	
População (ano)	- 2 (3)	
Município	Colniza e Rondolândia,	
Situação jurídica e fundiária	Proposta de interdição Processo FUNAI/BSB/ 28870.002058/85	

FONTE: Site Olhar Indígena²⁵.

2.7 Sobre os Kawahíwa considerados isolados

De acordo com a Funai, os chamados povos indígenas isolados, ou povos em situação de isolamento voluntário são assim denominados por não terem sido contatados oficialmente por essa instituição. O isolamento pode ser dividido em dois tipos: como situação e como conceito. O primeiro está relacionado ao encerramento de índios que antes participavam de redes de povos; e o segundo, refere-se à ideia que a sociedade tem dos índios que vivem em isolamento.

Dentre os Kawahíwa meridionais temos os indígenas recém contatados (os Piripkúra) e os indígenas “isolados” que estão localizados em duas terras indígenas: a Terra Indígena Kawahiva do Rio Pardo, no noroeste de Mato Grosso, e a Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau, no centro-oeste de Rondônia. Sabe-se que referências sobre os Kawahíwa no noroeste de Mato Grosso existem desde 1750 (NIMUENDAJÚ, 1948, p. 283; MENÉNDEZ, 1981, p. 365; STUCHI, 2010, p. 20, 85). Quanto à terminologia utilizada para se referir ao coletivo indígena “recém” contatado, Vaz (2001, p. 20) explica que esse termo está relacionado aos grupos indígenas que apresentam pouca compreensão das sociedades consideradas majoritárias, com seus códigos e valores, e dos prejuízos que essa falta de compreensão possa causar “a integridade física, social ou psicológica desses povos”.

²⁵ Terra Indígena Piripkúra. Disponível em:<
http://www.olharindigena.com.br/Website/index.php?option=com_content&task=view&id=71&Itemid=28>

Sob essa perspectiva, no contexto da política indigenista, o termo “isolado” é usado como uma categoria administrativa para se referir aos indígenas que recusam o contato com a sociedade envolvente. Contudo, é um termo que traz consigo uma ideia etnocêntrica, pois sugere que o “isolamento” desses indígenas acontece “simplesmente porque não mantêm com os brancos determinado tipo de relação”, quando essa pode ter sido uma decisão indígena de não fazer o contato com os brancos (FRANÇA, 2012, p. 25).

A TI Kawahiva do Rio Pardo²⁶ fica localizada no município de Colniza (MT), na margem esquerda do rio Aripuanã, divisa com o estado do Amazonas. A área é habitada por um grupo indígena autônomo (também chamado de “isolado”), que vive na floresta, sem relações diretas com a sociedade nacional, sofrendo ameaças de madeireiros que atuam na região.

FIGURA 12: MAPA - KAWAHÍVA DO RIO PARDO



FONTE: Arte TV Globo²⁷

No dia 14 de março de 2007, a Funai aprovou e publicou o Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Kawahiva do Rio Pardo, com superfície de 411.848 hectares. Na mesma data foi publicada a Portaria nº 170/2007 de restrição ao direito de ingresso, locomoção e permanência, no local, de pessoas que não fossem da Funai.

²⁶ A “Figura 12: Mapa - Kawahiva do Rio Pardo” está disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2013/08/imagens-ineditas-mostram-tribo-que-ainda-vive-isolada-na-amazonia.html>.

²⁷ Imagens inéditas. Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2013/08/imagens-ineditas-mostram-tribo-que-ainda-vive-isolada-na-amazonia.html> >

QUADRO 08: KAWAHÍVA DO RIO PARDO E ISOLADOS

Etnia	Tupi Kawahíwa	
Extensão Ha.	411.848,0000	
População (ano)	290 habitantes (2006)	
Município	Colniza/MT Nova Aripuanã/AM	
Situação jurídica e fundiária	Identificada/Delimitada Disp.022/FUNAI/PRES DE 09/03/2007	

FONTE: Site Olhar Indígena – CENSO 2007²⁸.

2.8 Os Povos Kayabí, Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampí

O povo **Kayabí**, autodenominado mais recentemente de *Kawaiwete* (cf. 2.3), de acordo com o censo de 2010, possui uma população de cerca de 1800 indígenas distribuídos geograficamente em diferentes áreas do sul da Amazônia brasileira: na TI Kayabí (sul do Pará), na TI Apiaká-Kayabí, na TI Batelão²⁹ (noroeste do Mato Grosso) e no Parque Xingu (nordeste do Mato Grosso). A população dos Kayabí do PIX, conforme estudos realizados sobre a fecundidade (PAGLIARI, 2003), vem crescendo nos últimos anos. As primeiras notícias sobre os Kayabí datam do século XIX, quando expedições de mapeamento dos rios e etnográficas percorrem a região e encontram seus vestígios ou relatam referências feitas por seus inimigos tradicionais, como os Munduruku e os Bakairi (GRÜNBERG, 2005; PAGLIARO, 2002; WEISS, 1998).

A história dos Kayabí não é tão diferente da triste história dos Apiaká, dos Júma, ou dos outros povos Kawahíwa. Refiro-me, especificamente à situação atual dos Kayabí situados na TI Kayabí, no sul do Pará, próximo ao rio Teles Pires e os Kayabí que vivem no noroeste de Mato Grosso, às margens do rio dos Peixes, localizados na TI Apiaká-Kayabí, pois a exemplo de outros povos indígenas do complexo Kawahíwa, é extremamente delicada a situação em que estão no contexto atual, principalmente as relações interculturais, que, na maioria das vezes, é marcada por uma falta de compreensão e respeito às especificidades da etnia. Motivo por que na década de 1960, uma parte foi transferida para o Parque Nacional do Xingu, hoje denominado Parque Indígena do Xingu (PIX). Cabe ainda registrar que no Censo 2010 não há dados específicos sobre os Kayabí do PIX, mas estudos como o de Pagliaro (2002)

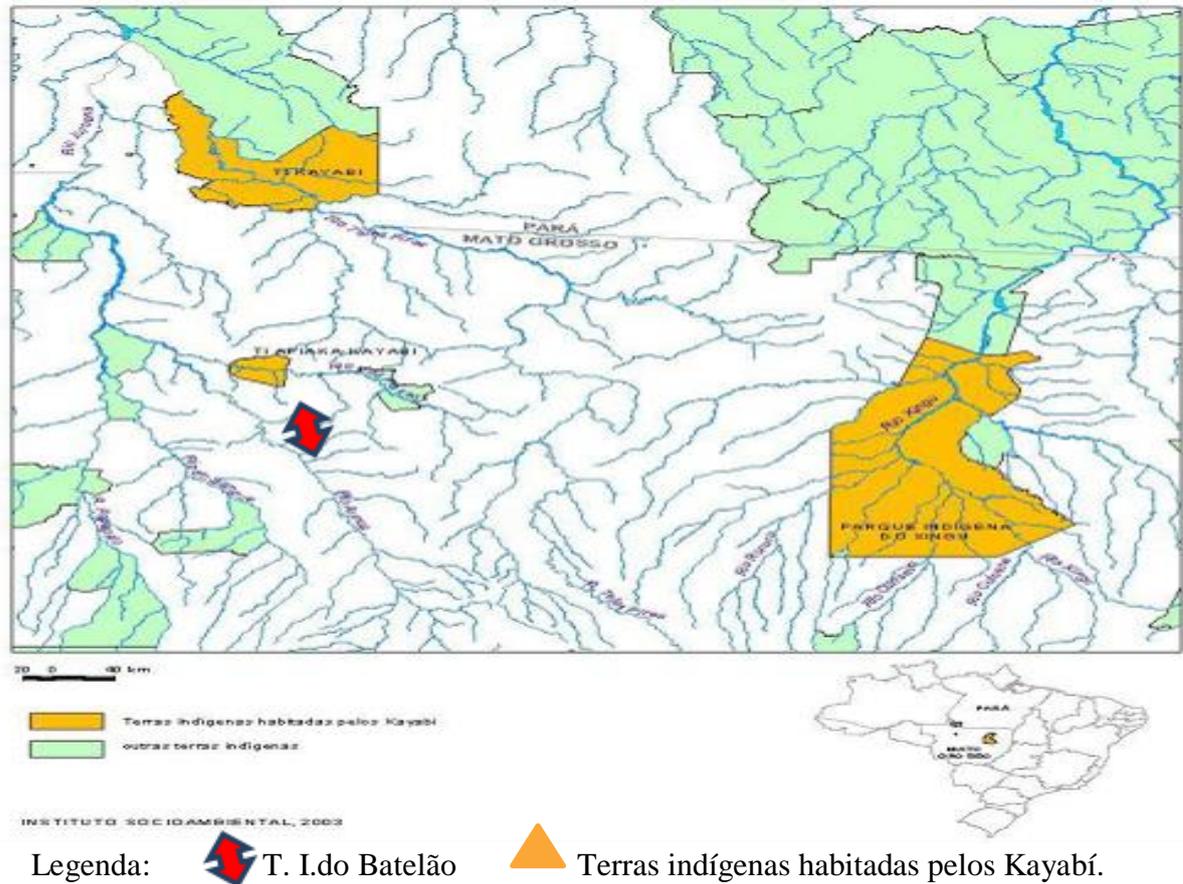
²⁸ Terra Indígena Kawahíwa do Rio Pardo. Disponível em:

<http://www.olharindigena.com.br/Website/index.php?option=com_content&task=view&id=72&Itemid=28>

²⁹ A T. I. do Batelão está próxima à TI Apiaká-Kayabí.

e Atahyde (2003, 2010), entre outros, registram que os Kayabí do PIX são bilingues (falam as línguas Kayabí e Português do Brasil). Nesse grupo, a primeira língua é o Kayabí, a língua materna.

FIGURA 13: MAPA - DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS KAYABÍ



FONTE: Atayde, 2003, p.22. –“Location of Kaiabi indigenous lands and of Xingu Indigenous Park (in yellow) in Mato Grosso and Pará states, in the southern Brazilian Amazon. The green patches are other indigenous lands in the region.”

Os **Asuriní do Xingu** estão localizados próximo à cidade de Altamira, sudeste do Pará, na TI Koatinemo, à margem direita do Rio Xingu, pertencem à família Tupí-Guaraní. As primeiras notícias que se tem sobre esse povo datam do século XIX. A língua Asuriní do Xingu está inserida no sub-ramo V da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1984-1985; RODRIGUES, CABRAL, 2002, 2012). Sobre a história desse povo, os estudos realizados por Nimuendajú (1948) e Coudreau (1977) descrevem como ocorreram os primeiros contatos. Existem, conforme Pereira (2009, p. 44), dois povos denominados Asuriní: um que vive em

Trocará e outro que vive no Xingu, mas a literatura sobre esses dois povos os apresentam como grupos distintos.

Segundo Pereira (2009, p.45), os Asurini do Xingu se autodenominam *avaite* ‘gente de verdade’ em oposição a *karai* ‘não indígena’, este termo é, ao que parece, um palavrão na língua Asuriní do Xingu. De acordo com Solano (2004, p.20), os Asuriní do Xingu são também conhecidos como os Asuriní do Koatinemo, porque “O Posto Indígena fundado em 1972 na área habitada pelo Asuriní é chamado de “Koatinemo”. Nesta tese, para realizar a comparação entre as línguas em tela, tomamos como base as descrições da Língua Asuriní do Xingu realizadas por Nicholson (1978, 1982), Monserrat (1998), Solano (2004, 2009), Silva (2010) e de Pereira (2009, 2015).

O povo **Kamajurá**³⁰ é um povo Tupí-Guaraní, que vive na região dos formadores do rio Xingu, ao norte do estado do Mato Grosso. Karl von den Steinen (1940; 1942), em 1884 e 1887, apresenta as primeiras referências aos Kamajurá. Atualmente, habitam em duas aldeias: a Ipawu e a Morená (PAGLIARO, 2004, p.2). A primeira está localizada próxima da lagoa sagrada do mesmo nome, e Morená está ao norte, na junção dos rios Culuene, Batovi e Ronuro, que formam o rio Xingu. A língua dos Kamajurá está classificada no sub-ramo VII da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1984-1985; RODRIGUES, CABRAL, 2002, 2012). De acordo com Paltu Kamaiwrá (2010, p.13, 20) a língua Kamajurá “é de tradição oral” e o nome verdadeiro do povo é “Apyap”. Sobre o Kwaryp Kamajurá, a organização social, mitos e sistema de parentesco, é fundamental a leitura dos estudos realizados por Junqueira (1979, 2004, 2009), Galvão (1979), Villas Bôas (2000) e Samain (1980). Importantes estudos descritivos sobre a língua Kamajurá são os de Paltu Kamaiwrá (2010) e Lucy Seki (2000a, 2000b, 2014).

Os **Wayampí** foram localizados no século XVII próximo ao baixo Xingu. Daí imigraram para a região onde vivem nos dias atuais: noroeste do Amapá e no sul da Guiana Francesa (GALLOIS, 1988, p.2; SOLANO, 2004, p. 23). A região do Amapari³¹ é a área de concentração atual dos Wayampí que vivem no Brasil; é uma região delimitada pelos rios Oiapoque, Jari e Araguari, no Amapá. Sobre o parentesco entre os Wayampí do Amapari e os do Oiapoque, segundo Gallois (1988, p.5) há uma distância “que se manifesta no modo de vida” [...],” divergências no léxico, no repertório musical, no acervo de nomes próprios e em modalidades técnicas ou estilística”. Solano (2004, p.14, 22), esclarece que a significação

³⁰ Adotei, nesta tese, a grafia Kamajurá, pois fui informada por Paltu Kamaiwrá (comunicação pessoal) que o povo tem preferido essa grafia, ao invés de Kamaiurá.

³¹ Wajãpi. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/wajapi/840>>

etimológica do nome Wayampí corresponderia a “os adversários que acertam (os inimigos)”, e destaca que as duas variedades do Wayampí faladas no Brasil, Oyampí e Wayampípukú, foram incluídas no sub-ramo VIII da família linguística Tupí-Guaraní (RODRIGUES, CABRAL, 2002). Importantes estudos descritivos sobre a língua Wayampí são os de Jensen (1984), Grenand (1975) e Solano (2004).

2.9 Considerações gerais

Como se pode depreender das subseções acima, fiz nesta seção uma breve descrição etnográfica sobre os povos estudados. No estudo apresentado nesta tese, tivemos em conta que se a língua é uma forma de expressão cultural, não se pode falar em parentesco genético das línguas Kawahíwa, ou estudar a classificação interna das línguas Tupí-Kawahíwa, sem o conhecimento, ainda que básico, da **etno-história** e **etnografia** (CURT, 1924; MENÉNDEZ, 1989; PEGGION, 2005; SILVA, 2010; TEMPESTA, 2010a; ATHAIDE, 2010; FRANÇA, 2012; DENÓFRIO, 2013; da **etno-arqueologia** (MILLER, 2009; STUCHI, 2010) e o conhecimento sobre **áreas etnográficas** dos povos indígenas em estudo (MELATTI, 1987, 2011, 2014), pois, como verificamos no levantamento bibliográfico sobre a origem, dispersão e expansão dos povos em tela, tais estudos descrevem e, de certo modo, conectam os povos Kawahíwa do sul do Amazonas (Parintintín, Tenharim, Diahói e Júma) com os povos Kawahíwa do centro-oeste de Rondônia (Jupaú, Amondáwa e Karipúna) e com os povos do extremo norte do Mato Grosso (Apiaká, Kayabí, Piripkúra, Kawahíwa “Isolados”) e sul do Pará (Apiaká/Kayabí).

Portanto, nesta seção desenvolvi uma apresentação, ainda que resumida, dos povos cujas línguas – Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampí – estão incluídas, nesta tese, especificamente na análise contrastiva (vide Seção 6) com as línguas Kawahíwa e Kayabí, com o objetivo de identificar e compreender as semelhanças e as diferenças entre essas línguas. Portanto, esta seção teve o objetivo de colaborar para o esclarecimento do grau de parentesco linguística e cultural entre o Kayabí e as línguas dos sub-ramos VI, V, VII e VIII da família Tupí-Guaraní, (RODRIGUES, CABRAL, 2002). Considero importante enfatizar que na pesquisa etnolinguística sobre esses quatro sub-ramos, não encontrei estudos linguísticos descritivos que agrupem as línguas Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampí ao complexo Tupí-Kawahíwa.

Assim, a identificação entre os Júma e os Uru-Eu-Wau-Wau (FRANÇA, 2010, p. 80) parece reafirmar que a autodenominação “Kawahíwa” está relacionada aos vínculos históricos, linguísticos, culturais e políticos dos povos incluídos nos grupos Kawahíwa Setentrionais e Kawahíwa Meridionais. O que nos remete à identidade e identificação entre os Kayabí e os Apiaká (cf. MENÉNDEZ, 1989, p. 140), entre os Kayabí e os Parintintín (LEMLE, 1971, p. 129), entre os Diahói³², Parintintín e os Tenharim (BETTS, 1981, p.64; PEGGION, 1996, p.20), entre os Amondáwa, Tenharim, Parintintín e os Uru-Eu-Wau-Wau (SAMPAIO, 1997, p.10-11; PEASE, BETTS, 1991, p.ii), entre os Karipúna³³ de Rondônia e os Uru-Eu-Wau-Wau (PAIVA, 2005, p.26-27), entre os Piripkúra e os Isolados Kawahíwa do Rio Pardo (CHRIST, 2009, p. 132); e uma identificação linguística entre os Amondáwa, Uru-Eu-Wau-Wau, Karipúna e os Piripkúra (DENÓFRIO, 2012-2013, p. 12-15; CABRAL, 2009). Desse modo, entendo que os Kayabí, Apiaká, Piripkúra, Karipúna, Uru-Eu-Wau-Wau, Amondáwa, Parintintín, Diahói, Júma e os Tenharim são parte de um mesmo **grupo Linguístico-Antropológico, o grupo Tupí-Kawahíwa**. Neste sentido, considero fundamental o acesso, a leitura e estudos dos textos referenciados da Antropologia, Arqueologia, História e Geografia, pois tais obras contribuem para entendermos a questão das afinidades culturais, históricas e linguísticas entre os Tupí-Kawahíwa em tela nesta tese.

Convém ainda sublinhar que esses estudos, em diálogo, com os estudos linguísticos (ABRAHAMSON, 1974; BETTS, 1981, 2012; DOBSON, 1973, 1997, 2005; NICHOLSON, 1982; RODRIGUES, 1984-1985, 1985; JENSEN, 1984; PEASE, BETSS, 1991; PEASE, 2009; SAMPAIO, 1997, 2001; MONSERRAT, 1998, 2000; BRANDON, SEKI, 1984; SEKI, 2000a; WEISS, 1998, 2005; RODRIGUES, CABRAL, 2002, 2012; SOLANO, 2004, 2009; PÁDUA, 2007; SILVA, 2010; CORREIA-DA-SILVA, 2010a, 2010b; FAULSTICH, 1998, 2011), podem ser utilizados para apontar e/ou confirmar evidências que contribuam para a identificação, descrição e análise de semelhanças e diferenças entre as línguas estudadas.

³² Os Diahói, também chamados “Jahui” seriam “parentes dos Parintintín”, segundo Betts (1981, p.64, 74, 209)

³³ Sobre a tradição compartilhada com os Uru-Eu-Wau-Wau, ver informações disponíveis em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Karipúna-de-rondonia/1335>

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

3.1 Considerações iniciais

Nesta seção apresento os pressupostos teórico-metodológicos utilizados no desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratório-comparativa. Descrevo, portanto, o conjunto de procedimentos teórico-metodológicos pelos quais trabalhei para investigar, testar, analisar e avaliar as correspondências etnolinguísticas entre os povos e as línguas Kayabí, Parintintín, Jupaú, Amandáwa (e outras línguas do sub-ramo VI), Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampí.

Para tanto, foi realizado um processo de sondagem que incluiu: pesquisa bibliográfica e webgráfica, uma pesquisa sociolinguística com os Kawahíwa, pois uma parte do trabalho de campo foi realizada com participação de indígenas dos povos Parintintín, Tenharim, Uru-Eu-Wau-Wau, Júma e Diahói.

A pesquisa de campo teve como objetivo obter informações sociolinguísticas sobre a cultura, o conhecimento e o uso da língua materna pelos Kawahíwa. Assim sendo, foram utilizadas diferentes metodologias, dentre as quais: entrevistas, aplicação de questionários e observação direta. Para a obtenção das informações históricas, linguísticas e culturais obtidas junto aos Kawahíwa foram aplicadas entrevistas diretas e/ou questionários.

As entrevistas foram realizadas com representantes Parintintin, Juma, Uru-Eu-Wau-Wau, Tenharim e Diahói. Essa entrevistas foram gravadas em sistema digital. A observação direta aconteceu junto aos Parintintin, nas aldeias Traíra, Pupunha e Canavial. Essa observação foi um procedimento geral e constante. Os dados obtidos foram registrados por escrito e por meio de documentação visual ou audiovisual

A pesquisa sociolinguística realizada junto aos Parintintín possibilitou também contribuirmos para o registro de dados linguísticos, de músicas e histórias contadas pelos mais velhos com a participação de diversos membros da comunidade, dentre os quais destacamos os caciques e os professores (cf. ANEXO I: FOTOS).

No trabalho de coleta de dados, no primeiro semestre de 2015, contei também com a colaboração de professores-pesquisadores indígenas Kamajurá (cf. ANEXO I: FOTOS), quando estiveram na Universidade de Brasília (UnB) participando de atividades relacionadas

ao Projeto Atlas Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil (ASLIB), projeto realizado pelo Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/UnB) em parceria com a Universidade Federal do Pará (UFPA).

A abordagem histórico-comparativa embasa o referencial teórico e metodológico desta pesquisa, classificada como colaborativa, porque contei com a participação de vários indígenas das etnias Kawahíwa e Kamajurá.

3.2 Linguística Histórica: uma breve descrição

A tese pretende, com base nos resultados obtidos, fundamentar o agrupamento do Kayabí ao complexo Kawahíwa, que parece constituir uma protolíngua³⁴. A partir desse objetivo geral, apresento, inicialmente, um panorama da Linguística Histórica (cf. 3.2) a título de contextualização, para em seguida discorrer sobre a metodologia utilizada, com enfoque no Método Histórico-Comparativo (cf. 3.3).

Adota-se, neste trabalho, o Método Histórico-Comparativo tal como vem sendo concebido na linha seguida por estudiosos como Meillet (1908, 1921, 1925), Hamp (1969), Lehmann (2006 [1962]), Kaufman (1990), Campbell (1998), Hock (1986), Labov, Wenrich e Herzog (1968). No que diz respeito aos estudos histórico-comparativos das línguas Tupí-Guaraní, seguimos os ensinamentos de Rodrigues (1985, 1984-1985, 2001), Rodrigues, Cabral (2002, 2012, 2013), Cabral (2000, 2001), Silva Fernandes (2010), Correia-da-Silva (1997, 2010), Martins (2011), Solano (2009), Sousa (2013) e Dietrich (1990, 2001), entre outros.

A Linguística Histórica, principal foco teórico deste trabalho, tem como objetivo fundamental a identificação das línguas geneticamente aparentadas, e, portanto, possibilita a investigação sobre a reconstrução dos traços linguísticos, bem como o estudo sobre o desenvolvimento histórico das línguas estudadas (KAUFMAN, 1990). Para tanto, faz-se necessário a aplicação do Método Histórico-Comparativo, pois, tem sido considerado o “mais importante dos vários métodos e técnicas que nós usamos para recobrir a Linguística Histórica” (CAMPBELL, 1998, p. 108). Assim sendo, a inter-relação entre a perspectiva teórica e o método adotados neste trabalho, permitirão compreendermos o estabelecimento das relações genéticas entre as línguas estudadas, além de contribuir para a compreensão e para a revisão dos processos de reconstrução interna das línguas do complexo Kawahíwa.

³⁴ É nossa intenção desenvolver futuramente um estudo sobre os dados disponíveis das línguas desse complexo linguístico tendo em vista a hipótese de uma protolíngua intermediária.

Nesse sentido, é importante notar que o início de estudos sobre mudança linguística data do final do século XVIII, mas, é somente no século seguinte que a linguística histórica passa a desenvolver-se como ciência, para no século XX, num contínuo processo de avanço científico, introduzir a dimensão sociológica nas pesquisas sobre relações genéticas entre línguas e nos estudos sobre os processos de reconstrução lexical. Isto acontece porque entende-se que a mudança linguística não é um fenômeno independente do contexto social, uma vez que a história da língua está associada à história de seus falantes (THOMANSON, KAUFMAN, 1991, p.4). Esse processo de refinamento da linguística histórica e do método histórico-comparativo possibilitou a reformulação de concepções sobre mudança linguística e a introdução, ainda que tímida, da etno-história, o que fortaleceu o papel da pluridisciplinaridade e favoreceu a inter-relação das ciências humanas.

Mas, o início da linguística histórica foi marcado por uma “certa dose de impressionismo e assistemática” (ILARI, 2002, p.17). Esse quadro começou a mudar no início do século XX quando essa ciência ganhou caráter comparativista. Assim, o estudo comparativo sobre as semelhanças e diferenças entre línguas distantes no espaço e no tempo passa a exigir inter-relações com várias outras ciências (por exemplo, a história, a arqueologia, a literatura e a geografia) e apresenta a necessidade de se fazer interface com os conhecimentos socioculturais dos falantes das línguas ou das famílias linguísticas investigadas. Desde então, com um caráter genético, a linguística histórica desenvolve estudos sistemáticos das línguas.

A origem da Linguística Histórica, final do século XVIII, está intimamente ligada à história do estudo de reconstrução de uma protolíngua, que tem seu início com o discurso sobre semelhanças e diferenças entre o sânscrito, o grego e o latim realizado por William Jones, em 1786, à Sociedade Asiática de Bengala, que resultou na publicação de um dicionário e várias gramáticas do sânscrito (CAMPBELL, POSER, 2008). Sobre ser essa a data de origem dessa ciência, Correia-da-Silva (2010, p.63) afirma que “já tivesse havido esforços nesse sentido nos dois séculos anteriores”. Contudo, é com a publicação do discurso de Jones, em 1788, que a linguística histórica é reconhecida como ciência. O fato do estudo de Jones sobre os aspectos compartilhados entre o Sânscrito, Latim e Grego não serem ao acaso trouxe em seu bojo o que hoje denominamos por hipótese de parentesco genético, que resultou do refinamento do Método Histórico-Comparado.

A reconstrução da protolíngua ancestral, a preocupação em traçar o desenvolvimento histórico das línguas que compõem uma família linguística e estabelecer a relação genética entre duas ou mais línguas ou famílias linguísticas é, segundo Kaufman (1990,

p.15), o principal objetivo do Método Histórico Comparativo. Neste caso, esse método busca esclarecer as relações gerais sobre as línguas estudadas, bem como, busca estabelecer as relações específicas entre as formas e as estruturas, de tal modo que essa reconstrução comparativa esclareça “a realidade linguística pré-histórica” (CORREIA-DA-SILVA, 2010, p.64).

Em 1975, em Paris, é fundada a Escola de Estudos Orientais, onde passam a estudar importantes intelectuais alemães, entre os quais se destacam como estudiosos no desenvolvimento do método histórico-comparativo Friedrich Schlegel e Franz Bopp. O primeiro com o estudo sobre a relação entre a sabedoria e a língua dos hindus. O livro “Sobre a língua e a sabedoria dos hindus” (SCHLEGEL, 1808) é considerado a obra que marca o início dos estudos linguísticos comparativos germânicos. Nesse estudo, Schlegel reforça a tese de William Jones (1786, 1788). Schlegel “foi o primeiro a empregar o termo *flexão* no estudo linguístico” (MARTINS, 2012, p.64).

O livro publicado em 1816 com um estudo comparativo detalhado da morfologia verbal do Sânscrito com as línguas Persa, Grega, Germânica e Latim, consolida a hipótese de Franz Bopp sobre as correspondências gramaticais sistemáticas entre essas línguas e, lhe dá o título “Pai da linguística comparativa” (CAMPBELL, POSER, 1992, p.21). Com o estudo sistemático sobre estruturas gramaticais, léxico e fonologia comuns entre as línguas abrangidas pelos estudos de Bopp, a linguística histórica indo-europeia tem um grande desenvolvimento (cf. CÂMARA Jr., 1990).

Destacam-se, ainda, Karl Fridrich von Schegel (1808) com a ideia de mudanças sonoras regulares; Rasmus Rask, em 1818, com um estudo sobre a origem do Irlandês e, especialmente, Rask destaca-se nesse período, por ser o primeiro a desenvolver um estudo comparativo de línguas indígenas usando o mesmo método comparativo utilizado para analisar as línguas indo-europeias (PENDLETON, 2003, p.8). É também dessa época a chamada “lei de Grim” em que Jacob Ludwing Karl Grimm utiliza o método histórico-comparativo para realizar o primeiro estudo diacrônico das mudanças linguísticas com a formulação, em 1822, do princípio de mudanças sistemática e regulares no sistema de obstruentes. Grimm agrega, assim, ao parentesco genético entre as línguas o fator cronológico com dados distribuídos numa seqüências de 14 séculos, em que estabelece uma sucessão histórica ao que estava comparando e acrescenta o fator histórico.

O estudo com foco na área da etimologia das línguas indo-germânicas deu a August Pott (1833) um destaque importante no desenvolvimento dos estudos da Linguística Histórica, com destaque para os estudos sobre a derivação vocabular e a fonética dessas línguas

(CÂMARA Jr., 1990). Outro que também contribuiu para os estudos comparativos foi Friedrich Christian Diez com a publicação de uma gramática com estudo histórico-comparativo das línguas originárias do latim, na linha da filologia românica. Diez publicou em 1853 um dicionário etimológico das línguas oriundas do latim (CÂMARA Jr., 1990). Esses estudos, conforme Martins (2011, p.66) trazem a necessidade de estudos mais sistematizados sobre as relações genéticas entre as línguas aparentadas.

É nesse cenário da história do desenvolvimento do método histórico-comparativo que August Wilhelm Schleicher, em 1856-7, publica estudos sobre a língua lituana a partir da fala dos camponeses, o que seria um passo metodológico importante para os estudos linguísticos posteriores. Schleicher apresenta uma proposta de classificação genealógica para as línguas. Nessa proposta, utiliza-se um sistema de representação próprio da área de estudos da evolução biológica. Em 1861-2, o autor propõe uma tipologia, a classificação genealógica e uma tentativa de reconstrução das línguas indo-europeias (SCHLEICHER, [1861-2] 1874). Quanto à tipológica, propõe a seguinte classificação para as línguas do mundo (SCHLEICHER, [1861-2] 1874, p. 1-8):

- as línguas isolantes (as palavras são invariáveis morfologicamente), o Chinês e o Vietnamita são bons exemplo desse tipo de língua (PRIA, 2006, p.115);
- as línguas aglutinantes (há processos morfológicos de acréscimo de afixo à raiz e cada afixo indica uma categoria gramatical diferente), o Japonês, o Turco e o Húngaro são exemplos de línguas aglutinantes (PRIA, 2006, p. 115-116); e
- as línguas flexionais (as palavras indicam as categorias gramaticais pela variação de sua forma, o que pode alterar, por exemplo, a sua terminação), neste caso, podemos citar o Latim, o Russo e o Grego (PRIA, 2006, p. 116). O Português é considerada uma língua flexiva.

Botânico de formação, Schleicher desenvolveu a teoria da divisão das línguas em ramos com base na teoria de Darwin (SCHLEICHER, 1983 [1963], p. 20-21), propondo a síntese do saber acumulado. Essa divisão ainda hoje é utilizada nos estudos linguísticos para a representação das famílias linguísticas. De acordo com essa teoria, temos a língua-mãe, as línguas-ramo, das quais nascem os dialetos (CÂMARA, 1990, p. 52). Desse conjunto, constitui-se a proto-língua, ou o tronco linguístico. Neste estão incluídos os ramos maiores e menores, ou seja, a língua-mãe, as línguas-ramo e os ramos menores. Foi com essa linha de pensamento que Scheleicher associou, de forma equivocada, língua a raça, pois afirmou que a diversidade das línguas depende da diversidade dos órgãos fonadores e do cérebro dos homens, de acordo com a raça que possuem (MARTINS, 2012, p. 67).

Outras ideias surgiram e todas, de algum modo, contribuíram para o refinamento do método histórico-comparativo. Por exemplo, o estudo que tratou do sistema isolante da linguagem, feito por Max Muller (CAMPBELL, POSER, 2008); é de William Whitney a ideia de que desinências e afixos eram raízes que tornaram-se, com a perda de seus significados, elementos formais pouco valorizados no papel da aglutinação. Além desses dois estudiosos, podemos incluir, ainda, Augusto Flick, para quem uma língua originalmente uniforme quando se divide é sempre em duas partes (CAMPBELL, POSER, 2008).

Nas últimas três décadas do século XIX destacaram-se Leskien, Osthoff e Brugman, nomes mais representativos da escola linguística que teve forte influência das ciências naturais e do darwinismo. Os estudiosos que faziam parte dessa escola foram denominados “neogramáticos”. Esse grupo apresentou ideias diferentes dos estudos desenvolvidos naquela época sobre parentesco linguístico, isto é, apresentam uma reação aos pressupostos tradicionais das práticas histórico-comparativas, criticando a concepção naturalista da língua, pois entendem que a língua existe independente dos falantes, e que a língua se origina no indivíduo e as mudanças se originam nele.

Nesse sentido, os neogramáticos propõem criar uma teoria da mudança. A “lei de Verne” vai reforçar a confiança dos neogramáticos na regularidade da mudança e inspira a hipótese teórica de que a regularidade da mudança sonora é absoluta. O dinamarquês Karl Adolph Verne vai contrariar, por exemplo, o que Grimm (1922) havia suposto sobre as mudanças sonoras (CORREA-DA-SILVA, 2011, p. 65). Para Grimm, essas mudanças não afetam uniformemente as unidades sonoras, mas passavam por processos diferentes de mudanças dependendo do contexto linguístico.

Assim, em 1878, os Neogramáticos, dando continuidade aos estudos da linguística histórica e à aplicação do método histórico-comparativo, lançam a hipótese da regularidade sonora (ILARI, 2002, p.19), que seria diferente do que ocorre nas mudanças linguísticas entre as línguas aparentadas. As exceções às leis fonéticas, segundo os neogramáticos, são apenas aparentes. De acordo com essa teoria, as mudanças sonoras se dão num processo de regularidade absoluto, ou seja, as mudanças afetam a mesma unidade fônica sem exceção, em todos os ambientes e todas as palavras. Desse modo, a investigação dos neogramáticos abandona as idealizações sobre a pureza da língua primitiva e promove o encontro de duas hipóteses fundamentais para essa área do conhecimento da linguística histórica: a hipótese da regularidade e a hipótese de parentesco. A inter-relação dessas hipóteses possibilita o trabalho de reconstrução dos sistemas lexical, fonológico e gramatical da protolíngua comum.

Mas, como se sabe, a aplicação do método “integral” pelos neogramáticos foi considerada um “empirismo rasteiro” que não via o sistema linguístico como uma “unidade formal”, mas como a soma mecânica de suas partes (JAKOBSON, 2008 [1931], p.13). Diferente do método atomista-isolacionista dos neogramáticos, neste trabalho buscou-se apresentar fatos linguísticos “como um todo parcial”, sejam fonológicos, morfofonológicos ou morfossintáticos, (JAKOBSON, 2008, [1931], p.14). Isto é, utilizamos o método comparativo para apontar semelhanças e diferenças entre o Kayabí e as línguas do sub-ramo VI, o Asuriní do Xingu, o Kamajurá e o Wayampí.

Apesar dos avanços dos procedimentos metodológicos utilizados por muitos estudiosos nos estudos da linguística histórica e comparativa, havia também estudos que consistiam na classificação das línguas norte-americanas ao norte do México na comparação exclusivamente lexical, sem dar importância às evidências gramaticais, como por exemplo, os estudos desenvolvidos por Powell (1891) e o de Brinton (1891), que diferente de Powell, destacou a importância da inclusão das variações fonéticas, das formas gramaticais e do vocabulário para a realização de uma comparação adequada das línguas em estudo (BRINTON, 1891, p.333). Entretanto, Brinton (idem) entendia que uma pequena lista de palavras seria suficiente para evidenciar o relacionamento genético entre as línguas. Mas, de positivo, temos do estudioso Daniel Brinton (1891) a realização de uma avaliação crítica das fontes consultadas no estudo comparativo das línguas, bem como, não aceitar dados relativos à raça, distribuição geográfica e história e, também é importante destacar, que, para solucionar problemas de classificação das línguas (WILBERT, 1968, p. 8), esse estudioso utilizava a comparação, sendo ele o primeiro a apresentar um estudo sobre “o relacionamento genético entre as línguas da família Uto-Azteca” (CORRÊA-DA-SILVA, 2010a, p. 67). Essas línguas seriam, mais tarde, estabelecidas definitivamente com os estudos de Edward Sapir (1913, 1919), um dos que utilizou o método comparativo para desenvolver trabalhos comparativos e classificação das línguas (SAPIR, 1921, 1936). Além deste estudioso, podemos citar Leonard Bloomfield (1925) com a reconstrução histórica do Proto-Algonquino.

Antes de concluir este breve histórico, consideramos importante destacar dois grandes equívocos dos primeiros estudos linguísticos comparativos. O primeiro foi dos neogramáticos sobre a mudança linguística absoluta (CÂMARA Jr., 1977). Ao contrário do que os neogramáticos defendiam, entendendo que as mudanças linguísticas ocorrem de forma lenta, progressiva, e diferenciada, isto é, as mudanças não ocorrem obrigatoriamente em um só momento em todo o sistema linguístico, pois se deve às condições diferentes de usos em que

cada palavra se encontra. Neste ponto, é importante destacar que os sistemas linguísticos, cuja função básica é a comunicação, tendem a equilibrar as alterações de acordo com a necessidade de seus falantes, que são os próprios responsáveis por esse equilíbrio. Conforme Rodrigues (1985, p.18), diferenças linguísticas tendem a aumentar a partir do momento em que os ajustes para efeito comunicativo não são mais necessários. Estudos empíricos (dialetológicos e sociológicos, por exemplo) mostram que a realidade contextual da língua não é uniforme e nem homogênea.

O segundo equívoco é o de Franz Boas (1920, 1929) ao afirmar que o excessivo número de línguas indígenas torna impossível o agrupamento de línguas em uma divisão sistemática que identificasse o parentesco genético dessas línguas (BOAS, 1929, p.225). Sabe-se que não existem evidências sobre qual seria a língua primeira, da qual todas as outras derivam. Mas, é certo que as línguas que compartilham semelhanças lexicais, morfossintáticas e fonéticas possuem uma mesma origem, o que tem sido uma das maiores motivações para a análise comparativa de sistemas linguísticos (CAMPBELL, POSER, 2008).

Se existiu, de fato, uma língua primeira, é uma das questões sobre a humanidade difícil de ser comprovada, pois muitas línguas já não existem e os estudos sistemáticos sobre as relações genéticas, sob a perspectiva da linguística histórica comparativa tiveram início no século XIX, antes disso, não temos registro de estudos comparativos sistemáticos com o objetivo principal de identificar parentesco genético entre as línguas, tampouco, estudos sobre a constituição de famílias linguísticas, ou de tronco e agrupamento de línguas. Contudo, ainda que a Linguística Histórica e o método comparado não apresentem respostas para essa questão da origem comum de todas as línguas (a monogênese da linguagem humana), podem colaborar para compreendermos, por exemplo, a questão da cisão e do parentesco entre as línguas relacionadas à história de seus falantes; além de propiciar uma valiosa contribuição aos estudos sobre a pré-história dos povos, sobre as migrações humanas e sobre antiquíssimas populações.

3.3 O Método Histórico-Comparativo

Nesta subseção apresento os procedimentos do Método Histórico-Comparativo utilizados no desenvolvimento das análises realizadas. Descrevo, portanto, o conjunto de processos pelos quais se tornou possível investigar e testar as correspondências fonológicas, morfológicas, morfossintáticas e lexicais entre as línguas Kayabí, Parintintín, Jupaú (Uru-Eu-Wau-Wau), Amandáwa, Asuriní do Xingu, Kawajurá e Wayampí, bem como, compreender melhor as afinidades culturais entre os Tupí-Kawahíwa e os vínculos históricos e políticos entre

os Kawahíwa meridionais e os Kawahíwa setentrionais (KRACKE, 2007, p.26-28, AGUILAR, 2013, p.17-22).

O estudo sobre o porquê da diversificação e divisão das línguas, sobre o que torna as línguas aparentadas, sobre a origem e a expansão e sobre o desaparecimento das línguas, são algumas das questões que fomentaram a criação de diferentes métodos com o objetivo de identificar, entender e estabelecer grupos de línguas que compartilham características linguísticas por terem origem comum, ou seja, essas línguas pertencem a uma língua ancestral.

Dentre esses métodos, destacamos e adotamos neste trabalho, o Método Histórico-Comparativo, pois consideramos ser o mais adequado no processo de comparação e verificação do relacionamento genético entre as línguas ou famílias linguísticas que guardam alguma relação (HOCKETT, 1958). É um método que possibilita estabelecer o parentesco entre línguas partindo do princípio de que as correspondências sistemáticas entre as línguas aparentadas não são aleatórias e casuais. Sob essa perspectiva, busca demonstrar, por inferência, características da língua ascendente comum a um certo conjunto de línguas (FARACO, 2005, p. 134).

O Método Histórico-Comparativo de natureza indutiva, prima pela análise contrastiva de dados linguísticos da mesma natureza (MARTINS, 2007, p.11), seja, fonológica, morfológica, lexical ou morfossintática, cujo objetivo é identificar as relações genéticas entre as línguas implicadas no estudo. Para tanto, esse método apresenta vários critérios e princípios (HOCK, 1991; CAMPBELL, 1998; KAUFMAN, 1990; RODRIGUES, 1985; DIETRICH, 2010) que orientam o estudo das línguas que possuem semelhanças entre si, para identificar se essas línguas descendem de uma língua ancestral. Sobre o assunto, Silva (2012, p. 252-253) argumenta que:

O método histórico-comparativo, como está evidente em seu próprio nome, é a fusão do método histórico com o comparativo. Ou seja, o método histórico procura explicar as causas e/ou consequências dos fatos linguísticos através da observação de dois ou mais estágios cronológicos de uma língua comprovados em alguma forma de documento (normalmente um texto escrito). O método comparativo, já imanente também no método histórico, é utilizado também para cotejar estágios de evolução de diversas línguas ou dialetos nas diferentes regiões em que são faladas ou documentadas. Fazendo-se essas comparações com um número exaustivo de casos semelhantes, estabelecem-se normas, regras ou “leis” que possibilitam a reconstituição de formas linguísticas não documentadas para explicar a etimologia de muitas palavras.

Quanto “às noções de parentesco linguístico genético e de protolíngua”, Rodrigues (1984-1985, p.33-34) explica:

Duas ou mais línguas são consideradas geneticamente aparentadas quando compartilham propriedades estruturais e lexicais tais e tantas, que, em seu conjunto, não se possam explicar nem como consequências independentes de princípios universais da linguagem, nem como resultado de um processo de aquisição pelos falantes de uma língua em eventual interação social com os falantes de outra; a hipótese que se põe, então, é a de que as línguas em questão sejam manifestações diferenciadas do que foi no passado uma mesma língua e que as propriedades compartilhadas sejam a herança comum conservada sem diferenciação ou apenas com diferenciações menos profundas.

Essa hipótese assenta-se em duas propriedades universais das línguas, de acordo com esse estudioso. Primeiro, é o fato de que essas línguas estão em mudança constante e, segundo, não há coincidência entre as mudanças que ocorrem numa dada comunidade em relação às mudanças que ocorrem em outra. Neste caso, cada uma dessas comunidades têm vivências particulares, logo são diferentes as mudanças linguísticas que passam a ocorrer em cada uma dessas comunidades. Percebemos, assim, que o grau de diferenciação observado entre as línguas é “basicamente uma função do tempo decorrido entre o início do processo – a cisão da comunidade original – e o momento da observação” (Rodrigues, 1984-1985, p.34). Por sua vez, essa mesma cisão pode ocorrer novamente, influenciando e modificando a estrutura das línguas resultantes. Como se pode depreender dessa hipótese científica apresentada por Rodrigues acerca do passado das línguas, os termos dialeto, família, tronco e filo indicam, portanto, os diversos graus de semelhança e diferenciação entre essas línguas.

Colocado de outro modo, o método histórico-comparativo permite formular hipótese sobre a pré-história das línguas e fazer inferências sobre os falantes das línguas, apontando diferentes profundidades temporais entre a língua estudada e a língua comum original tomada como parâmetro. O que significa dizer, em síntese, que são duas as hipóteses que embasam o método comparativo: a hipótese de relação genética e a hipótese da regularidade.

Na primeira hipótese, busca-se identificar, descrever e analisar as semelhanças entre palavras de diferentes línguas para apresentar um quadro das relações que essas línguas compartilham. Assim sendo, as evidências indicarão a origem comum dessas línguas no passado. A segunda hipótese, por sua vez, buscar explicar que as mudanças de sons de uma língua acontecem de forma regular e sistemática. Em suma, o Método Histórico-Comparativo tem o objetivo de apontar “correspondências regulares entre as línguas comparadas”, podendo também propor uma “reconstrução de sons e palavras existentes na língua” do passado, que é considerada a língua original, “a partir da qual se desenvolveram as línguas comparadas” (GALUCIO, 2010, 798).

Note-se que a análise de palavras cognatas (palavras que apresentam formas e significados semelhantes) das línguas que hipoteticamente têm uma origem comum, colaboram para entendermos, de acordo com Rodrigues (1984-1985, p.34), que a protolíngua de um filo tem profundidade temporal maior que a de um tronco, a profundidade temporal da protolíngua de um tronco é maior que a da protolíngua de uma família, e a profundidade temporal da protolíngua de uma família é maior que a da protolíngua de um grupo de dialetos.

A seguir, passamos a apresentar alguns procedimentos do Método Histórico-Comparativo, que combina o método histórico (estudo com base em fontes documentais antigas) com o método comparativo (investigação de evidências nos exemplos comparados), tendo por foco a regularidade e as correspondências constantes.

3.3.1 Critérios do Método Histórico-Comparativo

O método utilizado neste trabalho comporta um conjunto de procedimentos (SCHNEIDER, SCHMITT, 1998) inerentes aos estudos realizados na comparação sistemática de duas ou mais línguas. Destacamos, a seguir, alguns princípios metodológicos que, de acordo com o Método Histórico-Comparativo, podem demonstrar o parentesco genético e reconstruir propriedades compartilhadas entre as línguas estudadas. Como será visto na seção 6, buscamos evidências que corroboram a hipótese de Rodrigues e Cabral (2002, 2012), segundo a qual o Kayabí é associado ao complexo Kawahíwa, que é o sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1984-1985; RODRIGUES, CABRAL, 2002; 2012) e selecionamos algumas línguas de outros sub-ramos dessa família para comparação. Ou seja, buscamos demonstrar a hipótese de relação entre a língua Kayabí e as línguas consideradas como pertencentes ao complexo Kawahíwa. Para tanto, utilizaremos alguns dos princípios do método histórico-comparativo, que, de acordo com Thomason e Kaufman (1988 apud KAUFMAN, 1990, p.15), apresenta quatro etapas:

- (1) o estabelecimento de correspondências fonológicas em palavras com significados iguais ou relacionados, incluindo muito do vocabulário básico;
- (2) a reconstrução do sistema fonológico;
- (3) o estabelecimento de correspondências gramaticais;
- (4) a reconstrução do sistema gramatical, sempre que possível.

De acordo com o autor, “quando mais de duas línguas estão envolvidas, uma exploração mais minuciosa do Método Comparativo também inclui” (THOMANSON, KAUFMAN, 1988 apud KAUFMAN, 1990, p.15) os itens:

- (5) construção de modelos de subagrupamento para as línguas;
- (6) a elaboração de modelos de diversificação.

Mas, apesar deste trabalho envolver várias línguas, não desenvolvemos, contudo, o que é proposto nesses dois últimos itens. Entretanto, é um pressuposto que pretendemos desenvolver em trabalhos posteriores, considerando os novos estudos sobre as correspondências fonológicas, gramaticais, lexicais compartilhadas pelas línguas da família Tupí-Guaraní: Araweté (SOLANO, 2004, 2009); Tenetehára (SILVA, 2010); Zo’é (SOUSA, 2013); Suruí (LOPES, 2014); Avá-Canoeiro (SILVA, 2015); Kamajurá (KAMAIURÁ, 2015), e outros estudos desenvolvidos por Cabral (2000, 2000a, 2001, 2001a, 2002, 2005, 2007) e Rodrigues e Cabral (2002, 2005a, 2012) e por Rodrigues (1953, 1985, 1984-1985, 1996, 2001), que em diálogo com este trabalho nos permite considera a hipótese da existência de uma protolíngua. Vejamos, a seguir, uma breve descrição de alguns aspectos metodológicos, sob a perspectiva do método histórico-comparado, que orientaram este trabalho:

- **Correspondências fonológicas regulares.** Os sons de cada uma de duas línguas aparentadas são modificados de maneira regular, então, se essas línguas foram aparentadas resultará na correspondência fonológica de uma delas aos sons de cada uma das outras. O que pode ser verificado no vocabulário básico e na comparação do léxico para identificar as palavras que possuem significado idêntico ou relacionado (cf. APÊNDICE A e B)

- **O vocabulário básico,** que deve ser privilegiado na constituição dos primeiros dados selecionados e analisados, é um conjunto de palavras que designam conceitos universais, esses existem necessariamente em todas as sociedades humanas. São conceitos que dificilmente são emprestados de outras línguas: parte do corpo humano, elementos mais comuns da natureza, nomes de ações e estados. Nessa fase, uma amostra do léxico deve ter prioridade porque comporta uma associação intrínseca entre os elementos fonológicos e os semânticos, em que a identificação das semelhanças e diferenças entre os sons e os significados evitará resultados enganosos (cf. APÊNDICE A e B). Deve-se lembrar, contudo, que o vocabulário das línguas se transforma, mas as mudanças lexicais não são regulares. Existem, por exemplo, palavras que podem mudar a pronúncia, mas conservam a forma e conteúdo através dos séculos.

- **Análise fonológica do léxico** comparado. Os dados a serem utilizados na comparação devem ser previamente submetidos a uma análise fonológica, o que possibilitará a reconstrução de sistemas fonológicos.

- **Análise comparativa das mudanças gramaticais.** Sabe-se que todos os aspectos da língua podem sofrer mudanças. Logo, as construções morfossintáticas, morfológicas, assim como, sintáticas modificam-se ao longo do tempo. Essas mudanças gramaticais são, geralmente, mais lentas, sem a regularidade das mudanças fonológicas. Estas podem, inclusive, causar as mudanças gramaticais. Um estudo sistemático das mudanças gramaticais pode resultar na reconstrução de temas gramaticais.

3.4 Considerações gerais

Como vimos, estudar sobre parentesco genético, origem e diversificação das línguas tem resultado na universalidade do método histórico-comparativo, o que confirma a sua importância para a análise dos fenômenos linguísticos sob a perspectiva da Linguística Histórica. Nesse diálogo – teoria e método – podemos identificar as relações de parentesco entre as línguas estudadas, o que significa conhecer a história da língua ou da família linguística e, conseqüentemente, conhecer um pouco mais a história de seus falantes, pois língua, história, cultura e sociedade caminham juntas.

Sendo assim, um estudo sistemático sobre as propriedades compartilhadas entre duas ou mais línguas, é uma colaboração significativa para o conhecimento etnolinguístico do povo. Nesse caso, o método adotado por nós neste estudo, sob o viés da etnolinguística, possibilitará a interpretação dos dados analisados com o objetivo de identificarmos a proximidade genética do Kayabí com as línguas implicadas e colaborará para estudos futuros que fundamentem a hipótese de um Proto-Kawahíwa.

Neste trabalho adoto a perspectiva da nova vertente interpretativa da Linguística Histórica, que a partir dos anos 1990, conforme Corrêa-da-Silva (2013, p. 19), introduziu “a ideia de que a história de uma língua é uma função da história de seus falantes e não um fenômeno independente do contexto social em que as línguas e seus falantes estão inseridos”. Assim, de acordo com Aguilar (2013, p. 28), com base nos resultados obtidos, será possível verificar se “essas línguas do subconjunto VI da família Tupí-Guaraní formam, ou não, um subagrupamento com características próprias constituindo o que vem sendo denominado complexo Kawahíwa (complexo linguístico, além de cultural)”.

4 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E WEBGRÁFICO

4.1 Considerações iniciais

Esta seção resultou da fusão de dois trabalhos de pesquisa relacionados às atividades previstas no projeto desta tese. O primeiro foi o levantamento dos acervos bibliográficos e webgráficos (digitais) multidisciplinares disponíveis sobre as línguas e as culturas dos povos Kawahíwa, Kayabí, Wayampí, Kamajurá e dos Asuriní do Xingu. O segundo – “Arquivo Línguas e Culturas dos Povos Tupí-Kawahíwa” – foi concebido e iniciado por ocasião do primeiro, tendo em vista as dificuldades encontradas para ter acesso aos estudos e pesquisas etnográficas e linguísticas sobre os povos e as línguas Kawahíwa. Desse primeiro trabalho, apresento na subseção a seguir (cf. 4.2) uma breve reflexão sobre a seleção da bibliografia e webgrafia relativas aos estudos das línguas Tupí-Kawahíwa e, na sequência (cf. 4.3, 4.4 e 4.5), faço comentários sobre uma parte dos trabalhos referenciados e consultados nesta tese.

Assim sendo, o principal critério para realizar a seleção dos textos que serão apresentados foi a relevância do texto para o foco da tese – a inclusão do Kayabí no sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní – Isto é, na revisão bibliográfica comentada dei preferência aos textos que tratam mais especificamente sobre os povos e as línguas do complexo Kawahíwa. Neste caso, os trabalhos linguísticos receberam maior destaque, pois são, evidentemente, mais relevantes para o estudo proposto nesta tese.

4.2 Bibliografia e Webgrafia sobre os Tupí-Kawahíwa

Pensando na perspectiva da Linguística Histórica, nos eventos em que estive nas aldeias Parintintín, em Humaitá (AM), atentei um pouco mais para os aspectos da etno-história e para a etnografia dos povos Kawahíwa. Foi assim que, em 2011 e 2012, quando estive em eventos realizados pelos Kawahíwa (Parintintín, Júma, Uru-Eu-Wau-Wau, Tenharim, Diahói) e fiquei alguns dias nas três aldeias Parintintín percebi um interesse da liderança desses povos em afirmar uma “identidade Tupí-Kawahíwa”, o que se refletiu na forma de se autodenominarem, nas saudações seguidas das apresentações dos indígenas Kawahíwa, explicando que eram “parentes”, bem como, no explícito interesse em elaborarem e produzirem materiais didáticos que seriam incluídos no processo de revitalização e fortalecimento das línguas e das culturas de sua comunidade/etnia. Sendo assim, nesta seção serão apresentados

textos de diversas áreas do conhecimento, com o objetivo de promover o acesso a essas fontes bibliográficas e, sempre que possível, indicar o endereço da webgrafia dos textos relacionados aos povos e as línguas Kawahíwa.

Neste ponto, considero necessário lembrar que o termo “Kawahíwa” ou “Tupí-Kawahíwa” é o nome dado ao conjunto de povos e línguas que formam o sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní. De acordo com Kracke (2007, p.27), o complexo Kawahíwa é composto pelos Kawahíwa Setentrionais e pelos Kawahíwa Meridionais (cf. 2.4). Esse complexo, como foi apresentado na seção 2, é um conjunto de povos e línguas que têm diversidades, bem como, identificação cultural, histórica e linguística.

As diferenças entre as línguas desse complexo não anulam a hipótese de parentesco genético. De acordo com a proposta de Rodrigues (1984-1985), afirmar que há parentesco entre as línguas indígenas Tupí-Guaraní não significa dizer que essas línguas são iguais. Rodrigues afirma (1984-1985, p.34) em relação ao parentesco genético que “Esta hipótese se baseia em duas propriedades conhecidas das línguas em geral: (a) toda língua está em constante mudança e (b) as mudanças numa comunidade linguística não coincidem necessariamente com as mudanças em outra comunidade”.

Sob essa perspectiva, pensando na inclusão do Kayabí no sub-ramo VI, podemos afirmar que o parentesco genético do complexo Kawahíwa está incluído na proposta desse estudioso, “segundo a qual cada conjunto de línguas compartilha reflexos de aspectos da língua ancestral, a partir da qual elas se teriam desenvolvido como línguas independentes” (AGUILAR; CABRAL; RODRIGUES, 2011, p.).

Essa heterogenidade de línguas e culturas constitui, assim, o complexo linguístico Kawahíwa, que ainda é pouco conhecido, no sentido de que no decorrer do levantamento bibliográfico não encontrei estudos linguísticos aprofundados sobre boa parte das línguas que compõem esse complexo. Estudos gramaticais aprofundados são raros – ou não existem, ou ainda não estão disponibilizados – sobre as línguas Júma, Apiaká, Uru-Eu-Wau-Wau, Diahói, Karipúna e Piripkúra. Do complexo Kawahíwa (RODRIGUES, CABRAL, 2002), Parintintín e Kayabí são as línguas que contam com um maior número de estudos linguísticos sobre a fonologia, morfologia e sintaxe, e possuem um dicionário com um glossário incluso.

O levantamento bibliográfico que realizei sobre os povos Tupí-Kawahíwa indica que estudos etnográficos são em maior quantidade em relação aos estudos linguísticos, mas também não abrangem todos os povos desse complexo. Encontramos algumas pesquisas e estudos específicos na área da antropologia sobre os Kawahíwa (Parintintín, Tenharim,

Kayabí), contudo são raros os textos nessa área do conhecimentos sobre os Diahói, Piripkúra, Amondáwa, Karipúna, Apiaká. Sendo assim, é possível afirmar que ainda há muito a ser feito para que os acervos bibliográficos e webgráficos sobre os povos e as línguas Tupí-Kawahíwa estejam mais “completos”. Dizendo de outra forma, a grandeza linguístico-cultural do complexo Kawahíwa é ainda pouco abordada pela literatura especializada.

Nesse caso, julguei mais prático e, sobretudo, mais funcional, limitar as indicações bibliográficas às obras acessíveis, as quais posso compartilhar com os interessados, ou podem ser encontradas com mais facilidade em bibliotecas tradicionais e/ou em biblioteca digital (ou virtual, mediática, on line, eletrônica). Contudo, nas Referências estão registradas todas as obras consultadas. Algumas delas serão apresentadas na revisão bibliográfica a seguir, outras sequer poderão ser citadas pelas próprias limitações de um trabalho que não se pretende, de maneira alguma, exaustivo.

4.3 Revisão bibliográfica: obras de diversas áreas do conhecimento

Faço nesta subseção uma breve apresentação de textos e estudos etnográficos, etno-históricos e obras de outras áreas do conhecimento sobre os povos e as línguas estudados: Parintintín, Tenharim, Diahói, Júma, Jipaú, Amondáwa, Karipúna, Apiaká, Piripkúra, Kayabí, Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampi. Destaco, nesse particular, que o levantamento bibliográfico e webgráfico sobre os povos e línguas Kawahíwa resultou em um maior número de estudos e pesquisa relacionadas a organização social, onomástica, sistema de parentesco, territorialidade, saúde e educação. Vejamos, a seguir, alguns estudos de diversas áreas do conhecimento.

Em sua dissertação de mestrado, na área de concentração “Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano”, **Paiva** (2000) volta-se para a educação indígena. O foco da tese de Paiva é a educação tradicional do povo Uru-Eu-Wau-Wau (autodenominado Jupaú) e a sua expectativa quanto à educação escolar. O autor apresenta alguns estudos etnográficos que foram feitos sobre a cultura Kawahíwa e registra relatos feitos pelos Uru-Eu-Wau-Wau. Com a participação ativa dos Jupaú, enquanto sujeitos da pesquisa, o estudioso destaca que foi possível obter o relato dos mitos, a descrição da organização social e outros aspectos da cultura. Para tanto, contou com colaboração dos membros mais velhos da aldeia do Alto Jamari. Já a tese de Paiva (2005), na mesma área de concentração, foca a cultura tradicional dos Kawahíwa. Em sua tese de doutorado, Paiva contou com a participação de indígenas Tenharim, Karipúna, Júma e Uru-Eu-Wau-Wau. O autor realizou uma pesquisa etnográfica com a aplicação de métodos

qualitativos, por meio da observação participante, a partir da qual procurou-se demonstrar a visão cosmológica dos Kawahíwa sobre um universo dividido em metades. O conceito de rupigwara é o tema central desse estudo.

Almeida da Silva (2010) em sua tese apresenta um estudo sobre os “marcadores territoriais” construídos pelos Kawahíwa da TI Uru-Eu-Wau-Wau, com foco principal nos Jupaú. De acordo com o autor, os “marcadores territoriais” funcionam como elementos de representação indispensáveis ao processo da identidade indígena, em suas relações de construção, defesa territorial e memorial cosmológico. O estudo resultou de uma pesquisa participante.

Nessa linha de pesquisa sobre territorialidade, podemos acrescentar dois outros estudos: as dissertações de **Marreto** (2011) e de **Anastassiou** (2013). A primeira é um estudo sobre a territorialidade exercida pela etnia Jupaú, com foco no manejo da Copaíba e uma descrição das espécies botânicas encontradas na área de estudo. A segunda dissertação, sob a perspectiva etnogeográfica, apresenta uma análise dos marcadores territoriais linguísticos do povo Amondawa, a partir de suas narrativas míticas e orais. É uma abordagem interdisciplinar com o objetivo de colaborar para a compreensão dos aspectos territoriais do povo Amondawa, o que inclui as dimensões socioeconômicas, ambientais e culturais.

Cruz de Sá, Azanha e Marreto (2005) elaboraram um relatório sobre o diagnóstico final e potenciais interferências nas terras indígenas Karipúna e Uru-Eu-Wau-Wau, Karitiana, Lage e Ribeirão. Esse diagnóstico apresenta importantes informações sobre a história do contato, a organização social e política, a educação, a saúde e a situação “atual” dos Karipúna de Rondônia e dos Uru-Eu-Wau-Wau. Assim, destacamos desse texto o diagnóstico sobre os Karipúnas. De acordo com os autores, a autodenominação dos assim chamados Karipúna é ahé (“gente verdadeira”). Contam os autores que foram informados por Katsi’ká (a única remanescente do contato desastroso com a frente de atração da FUNAI em 1976-1977) que os Karipúna compreendem com facilidade a língua dos seus “parentes” Uru-Eu-Wau-Wau, Tenharim, Parintintín, Kawahibí, Sateré, “Tupinambá”, Amondawa e “Capivari”, pois formavam um só povo, “mas depois brigaram e se espalharam” (CRUZ DE SÁ; AZANHA; MARETTO, 2005, p. 13).

É de autoria de **Denófrío** (2012, 2013) dois estudos etnográficos sobre os Piripkúra. O primeiro é um relatório apresentado à FUNAI, uma colaboração para o exame da demarcação da TI Piripkúra. Nesse relatório, o autor realiza uma análise de dados etnográficos dos Piripkúra, “seres Kagwahíva”, que “em algum momento distanciaram-se dos demais”, ou seja,

o pertencimento ao complexo Kawahíwa é afirmado como parte da história desse povo (DENÓFRIO, 2012, p. 129-130). O relatório apresenta elementos da vida social dos Piripkúra com base em elaborações mitológicas, memórias e interpretações indígenas. O segundo texto, a dissertação de mestrado³⁵, “est une analyse de mythes, de données cosmologiques et de certains suffixes des populations d’Amazonie méridionale, de la famille linguistique Tupi-Guarani”. Nesse estudo, o autor apresenta considerações sobre o sistema ritual e onomástico e uma breve contextualização de aspectos históricos e sociológicos dos Piripkúra (DENÓFRIO, 2013, p.14-17).

Do texto de **Christ** (2009) sobre os grupos indígenas isolados de Mato Grosso, destacamos a descrição da situação dos Piripkúra, dos indígenas isolados do rio Pardo e dos indígenas Isolados Apiaká (CHRIST, 2009, p. 130-134; p.136-139-140). A autora nos informa que os Piripkúra:

É um grupo Tupi Kawahib localizado entre os rios Branco e Madeirinha, afluentes da margem esquerda do rio Roosevelt, nos municípios de Colniza e Rondolândia/ MT. São conhecidos pela denominação Piripkúra, dada pelos seus vizinhos Gavião-Ikoleng, do povo Mondé e significa borboleta, mariposa. (CHRIST, 2009, p. 130)

Os isolados do rio Pardo, segundo **Azanha** (2007 apud Christ, 2009, p.139) “Pelo conjunto das informações recolhidas e sistematizadas pela FPEAM, é possível identificar os isolados do Rio Pardo aos povos chamados pela literatura antropológica de Kawahiva”. A autora nos informa também que os Isolados Apiaká é “um grupo localizado no rio São Tomé à margem direita do rio Juruena, dentro do território Apiaká” (CHRIST, 2009, p. 140). De acordo com a autora, os isolados Apiaká continuam dando sinais de existência, mas procuram evitar o contato.

França (2010, 2012), realizou um estudo etnográfico sobre os Uru-Eu-Wau-Wau e os Júma. A autora investigou como se dá a organização social e política desse dois povos Kawahíwa que, por contingências históricas, passaram a viver juntos (FRANÇA, 2010, p.82). Essa questão é apresentada no artigo “A aliança com os fracos ou o verso e o reverso de uma relação” (FRANÇA, 2010). Mas, é em sua tese de doutorado que a autora desenvolve com mais profundidade essa questão. Nessa tese são apresentados aspectos da socialidade Kawahíwa dos Jupaú e Júma, com o objetivo principal de “descrever as operações indígenas de criar “entre si” diferenças e separações resistindo às tendências identitárias e de unificação provenientes da

³⁵ "Esta tese é uma análise de mitos cosmológicos e alguns sufixos de populações do sul da Amazônia da família lingüística Tupi-Guarani" (DENÓFRIO, 2013, p. 5, tradução minha).

relação com o Estado brasileiro (FRANÇA, 2012, p.11; 51). De acordo com essa antropóloga, “Os uru-eu-wau-wau e os juma, da mesma maneira, se reconhecem mutuamente enquanto “kagwahiva”, por oposição a outros índios e aos brancos” (FRANÇA, 2010, p. 82).

Segundo França (2012, p. 25-26), citando **Galvão** (1979) e Menéndez (1989, p. 6), os Apiaká e os Kayabí estão associados às chamadas “tribos kawahib”. O Kayabí pela proximidade da língua, e os Apiaká por formarem com essas tribos, no século XIX, “um bloco contínuo descrito pelos cronistas e viajantes como se partilhassem uma unidade histórica e cultural”. A autora afirma que, no contexto atual, a unidade substantiva e estável dos povos Kawahíwa é, entre outros aspectos, uma exigência do Estado. Mas, não corresponde, necessariamente, ao modo como os Kawahíwa pensam e fazem seus agrupamentos. O que não anula as separações entre esses povos e o reconhecimento das diferenças (FRANÇA, 2012, p.29-30).

Dos estudos sobre a organização social, a história do contato, as metades exogâmicas e a terminologia de parentesco dos povos Parintintín, Tenharim, Amondáwa e Diahói, destacamos algumas das contribuições de Curt Nimuendajú (1924, 1948), Peggion (1996, 2005, 2007), Kracke (1984a; 1984b, 2007) e Kurovsk (2009). Sem desvalorizar os estudos realizados por Kurovsky, considero leitura obrigatória a produção bibliográfica dos três primeiros estudiosos (Nimuendajú, Kracke e Peggion) sobre o complexo Kawahíwa. Isto porque é a partir da leitura do material fornecido por esses autores (e outros, por exemplo, Lévi-Strauss, Rondon e Menéndez) que Kurovsky e outros pesquisadores partem para realizar seus estudos sobre a etnografia, a etno-história e a entoarqueologia, sobre os povos do complexo Kawahíwa.

Sobre a ento-história dos Apiaká, **Curt Nimuendajú** (1948) escreve no “The Cayabi, Tapanhuna, and Apiacá” sobre a cultura, o modo de vida e costumes desse povo. Niemandajú (1924) foi o primeiro a desenvolver um estudo etnográfico sobre os Parintintín e, além de realizar uma descrição ímpar sobre aspectos diversos da organização social desse povo, o autor apresenta dados históricos e linguísticos (cf. 6.3.1) que apontam a identificação entre os Parintintín, os Apiaká e outros povos Kawahíwa. Nesse texto somos informados que os descendentes da antiga nação dos “Cabahibas” migraram do Alto Tapajós para o oeste, e dividiram-se em diversos segmentos (NIMUENDAJÚ, 1924, 207-208). No texto “Os Parintintín do Rio Madeira”, o primeiro a ser publicado pelo autor sobre esse povo Kawahíwa, são três os vocabulários apresentados por Nimuendajú (1924, p. 261-276):

- Vocabulário Parintintín (NIMUENDAJÚ, 1924, p. 261-266),
- Vocabulário Kawahib-Tupí (NIMUENDAJÚ, 1924, p.267-274) e

- Vocabulário do Tupí do Alto Machado (NIMUENDAJÚ, 1924, p. 275-276).

Em diálogo com os estudos de Curt Nimuendajú temos a dissertação de mestrado e a tese de doutorado de Peggion (1996, 2005), que são dois trabalhos representativos sobre a etnografia dos povos do complexo Kawahíwa. A dissertação é um estudo sobre a etnografia do sistema de parentesco dos Tenharim, ou melhor, sobre a organização social, político-econômica desse povo. É um estudo sobre os Kawahíwa do rio Madeira (PEGGION, 1996, p. 17-20), que são os Kawahíwa Setentrionais, conforme Kracke (2007, p. 26-27). A tese de Peggion (2005) por sua vez descreve e analisa o sistema de metades Tupi-Kawahíwa, especificamente, sobre os povos Kawahíwa da Amazônia meridional, mas com foco nas organizações dualistas dos Tenharim do rio Marmelos e dos Amondawa. Sobre a identidade e identificação dos Kawahíwa, Peggion (2005, p.4) informa ao leitor:

(...) trato aqui desses povos como **tendo em comum a língua, a organização social e o parentesco**, dentre outras coisas. Afirio (com as reservas necessárias), portanto, que todos conformam a sociedade Kagwahiva, pois **há o reconhecimento** por parte dos grupos de suas relações em comum. (Grifos meus)

Outro importante estudo de **Peggion** (2007) é sobre a onomástica Amondáwa, povo Kawahíwa (Tupi-Guaraní)³⁶, que vive na TI Uru-eu-wau-wau, Estado de Rondônia³⁷. Nesse texto, é apresentado o funcionamento do sistema de nominação e suas possíveis implicações na organização social do povo Amondáwa. Segundo o autor, a “onomástica Kagwahiva permite a identificação individual dentro do grupo, uma vez que o nome define o sexo, a idade e a metade do indivíduo” (PEGGION, 2007, p.128).

Nessa linha de estudos, **Waud Kracke** (1984b) afirma que o sistema de metades presentes na organização social dos Kawahíwa não possui uma correspondência imediata no universo mítico-cosmológico, mas a influência desse sistema está em diferentes domínios da vida social desse complexo. Nesse caso, é através das metades Kawahíwa-Parintintín que acontece a construção da Pessoa, os indivíduos recebem nome, aliados políticos e cônjuges (KRACKE, 1984a, p. 100). No texto “A posição histórica dos Parintintín na evolução das

³⁶ Nos anos 1980 os Amondáwa foram registrados conjuntamente com os Uru-eu-wau-wau, classificados como Tupi-Guaraní (Rodrigues, 1985).

³⁷ Os Kagwahiva vivem em duas regiões no norte do Brasil: no sul do Amazonas estão os Tenharim (estudados por Menéndez, 1989, e por Peggion, 1996), os Parintintín, estudados por Kracke (1978) e os Diahui. Ao norte do Estado de Rondônia estão os Uru-Eu-Wau-Wau (Jupaú), os Amondáwa e os Karipúna, além de alguns grupos isolados. O povo Júma, Kagwahiva da região do rio Purus, foi recentemente transferido para a TI Uru-Eu-Wau-Wau.

culturas Tupi-Guaraní, Kracke (2007) apresenta uma importante contribuição para os estudos sobre o complexo Kawahíwa. Nesse texto, o autor nos informa que:

Os Parintintín não são o único grupo portando o nome “Kagwahiv.” Existem pelo menos **onze ou doze grupos que usam este nome**, todos situados no vale do médio Madeira, nos estados do Amazonas e de Rondônia. Todos esses grupos **falam dialetos da mesma língua** e partilham do mesmo sistema de metades exogâmicas patrilineares. (Kracke, 2007, p.23-24. Grifos meus)

Nesse ensaio, o autor examina o desenvolvimento histórico da sociedade Kawahíwa, a separação histórica dos vários grupos que se autodenominam “Kawahíwa” e o sistema de metades. Para Kracke (2007, p. 24-25) a variação do nome de uma das metades e a divergência dos dialetos da língua Kawahíwa são marcadores históricos. No caso das metades exogâmicas, o autor entende que é um marcador histórico que “deu origem a este sistema que diferencia o povo Kagwahiv de todas as outras tribos que falam línguas da família Tupí-Guaraní” (KRACKE, 2007, p. 24). Segundo Kracke (2007, 28) os Kawahíwa Setentrionais e Meridionais “saíram separadamente, em duas ondas diferentes, provavelmente em pontos históricos distintos, permitindo a evolução de diferenças entre os dois grupos”.

No que se refere ao sistema dualista Kawahíwa-Parintintín e à exogamia de metades, a antropóloga **Kurovsky** (2009, p. 62) busca compreender como os princípios do sistema de metades se expressam na contemporaneidade. Assim sendo, retomando as reflexões de Kracke (1984a;1984b), Menendez (1989) e Peggion (1996), a autora aponta que o sistema de metades patrilineares – Kwandu/ Mytý – regula várias instâncias da vida Kawahíwa. De acordo com essa estudiosa, os casamentos inter-étnicos, “mais do que sugerir o desuso dos princípios estruturais próprios, frisa exatamente o contrário, uma aplicação destes princípios culturais na situação contemporânea (KUROVSKY, 2009, p.80).

Sobre a etnografia dos Apiaká, destacamos dois estudos de **Tempesta** (2009a e 2010a). No ensaio “Guerreiros, riquezas e onças nas rotas fluviais. Notas históricas e etnográficas sobre os Apiaká” (TEMPESTA, 2010a, p.77-97), a autora apresenta uma “contextualização histórica e etnográfica da língua Apiaká, que integra a família Tupí-Guaraní, mais especificamente o seu ramo VI, ao lado do Kayabí, do Parintintín, do Tupí-Kawahí e do Júma (Rodrigues 2002)”. Nesse ensaio, somos informados que “a despeito da proximidade linguística entre o Apiaká e o Kayabí, os Apiaká insistem em marcar a diferença entre eles” (TEMPESTA, 2010a, p.79).

Tempesta (2009a) em sua tese de doutorado realiza um estudo sobre a historicidade, a organização sociopolítica e a identidade étnica dos Apiaká. Desse trabalho, destacamos o

Capítulo 2 (TEMPESTA, 2009a, p. 87), onde a autora afirma que a categoria “misturados” constitui o princípio organizativo desse povo. Para Tempesta (2009a, p. 28, 40, 90-97), a historicidade Apiaká e a atual organização sociopolítica revelam a resiliência que os Apiaká partilham com outros povos indígenas da América do Sul. Nesse sentido, o modelo de etnogênese dos Apiaká está relacionado à “reelaboração da cultura e da relação com o passado” (TEMPESTA, 2010a, p. 102), sendo parte do processo de configuração da organização social e política desse povo.

A etnografia, a etnohistória, a linguística, a arqueologia e outras áreas de pesquisa apresentam diversos estudos na busca de melhor conhecimento e compreensão sobre a cultura e a língua do povo Kayabí. Sob a perspectiva da etnoarqueologia, temos a dissertação de **Stuchi** (2010), que apresenta dados históricos, entográficos e arqueológicos sobre a ocupação, reocupação e abandono do território pelos Kayabí ao longo da história, território esse que hoje os Kayabí reivindicam.

Sobre a resiliência cultural e ambiental dos Kayabí temos a tese de doutorado em Filosofia de **Athayde** (2010). Cujo objetivo desse estudo é contribuir para “*the understanding of the relationship between political empowerment, socio-cultural resilience and territorial control among Amazonian indigenous peoples*” (ATHAYDE, 2010, p. 22-23)³⁸. Segundo a autora, o deslocamento geográfico dos povos indígenas de seu território de origem – o que aconteceu com os Kayabí – apresenta fatores que podem levar à continuidade ou a perda de conhecimento do povo. No caso dos Kayabí do PIX, o projeto de revitalização do conhecimento tradicional tem sido bem sucedido por estar associado ao aprendizado das novas gerações, pois “*This would be one major condition for knowledge or cultural resilience. Any given indigenous society might be able to keep their knowledge patrimony, as long as there are new and young people learning, even with all the innovations.*” (ATHAYDE, 2010, p.392)³⁹.

Esse levantamento bibliográfico nos proporcionou conhecer aspectos importantes da **organização social**, da **territorialidade**, da **terminologia de parentesco**, das **metades exgâmicas** e da **resiliência cultural**, ainda que apresentados aqui de forma resumida. Como se pode verificar, o diálogo entre as diversas áreas do conhecimento – estudos multidisciplinares – podem colaborar para uma visão mais abrangente sobre diversos aspectos da cultura e da

³⁸ “Esta pesquisa contribui para a compreensão do empoderamento político, a relação sócio-cultural e a resiliência quanto ao controle territorial entre os povos indígenas da Amazônia” (Athayde, 2010, p. 22-23, tradução minha).

³⁹ “Este seria um requisito importante para o conhecimento ou resistência cultural. Qualquer sociedade indígena pode manter seu conhecimento confiável e seu patrimônio, enquanto houver novos jovens a aprender, mesmo com todas as inovações” (Athayde, 2010, p. 392, tradução minha).

história dos povos indígenas. Nesta tese, com relação a esses estudos multidisciplinares, temos como foco as questões relacionadas aos povos Kawahíwa.

Entendo que a perspectiva interdisciplinar/multidisciplinar, especialmente entre a linguística, a antropologia, a história, a arqueologia e a geografia colaboram de maneira significativa para compreensão do transcurso histórico e sociocultural dos povos Tupí-Kawahíwa. Isso é de se esperar, já que as fontes etnográficas, etnohistóricas e etnoarqueológicas sobre os Kawahíwa Setentrionais e Meridionais apresentam um excelente conjunto de dados para a construção do perfil de afinidades e diferenças linguísticas e culturais desses povos. Porém, dado o foco da tese e o tempo necessário para organizar esses dados (seleção, descrição e análise desse aspectos etnográficos dos povos Kawahíwa em tela), optei por utilizar das pesquisas e estudos selecionados algumas informações relacionadas aos aspectos referidos no início deste parágrafo.

Sendo assim, com base nesses dados, concluímos a fase de levantamento bibliográfico sobre as histórias e as culturas dos povos Kawahíwa e passamos à apresentação do levantamento bibliográfico panorâmico dos estudos linguísticos realizados por diversos autores sobre as línguas que compõem o objeto de estudo em questão: o complexo linguístico Kawahíwa.

4.4 Estudos linguísticos sobre as línguas do complexo Kawahíwa

Kawahíwa ou Tupí-Kawahíwa, nome dado ao conjunto de línguas que formam o sub-ramo VI da Família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1984-1985; RODRIGUES, CABRAL, 2002, 2012), é um complexo linguístico pouco conhecido, no sentido de que não encontramos estudos aprofundados sobre boa parte das línguas que compõem esse complexo, que é composto, de acordo com Kracke (2007, p. 27), pelos Kawahíwa Setentrionais e pelos Kawahíwa Meridionais. É, como se vê, um complexo linguístico singular por incluir grupos Tupí-Kawahíwa localizados no sul do Amazonas (os Kawahíwa Meridionais), centro oeste de Rondônia (Karipúna, Jupaú e Amondáwa), noroeste do Mato Grosso e sul do Pará (Apiaká, Piripkúra e Kayabí).

Contudo, conforme dissemos antes, são poucos (ou nenhum) os estudos gramaticais descritivos de algumas línguas desse complexo. É o caso, por exemplo, das línguas Apiaká, Diahói, Karipúna, Júma e Piripkúra. Além de listas de palavras (GUIMARÃES, 1844; COUDREAU, 1897) e dos Formulários dos Vocabulários Padrões (GUDSCHINSKY, 1959; DOBSON, 1975), sobre a língua **Apiaká** temos apenas a dissertação de mestrado de Pádua

(2007) sobre a fonética e fonologia. Sobre a língua **Júma** encontramos dois textos publicados. O primeiro é um estudo sobre “Os fonemas da língua Júma”, elaborado por Arne e Joyce Abrahamson (1984). O segundo é uma lista de palavras Parintintín que, segundo Pease (1977 [2009]) apresentam semelhanças com a língua Júma. Essa lista foi organizada tendo por base o Dicionário Parintintín-Português elaborado por Betts (1981 [1968]). Segundo Pease (2009, p.2), para os Júma essas palavras e morfemas “were being used or understood in a similar way to the Parintintín”.

Quanto às línguas **Piripkúra e Diahói**, ainda não encontramos estudos linguísticos específicos e aprofundados sobre a estrutura gramatical dessas línguas. Sobre a língua Diahói, Sampaio (2001, p. 25) em sua tese sobre as línguas Tupí-Kawahíwa nos informa que:

“o único material lingüístico a que tivemos acesso, para a realização deste trabalho, é uma lista de 450 vocábulos, adaptada a partir do Questionário Lexical Extensivo (Bouquiaux e Thomas: 1976), por nós coletada na Casa do Índio, em Porto Velho em 1998, com a ajuda da pedagoga e indigenista Cleide Bezerra.

Dessa lista de 450 vocábulo da língua **Diahói**, a estudiosa apresenta em sua tese “uma lista de vocábulos constituída de 200 (duzentos) itens coletados em cada língua”. Neste caso, a autora refere-se às línguas que em seu estudo formam o grupo interno (Tupí-Kawahíwa): “júma, tenharim, parintintín, uru-eu-uau-uau, amondava, caripuna e diahoi” (SAMPAIO, 2001, p. 73). Essa lista se constitui de alguns pronomes, nomes de animais, ações básicas, partes do corpo humano, cores, fenômenos e elementos da natureza, entre outros. Essa lista é apresentada no Anexo 1 da referida tese (SAMPAIO, 2001, p.110-129). Ou seja, das línguas desse grupo interno temos acesso a uma lista de 200 vocábulos. Nessa tese não são apresentados dados gramaticais (da morfologia e da sintaxe) das línguas comparadas, pois é um estudo que, segundo Sampaio (2001, p. 63) está baseado “nas similaridades fonéticas existentes entre as línguas comparadas”.

A situação da língua **Karipúna** é semelhante à das línguas Diahói e Júma, pois também não encontramos estudos gramaticais relacionados à morfologia ou à sintaxe dessa língua. O único estudo sobre a língua(gem) Karipúna que tive acesso foi a dissertação de mestrado de Rebeca Silva (2013). Nesse estudo, a autora realiza uma análise linguística de uma narrativa oral, a “Saga Karipúna”, sobre a história do contato do povo Karipúna com a sociedade não indígena. É uma narrativa contada em língua portuguesa, que resultou de uma pesquisa participativa junto aos Karipúna. Esse estudo, segundo Silva (2013, p.136), “teve como objetivo realizar um estudo hermenêutico – em bases formais e semânticas e sob uma ótica eminentemente laboviana”. Sobre a filiação linguística dos Karipúna de Rondônia, Silva (2013,

p.40) citando os estudos de Paiva (2000, 2005), destaca “que a língua Karipúna de Rondônia pode ser classificada como pertencente ao grupo Tupi-Kawahib, da família linguística Tupi-Guarani, do tronco Tupi.”

Betts e Pease (1991) são autoras do "Comments on **Uru-Eu-Wau-Wau**", considerado o estudo disponível mais aprofundado sobre a língua Uru-Eu-Wau-Wau. Neste texto, de acordo com essas estudiosas o Uru-Eu-Wau-Wau é “um dialeto da língua kagwahiva” e as construções apresentadas nesse estudo “são encontradas, também, nos dialetos Parintintín e Tenharim”. Segundo as autoras, as “diferenças secundárias entre o Amondáwa e o Uru-Eu-Wau-Wau” podem ser identificadas em uma comparação da “lista de palavras destes dialetos” (BETTS, PEASE, 1991, p. ii).

Um estudo sobre as línguas **Parintintín, Tenharim, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondáwa** é desenvolvido por Sampaio (1997) em sua dissertação de mestrado. É um estudo comparativo preliminar, sob a perspectiva da linguística comparativa, cujo objetivo é, segundo Sampaio (1997, p.8), verificar os graus de proximidade entre as línguas em estudo. Esse estudo, segundo a autora, pretende contribuir para uma revisão da classificação interna das línguas Tupi-Kawahíwa (SAMPAIO, 1997, p. 86). Esse é também o objetivo da tese defendida por Sampaio (2001). Em sua dissertação, Sampaio (1997) considera a língua Tenharim uma variante do Parintintín e a língua Amondáwa uma variante do Uru-Eu-Wau-Wau, por esta razão, desde o título da dissertação, a autora faz o seguinte registro: “Parintintín (Tenharim) e Uru-Eu-Uau-Uau (Amandava)”. Na Seção 5, apresentamos a tese de Sampaio (2001), um estudo sobre as línguas Tupi-Kawahíwa que traz importantes contribuições para a classificação interna do sub-ramo VI da família Tupi-Guaraní.

A dissertação de Sampaio (1997) possui três capítulos. O primeiro é um levantamento bibliográfico, onde a autora apresenta informações de estudos etnográficos e linguísticos sobre os povos Tupi-Kawahíwa que estão sob foco em sua dissertação. Cabe ressaltar que, segundo a autora, os estudos etnográficos e linguísticos apresentados nesse primeiro capítulo serviram de referência para os estudos apresentados nos capítulos II e III. No segundo capítulo há um detalhamento e uma análise comparativa dos sistemas fonológicos das línguas Parintintín e Amondáwa. Sampaio (1997, p.20) explica que fará uma "comparação entre os dois sistemas fonológicos”. No terceiro capítulo, a autora realiza uma breve comparação lexical com o objetivo de verificar o grau de semelhança lexical entre as línguas **Parintintín, Amondáwa, Uru-Eu-Wau-Wau e Tenharim**. Para Sampaio (1997), essas línguas compartilham de um mesmo sistema fonético, com pequenas diferenças nas realizações

fonéticas de alguns fonemas. A autora entende que “as diferenças fonéticas e as poucas diferenças lexicais se contituem como elementos de identificação sócio-política entre esses povos Tupí-Kawahíwa, pois é através dessas diferenças que cada um deles se identifica como povo” (SAMPAIO, 1997, p. 85-86).

“Parintintín Grammar” é um estudo sobre a língua **Parintintín** realizado por Helen Pease (1968 [2007]). Esse estudo está dividido em cinco partes: 1) The Verb Complex – o verbo (transitivo, intransitivo, ou descritivo) é considerado a unidade gramatical mais importante da língua Parintintín; 2) The Noun Complex – o substantivo, unidade básica da frase (PEASE, 2007, p. 31); 3) Phrases (PEASE, 2007, p.40); 4) Clauses (PEASE, 2007, p.53); e 5) Sentences (PEASE, 2007, p.72).

É de La Vera Betts (1969 [2008]) o “Parintintín Discourse”. Nesse texto, além de um estudo sobre o “pronominal reference in Parintintín” (BETTS, 2008, p.2-6), a autora apresenta um estudo sobre o “Demonstrative and Declarative Verb Forms’ (BETTS, 2008, p.7-34). Nessa obra, a estudiosa incluiu vários textos na língua Parintintín com tradução livre em Inglês (BETTS, 2008, p. 35-79).

Sobre a língua **Kayabí** destaco, a seguir, estudos realizados por Dobson (1983, 1997, 2005), Weiss, (1998), Souza (2004) e Gomes (2007). “Pronomes reflexivos” em Kayabí é um estudo realizado por Dobson (1983). Segundo a autora, em Kayabí a comparação referencial é feita através dos pronomes reflexivos; o domínio da reflexividade é o período, em vez da oração; os pronomes reflexivos são usados em todas as combinações de pessoa e de número e, gramaticalmente, os pronomes são presos (mas em alguns casos, na ortografia adotada pela estudiosa, são escritos como formas livres). Para Dobson (1983, p.7), a escolha entre os pronomes reflexivos e não-reflexivos em certos casos, soluciona as ambiguidades da referência do sujeito.

A “Gramática Prática Com Exercícios da Língua Kayabi” é, segundo Rose Dobson (1997, p.1), uma tentativa para explicar, sem utilizar termos técnicos, algumas partes da gramática consideradas necessárias para os aprendizes da modalidade oral dessa língua. Os exercícios apresentados nessa obra devem ser realizados, segundo a autora, “junto com um falante nativo para verificar a pronúncia e a entonação”. Após a Introdução (Dobson, 1997, p.1) e a informação sobre a “Chave da Pronúncia” (DOBSON, 1997, p.2-9), são apresentadas 34 lições; na sequência temos o “Apêndice – A Formação da Forma Narrativa do Verbo” (DOBSON, 1997, p. 135-137) e um “Vocabulário” (DOBSON, 1997, p.138-149).

O estudo “Aspectos da Língua Kayabí” teve sua primeira edição em 1988 e a segunda aconteceu somente em 2005. É um estudo realizado por Rose Dobson (2005) e traduzido por Duse Abreu Moura. Nessa obra estão reunidos vários artigos com o objetivo, segundo a autora de “preencher uma das lacunas” nos estudos relacionados ao conhecimento das línguas Tupí-Guaraní. A obra está dividida em seis temáticas: 1) padrões oracionais Kayabí (DOBSON, 2005, p.5); 2) relacionadores integrantes de sintagmas do tipo eixo relacionador (DOBSON, 2005, p. 46); 3) pronomes reflexivos (DOBSON, 2005, p.57); 4) as funções das formas verbais narrativas, declarativas e de enfoque no discurso narrativo Kayabí (DOBSON, 2005, p.61); 5) o uso de conectivos referenciais no discurso narrativo Kayabí (DOBSON, 2005, p.73); e 6) morfofonêmica Kayabí (DOBSON, 2005, p.83).

A tese de Helga Weiss (1998) é uma organização de um dicionário básico Kayabí-Português. Desse estudo destaco o capítulo 5 (WEISS, 1998, p.73-96) e os apêndices (WEISS, p. 237). No primeiro temos um resumo da gramática dessa língua e, no segundo, são apresentadas informações socioculturais acerca do parentesco, do sistema de números, dos termos para as cores, tempo, calendário e algumas palavras e expressões onomatopéicas.

“Clíticos, redobro e variação da ordem oracional em Kayabí (Tupi-Guarani)” é título da tese de Nataniel Gomes (2007). O capítulo 2 dessa tese contém um esboço gramatical da língua, é um esboço de base descritiva. Para Gomes (2007, p.18) nos trabalhos produzidos Dobson (1988, 1997) há “alguns problemas que merecem ser sanados” e “falta uma análise sobre os fatos linguísticos da língua”. Assim sendo, o autor se propõe investigar o estatuto dos sujeitos pronominais que exibem efeitos de 2ª posição, bem como o papel desses elementos na variação da ordem oracional e nas construções de redobro de clíticos.

Sousa (2004) apresenta em sua dissertação de mestrado um estudo sobre alguns aspectos da língua Kayabí: o caso de marcas de gênero (3ª pessoa e interlocução) e demonstrativos. O estudo sobre os pronomes pessoais – os aspectos dêíticos (SOUZA, p. 39 - 63) – é limitado ao nível da sentença e de pequenos textos, excluindo a abordagem dos aspectos anafóricos e catafóricos.

Antes de concluir essa apresentação panorâmica dos estudos acima listados, importante registrar que até a década de 1990 muitas pesquisas sobre os povos e as línguas Tupí-Guaraní foram realizadas. Dessa época, encontramos vários estudos que classificam como dialetos as línguas que apresentavam determinadas semelhanças. Esses estudos eram, na maioria das vezes, limitados a uma lista de vocábulos, sem um estudo aprofundado da estruturas das línguas. É o que acontece, por exemplo, na descrição fonológica preliminar da língua

Amondawa, considerada por Neto e Morais (1995) um dialeto do Uru-Eu-Wau-Wau. Felizmente, essa situação foi mudando a partir do momento em que importantes estudos sobre as línguas indígenas, em especial sobre algumas línguas da família Tupí-Guaraní, passaram a ser realizados e a estar disponíveis. Todavia, sabe-se que, por razões diversas, é difícil o acesso a alguns desses trabalhos de pesquisas.

Contudo, essa situação vem sendo amenizada, pois já é possível encontrar determinados estudos, até algumas obras “raras”, disponíveis em bibliotecas digitais. É o caso do “Dicionário Parintintín-Português-Português-Parintintín” (BETTS, 1981 [1968]), da “*Parintintín Grammar*” (PEASE, 2007 [1968] dos “Aspectos da língua Kayabí” (DOBSON, 2005 [1988]) do “*Júma- Parintintín Similarities* (PEASE, 2008 [1977]), *Parintintín Discourse* (PEASE, 2008 [1969]) e outros. Sendo assim, na subseção a seguir, apresentamos três obras lexicográficas, a saber: o Dicionário Parintintín; o Dicionário da Língua Kayabí e o *Kagwahiva Dictionary*.

4.4.1 Obras lexicográficas

Nesta seção, apresento apenas os dicionários citados acima, mas o levantamento bibliográfico possibilitou a organização de uma lista de obras lexicográficas dos materiais linguísticos culturais (dicionário, vocábulos, glossários, listas de palavras e formulários⁴⁰). Tais obras, foram utilizadas neste trabalho como fonte de consulta para uma dupla finalidade. Primeiro, fazer uma análise contrastiva de dados linguísticos do Kayabí e de línguas representativas de quatro sub-ramos orientais da família linguística Tupí-Guaraní (sub-ramos V, VI, VII e VIII), cujo resultados colaboram para a discussão do posicionamento do Kayabí no âmbito de sua relação genética com as línguas Tupí-Kawahíwa (sub-ramo VI) e com Kawajurá (sub-ramo VII), como também com o Asuriní do Xingu (sub-ramo V) e com o Wayampí (sub-ramo VIII). As línguas Kawahíwa, que é o foco deste estudo, conforme proposto por Rodrigues e Cabral (2002, p. 336) na revisão da classificação interna da família Tupí-Guaraní proposta por Rodrigues (1984-1985) estão agrupadas no sub-ramo VI: Kayabí, Apiaká; Parintintín (Kaywahíb), Tupí-Kawahíb (Tupí do Machado, Pawaté, Wiraféd, Urueuwauwau, Amondava, Karipúna, etc.) e Júma.

⁴⁰ São os “Formulário dos Vocábulos padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras”, do Museu Nacional (cf. ANEXO D).

A fim de apresentar de forma organizada e sistemática as obras lexicográficas consultadas, ou seja, os referidos dicionários, utilizei o “Roteiro para avaliação de dicionário e glossários científicos e técnicos” (cf. ANEXO E), elaborado por Faulstich (2011), e as ferramentas de auxílio à tradução ABBYFINE⁴¹ e AntConc.⁴² O ABBYYFine Reader 9.0 é um aplicativo de OCR que permite a conversão de imagens para documentos editáveis e pesquisáveis. Já o AntConc 3.2.4w é um concordanciador e extrator terminológico, isto é, é um programa de computador (*freeware*) considerado uma ferramenta de análise para os estudos linguísticos. Essas duas ferramentas, o ABBYY Fine Reader 9.0 e o AntConc 3.2.4w foram fundamentais para o evantamento de dados⁴³, bem como para a seleção e a análise contrastiva das línguas comparadas, pois além de colaborar para a organização de grandes quantidades de dados, essas ferramentas⁴⁴ possibilitaram o estudo das línguas em diversas áreas, tais como a morfologia, a sintaxe, dentre outras.

O roteiro elaborado por Faustich (2011) possibilitou iniciar o processo de sistematização das informações contidas nas obras lexicográficas de forma mais metodológica, colaborando para organização desta subseção, para a seleção dos dados e para a elaboração de um futuro vocabulário bilíngue das línguas Kawahíwa-Português sobre o corpo humano (Vocabulário Parintintín-Português sobre o Corpo Humano, Vocabulário Amandáwa-Português sobre o Corpo Humano, Vocabulário Kayabí-Português sobre o Corpo Humano). Neste caso, estão sendo utilizados também informações etnolinguísticas de textos e estudos diversos sobre as línguas agrupadas no sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, CABRAL, 2012, p. 499).

Assim sendo, utilizando de obras lexicográficas e estudos descritivos sobre os povos e as línguas Kawahíwa, fiz um estudo comparativo buscando que o contraste das línguas comparadas destacasse as diferenças e semelhanças no plano histórico-comparativo e, conseqüentemente, contribuir para a discussão sobre as correspondências entre as línguas estudadas, a saber: as línguas do sub-ramo V, VI, VII e VIII. Para tanto aproveitei não só as palavras que vêm ordenadas nessas obras, como também as que se encontram nas frases e textos, principalmente no caso das línguas⁴⁵ que ainda não possuem estudos na área da

⁴¹ CD da Impressora Epson L355. Converter textos fotográficos em PDF/Word.

⁴² O AntConc é um software livre. Criado por Laurence Antbrony da Universidade de Warada (Japão).

⁴³ A ferramenta AntConc foi muito útil tendo em vista a necessidade de trabalhar com corpus relativamente significativo em volume: treze línguas, se contarmos as 10 línguas do sub-ramo VI e as três representativas dos sub-ramos, Asuriní do Xingu(V), Kawajurá(VII) e Wayampí(VIII).

⁴⁴ Curso de Aperfeiçoamento em Ferramentas de Auxílio à Tradução (FAsT): Swordfish e Stingray (2011/UnB) e PROTRAD - "Profissionalizando-se na Tradução" (2014/UnB).

⁴⁵ É o caso das línguas Diahói, Júma, Uru-Eu-Wau-Wau, Amondáwa, Apiaká.

lexicografia, ou no caso em que é difícil⁴⁶ o acesso a esses estudos, alguns dos quais não foram publicados⁴⁷, por isso não estão disponíveis ao público. Esta seção está organizada da seguinte maneira: 1) apresentação das obras lexicográficas: os três dicionários; 2) considerações sobre essas obras lexicográficas.

Em larga medida, a avaliação dos três dicionários aqui apresentadas é preliminar, porque este estudo faz parte da pesquisa em curso, que visa investigar outras línguas do complexo linguístico Kawahiwa (Apiaká, Diahói, Júma e Piripkúra). A partir dos resultados obtidos nos estudos comparativos entre as línguas Kawahiwa, a avaliação apresentada neste texto poderá passar por uma revisão, pois, certamente outros estudos sobre essas obras podem apresentar mais informações e conhecimentos lexicográficos sobre essas línguas.

Sendo assim, gostaria de deixar claro que faremos, basicamente, uma apresentação dos seguintes dicionários: “Dicionário Parintintín” (La Vera Betts, 1981), “Para um Dicionário da Língua Kayabí” (Helga Elisabeth Weiss, 1998, 2005) e o “Kagwahiva Dictionary” (La Vera Betts, 2012 – albeit posthumously). Neste ponto, considero importante destacar que é uma boa proposta a análise desses três dicionários, conforme sugestão apresentada por Faulstich (1998, 2011), pelo fato de que o dicionário converte-se num ponto de referência absolutamente necessário para o conhecimento do léxico e da língua. Todavia, esse estudo lexicográfico não será feito aqui, tendo em visto o foco deste trabalho.

Entendemos que, a exemplo dos dicionários elaborados por La Vera Betts (1981, 2012) e Helga E. Weiss (1998, 2005), os estudos linguísticos sobre o léxico das línguas do complexo Kawahiwa vêm recebendo, atualmente, uma atenção especial por parte de estudiosos de áreas diversas, como os etnolinguistas e geolinguistas, pois são estudiosos que entendem a importância do conhecimento do léxico ou vocabulário de uma língua, bem como, o valor do conhecimento da língua materna para o fortalecimento da memória discursiva de uma comunidade linguística. Neste sentido, como parte desta tese, pretendemos realizar uma apresentação das seguintes obras:

- O Dicionário Parintintín (La Vera Betts, 1981);
- O Dicionário da Língua Kayabí (Helga Elisabeth Weiss, 1998);
- Kagwahiva Dictionary (La Vera Betts, 2012 – albeit posthumously).

⁴⁶ Karipuma, solicitei por escrito um estudo preliminar sobre a fonologia dessa língua, mas não obtive resposta.

⁴⁷ Piripkúra, é uma língua que está sendo foco de estudos de pesquisadores do LALLI.

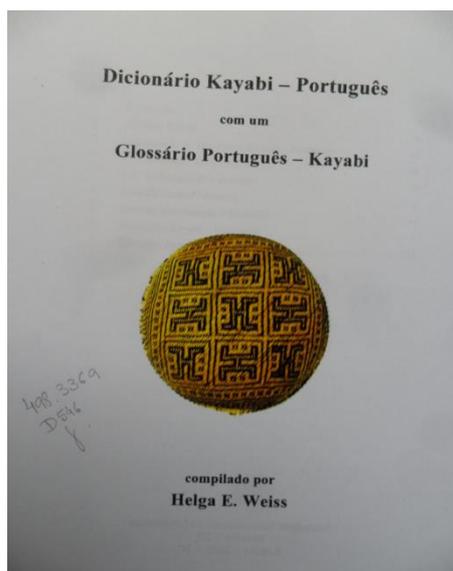
Betts (1981), na Introdução do Dicionário Parintintín-Português, informa que o dicionário apresenta uma visão geral da língua, “que pertence ao tronco tupi”. Somente ao final desse texto temos a informação de que a Língua Parintintín é da família tupi-guarani (BETTS, 1981, p.3). A autora informa, ainda que:

- Os dados foram coletados durante os anos de 1961 a 1968, junto aos Parintintín localizados na região do rio Ipixuna, onde está a Aldeia Canavial;
- O esboço gramatical desse dicionário foi feito em Inglês, a tradução para a língua portuguesa foi realizada por Ruth Wallace e o português foi revisado por Virgínia de Moraes e Ruth Wallace.
- Em 1965 foi preparada uma Concordância de 40.000 palavras extraídas de textos em Parintintín, no computador IBM 140 da Universidade de Oklahoma, pelo Linguistic Information Retrieval Project do Summer Institute of Linguistics e University of Oklahoma Research Institute.

Quanto à organização dos dados, somos informados que os morfemas (os radicais e os afixos) são alistados em ordem alfabética, no corpo do dicionário. Mas, as palavras são alistadas de acordo com a forma básica, sendo que os prefixos pronominais, os marcadores de classe, e alguns prefixos derivacionais são omitidos, exceto nos seguintes casos:

- 1) quando o radical só aparece em forma prefixada;
- 2) quando a forma ortográfica da raiz é modificada pelos prefixos, e
- 3) quando a ocorrência dos prefixos muda o significado.

A autora chama a atenção do leitor quanto às mudanças morfofonêmicas, que estão anotadas na Chave de Pronúncia (BETTS, 1981, p.7). Nesta há um destaque para os “Padrões fonêmicos da nasalização” (cf. BETTS, 1981, p.8-10). Além da “Chave de Pronúncia”, como informados que há um Esboço Gramatical, cuja função consiste, segundo a autora, em indicar a formação de palavras e locuções. Quanto à ordem alfabética, somos informados que segue a ordem normal. A autora informa, ainda, que foram empregados alguns regionalismos em uso na Amazônia na parte de Português do dicionário.



As primeiras e mais detalhadas informações sobre o **Dicionário Kayabi-Português** (cf. Foto ao lado) estão na tese de Helga E. Weiss, defendida em 1998: “Para um dicionário da Língua Kayabi”, que será publicado somente em 2005, em “Edição Preliminar e Experimental”. Nesta publicação, é incluído um Glossário Português-Kayabí. Segundo a autora (WEISS, 2005), o objetivo do dicionário é fornecer informações sobre a língua Kayabí e colaborar para que os professores tenham acesso ao acervo lexical da língua, “facilitando o ensino bilíngue nas escolas Kayabí”. Além disso, há o “desejo de colaborar para a preservação da memória cultural da sociedade Kayabí”. A autora nos informa em sua tese que:

- A coleta de dados aconteceu entre 1966 e 1992 (no livro somos apenas informados que esse trabalho de coleta de dados começou em 1965). E aconteceu nas regiões do Parque Indígena do Xingu (MT) e no Posto Indígena Tatuí (PA).
- O tipo de dicionário: bilíngue-bicultural. A autora destaca em sua tese a importância da cultura na dicionarização.
- O projeto proposto e realizado por Weiss (1998) teve as seguintes características: pesquisa etnolinguística, método ativo, pesquisa participante.
- Público alvo: usuários em busca de uma obra de referência com dados acerca de uma língua da família Tupí-Guaraní, o Kayabí (cf. WEISS, 1998, p. 44).

Interessante notar que a autora afirma, no livro, que, por causa do pouco contato, a língua sofreu modificações em alguns aspectos: pronúncia, gramática, semântica. Está na tese a seguinte informação: “Mesmo com a dispersão dos Kayabí, a língua tem se mantido com variações mínimas” (WEISS, 1998, p.10). Algumas dessas variações são apresentadas na seção 3.2.2 da tese.

Quanto à organização do dicionário, a autora nos informa que as entradas seguem a ordem das letras do alfabeto Kayabí. Há explicações sobre a marcação dos homônimos. Os leitores são orientados quanto à elaboração dos verbetes, com explicação sobre a marcação dos polissêmicos.

Outras informações: os termos técnicos, um total de 18 (dezoito) itens, segundo a autora, fornecem informações sobre a entrada, a sua relação com outras palavras, etc.. A lista de abreviaturas e símbolos apresenta uma relação com 69 (sessenta e nove) itens, dentre os quais “Fala feminina – fala fem.” e “Fala masculina – fala masc.”. Quanto ao Glossário não há informações ou comentários.

O Prefácio do *Kagwahiva Dictionary* (La Vera Betts, 2012 – albeit posthumously) de autoria de Alan Vogel no informa que esse dicionário resulta do trabalho realizado por La Vera Betts durante décadas entre os Kawahíwa, especificamente, com os Parintintín e os Tenharim. Betts faleceu em 2006, logo, esse dicionário é uma obra póstuma (“very happy to presente... albeit posthumously”). Helen Pease, por ter sido companheira de pesquisa de Betts, colabora com a organização dessa obra que se propõe apresentar uma comparação entre as línguas Parintintín, Tenharim, Amondáwa, Uru-Eu-WauWau e Karipúna, especialmente entre as duas primeiras. Somos informados por Vogel que há lacunas na obra tendo em vista que determinadas dúvidas e questionamentos não poderiam ser respondidos pela autora La Vera Betts. Mas, nada que atrapalhe de fato a qualidade da obra, segundo Vogel.

É na Introdução do *Kagwahiva Dictionary* onde encontramos informações sobre a organização e estrutura da obra. Dividida em quatro seções, a Introdução nos informa sobre:

- 1) As entradas: apresenta uma visão geral dos tipos de informações contidas nas entradas do dicionários (BETTS, 2012, p. 2).
- 2) Os símbolos fonéticos: explicação sobre os símbolos usados nas palavras de entrada e nas frases de exemplos (BETTS, 2012, p. 2-4).
- 3) Visão geral da gramática Parintintín: focalizando as classes de palavras (BETTS, 2012, p. 4-14).
- 4) Chave para abreviaturas usadas no texto do dicionário (BETTS, 2012, p.14 -15).

Nesse dicionário, Helen Pease, pesquisadora e parceira de estudos de La Vera Betts, fez uma série de mudanças na base de dados apresentados no dicionário elaborado por Betts (1981), com o objetivo de atualizar e incluir nesse dicionário informações que a autora pretendia realizar em vida, mas não pôde. Principalmente as alterações de formatação, esclarecimentos e harmonização, mas quase nenhuma dessas mudanças afetaram a substância das entradas. Sempre que Pease teve uma sugestão mais pessoal, diferente do que estava posto por Betts, ela colocou isso em notas. Essas notas estão dentro de colchetes [], e são rotulados HP (para Helen Pease) no início de cada nota.

Após essa breve apresentação, podemos dizer que o Dicionário Parintintín (BETTS,1981), o Dicionário da Língua Kayabí (WEISS,1998) e *Kagwahiva Dictionary* (BETTS, 2012) além de contribuírem para o conhecimento das respectivas línguas são obras que, por sua natureza didático-pedagógica, podem ter um valor significativo para o processo de fortalecimento e valorização das línguas e das culturas Tupí-Kawahiwa. São obras que fornecem ao leitor informações importantes sobre as línguas neles descritas: Parintintín (ou Tenharim?) e o Kayabí. Neste caso, são três importantes registros de línguas do complexo Kawahiwa que, no caso do Parintintín, infelizmente, corre o risco de desaparecer, devido ao seu baixo número de falantes.

Contudo, é possível verificarmos que algumas características importantes precisam ser revistas, ou incluídas, pois há verbetes, por exemplo, do dicionário Dicionário Parintintín que precisam ser reelaborados para que as relações de significado sejam melhor trabalhadas. De forma geral, nos três dicionários faltam, também, explicações fonológicas, semânticas e pragmáticas que permitem ao leitor entender melhor o significado da palavra. Importante destacar que o Dicionário da Língua Kayabí e o *Kagwahiva Dictionary* apresentam frases de exemplos, que colaboram para a compreensão do funcionamento da palavra nos contextos apropriados. Mas, nas remissivas do dicionário não há indicação de cada palavra da frase ilustrativa.

4.4.2 Alguns estudos: Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampí

Nesta subseção registramos uma breve apresentação de alguns estudos linguísticos sobre o Asuriní do Xingú, Kamajurá e Wayampí. Desses estudos, ou utilizamos alguns dados descritivos para realizarmos a comparação entre as línguas em tela nesta tese, ou são estudos que serviram apenas de consulta sobre alguma questão relacionada ao estudo proposto.

Nesse sentido, destacamos a dissertação de Solano (2004). É um estudo que utiliza o Método Histórico-Comparativo e, tem como foco precisar a situação do Araweté na família linguística Tupí-Guaraní. Contudo, também pode ser considerada uma das principais fonte de estudos sobre as línguas Asuriní do Xingu e Wayampí que colaborou para realizarmos a análise contrastiva proposta em 6.3 e 6.4. Nessa dissertação, a autora realiza uma comparação de dados das línguas Asuriní do Xingu, Araweté e Wayampí. De acordo com a autora, o objetivo desse estudo foi contribuir para fundamentar a posição do Araweté e do Asuriní do Xingu no mesmo sub-ramo V, conforme a classificação de Rodrigues (1985) (SOLANO, 2004, p. 32).

A tese de Silva (2010) é um estudo sobre a história interna do complexo Tenetehára, línguas agrupadas ao sub-ramo IV (RODRIGUES, 1984-1985). É também um estudo realizado sob a perspectiva do Método Histórico-Comparativo, e como tal, muito contribuiu para esclarecer a relação genética entre as línguas do complexo Kawahíwa e o Kayabí. Desse estudo, consultei como material linguístico, as subseções sobre as línguas do sub-ramo V, especificamente, a língua Asuriní do Xingu (SILVA, 2010, p. 251, 319, 358, 413, 618, 639).

A dissertação de Souza (2013) é um estudo desenvolvido à luz do Método Histórico-Comparativo e já indica no título o objetivo principal desse trabalho, que é trazer “Contribuições para a história linguística do subgrupo Tupí-Guaraní norte-amazônico, com ênfase na língua Zo’ê”, conforme proposto por Rodrigues e Cabral (2003). Nesse estudo, a autora realiza uma análise comparativa de dados fonológicos, lexicais e gramaticais para um diagnóstico dos graus de relações genéticas do Zo’ê com o Emérillon e com o Wayampí (SOUZA, 2013, p. 15).

Além dessas, consultei e serviram-me de fonte de dados linguísticos outras obras da área de estudos da linguística. Uma foram consultadas por desenvolverem estudos sob a perspectiva do método histórico-comparativo (e.g. CORREIA-DA-SILVA, 2010; MARTINS, 2007, 2011), outras por desenvolverem estudos sobre questões relacionadas às línguas Tupí-Guaraní (LOPES, 2014; SILVA, 2015), às línguas do complexo Kawahíwa (DOBSON, 1973, 1983^a), ou às línguas Asuriní do Xingu (PEREIRA, 2009, 2015), Kamajurá (SEKI, 2000a; BRANDON, SEKI, 1984), Wayampí (JENSEN, 1984, 1990).

4.5 Considerações gerais

Pensando na perspectiva da Linguística Histórica, nos eventos em que estive nas aldeias, atentei um pouco mais para os aspectos da etno-história dos povos Kawahíwa. Foi assim que nesses eventos percebi um interesse dos indígenas em afirmar uma “identidade Tupí-Kawahíwa”, o que se refletiu na forma de se autodenominarem Kawahíwa, especialmente nas saudações realizadas nos eventos, pois faziam questão de explicar para a audiência que eram “parentes”. Nesse trabalho de campo, identifiquei, também, o coletivo interesse em elaborarem e produzirem materiais didáticos para incluir no processo de revitalização e fortalecimento das línguas e das culturas dos povos Kawahíwa.

Essas experiências em trabalho de campo e, tendo em vista o fato de que as línguas Tupí-Kawahíwa estão entre as mais ameaçadas (cf. ANEXO B – LÍNGUAS KAWAHÍWA AMEAÇADAS-ATLAS) de extinção no mundo (MOSELEY, 2010), segundo uma

classificação feita pela UNESCO⁴⁸, entendi que o acesso a uma bibliografia crítica e/ou a um arquivo sobre tais obras poderia contribuir para o conhecimento e fortalecimento das línguas e culturas dos povos agrupados nesse complexo. Neste ponto, é bom observar, a classificação da UNESCO distingue seis graus de vitalidade da línguas baseada em nove fatores. Dentre esses fatores, o mais saliente é o da transmissão intergeracional. Neste sentido, a situação linguística das línguas do complexo Kawahíwa em foco neste trabalho é preocupante, como demonstra o quadro abaixo:

QUADRO 09: SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DAS LÍNGUAS KAWAHÍWA (UNESCO)

Língua	ISSO 639-3	Situação	Transferência entre gerações ⁴⁹
Uru-Eu-Wau-Wau Amondáwa	urz adw	Vulnerável	A maioria das crianças falam a língua, mas ela está restrita a certos domínios (ex: em casa).
Kayabí	kyz	Vulnerável	
Karipúna	kuq	Definitivamente ameaçada	As crianças já não aprendem a língua em casa como língua materna.
Tenharim	pah	Severamente ameaçada	A linguagem é falada pelos avós e gerações mais antigas; a presente geração pode compreender, mas não fala a língua materna entre si, e não é ensinada para as suas crianças.
Apiaká	api	Criticamente ameaçada	As novas gerações não falam; só os avós e mais velhos, e ainda assim pouco frequentemente ou parcialmente.
Diahóí	pah	Criticamente ameaçada	
Júma	jua	Criticamente ameaçada	
Parintintín	pah	Criticamente ameaçada	

FONTE: Interactive Atlas of the World's Languages in Danger (MOSELEY, 2010).

Se considerarmos a classificação feita pela UNESCO, podemos incluir a língua **Piripkúra** na situação de **criticamente ameaçada**, e, neste caso, podemos inferir que é complexa a situação linguística do complexo Kawahíwa. A língua Apiaká, por exemplo, já não possui falantes, conta apenas com os “lembradores”. Do outro lado, para os Kayabí do PIX e os Tenharim a língua materna é considerada a primeira língua da comunidade, contudo o povo é bilíngue (Kayabí-Português; Tenharim-Português). Assim, no contexto atual observamos uma crescente valorização da língua majoritária (Português) em detrimento das línguas minoritárias,

⁴⁸ Cf. UNESCO Interactive Atlas of the World's Languages in Danger. Disponível em: <http://www.unesco.org/languages-atlas/>. Último acesso em: 04 nov. 2015.

⁴⁹“Degrees of endangerment” Disponível em: <<http://www.unesco.org/languages-atlas/en/atlasmap.html>>

o que faz com que as línguas (indígenas) minoritárias estejam em perigo de extinção. E perder uma língua é, sem dúvida, um prejuízo para a humanidade. De acordo com Rodrigues (2014, p. 448)⁵⁰:

The maintenance of the native language favours a smooth evolution of the respective culture, even under strong outside pressure, enabling people to incorporate new knowledge without systematically losing their old wisdom. This is vital not only for the healthy psychological equilibrium of the individuals, but also for the social and economic adaptation to new situations.

Nesse linha de pensamento, entendo que a organização da bibliografia disponível, assim como o acesso e uso adequado desse acervo poderá ser uma ferramenta eficaz para o processo de revitalização, valorização e manutenção das línguas e culturas Kawahíwa. Por outro lado, sabemos que o acesso a um acervo bibliográfico não é suficiente para tal empreendimento. Como bem apontou Hinton e Hale (2001, p.13): “Para uma pessoa que está morrendo, a primeira tarefa dos médicos é fazer o coração bater de novo. Para uma língua ameaçada, a primeira tarefa é fazer com que os falantes nativos a falem de novo”. Sobre a perda e a revitalização de uma língua tradicional, concordo com a UNESCO⁵¹ quando afirma que:

as línguas tradicionais têm vínculos com os seus correspondentes ecossistemas, de modo que **a sua perda repercute igualmente na diversidade ambiental e ecológica**. Sob esse ponto de vista, é fundamental **adotar medidas que protejam e promovam as línguas** de importância local, enquanto se apoia a aprendizagem de línguas veiculares que permitam aceder a comunicações rápidas e ao intercâmbio de informação. (UNESCO, 2009, grifos meus)

Sobre a construção do “Arquivo Línguas e Culturas dos Povos Tupi-Kawahíwa” considero importante informar que adotei critérios de organização dos títulos coletados, expondo uma lista com alguns títulos sobre as línguas e as culturas dos povos Kawahíwa, desde trabalhos acadêmicos (tese, dissertação, TCC, artigo científico) até pequenas notas em periódicos (jornais e revistas), bem como, produções em blogs e sites. Organizei, também, uma lista com alguns títulos que não consegui localizar ao longo dos três anos de levantamento nas bibliotecas e webtecas. O processo de organização desse acervo bibliográfico e webgráfico colaborou para o estudo proposto nesta tese, pois foi fundamental ter acesso aos diversos textos sobre os povos e as línguas que, de alguma maneira, estão em tela neste trabalho, a saber: povos/línguas do complexo Kawahíwa⁵² (sub-ramo VI): Parintintín, Tenharim, Júma, Diahói,

⁵⁰“A manutenção da língua nativa favorece uma evolução equilibrada da respectiva cultura, mesmo sob forte pressão externa, permitindo que as pessoas incorporarem novos conhecimentos, sem perder sistematicamente sua antiga sabedoria. Isso é vital não só para o equilíbrio psicológico saudável dos indivíduos, mas também para a adaptação social e econômica das novas situações.” (RODRIGUES, 2014, p. 448, tradução minha).

⁵¹ 2º Relatório Mundial da UNESCO: Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural (ISBN nº 978-92-3-104077-1. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>>

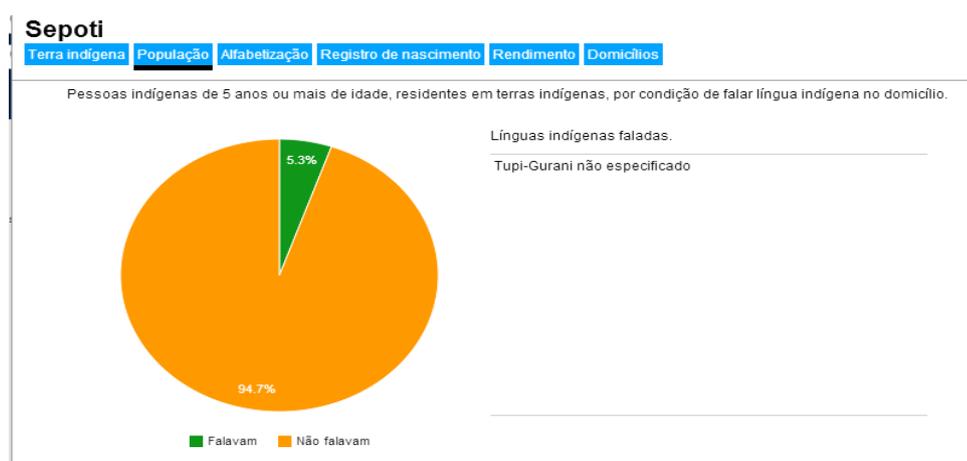
⁵² Cf. RODRIGUES, CABRAL, 2012, p. 499.

Uru-Eu-Wau-Wau, Amondáwa, Karipúna, Apiaká, Piriphura e Kayabí, †Tupí-Kawahib (Tupí do Alto Machado, Paranawá, Pawaté, Wiraféd)⁵³; uma língua/povo do sub-ramo V: Asuriní do Xingu; uma língua/povo do sub-ramo VII: Kamajurá e uma língua/povo do sub-ramo VIII: Wayampí.

Desse levantamento bibliográfico e do trabalho realizado em campo pude verificar a questão de proficiência entre os falantes das línguas do complexo Kawahíwa. Esse levantamento esclareceu o porquê de línguas Tupí-Kawahíwa configurarem na relação da UNESCO de línguas ameaçadas de extinção (cf. Quadro 9 e Anexo B). Sabe-se que a redução contínua de falantes fluentes da língua materna ancestral e o crescente uso da língua portuguesa é, de forma geral, o que vem acontecendo no cotidiano dos povos Kawahíwa (Apiaká, Diahói, Júma, Amondáwa, Parintintín, Karipúna, e.g.). Temos, então, a língua indígena, classificada como língua minoritária, sendo, em muitos casos, substituída pela língua dominante, a língua portuguesa.

Nas Entrevistas em que contei com participação de indígenas Parintintín, Júma, Diahói, Jupaú e Tenharim, uma das perguntas foi sobre a situação de uso da língua indígena na comunidade. As respostas foram diferentes, mas a maioria descreveu que há uma preocupação quanto ao fortalecimento da língua, pois “só os mais velhos sabem ou falam a nossa língua materna”. Essa preocupante situação não se aplica aos Tenharim do Igapé Preto, aos Tenharim do Marmelos (Gleba B) e os Tenharim do Marmelos, pois de acordo com o Censo de 2010, os dois primeiros tem 100% de falantes da língua indígena/materna, e o segundo, apenas 5,2% não fala a língua materna. Mas, a história linguística dos Tenharim do Sapoti é outra bem diferente da situação linguística da dos outros grupos Tenharim apresentados anteriormente.

FIGURA 14: OS TENHARIM DA T. I. SEPOTI



FONTE: IBGE, CENSO 2010

⁵³ Cf. NIMUENDAJÚ, 1924.

Fazendo, portanto, um cotejo entre as respostas dos entrevistados, o Censo 2010 e os estudos sobre a situação linguística dos Kawahíwa, compreendi que em alguns povos Kawahíwa o processo para fortalecer e revitalizar a língua indígena faz parte de um esforço coletivo. Contudo, em outros povos, temos uma situação complexa, como a dos remanescentes Júma, tendo em vista que o processo de colonização quase conseguiu a extinção desse coletivo. É o caso, também, do povo Apiaká⁵⁴, cuja língua entrou para a relação de línguas extintas da FUNAI.

⁵⁴ “Entre as línguas declaradas extintas, podemos citar [...] e Apiaka. Esta última, pertencente à família linguística Tupi-Guarani [...] entrou, recentemente, para a lista das línguas extintas.” Notícia disponível em: <http://www.fbb.org.br/reporter-social/entrevistas/entrevista-jose-carlos-levinho-diretor-do-museu-do-indio.htm>.

5 CLASSIFICAÇÃO INTERNA DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ

Não obstante, acredito que a presente proposta oferece bastante consistência do ponto de vista da linguística histórica e que poderá revelar-se útil como um modelo hipotético de desmembramento histórico das línguas e, em certa medida, dos povos Tupí-Guaraní, a ser testado não só pelos linguistas, mas sobretudo também pelos antropólogos, em vista de argumentos sociais e culturais.

Rodrigues (1984-1985, p.33)

5.1 Considerações iniciais

Rodrigues e Cabral (2002) realizaram uma revisão da classificação interna da família linguística Tupí-Guaraní proposta originalmente por Rodrigues (1984-1985), que apresentou a subdivisão dessa família em oito subconjuntos, três dos quais constituem os ramos meridionais e os outros cinco subconjuntos, um ramo setentrional (RODRIGUES, 2000). Nessa revisão, de acordo com os autores, novos estudos empreendidos sobre graus de relações genéticas entre as línguas Tupí-Guaraní e o avanço da documentação das línguas dessa família linguística permitiram ajustes nas classificações de graus de parentesco entre as línguas, como é o caso do sub-ramo VI, também denominado complexo linguístico Kawahíwa, em que na revisão de Rodrigues e Cabral (2002) é feito o agrupamento da língua Kayabí, que era do sub-ramo V.

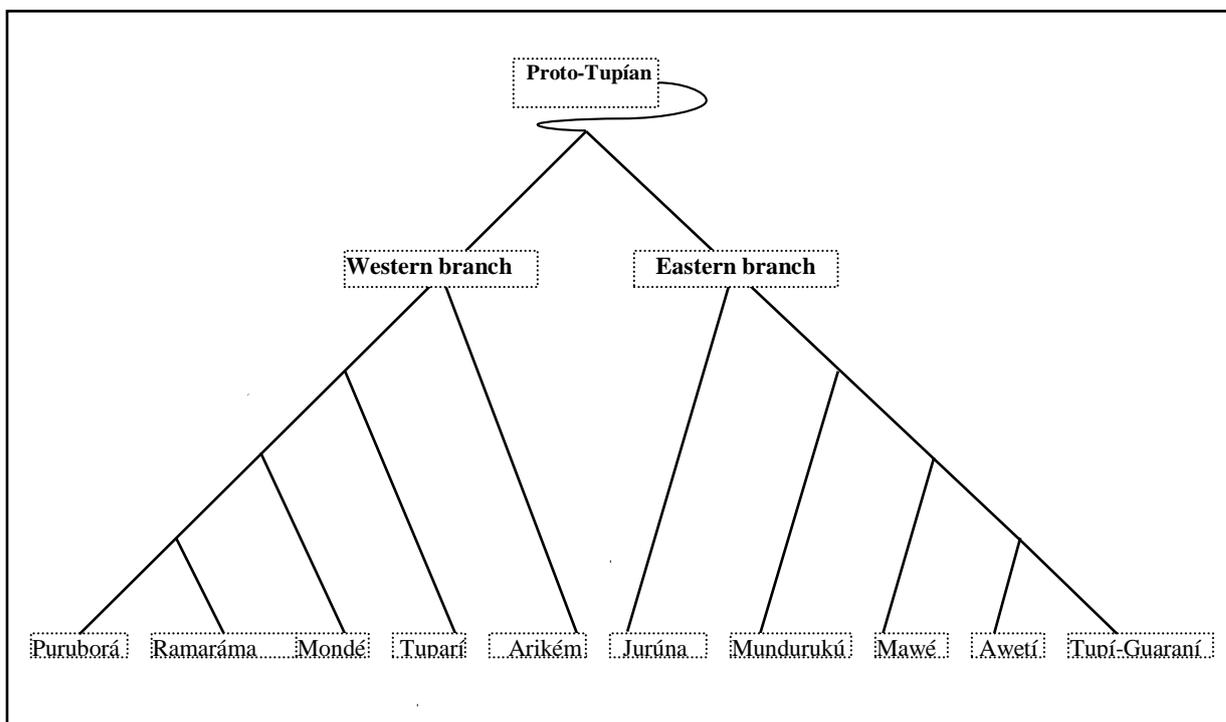
Assim sendo, considerando os estudos desenvolvidos por Rodrigues (1970a, 1964, 1984-1985, 1985), os estudos realizados por Rodrigues e Cabral (2002, 2012) sobre a classificação interna da família Tupí-Guaraní, e considerando também os estudos sobre a etno-história, etnografia, a história, a geografia e arqueologia dos povos Kawahíwa, apresento nesta seção um levantamento bibliográfico sobre a classificação interna da família Tupí-Guaraní, com foco no subconjunto VI e, com base nos resultados obtidos (cf. Seção 6), verificar como as línguas desse sub-ramo formam, ou não, um sub-agrupamento com características próprias, constituindo o que vem sendo denominando "Complexo Tupí-Kawahíwa".

5.2 A classificação do Tronco Tupí

O Tronco Tupí é constituído de 10 famílias linguísticas, cuja distribuição geográfica as divide em dois grandes ramos, o oriental e o ocidental (RODRIGUES, 1985; CABRAL, 2002). O primeiro é composto pelas famílias, Puroborá, Ramarama, Mondé, Tuparí e Arikém;

e o segundo pelas famílias Juruna, Mawé, Mundurukú, Awetí e o Tupí-Guaraní. O nome “Tronco Linguístico Tupí” foi usado pela primeira vez por Rodrigues (1956). A classificação do tronco linguístico Tupí foi revisto por Rodrigues (1985, 1996). Vejamos, a seguir, a representação arbórea desse tronco:

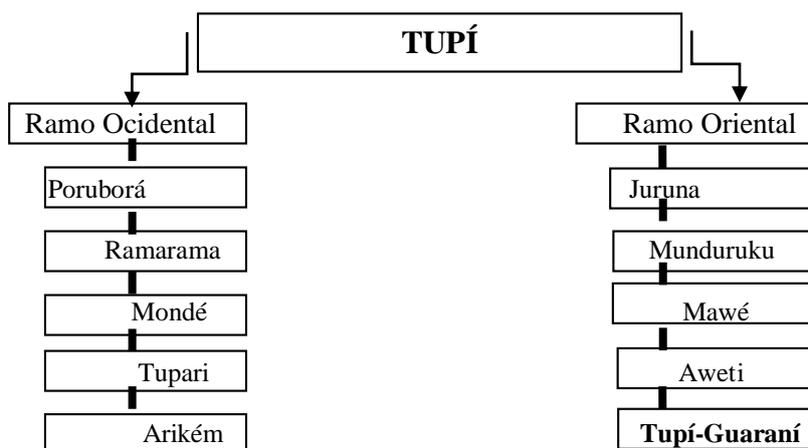
QUADRO 10: TRONCO TUPÍ



FONTE: Rodrigues e Cabral (2012, p. 496).

As línguas do Tronco Tupí possuem uma distribuição geográfica bastante peculiar (RODRIGUES, 2007). Cinco das famílias linguísticas: Arikém, Mondé, Puruborá, Ramaráma e Tuparí são encontradas na região do Estado de Rondônia. Como observado por Rodrigues (2007), a maior concentração dessas famílias está junto aos tributários do rio Guaporé e do rio Aripuanã. Somente a família Arikém está localizada fora desta área, entre os rios Jamari e Jaciparaná, afluentes do Rio Madeira. Devido ao número e diversidade de famílias entre o Guaporé, Madeira e o Aripuanã (entre outros fatores) Rodrigues (1958) e Urban (1998 [1992]) propõem que o centro de dispersão dos povos Tupí deve ter ocorrido em algum lugar dessa região.

QUADRO 11: TRONCO TUPÍ – RAMOS E FAMÍLIA



FONTE: Adaptado de Rodrigues (1985); Cabral (2002).

5.2.1 A classificação interna da família Tupí-Guaraní

A classificação interna da família linguística Tupí-Guaraní proposta por Rodrigues (1984-1985) e revisada por Rodrigues e Cabral (2002) está subdividida em oito subconjuntos, três dos quais constituem o ramo meridional e os outros cinco subconjuntos, o ramo setentrional. As línguas dos ramos IV a VIII são chamadas de línguas Tupí-Guaraní setentrionais ou amazônicas porque estavam na Amazônia no momento do contato com os portugueses. Essa divisão dos oito subconjuntos da família **Tupí-Guaraní em dois blocos de línguas – setentrional** ou amazônico e **meridional** – deve-se, segundo Dietrich (1990) ao fato das línguas Tupí-Guaraní meridionais serem muito mais semelhantes uma às outras se comparadas com as outras do bloco setentrional.

Em conexão com essa linha de pensamento, dentro de um contexto etnolinguístico, voltando-nos para o sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní, apresentamos em Aguilar, Cabral e Rodrigues (2011, p.) alguns aspectos conservadores das línguas Kawahíwa. Por exemplo, a manutenção do reflexo *pj* do PTG **pj* nas línguas do sub-ramo VI é um fato curioso, que nos faz pensar que se trata de traço conservador dessas línguas em comparação com as outras línguas setentrionais da família Tupí-Guaraní. Em exame a essa questão – por que línguas do sub-ramo VI mantêm reflexos de certos traços conservadores do Proto-Tupí-Guaraní – argumentamos que, quanto à divisão dos falantes dessa protolíngua e as sucessivas migrações nas direções sul, centro-oeste, sudeste e nordeste, o sub-ramo VI foi o que permaneceu mais tempo na região. Neste caso, as línguas que mais se deslocaram foram aquelas que sofreram

mais mudanças. Diferente, portanto, do que teria acontecido com os povos e línguas Tupí-Kawahíwa.

As famílias do ramo ocidental estão localizadas na região Guaporé/Aripuanã. E as outras cinco famílias estão distribuídas para leste, isto é, na região das cabeceiras dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé, onde hoje fica o estado de Rondônia, sendo esta, portanto, a unidade federativa brasileira onde há uma maior diversidade linguística do tronco Tupí.

QUADRO 12: POPULAÇÃO TUPÍ: POVOS/ETNIAS

Tupi	
Total - População	156073
Arikém	311
Awetí	198
Jurúna	1240
Mawé	13310
Mondé	4789
Mundurukú	13487
Puroborá	160
Ramaráma	404
Tuparí	1196
Tupi-Guarani	120978

FONTE: IBGE - CENSO 2010.

A família Tupí-Guaraní é uma das mais populosas (cf. QUADRO 12) e possui o maior número de línguas aparentadas do tronco Tupí (cf. QUADRO 13) é, também, a que está mais distribuída geograficamente na América do Sul (Brasil, Guiana Francesa, Paraguai, Argentina e Bolívia). Neste sentido, Rodrigues (1985, p. 32), afirma que: “A família Tupí-Guaraní se destaca entre outras famílias linguísticas da América do Sul pela notável extensão territorial sobre a qual estão distribuídas suas línguas”. Apresento, a seguir, os quadros 13 e 14 com dados demográficos (IBGE, Censo 2010) apresentados em um folder (folder_indigenas_web.pdf). No Quadro 13 temos uma relação de povo Tupí-Guaraní. No referido folder esse relação tem o sub-título: “Indígenas, segundo o tronco linguístico, família linguística, etnia ou povo”. No Quadro 14 está uma lista de línguas Tupí-Guaraní. Nesse folder do IBGE, o sub-título onde está essa relação é: “Indígenas de 5 anos ou mais, segundo o tronco linguístico, família linguística, e língua indígena nas Terras Indígenas”.

QUADRO 13: POVOS TUPÍ-GUARANÍ: IBGE-CENSO 2010

Povos Tupí-Guaraní	População	Sub-ramo
Xetá	68	I
Guaraní	7500	I
Guarani Mbya	8026	I
Guarani Nhandeva	8596	I
Guarani Kaiowá	43401	I
Kambéba (Omágua)	744	III
Kokama	11274	III
Turiwára	12	IV
Ava-Canoeiro	50	IV
Asurini do Tocantins	471	IV
Parakanã	939	IV
Tapirapé	1000	IV
Suruí do Pará	1258	IV
Tembé	1844	IV
Tenetehara	24428	IV
Asurini do Xingu	146	V
Araweté	400	V
Kawahíb	1	VI
Júma	12	VI
Amondáwa	123	VI
Diahói	135	VI
Uru-Eu-Wau-Wau	184	VI
Parintintim	477	VI
Tenharim	525	VI
Apiaká	799	VI
Kaiabi	1814	VI
Karipúna	2297	VI
Kamayurá	662	VII
Anambé	185	VIII
Amanayé	244	VIII
Zo'é	259	VIII
Guajá	536	VIII
Waiãpy	945	VIII
Ka'apor	1541	VIII
Tamoio ⁵⁵	82	?
TOTAL	120978	

FONTE: IBGE, Censo Demográfico 2010⁵⁶; Rodrigues (1985)⁵⁷; Rodrigues, Cabral (2002, 2012).

⁵⁵ “(1) Etnias historicamente consideradas como desaparecidas e que apareceram na coleta a partir da autodeclaração”. Os dados demográficos estão disponíveis no Site: <http://indigenas.ibge.gov.br/images/pdf/indigenas/folder_indigenas_web.pdf>

⁵⁶ Os dados demográficos do Quadro 12 estão em ordem crescente por sub-ramo. Esses dados do Censo 2010 sobre a população dos povos Kawahíb (1) apresentam equívocos. Desde 2009, por exemplo, é de conhecimento público a existência de três indígenas Kawahib (Piripkúra): dois homens e uma mulher (CABRAL, 2009). Os dois homens Kawahíwa-Piripkura vivem em situação de isolamento voluntário no norte de Mato Grosso, e a mulher vive com os Karipúna, em Rondônia.

⁵⁷ Na revisão realizada por Rodrigues e Cabral (2002, p. 332) a língua Kokáma foi excluída da família Tupí-Guaraní. Sobre a língua Kokáma não ser uma língua Tupí-Guaraní sugiro a leitura de Cabral, 1999.

Observamos que nesse folder do IBGE (Censo Demográfico 2010) não constam alguns nomes de povos e línguas indígenas Tupí-Guaraní, por isso não estão apresentados nos quadros 13 e 14. Contudo, os dados demográficos apresentados nesses dois quadros colaboram para conhecermos como esses povos e línguas estão sendo apresentados (ou não) pelo IBGE, que é um órgão público da administração federal brasileira, com atribuições relacionadas às estatísticas demográficas, econômicas e sociais. As informações sobre as línguas e os povos indígenas obtidas, organizadas e disponibilizadas pelo IBGE são fundamentais para as políticas linguísticas adotadas por órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal, bem como para diversas instituições, por isso a importância dessas informações serem apresentadas de forma mais completa. No Quadro 14, com base nesse folder, apresento primeiro a situação das línguas do sub-ramo VI (conforme classificação de RODRIGUES, CABRAL, 2012); em seguida as línguas Tupí-Guaraní também em ordem crescente de população/falantes.

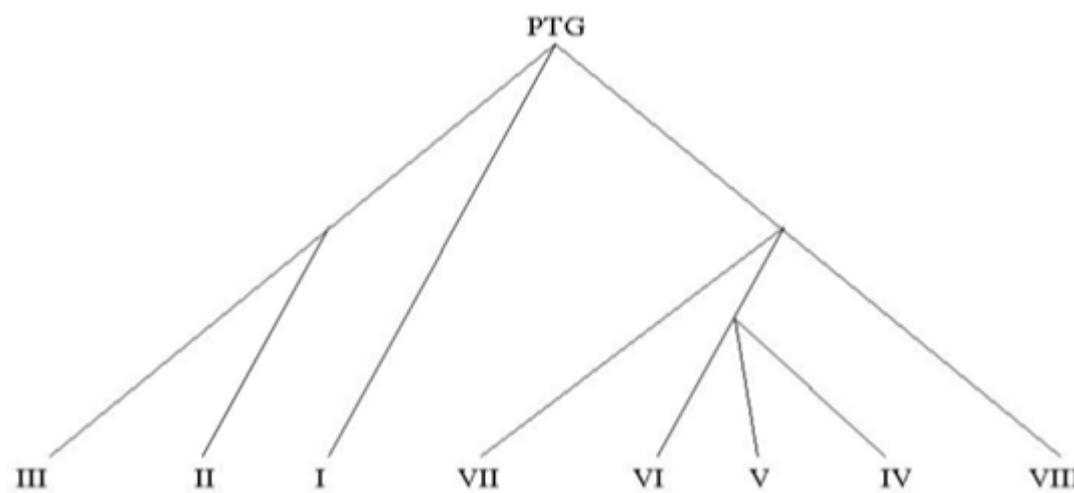
QUADRO 14: LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ: IBGE-CENSO 2010

Povos Tupí-Guaraní	População/Falantes	Sub-ramo
Kawahíb	2	VI
Diahóí	4	VI
Apiaká	13	VI
Karipuna	16	VI
Tenharim 3	32	VI
Uru-Eu-Wau-Wau	56	VI
Parintintim	65	VI
Kaiabi	673	VI
Xetá	3	I
Lingua de Sinais Ka'apor	4	VIII
Araweté	5	V
Amanayé	6	VIII
Ava-Canoeiro	10	IV
Kambéba	44	III
Kamayurá	83	VII
Zo'é	216	VIII
Tapirapé	300	IV
Asurini do Tocantins	332	IV
Kokama	354	III
Tembé	420	IV
Guajá	503	VIII
Parakanã	644	IV
Waiãpy	695	VIII
Ka'apor	1241	VIII

Guaraní	2464	I
Guarani Mbya	3248	I
Lingua Geral Amazônica	3771	III
Guarani Nhandeva	4887	I
Guajajára	8269	IV
Guarani Kaiowá	24368	I
Tupi-Guarani não especificado	9905	-

Na classificação interna da família Tupí-Guaraní proposta por Rodrigues (1985) e revisada por Cabral e Rodrigues (2002) essa família foi subdividida em oito subconjuntos, três dos quais constituem o ramo meridional e os outros cinco subconjuntos, o ramo setentrional (RODRIGUES, 1984-1895, 2000).

FIGURA 15: CLASSIFICAÇÃO INTERNA DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ



FONTE: Rodrigues, Cabral (2002, p. 335).

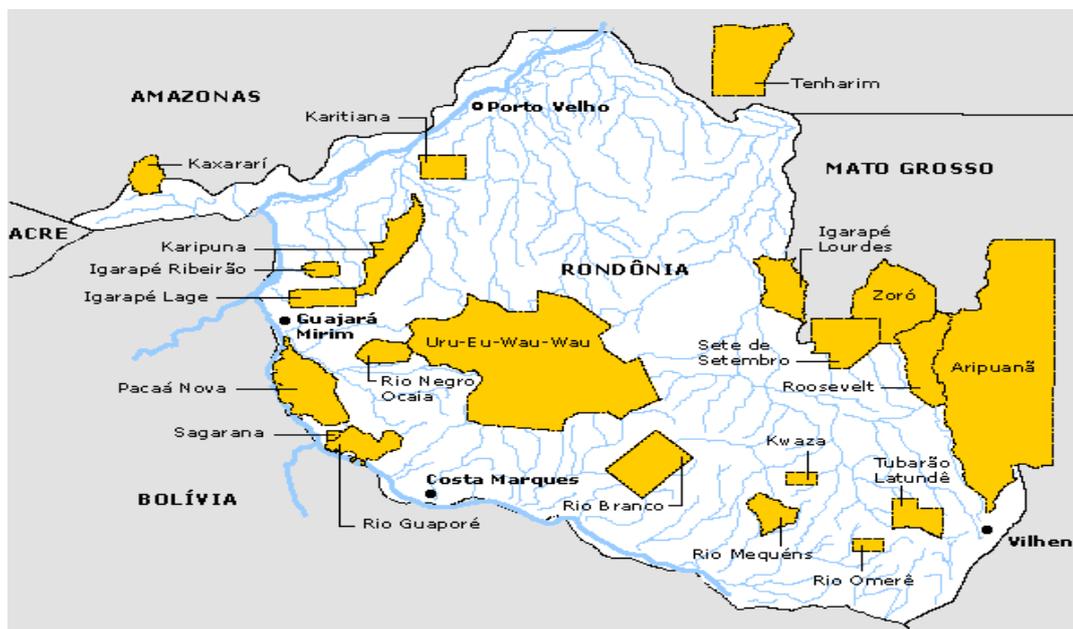
As línguas dos ramos IV a VIII são chamadas de línguas Tupí-Guaraní setentrionais ou amazônicas porque seus falantes permaneceram na Amazônia. Quando comparadas as diferenças estruturais entre os dois ramos, as línguas do ramo meridional são consideradas mais conservadoras (DIETRICH, 1990, p.111).

Quanto a questão de línguas mais conservadoras ou com mais inovações, de acordo com a hipótese de Cabral (2002, p.5), as línguas Tupí do ramo oriental (Tupí-Guaraní, Mawé, Jurúna, Awetí e Mundurukú) apresentam padrões mais diferenciados, decorrentes de diversos “processos de cisões a partir do sistema original” (CORRÊA-DA-SILVA, 2010b, p. 66) e as

línguas do ramo ocidental (Puruborá, Ramaráma, Mondé, Tuparí e Ariquéim) são mais conservadoras.

As línguas Tupí-Kawahíwa constituem o sub-ramo VI da família linguística Tupí-Guaraní, e estão incluídas no ramo setentrional. Neste caso, se considerarmos a classificação de Dietrich (1990, 2001, 2010), as línguas Kawahíwa por estarem incluídas no ramo setentrional devem apresentar, de forma geral, aspectos inovadores. Contudo, conforme apresentado por Aguilar, Cabral e Rodrigues (2011, p.), as línguas do sub-ramo VI apresentam traços linguísticos mais conservadores em comparação com as outras línguas setentrionais da família Tupí-Guaraní. Neste caso, por exemplo, a língua Kayabí – classificada no complexo Kawahíwa (RODRIGUES, CABRAL, 2002, 2012) – é uma língua conservadora com respeito às vogais do Proto-Tupí (cf. 6.4.2). A seguir um mapa de Rondônia, considerado a unidade federativa brasileira onde há uma maior diversidade linguística do tronco Tupí.

FIGURA 16: MAPA - LOCALIZAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS DO ESTADO DE RONDÔNIA E ENTORNO



FONTE: Venere (2005, p. 340).

5.3 O sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní

Esta subseção tem por objetivo apresentar alguns fatores de natureza teórica, metodológica e política envolvidos no modelo de diversificação do sub-ramo VI da família linguística Tupí-Guaraní. Para tanto assinalo nesta seção a importância linguística e política da classificação das línguas Tupí-Guaraní sob a perspectiva da Linguística Histórico-Comparativa realizada por Rodrigues em 1984-1985 e revisada por Rodrigues e Cabral em 2002. A classificação proposta por esses dois estudiosos reafirma a necessidade do registro e da descrição da variedade linguística inter e intralinguística como princípio teórico e metodológico da diversificação das línguas do tronco Tupí.

Sob essa perspectiva, a classificação interna da família Tupí-Guaraní tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores. Dentre os quais destacamos: Figueredo (2004), sobre o sub-ramo IV e seu desmembramento em línguas independentes; Solano (2004) sobre a inclusão do Araweté no sub-ramo V da família Tupí-Guaraní, como havia sido proposto por Rodrigues (1894-1985); Silva (2010) que realizou um estudo sobre a história interna do complexo Tenetehára, e traz contribuições para os estudos sobre o sub-ramo IV; Sousa (2013) que teve como foco principal a língua Zo'é, com o objetivo de contribuir para o conhecimento do sub-ramo VIII; e uma importante contribuição para o sub-ramo IV é a dissertação de mestrado de Silva (2015) sobre a língua Avá-Canoeiro. Neste trabalho, o autor apresenta um estudo sobre aspectos da fonologia, morfossintaxe e sintaxe da língua Avá-Canoeiro do Tocantins, que é uma variedade diatópica do Avá-Canoeiro falada ao norte de Goiás (SILVA, 2015, p. 23).

Nessa linha de pesquisa, destaco também o estudo de Pádua, que, segundo o autor, além de desenvolver a análise fonética e o estudo segmental da fonologia da língua Apiaká, sua dissertação teve como objetivo “contribuir para consolidar a classificação do idioma Apiaká na família Tupí-Guaraní” (PÁDUA, 2007, p. 8). Neste caso, o trabalho de Pádua (2007) pode colaborar para o estudo da associação do Apiaká no complexo Kawahíwa. Vale notar que o Apiaká, na classificação apresentada por Rodrigues (1984-1985, p.41) é registrado no sub-ramo VI, mas com um ponto de interrogação (?), indicando que o vocabulário publicado da língua Apiaká não pôde ser examinado.

Verificamos que na revisão da classificação interna da família Tupí-Guaraní proposta por Rodrigues e Cabral (2002), o Apiaká continua associado ao sub-ramo VI, mas sem o sinal de interrogação (?), e as línguas Kayabí, Júma, Diahói e Tenharim são reagrupadas nesse complexo. O Kayabí é associado ao sub-ramo VI, ao lado do Apiaká; e as línguas Júma, Diahói

e Tenharim são, pela primeira vez, classificadas em um dos ramos da família Tupí-Guaraní, assim como o Uru-Eu-Wau-Wau é agrupado ao complexo Kawahíwa pela primeira vez. Este reagrupamento do Júma, Diahói e Tenharim, parece ser uma confirmação da associação dessas línguas ao complexo Kawahíwa, tendo em vista que nos quadros apresentados em estudos anteriores, Rodrigues (1970a, p. 4035; 1985, p. 39) relaciona essas línguas ao Parintintín (Kagwahív), como podemos verificar no Quadro 17 e no Quadro 20. Já a língua Piripkúra aparecerá associada ao sub-ramo VI somente no artigo “*Tupian*”, de Rodrigues e Cabral (2012).

Neste ponto é importante lembrar que a classificação apresentada por Rodrigues (1984-1985) resultou de um estudo a partir de uma seleção de propriedades estruturais, lexicais e fonológicas e a revisão dessa classificação interna realizada por Rodrigues e Cabral (2002) teve por base novos critérios fonológicos e gramaticais. É, portanto, uma classificação que contempla um estudo mais abrangente e de acordo com o método adotado, o Método Histórico-Compartivo.

Sampaio (2001) em sua tese de doutorado retoma a revisão da classificação das línguas Tupí-Kawahíwa proposta em sua dissertação de mestrado (SAMPAIO, 1997, p.86; 2001, p.10). Assim sendo, a sua tese de doutorado, segundo a autora, "reflete uma tentativa de aprofundamento" (SAMPAIO, 2001, p.10) do estudo apresentado na sua dissertação.

Nesse sentido, a tese de Sampaio (2001) teve como proposta inicial verificar se as línguas Júma, Parintintín, Tenharim, Diahói, Karipúna, Uru-Eu-Wau-Wau, Amondáwa e Kayabí seriam ou não línguas Tupí-Kawahíwa. No trabalho apresentado em sua tese, a autora postula a hipótese de que as línguas Tupí-Kawahíwa se constituem e se suportam realmente como grupo coeso, constituído pelas seguintes línguas: Júma, Tenharim, Parintintín, Diahói, Karipúna, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondáwa (SAMPAIO, 2001, p.99-100). De acordo com Sampaio (2001, p. 39), para desenvolver esse estudo sobre as línguas Kawahíwa foram utilizados os métodos tradicionais da Linguística (fonoestatística e lexicoestatística) e a metodologia da Sistemática Filogenética, um programa de análise cladística computacional para otimizar a codificação e o o programa Hennig 86, aliado ao programa Tree Gardner 2.2 (SAMPAIO, 2001, p. 72). Desse estudo, são apresentados os seguintes resultados:

QUADRO 15: O GRUPO TUPÍ-KAWAHÍWA (SAMPAIO, 2001)

Cladograma (SAMPAIO, 2001, p.73)	Fenograma fonostático (SAMPAIO, 2001, p.94)	Fenograma lexicoestático (SAMPAIO, 2001, p.85)
Juma	Juma	Juma
Tenharim Parintintin	Tenharim Parintintin	Tenharim Parintintin Karipuna
Urueuuuuuu Amondava	Urueuuuuuu Amondava	Urueuuuuuu Amondava
Karipuna	Karipuna	Karipuna
Diahoi	Diahoi	Diahoi

FONTE: Sampaio (2001).

De acordo com Sampaio (2001, p. 95-96):

- a) o cladograma retrata uma análise que considera autoapomorfias e sinapomorfias de cada uma das línguas, comparando-a com todas as outras do grupo em termos de suas diferenças e semelhanças;
- b) o fenograma fonostático reflete o grau de semelhança fonética existente entre os dados lingüísticos, com base no percentual destas semelhanças;
- c) o fenograma lexicoestático reflete o grau de semelhança lexical existente entre as línguas, consideradas as suas semelhanças globais.

Nessa classificação proposta por Sampaio, a língua Kayabí foi considerada uma exceção (SAMPAIO, 2001, p.99), ou seja, está em "uma posição que o excluiu do grupo das línguas Tupi-Kawahíwa" (SAMPAIO, 2001, p.94). Assim sendo, a língua Kayabí foi classificada no grupo externo formado pelas línguas Wayampí e Tembé (SAMPAIO, 2001, p.13, 90, 95). Nesse estudo, as línguas Tupí-Kawahíwa formam o grupo interno.

Na discussão da hipótese proposta em sua tese, a autora nos informou que na classificação apresentada pelo *Summer Institute of Linguistics* (SIL), o Apiaká é considerada uma língua Tupí-Kawahíwa, o que diverge da classificação apresentada no livro "Índios do Brasil", escrito por Melatti (1987, p. 36) e da classificação proposta no livro "Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas", da autoria de Rodrigues (1985, p.39). Segundo Sampaio, para estes dois estudiosos, o Apiaká é uma língua da família Tupí-Guaraní, mas não pertencente ao grupo Tupí-Kawahíwa (SAMPAIO, 2001, p. 91). A autora comenta que não discutirá essa questão por não dispor de dados lingüísticos. O Quadro 16 apresenta a classificação proposta pelo SIL, conforme nos informa Sampaio (2001, p.89-90):

QUADRO 16: CLASSIFICAÇÃO TUPI-KAWAHIB - SIL (1977)

Línguas Tupí-Kawahib	
Povo/Língua	Localização
Amondava	Rondônia.
Apiaká	Norte do Mato Grosso, acima do rio Tapajós em confluência com o rio São Miguel.
Juma	Amazonas, acima do Ipixuna e Tabocal, tributários do rio Purus.
Tenharim (incluindo o Diahoi)	Rio Marmelos, ao sul do Amazonas.
Karipuna	Rio Jaci-Paraná, em Rondônia.
Morerebi	Rios Preto e Marmelos, ao sul do Amazonas.
Paranawat	Rondônia, nos tributários do rio Ji-Paraná: rio Machado e rio do Sono.
Tukumanfed	Rodônia, na boca do Cacoal, tributário do Ji-Paraná.
Uru-eu-uau-uau	Rondônia.

FONTE: Sampaio, 2001, p. 89, 90⁵⁸.

Em resumo, os resultados dos estudos realizados por Sampaio (1997, 2001) apresentam como pertencentes ao grupo Tupí-Kawahíwa as línguas Parintintín, Tenharim, Júma, Diahoí, Karipúna, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondáwa. A língua Kayabí é excluída dessa classificação. A autora informa que o estudo para testar se o Apiaká pertence, ou não ao complexo Kawahíwa, não pôde ser realizado (SAMPAIO, 2001, p. 91-94).

5.4 Sobre o Kayabí no complexo Kawahíwa

Quanto à história da inclusão e agrupamento das línguas (Apiaká, Júma, Piripkúra, Uru-Eu-Wau-Wau, Amondáwa, Karipúna e Kayabí) no quadro da classificação interna da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1984-1985; 1985; RODRIGUES, CABRAL, 2002, 2012) é necessário recordarmos que a história da classificação dessa família linguística começou em 1958, quando Rodrigues apresenta um quadro propondo uma classificação para as línguas Tupí-Guaraní, título que será corrigido na revisão de 1964, pois a classificação é, de fato, do Tronco Tupí. Nesse quadro o Apiaká e o Kayabí são identificados como línguas (não como dialetos) da família Tupí-Guaraní, mas o Kayabí é apresentado com um ponto de interrogação, o que significava, segundo o autor, que o vocabulário publicado não pôde ser examinado (RODRIGUES, 1964, p. 101). Dessa classificação de 1958, que foi rerepresentada em 1964, destacaremos no quadro a seguir apenas a classificação da família Tupí-Guaraní.

⁵⁸ De acordo com SAMPAIO (2001, p. 89), essa é a classificação proposta pelo SIL (1977) - Summer Institute of Linguistics (<http://www.sil.org/llabraz-ig.html>: 05/03/97) para “as línguas pertencentes ao grupo Tupí-Kawahib”.

QUADRO 17: CLASSIFICAÇÃO DO TRONCO LINGUÍSTICO TUPÍ (RODRIGUES, 1964)

<p>A. Tupí-Guaraní</p> <p>a. 1. Tupí-Guaraní: α. Tupí (i. Tupinambá ou Tupí Antigo, ii. Nheengatúou Tupí Moderno); β. Guaraní (i. Guaraní Antigo, ii. Avaneên ou Guaraní Moderno); γ. Kaiwá (i. Apapokúva, ii. Mbüá); δ. Txiriguãno; ϵ. Tapieté; ζ. Izozó (Txané); η. Guarayú.</p> <p>a. 2. Tenetehára: α. Tembé; β. Gwajajára; γ. Urubú; δ. Manajé; ϵ. Turiwára; ζ. Anambé.</p> <p>a. 3. Oyampí: α. Oyampí; β. Emerillon.</p> <p>a. 4. Kawaíβ: α. Wiraféd; β. Pawaté; γ. Parintintín.</p> <p>a. 5. Apiaká.</p> <p>a. 6. Kamayurá.</p> <p>a. 7. Awetü.</p> <p>a. 8. Tapirapé.</p> <p>a. 9. Xetá (Aré).</p> <p>a. 10. Pausérna.</p> <p>a. 11. Kayabí (?).</p> <p>a. 12. Canoeiro (Abá).</p> <p>a. 13. Takunapé (?).</p> <p>b. 1. Kokáma: α. Kokáma; β. Kokamíla.</p> <p>b. 2. Omágua.</p> <p>c. Guayakí.</p> <p>d. Maué.</p> <p>e. 1. Mundurukú¹²</p> <p>e. 2. Kuruáya.</p> <p>f. Sirionó (?).</p>

A classificação do tronco Tupí proposta por Rodrigues em 1958 sofreu uma pequena modificação na grafia de algumas línguas e dialetos em 1964 (e.g., Šipaya (2011 [1958], p. 171); Xipáya (1964, p. 102)), mas a situação do Kayabí e do Apiaká não mudam: línguas “independentes”, isto é, estão dentro do quadro da família Tupí-Guaraní, mas não pertencem a nenhum agrupamento, como acontece com o Parintintín, que é considerado um dialeto nessa classificação (2011 [1958], p. 171; 1964, p. 102).

Quanto a questão da definição do que é uma língua ou um dialeto, Rodrigues e Cabral (2009, p. 4)⁵⁹ afirmam que “One of the most difficult tasks for the linguist has been to establish criteria for deciding whether two communities speak two varieties of one and the same language or two distinct languages”. Na classificação da família Tupí-Guaraní realizada por Rodrigues (1984-1985), temos a explicação sobre os termos utilizados pelos linguístas para indicar diversos graus de diferenciação entre as línguas (dialeto, família, tronco, filo). Nessa explicação, o autor deixa claro que o termo dialeto refere-se a “língua da mesma família”

⁵⁹ “Uma das tarefas mais difíceis para o linguísta tem sido a de estabelecer critérios para decidir se duas comunidades falam duas variedades de uma mesma língua ou dois línguas distintas.” (RODRIGUES, CABRAL, 2009, p. 4, tradução minha).

(RODRIGUES, 1984-1985, p. 34). Quanto às línguas do sub-ramo VI dessa família, o autor nos informa que o Parintintín “é praticamente idêntico às línguas dos Júma e dos Tenharín” (RODRIGUES, 1984-1985, p. 47. Grifos meus), ou seja, o autor aponta que há inteligibilidade mútua, contudo são consideradas línguas e não dialetos.

Sabe-se que na época dessa classificação o critério da intercompreensão era um dos critérios mais utilizado entre os linguistas. E por causa dessa intercompreensão algumas línguas eram consideradas dialetos. Mas, o fato de ser possível a intercompreensão entre a Língua Portuguesa e o Espanhol não as classificou em dialeto. Foram e ainda são línguas distintas apesar da intercompreensão. Sabemos, no entanto, essa definição está aberta “à interpretações subjetivas e arbitrárias aplicações” (RODRIGUES, CABRAL, 2009, p. 4), tradução minha)⁶⁰.

Entendo que, no contexto atual, o processo de definição do que é língua e o que é dialeto deve considerar os critérios linguísticos, políticos e sociológicos. Conforme nos diz esses dois estudiosos, os resultados dessa definição não devem trazer prejuízos para o desenvolvimento das pesquisas, tampouco prejudicar os povos que falam essas línguas “and that have them as one of their major cultural goods for the affirmation of their identity, which politically and culturally distinguishes them from other communities or peoples, with their own rights to particular benefits from the Brazilian state, such as land, health, and education” (RODRIGUES, CABRAL, 2009, p.4). Sob esta perspectiva, neste trabalho, proponho, portanto, uma revisão da classificação do sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní (cf. Quadros 23 e Quadro 24), com foco no agrupamento do Kayabí nesse sub-ramo.

O primeiro agrupamento do Kayabí ao complexo Kawahíwa foi proposto por Rodrigues (1970a, p. 4035) quando formulou em termos provisórios uma "classificação genética mais ou menos detalhada das línguas Ameríndias do Brasil". Com a permissão de Rodrigues, essa classificação foi apresentada no livro "Índios do Brasil", de autoria do antropólogo Julio Cezar Melatti (1985, p.35-36). No Quadro 18 temos a classificação genética das línguas indígenas do Brasil proposta por Rodrigues em 1970a e no Quadro 19 destacamos apenas a família Tupí-Guaraní da classificação genética das línguas indígenas do Brasil apresentada por Melatti em 1970, ano da primeira edição do livro “Índios do Brasil”. O nome das línguas e dialetos estão grafados conforme apresentados pelos autores.

⁶⁰ “Such definitions are clearly open to subjective interpretations and arbitrary applications.” (RODRIGUES, CABRAL, 2009, p. 4).

QUADRO 18: LÍNGUAS AMERÍNDIAS DO BRASIL (RODRIGUES, 1970a)

1. Tronco Tupí.	1.1.9. kawahíb,
1.1. Família Tupí-Guaraní.	1.1.9.1. parintintín
1.1.1. tupí	1.1.9.2. paranawát (pawaté, takwatép, ipotewat)
a) t. antigo ou tupinambá	1.1.9.3. wiraféd
b) t. moderno ou nheengatú	1.1.9.4. tukumanféd
1.1.2. guaraní	1.1.9.5. diahói
a) g. antigo	1.1.9.6. tenharín (bôca-negra)
b) g. moderno	1.1.9.7. júma
1.1.2.1. kaiwá	1.1.9.8. kayabí
1.1.2.2.2. nhandéva	1.1.10. apiaká do Tapajós
1.1.2.3. mbiá	1.1.11.1. urubu (kaapór)
1.1.3. xetá	1.1.11.2. manajé (amanajé)
1.1.4. tenetehára	1.1.11.3. anambé
1.1.4.1. guajajára	1.1.11.4. turiwára
1.1.4.2. tembé	1.1.12.1. oyampí,
1.1.5.1. asuriní	1.1.12.2. emeriõ (émérillon, emerenhão)
1.1.5.2. suruí do Tocantins (mudjetíre)	1.1.12.3. karipúna do Uaçá
1.1.6. apiaká do Tapajós	1.1.13. awetí
1.1.7. tapirapé	1.1.14. mawé (sataré)
1.1.8. kamayurá	

FONTE: Rodrigues (1970a, p. 4035).

Na classificação proposta por Rodrigues (1970a) no Quadro 18, verificamos que o Parintintín, Diahói, Júma, Tenharim e Kayabí estão agrupadas ao complexo Tupí-Kawahíwa. Além dessas línguas temos o Paranawát (Pawaté, Takwatép, Ipotewat), Wiraféd e Tukumanféd (cf. NIMUENDAJÚ, 1924, p. 274), que no contexto atual são línguas mortas (RODRIGUES, CABRAL, 2012, p. 499). Como podemos verificar no Quadro 18, o Apiaká não faz parte do conjunto de línguas/dialetos Kawahíb; nesse quadro, o Apiaká é considerado uma língua “independente”. Observa-se também que Amondáwa, Piripkúra, Karipúna e Uru-Eu-Wau-Wau, nome das línguas faladas pelos povos de mesmo nome, não constam nesse quadro, pois nessa época (1970a) esses povos indígenas não tinham sido contatados.

Conforme explicação do autor, nesse quadro o quarto algarismo que precede cada nome indica o dialeto. Segundo Rodrigues, “dialeto são línguas tão semelhantes entre si, que umas resultam compreensíveis para os falantes de outras” e formam um “complexo dialetal”. (RODRIGUES, 1970a, p. 4035). Neste caso, segundo a classificação apresentada no Quadro 18, o grupo Kawahíb constitui um complexo dialetal.

Já no Quadro 19, Melatti (1987, p. 36) não apresenta as línguas mortas (Paranawát, Wiraféd e Tukumanféd). Mas, a classificação do complexo dialetal Kawahíb é a mesma em

relação ao agrupamento do Kayabí nesse complexo. O Apiaka permanece apresentado como língua independente.

QUADRO 19: LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ (MELATTI, 1987)

Família Tupí-Guaraní	
Língua	Dialéto
Guaraní	Kayová Nandéva Mbü's
Tanetehára	Guajajára Tembé
-----	Asuriní Suruí (do Pará)
Apiaká	-
Tapirapé	-
Kamayurá	-
Kawahíwa	Parintintín Diahói Tenharín Júma Kayabí
-----	Kaapór (Urubu)
-----	Oyampi Emeriôn Karipuna (do Amapá)
Awetí	-
Mawé	-

FONTE: Melatti (1987, p. 36).

No Quadro 20 temos a classificação interna da família Tupí-Guaraní realizada por Rodrigues (1984-1985) em sub-ramos. No entanto, nessa classificação, o Kayabí não será agrupado ao sub-ramo VI onde está o complexo dialetal Kawahíwa.

QUADRO 20: CLASSIFICAÇÃO DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ (RODRIGUES, 1984-1985)

RAMO I	<ul style="list-style-type: none"> - Guaraní Antigo - Mbyá - Xetá (Serra dos Dourados) - Ñandeva (Txiripá), - Kaiwá (Kayová, Pãí) - Guaraní Paraguaio - Guayakí (Aché) - Tapieté - Chiriguano (Ava) - Izoceño (Chané)
RAMO II	<ul style="list-style-type: none"> - Guarayo (Guarayú) - Sirionó - Horá (Jorá)
RAMO III	<ul style="list-style-type: none"> - Tupinambá - Língua Geral Paulista (Tupí Austral) - Língua Geral Amazônica (Nhe'engatú) - Kokáma - Kokamíya (Cocamilla) - Omágua
RAMO IV	<ul style="list-style-type: none"> - Tapirapé - Avá (Canoeiro) - Asuriní do Tocantins (Akuáwa) - Suruí do Tocantins (Mujetíre) - Parakanã, - Guajajára - Tembé
RAMO V	<ul style="list-style-type: none"> - Kayabí - Asuriní do Xingu - Araweté (?)
RAMO VI	<ul style="list-style-type: none"> - Parintintín (Kagwahíb) - Tupí-Kawahíb (Tupí do Machado, Pawaté, Wiraféd, etc.) - Apiaká (?)
RAMO VII	<ul style="list-style-type: none"> - Kamayurá
RAMO VIII	<ul style="list-style-type: none"> - Takunyapé - Wayampí (Oyampí) - Wayampípukú - Emérillon - Amanayé - Anambé - Turiwára - Guajá - Urubu

Podemos observar no Quadro 20 que as línguas Júma e Tenharím não estão incluídas no sub-ramo VI quando Rodrigues (1984-1985, p. 40) apresenta as características e a relação das línguas e/ou dialetos desse subconjunto. Contudo, mais à frente nesse texto o autor cita essas duas línguas nas explicações que faz sobre o sub-ramo VI, ao afirmar que: “O subconjunto VI está constituído pelo Parintintín e pelo grupo de dialetos conhecido como Tupí-Kawahíb, Tupí do Machado ou Paranawát, assim como pelo Apiaká. O Parintintín é

praticamente idêntico às línguas dos Júma e dos Tenharín.” (RODRIGUES, 1984-1985, 47). Portanto, essa identificação entre as línguas Parintintín, Júma e Tenharim parece-nos confirmar a classificação de 1970 (Rodrigues, 1970a, p. 4035) em que o Júma e o Tenharim são consideradas línguas Kawahíwa (cf. Quadro 18). Pode ser que essas duas línguas não foram incluídas na relação apresentada na lista de “línguas e/ou dialetos” porque não foram selecionadas pelo autor “como diagnósticas”, pois de acordo com Rodrigues (1984-1985):

As línguas da família Tupí-Guaraní compartilham um grande número de propriedades, tanto de estrutura como de léxico. **Destas seleciono algumas como diagnósticas** não só para efeito de inclusão de uma língua na família, mas também para exclusão de línguas geneticamente aparentadas, porém em nível mais remoto. (Grifos meus)

Em 1985, Rodrigues publica o livro “Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas”. Nesse livro, o autor trata, no capítulo 2, sobre a família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1985, p. 29-39). Ao final desse capítulo 2, temos um quadro com as línguas dessa família (Quadro 21). Como podemos verificar, as línguas Apiaká, Kayabí e Uru-Eu-Wau-Wau são apresentadas como línguas “independentes”, isto é, não estão agrupadas, como acontece com o Parintintín e a línguas Diahói, Júma, Parintintín (Kagwahív) e Tenharim (RODRIGUES, 1985, p.39).

QUADRO 21: LÍNGUAS DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ NO BRASIL (RODRIGUES, 1985)

Línguas	Grupo de dialetos/línguas
Akwáwa	•Asuriní do Tocantins (A. do Trocará, Akwáwa) •Suruí do Tocantins (Mudjetíre) •Parakanã
Amanayé	-
Anambé (Turiwára?)	-
Apiaká	-
Araweté	-
Asuriní do Xingu (A. do Coatinema, Awaeté)	-
Avá (Canoeiro)	-
Guajá	-
Guaraní	•Kaiwá (Kayová) •Mbiá (Mbüá, Mbyá, Guaraní) •Nhandéva (Txiripá)
Kamayurá	-
Kayabí	-
Kokáma	-
Língua Geral Amazônica (Nheengatú, Tupí Moderno)	-
Omágua (Kambéba)	-

Parintintín	•Diahói •Júma •Parintintín (Kagwahív) •Tenharim
Tapiarapé	-
Tenetehára	•Guajajára
	•Tembé
Uruewauwáu	-
Urubú (Urubú-Kaapór)	-
Wayampí (Oyampí)	-
Xetá	-

FONTE: Rodrigues (1985, p. 39)⁶¹.

Conforme vimos na subseção 2.2, Kawahíwa é um etnônimo dado também aos Parintintín (NIMUENDAJÚ, 1924, p.201). Vemos, portanto, no Quadro 22, o não agrupamento do Kayabí ao complexo Kawahíwa. Assim sendo, o Kayabí foi agrupado ao complexo dialetal Kawahíwa na classificação realizada por Rodrigues em 1970 (cf. Quadro 18), mas não está incluída nesse complexo na classificação realizada em 1985. A associação do Kayabí ao complexo Kawahíwa (RODRIGUES, 1970a, 1970b) voltará a acontecer na revisão proposta por Rodrigues e Cabral em 2002 (cf. Quadro 23) e será reafirmada em 2012 por esses dois estudiosos (cf. Quadro 24). Vejamos, a seguir, o Quadro 22 em que apresento a organização dos sub-ramos V e VI da família Tupí-Guaraní, conforme proposto por Rodrigues (1984-1985, p. 40-41).

QUADRO 22: CLASSIFICAÇÃO DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ - SUB-RAMOS V E VI

SUBCONJUNTO V	SUBCONJUNTO VI
a) conservação das consoantes finais	a) conservação das consoantes finais
b) fusão de *tʃ e *ts, ambos mudados em h ou	b) fusão de *tʃ e *ts, ambos como em h
c) mudança de *pw em Ø	c) mudança de *pw em kw (Parintintín, Apiaká) ou em Øw, Ø (Tupí-Kawahíb)
d) mudança de *pj em tʃ	d) conservação de *pj
e) mudança de *j em dʒ	e) conservação de j
f) marcas pronominais de terceira pessoa masculina, feminina e plural	f) marcas pronominais de terceira pessoa masculina, feminina e plural, comuns ao homem e à mulher
LÍNGUAS	LÍNGUAS
<ul style="list-style-type: none"> • Kayabí • Asuriní do Xingu • Araweté (?) 	<ul style="list-style-type: none"> • Parintintín (Kagwahíb) • Tupí-Kawahíb (Tupí do Machado, Pawaté, Wiraféd, etc.) • Apiaká (?)

FONTE: Rodrigues (1984-1985, p. 40-41)

⁶¹ Esse quadro foi apresentado no livro “Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas” publicado em 1985 (cf. RODRIGUES, 1985, p. 39). Em nota de rodapé desse livro, Rodrigues (1985, p. 32) indica a leitura de seu estudo “Relações Internas na família linguística Tupí-Guaraní” (RODRIGUES, 1984-1985), texto onde o autor apresenta a proposta da classificação das línguas da família Tupí-Guaraní em oito subconjuntos (cf. QUADRO 20).

No Quadro 22 apresentamos os sub-ramos V e VI. No primeiro está incluída a língua Kayabí e no segundo onde estão as línguas que compõem o complexo dialetal Kawahíwa. Assim, confirmamos o que foi dito no parágrafo anterior: na classificação da família Tupí-Guaraní em oito subconjuntos, Rodrigues não incluiu o Kayabí no complexo dialetal Kawahíwa, que está no sub-ramo VI dessa família. A língua Apiaká, por sua vez, possui uma interrogação (?), o que nos parece ter a mesma explicação dada pelo autor na classificação apresentada em 1964 (cf. Quadro 17), ou seja, o vocabulário publicado não pôde ser examinado (RODRIGUES, 1964, p. 101).

Considero importante destacar que, com novos estudos e informações sobre as línguas indígenas, Rodrigues (1984-1985) apresenta, desta vez, uma subdivisão da Família Tupí-Guaraní, que passa a ter oito subconjuntos. Como podemos verificar no Quadro 22, o Apiaká está incluído no subconjunto VI e é agrupado ao Parintintín, que recebe em seu agrupamento as línguas Amondáwa, Uru-Eu-Wau-Wau e Karipuna, além de ter o registro das línguas consideradas mortas Tupí-Kawahíb (Tupí do Machado, Pawaté, Wiraféd). Nesta classificação da família Tupí-Guaraní não estão incluídas as línguas Uru-Eu-Wau-Wau, Tenharim, Diahói e Júma, o que difere do quadro apresentado em 1985 (cf. Quadro 21). A seguir, vejamos o Quadro 23, onde temos a revisão proposta por Rodrigues e Cabral em 2002, quando o Kayabí foi reagrupado ao complexo dialetal Kawahíwa:

QUADRO 23: REVISÃO DA CLASSIFICAÇÃO INTERNA DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ

RAMO I	Guaraní Antigo Kaiwá (Kayová, Pãí), Ñandeva (Txiripá), Guaraní Paraguaio Mbyá Xetá (Serra dos Dourados) Tapieté, Chiriguano (Ava), Izoceño (Chané) Guayakí (Aché)
RAMO II	Guarayo (Guarayú), Sirionó, Horá (Jorá)
RAMO III	Tupí, Língua Geral Paulista (Tupí Austral) Tupinambá, Língua Geral Amazônica (Nhe'engatú)
RAMO IV	Tapirapé Asuriní do Tocantíns, Parakanã, Suruí (Mujetire), Avá-Canoeiro Tembé, Guajajára, Turiwára
RAMO V	Araweté, Ararandewára-Amanajé, Anambé do Cairarí Asuriní do Xingu

RAMO VI	Kayabí, Apiaká Parintintín (Kagwahíb), Tupí-Kawahíb (Tupí do Machado, Pawaté, Wiraféd, Uruewauwau, Amondáva, Karipúna, etc.) Júma
RAMO VII	Kamayurá
RAMO VIII	Wayampí (Oyampí), Wayampípukú, Emérillon, Jo'ê Urubu-Ka'apór, Anambé de Ehrenreich Guajá Awré e Awrá Takunhapé

FONTE: Rodrigues, Cabral (2002, p.335-336).

Nessa revisão da classificação interna da família Tupí-Guaraní, realizada por Rodrigues e Cabral (2002):

- O Kayabí é associado ao subconjunto VI agrupando-se com o Apiaká, Parintintín, Júma, Karipúna, Uru-Eu-Wau-Wau, Amondáva, Tenharim;
- A língua Uru-Eu-Wau-Wau é agrupada pela primeira vez ao complexo dialetal Kawahíwa. Na classificação de 1985, essa língua é apresentada como uma língua independente, assim como o Apiaká e o Kayabí (RODRIGUES, 1985, p. 39); e na classificação proposta por Rodrigues em 1984-1985, a língua Uru-Eu-Wau-Wau não é registrada em nenhum dos oito sub-ramos (cf. Quadro 20).
- As línguas Júma, Diahói e Tenharim são reagrupadas ao complexo Kawahíwa, conforme apresentado na classificação de Rodrigues em 1970 (cf. Quadro 18);
- O Apiaká e o Kayabí estão lado a lado;
- o Parintintín é destacado como língua, assim como o Apiaká e o Júma, e não como dialeto.

No Quadro 23, apresentado por Rodrigues e Cabral (2012), temos uma confirmação e também uma atualização desse agrupamento. Vejamos, então, como ficou a mais recente organização do complexo dialetal Kawahíwa propostas por esses estudiosos:

QUADRO 24: CLASSIFICAÇÃO INTERNA TUPÍ-KAWAHÍWA (RODRIGUES, CABRAL, 2012)

Branch 6 (Kawahth branch)
10.31 Amondáwa, BR-Ro
10.32 Uruewawáu (Uru-eu-wau-wau, Uru-eu-uau-uau), BR-Ro
10.33 ! Karipúna, BR-Ro
10.34 Piripkúra, BR-Mt
10.35 ! Diahói (Diahui, Jahoi, Jahui, Diarrui), BR-Am, Ro
10.36 Parintintín (Parintintim, Kagwahív), BR-Am
10.37 Tenharín (Tenharim), BR-Am
10.38 †Tupí-Kawahíb (Tupi do Machado, Paranawát, Pawaté, Wiraféd), BR-Ro
10.39 ! Apiaká (Apiacá), BR-Mt
10.40 ! Júma (Yuma), BR-Am
10.41 Kayabí (Calabi), BR-Mt, Pa

FONTE: Rodrigues, Cabral (2012, p. 499)⁶².

Nessa atualização do agrupamento de línguas do complexo linguístico Tupí-Kawahíwa, foi incluído pela primeira vez a língua Piripkúra, que está sendo objeto de estudo de linguístas pesquisadores do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/UnB).

É, pois, com base nessas classificações anteriores propostas por Rodrigues (1958, 1964, 1970a, 1984-1985, 1985) e Rodrigues e Cabral (2002, 2012) que venho realizando leituras, estudos e pesquisas sobre essa hipótese de (re)agrupamento do Kayabí dentro do denominando “complexo Kawahíwa”, sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní. Neste sentido, no decorrer do curso de extensão “Áreas Etnográficas: índios das Américas”, que aconteceu no primeiro semestre de 2015, na UnB, conversei com o Prof. Julio Cezar Melatti sobre a classificação dos Kawahíwa nessa área etnográfica (MELATTI, 2011, p. 13) e sobre a inclusão dos Kayabí no complexo Kawahíwa, conforme apresentado em seu livro “Índios do Brasil” (MELATTI, 1987, p. 36).

De acordo com Melatti (Comunicação pessoal, 2015) a classificação genética das línguas indígenas do Brasil que está em seu livro é de autoria de Rodrigues (1970a, 1970b), que fez um estudo sobre as “Línguas Ameríndias do Brasil”. Essa classificação foi publicada no livro de Melatti, com a autorização de Rodrigues, tendo algumas adaptações “segundo a

⁶² Quadro corrigido (Comunicação pessoal, Cabral, 2015), pois a língua Júma estava, no texto em questão, ao lado do Apiaká (cf. RODRIGUES, CABRAL, 2012, p. 499). O sinal de interrogação (!) indica que a língua está em situação crítica quanto ao risco de extinção. E (†) indica que são línguas mortas.

necessidade do presente trabalho” (MELATTI, 1987, p. 35). Em síntese, verificamos que essa versão de 1970 é diferente da classificação apresentada por Rodrigues em 1985, pois o Kayabí não permanece agrupado nesse complexo. É na revisão realizada por Rodrigues e Cabral (2002) dessa classificação interna da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1984-1985) que a língua Kayabí voltará a ser incluída no complexo Kawahíwa.

Há divergências entre Rodrigues, Cabral (2002), Sampaio (2001) e Mello (2002) sobre a posição da língua Kayabí no sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní. No entanto, as hipóteses apresentadas por esses estudiosos foram estudadas sob diferentes enfoques; com mais ou menos critérios linguísticos (fonético-fonológicos, morfossintáticos, semânticos, pragmáticos). Mello (2002, p. 338), por exemplo, utiliza apenas critérios fonológicos e lexicais. Assim, verificamos que a classificação das línguas estudadas por esses autores apresentam resultados diferenciados. Alguns resultados são similares, outros antagônicos. É o caso da posição do Kayabí no sub-ramo VI da família linguística Tupí-Guaraní, que será classificado de forma diferente por esses autores.

Como vimos anteriormente (subseção 4.4), a inclusão do Kayabí na classificação das línguas Kawahíwa foi tema da tese de Sampaio (2001), que não incluiu o Kayabí nesse complexo linguístico. A autora propôs, sob a perspectiva da sistemática Filogenética e dos métodos fonoestatísticos e lexicostatísticos, que o grupo Tupí-Kawahíwa é composto pelas línguas Júma, Tenharim, Parintintín, Diahói, Karipúna, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondáwa. De acordo com Sampaio (2001, p.37) essa hipótese encontra apoio na coincidência de valores culturais. Neste caso, a análise é validada pela análise dos dados linguísticos, pois segundo a autora, "se temos um grupo étnico ancestral comum, então podemos postular a existência de uma língua ancestral comum" (SAMPAIO, 2001, p. 37-38).

De acordo com a fundamentação teórico-metodológica adotada por Sampaio (2001, p. 51-58), o complexo Tupí-Kawahíwa foi considerado um Taxon Natural, ou seja, um grupo de línguas que existe na natureza como resultado da evolução. Neste caso, esse grupo linguístico é considerado um grupo monofilético, que “é um grupo de espécies que inclui um ancestral comum e todos os seus descendentes” (SAMPAIO, 2001, p. 51). Assim sendo, a autora irá supor “a existência de um Proto-Tupi-Kawahib, o taxon ancestral, que seria a espécie ancestral da qual se originou o grupo Tupi-Kawahib” (SAMPAIO, 2001, p. 52). Nesse estudo, sob a perspectiva do sistema filogenético, as línguas Tenharim, Parintintin, Uru-Eu-Wau-Wau, Amondáwa, Diahói, Júma, Karipúna e Kayabí foram consideradas, a priori, como originadas de uma língua ancestral comum: o Tupí-Kawahíwa.

Para desenvolver o estudo sobre a classificação interna do complexo Tupí-Kawahíwa, a autora organizou dois grupos de línguas. O grupo interno, “que é aquele em que as línguas são consideradas derivadas de um ancestral comum próximo, ou seja, constituem um grupo monofilético” (SAMPAIO, 2001, p. 52). E o grupo externo, composto por línguas que apresentem relação de parentesco (grupo irmão) mas não estão incluídas no grupo monofilético. Esse grupo externo é utilizado para realizar a análise comparativa entre as línguas. Sampaio (2001, p. 52) considerando as classificações propostas por Rodrigues (1985), incluiu as línguas Tembé e Wayampí como membros do grupo externo. A escolha do grupo externo, segundo Sampaio (2001, p. 58), “não é feita de maneira aleatória, autoritária ou intuitiva, mas com base em estudos já desenvolvidos por outros”.

Sampaio afirma que o cladograma (cf. ANEXO G) que apresenta os resultados de seu estudo “aponta, sem sombra de dúvidas, para a existência de um grupo interno que se diferencia do grupo externo. O grupo interno é constituído pelas línguas: juma, tenharim, parintintin, uru-eu-uau-uau, amondava, karipuna e diahoi” (SAMPAIO, 2001, p.73). Neste caso, a língua Kayabí, inicialmente hipotetizada como pertencente ao grupo interno, está “situada como uma língua afim ao grupo externo, e não ao grupo interno” (SAMPAIO, 2001, p. 74).

Diferente de Rodrigues e Cabral (2002) e de Sampaio (2001), na classificação do sub-agrupamento interno Tupí-Guaraní proposto por Mello (2002, p. 341) a língua Kayabí está agrupada ao subgrupo V, juntamente com as línguas Apiaká e Kamajurá. É o que nos mostra o Quadro 25:

QUADRO 25: O AGRUPAMENTO INTERNO DO KAYABÍ (MELLO, 2002)

Subgrupo IV	IVa.	Parintintin Amundava Urueuwauwau
	IVb.	Tenharín Karipúna
Subgrupo V	Apiaká Kayabí Kamayurá	

Mello (2000, p.1), em sua tese de doutorado, informa que aplicou “o método histórico comparativo da linguística no seu sentido estrito à família Tupí-Guaraní”, abordou somente aspectos diacrônicos e utilizou apenas critérios fonológicos e lexicais. Nesse estudo, Mello (2000) apresenta uma isoglossa (‘agora’. PTG *ramo), considerado um item que “demonstra uma proximidade do kayabí (subconjunto V) e do parintintin” (cf. MELLO, 2000,

p. 215). O autor apresenta também uma mudança (*p^w > h^w: KAY) que de acordo com Mello (2000, p. 259) mostra que o processo de enfraquecimento por que passam as línguas Kayabí e o Kamajurá “nos faz crer que existem uma relação forte Kamayurá-Kayabí”. Contudo, na tese de Mello não constam os mapas ilustrativos das isoglossas (cf. MELLO, 2000, p. 211-252), tampouco a “Árvore de Classificação Interna Tupí-Guaraní”, conforme indicação do autor (cf. MELLO, 2000, p. 274-275). É, portanto, uma tese publicada com a ausência de importantes informações. Essas ausências deixam o trabalho incompleto para os estudiosos e leitores interessados em conhecer o sub-agrupamento interno Tupí-Guaraní proposto por esse autor. Essa árvore é apresentada em um artigo (cf. ANEXO H).

Segundo Rodrigues (1984-1985), para realizar a organização dos subconjuntos das línguas Tupí-Guaraní, ele estudou “o compartilhamento de certas propriedades mais específicas, que podemos estabelecer com referência ao Proto-Tupí-Guaraní”. Nesse estudo, de acordo com Rodrigues (1984-1985, p. 37), as propriedades fonológicas foram a base do dessa classificação, selecionadas de acordo com a o conhecimento do autor no trabalho de pesquisa e observação comparativa das línguas dessa família. A seleção das propriedades fonológicas, conforme nos informa o autor, deu-se por que “Outras propriedades fonológicas e grande parte das propriedades gramaticais e lexicais não podem ainda ser utilizadas comparativamente para todo esse amplo conjunto de línguas, devido à insuficiência da documentação” (RODRIGUES, 1984-1985, p. 37).

O que estamos tentando mostrar é que nessas classificações e revisões da família Tupí-Guaraní realizadas por Rodrigues (1958, 1964, 1970a, 1985) e Rodrigues e Cabral (2002, 2012) não há uma proposta, nem uma sugestão para a construção de um estudo classificatório específico do complexo Kawahíwa, ou seja do sub-ramo VI; também não há um modelo arbóreo para o sub-ramo em questão. O que não foi realizado porque, conforme entendemos, na época não existiam dados linguísticos disponíveis de algumas línguas desse complexo, alguns povos Kawahíwa ainda não eram conhecidos e não tínhamos a compreensão que hoje dispomos sobre as línguas que constituem os oito subconjuntos da família Tupí-Guaraní.

Assim, é necessário registrar que é com base nas classificações do tronco Tupí e da Família Tupí-Guaraní realizadas e revisadas por esses dois pesquisadores que propomos o desenvolvimento desta tese, até porque são as classificações que vêm sendo atualizadas e confirmadas pela maioria dos estudiosos no decorrer dos anos. Portanto, colaborar para o conhecimento das línguas Tupí-Guaraní é o que propomos fazer neste trabalho de revisão do sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní, tendo por base o método histórico-comparativo. Neste

ponto consideramos importante apresentar uma síntese sobre os procedimentos e critérios citados por Rodrigues e Cabral (2002, p.331-332) para realizarem a revisão da classificação interna da família Tupí-Guaraní.

Nessa revisão vemos que, com novos dados e conhecimentos sobre as línguas Tupí-Guaraní, Cabral e Rodrigues, em 2002, realizaram uma revisão da classificação interna da família linguística Tupí-Guaraní proposta em 1984-1985 por Rodrigues, que foi, de fato, uma revisão ampliada e aprofundada da proposta apresentada em 1958/1964/1970. A revisão de 1984-1985 teve um diagnóstico baseado nas propriedades lexicais e fonológicos das línguas analisadas. Mas, na revisão realizada em 2002, Rodrigues e Cabral incluíram outros critério adicionais: fonológicos e gramaticais. Assim sendo, essa revisão de 2002 contou com critérios fonológicos e gramaticais e com dados adicionados (RODRIGUES, CABRAL, 2002, p. 331-332). Esta revisão teve, então, casos de exclusão (o Kokama, da família Tupí-Guaraní), inclusão (o Zo'ê, no subconjunto VIII, por exemplo.) e reagrupamento:

- O Araweté é mantido no subconjunto V, mas em um subgrupamento com características próprias;
- O Kayabí é associado ao subconjunto VI, em um subagrupamento com o Apiaká, Júma, os dialetos Tupí-Kawahíwa (Tupí do Machado, Pawaté, Wilaféd, Uru-Eu-Wau-Wau, Karipúna, Amondáwa, e Tenharim), e o Parintintín.

Nesse reagrupamento do Kayabí no subconjunto VI, são apresentados alguns dados linguísticos para justificar a associação do Kayabí nesse subconjunto e sua retirada do subconjunto V. Temos, portanto, no subconjunto VI a inclusão do Kayabí, que é uma língua que parece apresentar, também, características das línguas de outros subconjuntos (V, VII e VIII) da família Tupí-Guaraní.

A Língua Apiaká, por sua vez, na classificação de 1958/1964/1970 foi apresentada como língua “independente” dentro da classificação interna da família Tupí-Guaraní; já na revisão de 1984-1985 incluída no subconjunto VI aparece, a língua Apiaká, com um ponto de interrogação (?), o que significa que o vocabulário publicado não pôde ser examinado, além disso, Rodrigues (1984-1985, p.47) informa que o Apiaká apresenta um diferencial na fonologia em relação às outras línguas desse subconjunto VI; Rodrigues afirma também que, segundo Nimuendajú (1948, p.313) há uma semelhança fonológica entre as línguas Apiaká, Kayabí, Kawahíwa e Kamajurá, sendo que está última está incluída no subconjunto VII e o Kayabí

estava, nessa classificação de 1984-1985, incluída no subconjunto V (RODRIGUES, 1984-1985, p. 46-47).

Considero importante destacar que essas semelhanças e proximidades entre as línguas dos oito subconjuntos, a princípio, não significam nenhum problema, tendo em vista serem todas da família Tupí-Guaraní. Mas, quando tratamos de classificação interna de uma família linguística é bom compreendermos e distinguirmos as características genéticas de cada língua para sabermos em que subconjunto pode ser incluída por compartilhar mais propriedades lexicais e estruturais com as outras línguas desse subconjunto. Essa distinção pode ser muito importante para os estudos e o aprendizado dessa(s) língua(s).

Aqui consideramos muito importante retomar o estudo realizado por Sampaio (1997, 2001) apresentado na subseção anterior. De acordo com a autora, o objetivo principal desses estudos é o de contribuir para com a discussão sobre a classificação das línguas Tupí-Guaraní, bem como para com uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahíwa. São dois importantes trabalhos em que, com muita propriedade, realiza um estudo sobre as línguas Kawahíwa. No primeiro, dissertação de mestrado (SAMPAIO, 1997), a autora apresenta um estudo comparativo preliminar, sob o ponto de vista sincrônico, entre as línguas Tupí-Kawahíwa: Parintintín/Tenharim e Uru-Eu-Wau-Wau/Amondáwa, que, nesse estudo preliminar, são consideradas variedades de uma única língua. Sampaio (1997, p. 86-87), nas Considerações Finais dessa dissertação aponta que as poucas diferenças fonéticas e lexicais “se constituem como elemento de identificação sócio-política dos indígenas Tenharim, Parintintín, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondáwa.

A estudiosa afirma que “É através destas diferenças que cada um deles se identifica como povo” (SAMPAIO, 1997, p.87). O segundo trabalho, tese de doutorado (SAMPAIO, 2001), teve como proposta inicial verificar se o Júma, o Parintintín, o Tenharim, o Diahói, o Karipúna, o Uru- EU-Wau-Wau, o Amondáwa e o Kayabí seriam ou não línguas Tupi-Kawahib. Numa abordagem multidisciplinar (Biologia Comparada, Etno-história, Linguística Comparativa e Linguística Genealógica) e utilizando métodos da Sistemática Filogenética, Sampaio (2001, p.98-99) postula a hipótese de que as línguas Tupi-Kawahíwa se constituem e se suportam realmente como um grupo coeso. Segundo a estudiosa, esse grupo linguístico é constituído pelas seguintes línguas: Júma, Tenharim, Parintintín, Diahoi, Karipúna, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondáwa.

Como vemos, nos estudos realizados por Sampaio (1997, 2001) não há a inclusão do Apiaká e do Kayabí no complexo Kawahíwa. Assim sendo, entendemos que no contexto

atual, com o avanço significativo da documentação das línguas da família Tupí-Guaraní e, inclusive, com as informações sobre os povos Tupí-Kawahíwa recém-contatados (os Piripkúra, tiveram o primeiro contato em 1984; esse contato se repetiu somente em 2007), bem como, a existência dos indígenas Kawahíwa “isolados” na T. I. Kawahíwa do Pontal (MT) e na T.I. Uru-Eu-Wau-Wau (RO); temos, sem dúvida, uma nova realidade que parece indicar a necessidade e a possibilidade de realizarmos uma revisão da classificação interna da família Tupí-Guaraní, mas uma revisão considerada menor, tendo em vista focar apenas o subconjunto VI, a partir da hipótese de Rodrigues e Cabral (2002) e, com base nos resultados obtidos, verificar como essas línguas do subconjunto VI da família Tupí-Guaraní formam, ou não, um subagrupamento com características próprias constituindo o que vem sendo denominado “complexo Kawahíwa” (complexo linguístico, além de cultural).

5.5 Considerações gerais

Revisar para corrigir determinadas obras, ainda que clássicas, ou revisar para melhorar, ampliar e atualizar as informações sobre o objeto em estudo é algo que deveria ser natural entre os cientistas. É o que fez, por exemplo, Cabral e Rodrigues ao revisarem, em 2002, a classificação interna da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, CABRAL, 2002), classificação que foi elaborada em 1958 e repensada em 1964, 1970 e 1985 por Rodrigues. É o que propõe, também, a hipótese de Rodrigues e Cabral (2002, 2012) sobre o Apiaká, o Piripkúra e o Kayabí pertencerem ao complexo Kawahíwa. Esta proposição aponta para uma revisão do sub-ramo VI da família linguística Tupí-Guaraní, hipótese que proponho averiguar neste trabalho, mas em relação ao Kayabí. É, portanto, esse o foco principal deste trabalho: colaborar para a revisão da classificação interna do sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní, o complexo Kawahíwa.

Entendemos que a revisão de classificação de estudos sobre a língua(gem) dos povos (indígenas ou não) requer, por sua natureza dinâmica, atualização contínua dos fatos linguísticos. Aqui é preciso uma breve reflexão sobre a menção à protolíngua Kawahíwa (cf. 3.2). Como aponte na seção 4, desenvolveram-se sobre esse complexo linguístico estudos de áreas diversas do conhecimento, mas não existe ainda um estudo etnolinguístico aprofundado que proponha ao grupo Tupí-Kawahíwa a inclusão das línguas Kayabí, Apiaká, Júma e Piripkúra. Obviamente, essa não pode ser uma mera adição de línguas ao sub-ramo VI da Família Tupí-Guaraní, que real ou convencionalmente a compõem; se assim o fizermos, estaríamos incorrendo em um equívoco intelectual.

Quando mencionamos esse pressuposto, tivemos a impressão de estar propondo uma nova etapa de estudos etnolinguísticos sobre os povos e línguas Tupí-Kawahíwa. Trata-se, no entanto, de compartilhar a etno-história comum e o conhecimento linguístico existentes sobre as línguas Tupí-Kawahíwa, analisando as semelhanças e diferenças entre os dados para confirmar o parentesco genético, entre as línguas Kawahíwa Setentrionais e Kawahíwa Meridionais, de modo ser possível afirmar que estamos na presença de uma protolíngua que poderá ser denominado Kawahíwa, ou Tupí-Kawahíwa, conforme se autodenominam os povos que compõem esse grupo étnico.

A aceitação desse etnônimo pelos povos Kawahíwa (cf. 2.3) pressupõe o reconhecimento de semelhanças, correspondências e interações, ou seja, existe a possibilidade de identidade étnica e identidade linguística (cf. 2.2), o que nos leva a pensar em Proto-história e Proto-língua, ainda que sem aderir totalmente à pertinência deste pressuposto. Enfim, postular uma hipótese como essa, quer dizer, propor um Proto-Kawahíwa em que se parta da suposição da existência de parentesco genético é, por si mesmo, uma linha de estudo que pode contribuir para o conhecimento das línguas indígenas Tupí-Guaraní e, também, para o fortalecimento e revitalização da cultura e das línguas dos povos Kawahíwa.

Desse ponto de vista, o estudo contínuo do complexo Kawahíwa está de acordo com a teoria de Rodrigues (1985, p.17-39) de que as línguas mudam por questões diversas, isto é, as línguas aparentadas podem ter diferenças, pois “Embora constituídas a partir de princípios e propriedades comuns, as línguas estão sujeitas a grande número de fatores de instabilidade e variação, que determinam nelas forte tendência à constante alteração” (RODRIGUES, 1985, p. 17). Sobre essa questão, Sampaio, ao tecer suas considerações sobre o texto que apresentei para a Banca de Exame de Qualificação do Doutorado (PPGL/UnB), afirmou que “A língua é produto da cultura e é veículo da cultura. Então, a língua é assim, um eterno devir, um eterno construir da visão que o povo tem de seu mundo, do seu sistema de vivência”. Concordamos com essa afirmativa, por isso, neste trabalho, nossa investigação buscou na interação interdisciplinar construir, através dos aportes teórico-conceituais, elementos de compreensão das línguas Tupí-Kawahíwa. Isto é, buscar conhecimentos sobre a origem e mudanças sofridas por essas línguas. Para tanto, buscamos entender, um pouco, alguns elementos que constituem a etno-história dos povos Kawahíwa.

Neste caso, a reflexão sobre a origem, a expansão e a territorialidade na história dos Kawahíwa, bem como, os apontamentos sobre o conceito Kawahíwa, etnonímia, organização sociopolítica e identidade étnica, objetivaram apoiar o entendimento sobre os aspectos

inovadores e as distinções que a língua Kayabí apresenta em relação às línguas Tupí-Kawahíwa. Sob esta perspectiva, temos consciência de que este estudo multidisciplinar (etno-história, etnoarqueologia, linguística histórica, linguística antropológica, geografia, etc.) pode se tornar uma contribuição para a compreensão de vários aspectos do complexo linguístico Kawahíwa; estudo que não se encerra aqui, antes abre possibilidades para outras reflexões. Entendemos que o trabalho acadêmico que tem por objeto o estudo de línguas é, naturalmente, amplo e dinâmico.

6 O KAYABÍ NO SUB-RAMO VI DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ

a hipótese que se põe, então, é a de que as línguas em questão sejam manifestações diferenciadas do que foi no passado uma mesma língua e que as propriedades compartilhadas sejam a herança comum conservada sem diferenciação ou apenas com diferenciação menos profundas.

Rodrigues (1984-1985, p. 34).

6.1 Considerações iniciais

Nesta SEGUNDA PARTE, apresento de forma sistemática correspondências fonológicas, morfológicas, morfossintáticas e lexicais entre algumas línguas do sub-ramo VI, o Kayabí, o Asuriní do Xingu, o Kamajurá e o Wayampí em relação ao Proto-Tupí-Guaraní⁶³, discutindo as diferenças e semelhanças entre elas como objetivo de analisar a hipótese do reagrupamento da língua Kayabí no sub-ramo VI da família linguística Tupí-Guaraní (RODRIGUES, CABRAL, 2002, p.334). Portanto, o estudo aqui apresentado propõe uma dimensão teórico-comparativa, com a consideração de uma análise comparativa entre línguas do sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní e o Kayabí, e deste com o Asuriní do Xingu, o Kamajurá e o Wayampí, que estão incluídas respectivamente nos sub-ramos V, VII e VIII da mesma família (cf. 6.3 e 6.4).

Assim, considerando o avanço de estudos sobre aspectos gramaticais das línguas do complexo Tupí-Kawahíwa, buscaremos avaliar o grau de relação genética entre as línguas do sub-ramo VI e o Kayabí no âmbito dessa família. Para tanto, fazemos uso do referencial teórico apresentado na seção 3 com o intuito de contribuir para uma melhor compreensão das relações internas da família Tupí-Guaraní, que será, conseqüentemente, uma contribuição para os estudos etnolinguísticos sobre o tronco Tupí.

Nossa metodologia foi, inicialmente, realizar pesquisa bibliográfica sobre os estudos linguísticos disponíveis sobre as línguas dos sub-ramos V, VI, VII e VIII da família Tupí-Guaraní e, em seguida, coletar exemplos comparáveis entre as línguas Kawahíwa (sub-ramo VI), Kayabí (sub-ramo VI/?), Asuriní do Xingu (sub-ramo V), Kamajurá (sub-ramo VII) e Wayampí (sub-ramo VIII). De posse dos exemplos e de sua descrição, realizamos uma análise comparativa das línguas sob investigação.

⁶³ Sobre as reconstruções do Proto-Tupí-Guaraní sugiro a leitura de: Rodrigues (1944, 1945, 2005a), Cabral (2000a, 2001), Jensen (1989, 1999), Rodrigues e Dietrich (1997).

Fala-se muito num "Complexo Kawahíwa", expressão já consagrada por antropólogos e linguistas notáveis (BETTS, 1981, 2012; RODRIGUES, CABRAL, 2012; SAMPAIO, 1997, 2001; MENÉNDEZ, 1981, 1989; KRACKE, 2007; PEGGION, 2005). Entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste esse complexo quanto aos aspectos linguísticos (morfológicos, morfossintáticos, semânticos e pragmáticos) compartilhados entre as línguas que compõem esse complexo.

O parentesco genético entre os Parintintín, Tenharim, Diahói, Júma, Uru-Eu-Wau-Wau, Amondáwa, com relação aos aspectos fonéticos, fonológicos, lexicais e culturais é, por assim dizer evidente⁶⁴, mas ainda não existem, ou não estão disponíveis, estudos sobre as semelhanças e diferenças sob critérios gramaticais, que contribuam para uma melhor compreensão do grau de relações ou de proximidades e diferenças entre as línguas Kawahíwa. O objetivo desta segunda parte é apresentar, ainda que de forma sucinta, uma contribuição nesse sentido.

6.2 Roteiro da análise contrastiva das línguas

Tal como afirmamos antes, o foco deste trabalho é o estudo da classificação interna do sub-ramo VI da família linguística Tupí-Guaraní, visto como um conjunto de línguas e povos que constituem o complexo Kawahíwa (ou Tupí-Kawahíwa). A análise descritiva realizada, a seguir, com o objetivo de testar a associação do Kayabí a esse complexo, é conduzida de acordo com os princípios do método histórico-comparativo anteriormente apresentados e, paralelamente, leva em consideração os indicativos apontados pelos estudos etno-históricos, entográficos e etnoarqueológicos (cf. Seção 2 e Seção 4).

Antes de propriamente apresentar os tópicos selecionados para a análise contrastiva das línguas em tela, vale resumir os procedimentos metodológicos utilizados nesta seção. Neste sentido, lembramos que a amostra principal é formada, do modo já referido, por dados extraídos de estudos linguísticos desenvolvidos por diversos estudiosos sobre as línguas Kawahíwa, Kayabí, Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampí e pesquisa de campo realizada em 2011, 2012 e no primeiro semestre de 2015. Consideramos as descrições e análises do Kayabí e de algumas línguas Kawahíwa (Parintintín, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondáwa, por exemplo) disponíveis sobre alguns dos aspectos fonológicos, morfológicos, morfossintáticos, semânticos e lexicais

⁶⁴ Cf. Menéndez (1981, 1989); Kracke (2007); Paiva (1998, 2005); Peggion (1996, 2005); Almeida (2010); França (2012); Pease (1971, 2007 [1968]); Pease e Betts (1991); Sampaio (1997, 2002); Betts (1981, 2012); Silva (2013) e outros.

apontados nos textos de Rodrigues (1984-1985) e de Rodrigues e Cabral (2002). De outro lado, o corpus contrastivo é formado pelas línguas Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampí, tendo por enfoque as diferenças e semelhanças entre essas línguas e as línguas do sub-ramo VI, especificamente, a língua Kayabí, conforme a postulação apresentada por Rodrigues e Cabral (2002).

A comparação do Kayabí com as línguas conhecidas como integrantes do complexo Kawahíwa e com as línguas do sub-ramo V, VII e VIII, isto é, com o Asuriní do Xingu, o Kamajurá e o Wayampí, respectivamente, permitirá a identificação de aspectos linguísticos compartilhados pela língua Kayabí com as demais línguas do sub-ramo VI. As evidências linguísticas resultantes desse estudo contribuirão para a revisão da classificação interna do complexo linguístico Kawahíwa.

Este trabalho tem também uma vertente etnolinguística, razão pela qual está em processo de organização um repertório bibliográfico da interface dialógica entre a etnolinguística, etno-história, etnografia⁶⁵ e a etnoarqueologia⁶⁶ dos Kawahíwa. A Etnolinguística, uma ramificação da Linguística, procura estabelecer a relação entre linguagem e cultura, pois compreende que a linguagem é uma característica universal do homem, que é eminentemente social. Assim, num diálogo interdisciplinar, neste estudo, as línguas são compreendidas como indissociáveis do ato da comunicação humana (MEILLET, 1925, p. 84; TESNIÈRE, 1969, 103-105; COSERIU, 1972, p. 95). Nessa compreensão adotamos o pressuposto de que as línguas são construídas de subsistemas (lexical, fonológico, morfológico, sintático, pragmático e semântico), os quais estão inter-relacionados (THOMASON e KAUFMAN, 1988, p. 37).

Dessa forma, nosso foco restringe-se a um conjunto de procedimentos e princípios descritivos que possibilitem explicar algumas correspondências fonológicas, morfológicas, morfossintáticas e lexicais, utilizando como ponto de contraste, numa escala significativamente menor, uma pequena análise de dados de línguas Kawahíwa e de três línguas de outros sub-ramos da família Tupí-Guaraní: os sub-ramos V, VII e VIII, dos quais destacamos, respectivamente, as línguas Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampí.

O *corpus* que fundamenta o presente estudo inclui dados coletados por pesquisadores do LALLI/UnB, assim como em dados publicados por diversos estudiosos sobre as línguas em tela. Somam-se a esses dados os coletados em 2012, no trabalho de campo que

65 Tive como base a experiência etnográfica junto aos Parintintín nas duas TIs contíguas localizadas no município de Humaitá, estado do Amazonas: Terra Indígena Ipixuna e Terra Indígena Nove de Janeiro.

66 A etnoarqueologia além de uma abordagem arqueológica voltada à compreensão das populações no passado, busca entender, também, as populações do presente (SILVA, 2009, p. 35).

realizei junto ao Parintintín, Uru-Eu-Wau-Wau, Júma, Diahói e Tenharim, e dados da língua Kamajurá, coletados no primeiro semestre de 2015, quando contei com a participação e colaboração de indígenas Kamajurá pesquisadores do LALLI. Assim sendo, os dados das línguas utilizados neste estudo são oriundos de quatro fontes: 1. Do levantamento bibliográfico sobre esses povos e línguas; 2. Do banco de dados do LALLI/UnB; 3. Do banco de dados do Grupo de Estudos em Culturas, Educação e Linguagens (GECEL/UNIR) e, 4. Do banco de dados das línguas Tupí-Kawahíwa, onde estão sendo organizados os dados que coletei em trabalho de campo e levantamento bibliográfico.

Na revisão da classificação interna da família Tupí-Guaraní, Rodrigues e Cabral (2002) reformularam alguns critérios usados por Rodrigues (1984-1985) e adicionaram novos critérios, ampliando, assim, as possibilidades comparativas e concluíram pela exclusão do Kayabí do Subconjunto V e a sua inclusão no subconjunto VI. Os autores, com base nos critérios comparativos reformulados concluem que:

O Kayabí é agora associado ao subconjunto VI, juntamente com o Apiaká, o Júma, os dialetos Tupí-Kawahíb (Tupí do Machado, Pawaté, Wiraféd, Uruéwawau, Kariúna, Amondáva e Tenharín), e o Parintintín. No Kayabí, no Apiaká e no Parintintín o modo indicativo II é acionado nas primeiras e na terceira pessoas. O Parintintín e o Kayabí possuem prefixos correferenciais que ocorrem com nomes e com verbos intransitivos. Em todas essas línguas são distinguidas três formas de terceira pessoa: uma singular masculina, uma singular feminina e uma plural.⁶⁷ O Kayabí difere das demais línguas desse subconjunto por possuir dois conjuntos de pronomes com essa distinção, um na fala masculina e o outro na fala feminina. O Parintintín e o Kayabí compartilham um sistema de partículas epistêmicas com formas cognatas que distinguem o que foi atestado do que não foi atestado pelo falante, em associação com um passado imediato, um passado recente ou um passado remoto (Cabral, 2000a). O único exemplo disponível para o Apiaká é compatível com esse sistema (*de O-maNwáj ra/é /2 R¹-cortar não-atestado-passado.recente/* ‘você foi cortado?’ (Dobson, 1975, p.27, ex. 335b). (RODRIGUES E CABRAL, 2002, p. 334)

Assim, visando testar a hipótese de Rodrigues e Cabral (2002) que propõe incluir o Kayabí no sub-ramo VI, realizamos uma análise comparativa do Kayabí com outras línguas do sub-ramo VI - Parintintín, Tenharim, Amondáwa, Uru-Eu-Wau-Wau e também com as línguas Asuriní do Xingu (sub-ramo V), Kamajurá (sub-ramo VII) e Wayampí (sub-ramo VIII).

Como o foco desta tese é o agrupamento do Kayabí ao sub-ramo VI da família Tupí-Guarani (RODRIGUES, CABRAL, 2002), optamos por descrever as semelhanças e diferenças entre as línguas em investigação. A proposta, desenvolvida mediante o Método Histórico-Comparativo, é fundamentada por vários dados e estudos de que constituem o tronco linguístico

⁶⁷ Esta distinção ocorre também no Asuriní do Xingu, do sub-ramo V.

Tupí (CABRAL, 2000, 2001, 2002, 2007; SOLANO, 2004, 2009; SILVA, 2010; SOUSA, 2013; e outros).

A comparação envolve dois momentos. No primeiro momento compararemos as cinco características fonológicas mais gerais em relação ao Proto-Tupí comuns às línguas do sub-ramo VI atribuídas por Rodrigues (1984-1985). No segundo momento, compararemos alguns aspectos gramaticais que envolvem a morfologia, a sintaxe e a semântica, com base na formulação de Rodrigues e Cabral (2002) com respeito à revisão da classificação interna da família Tupí-Guaraní, quando propõem a inclusão do Kayabí no sub-ramo VI.

6.3 Evidências gramaticais - aspectos fonológicos

Nesta subseção apresentamos novas evidências linguísticas de que o Kayabí é uma língua do complexo Kawahíwa. Mostramos que dados coletados por Curt Nimuendajú (1924) junto ao grupo indígena conhecido na época por Kawahíb-Tupí, assim como os dados coletados junto aos Tupí do Alto Machado confirmam a proximidade do Kayabí com essas línguas, contribuindo para fortalecer a hipótese do Kayabí pertencer ao sub-ramo VI, defendida por Rodrigues e Cabral (2002). Os dados servem também para demonstrar que algumas mudanças que passaram a diferenciar o Parintintín das demais línguas comparadas não são suficientes para enfraquecer a hipótese em tela.

Salientamos que nesta comparação lançamos mão das descrições disponíveis das línguas Parintintín, Kawahib-Tupí, Tupí do Alto Machado e Kayabí. Neste caso, as fontes do material linguístico usado nos quadros seguintes (Quadro 26, 27, 28 e 29) como parâmetro comparativo entre essas línguas são:

- a) **Parintintín**: Nimuendajú, 1924, p.262-266;
- b) **Kawahíb-Tupí**, Nimuendajú, 1924, p. 267-274;
- c) **Tupí do Alto Machado**, Nimuendajú, 1924, p. 275-276.

Quanto ao **Kayabí** foram consideradas as descrições de Weiss (1998, 2005) e Dobson (1973, 1997, 2005). As lacunas evidentes em alguns pontos da comparação devem-se à ausência de dados nos referidos textos. A concentração em um único autor, em certos casos, justifica-se pela ausência de trabalhos sobre a língua, como é o caso do Kawahíb-Tupí e do Tupí do Alto Machado. Contudo, as descrições existentes foram suficientes para permitir o trabalho comparativo que aqui desenvolvemos. Assim sendo, abordamos, a seguir, os seguintes

tópicos: Correspondências fonológicas, Sonoridade, Pós-oralização e Enfraquecimento de $*p^w$ e de p seguido de u para ϕ .

• Correspondências fonológicas

Três das principais diferenças fonológicas entre o Kayabí e as demais línguas do sub-ramo VI dizem respeito:

- à retenção de reflexos dos Proto-Tupí-Guaraní $*ts$ e $*tʃ$;
- à sonoridade das consoantes finais;
- aos reflexos de Proto-Tupí-Guaraní $*p^w$;
- à pós-oralização de consoantes nasais.

No que diz respeito à **retenção de reflexos dos fonemas** do Proto-Tupí-Guaraní $*ts$ e $*tʃ$, salientamos que, embora as línguas Kawahíwa atuais mantenham $/h/$ como reflexos de Proto-Tupí-Guaraní $*ts$ e $*tʃ$, nem o Kawahib-Tupí nem o Tupí do Alto Machado mantiveram reflexos desses sons, como mostram os exemplos seguintes. Lembramos que os dados das línguas Parintintin, Tupí do Alto Machad, Kawahib-Tupí usados nos quadros 26, 27, 28, 29 e 30 são oriundos da seguinte fonte: Nimuendajú (1924, p.262-266; p.275 -276; p.267-274, respectivamente); os dados da língua Kayabí são de Weiss (1998, 2005).

QUADRO 26: RETENÇÃO DE REFLEXO DO FONEMA PTG $*ts$

Glossa	Parintintín	Kawahíb-Tupí	Tupí do Alto Machado	Kayabí	Proto-Tupí-Guaraní
a fisga	i-kupí	-	-	-	-
a mãe dele	i-hy	ka-ié	-	-y 'mãe'	$*-tsy$
raiz	-hapó	-	-	-apo	$*ts-apó$

QUADRO 27: RETENÇÃO DE REFLEXO DO FONEMA PTG **tf*

Glossa	Parintintín	Kawahíb-Tupí	Tupí do Alto Machado	Kayabí (WEISS, 2005)	Proto-Tupí-Guaraní
sol	kwará	kwaráí	kwaráí	kwaray 'calor do sol'	*kwarátʃy
não tenho pai	-	nayarúvi	não tenho pai	-	*natʃérúβ-i
não tem marido	-	imendaréim	não tem marido	-	*imenáreʒym

• Sonoridade das consoantes finais

As línguas Kawahíwa, exceto o Amondáwa e o Piripkúra apresentam as consoantes **β*, **r* e **k* finais, como reflexos respectivamente de PTG **β*, **r* antes de silêncio.

Por outro lado, o Kayabí, assim como o Kawahíb-Tupí e o Tupí do Alto Machado ensurdecaram esses sons mantendo-os *p* e *t* como reflexos de PTG **β*, **r* antes de silêncio, como atestam os exemplos seguintes:

QUADRO 28: SONORIDADE DAS CONSOANTES FINAIS

	Glossa	Parintintín	Kawahíb-Tupí	Tupí do Alto Machado	Kayabí	Proto-Tupí-Guaraní
1	cabeça dele	-	iyaká	-	-	*i-akáŋ
2	cabelo	ae-ab	ae-ap	-	-'ap	*-aβ
3	caça	mbiará	miát	-	-	*miár
4	cambayuva	-	akamayúp	-	-	-
5	canoa	ibád	-	igát	yat	*yar
6	casa	og, ogá	ok	ok	-'ok	*-ok
7	casa velha	-	ovét	-	-	*-ok-er
8	casca	-	ipirét	-	-	*i-pirét
9	castanheira	-	yà-íp	-	-	-
10	céu	ivág	ibák	ibák	ywak	*yβák
11	chapéu	akauitád	akañiru/kauitát	-	akaḡyrú	*akáŋyrũ
12	cinza	-	tanimúk	-	tanimuk	*tanimuk
13	coração	-	yi-wiapit	-	-takwarapiap	-
14	corda do arco	iwirapa-bam	iwirapa-bám	-	-	-
15	coroa de penas	akauitád	-	-	akaḡytat	-
16	cotovelo	-	ae-póraké	-	-parasiʒyp	-
17	couro	-	ipirét	-	-pit	*pir
18	couro (de coatá)	-	kwatápirét	-	-	*kwatá pirér
19	couro dele	-	ipirét	-	-	*ipirér
20	coxa	ae-ub	ae-po/ye-úp	ai-up	-ʒup-	*ʒúβ

21	deixa ver!	-	taesák	-	-	* <i>t aepják</i>
22	deixai-o vir	-	tut	-	-	* <i>túr</i>
23	deixa-me dormir	-	takít	-	-	* <i>t akír</i>
24	dia	-	ára	-	ʔatʔ	*- <i>ʔár</i>
25	doença	-	karuatíp	-	-	-
26	flecha	uib	uíp	uíp	uʔyp	* <i>uʔíβ</i>
27	flecha para peixe	lapakwád	tapafá	-	-	-
28	flor	-	ipotít	-	ʔywoyt	* <i>ypoty</i>
29	formiga	-	taíp	-	-	-
30	furo da orelha	nambikwád	namikwát	-	-	-
31	furo do beicho	-	temekwát	-	-	-
32	furou	o-mbokwád	-	-	-	-
33	gafanhoto	-	tukút	-	tukut	* <i>tukúr</i>
34	gancho da flecha	-	iasiiip	-	-	-
35	gordura	-	ikáp	-	kap	- <i>káβ</i>
36	grande	-	yiráu	-	-pyitúʔë	-
37	guia	-	kuipép	-	-	-
38	igarapé	-	i-kwáp	-	-	-
39	já vim	-	ye ayót	-	-	* <i>itʔé ajúr</i>
40	jaboti	yavotí	yavotí	-	-	-
41	jacaré	yakaré	yakaré	yakaré	jakare	* <i>jautí</i>
42	lago	-	igapópép	-	-	-
43	mandioca	mandióg	maniók	maniók	maniʔok	* <i>maniʔók</i>
44	meu filho	ye-raíd	yi-raít, yi-memít	-	jeraʔyt	* <i>tʔé r-aʔír</i>
45	meu irmão	ye-kiwíd	yi-rekeira, yi-kivít	-	-	* <i>tʔé kywír</i>
46	meu irmão menor	ye-ruid	yi-ruvit	-	-	* <i>tʔé reβír</i>
47	milho verde	avate-kid	avaci kit	-	awasikyt	* <i>awatíkír</i>
48	minha barraca	-	yi-rupába	-	-	-
49	minha boca	-	ye-yurú	-	-	* <i>tʔé jurú</i>
50	dedo mínimo	-	ae-fā-ĩ	-	-	-
51	morro	-	ivitít	-	ywytyt	* <i>ywytír</i>
52	morto	-	teomét	-	-	* <i>teōmwér</i>
53	olho	ae-reakwád	ae-reakwát	ai-reakwát	-ea	*- <i>etsá</i>
54	ombro	-	ae-aseíp	-	-jasiʔyp	-
55	onça	yawád	-	yawát	-	* <i>jawár</i>
56	pato	ipég	ipék	-	ypek	* <i>ypék</i>
57	pau	-	ip	-	ʔyp	* <i>ʔíβ</i>
58	pelo do púbis	-	takwáp	-	-	* <i>takwaβ</i>
59	pena	wira-pepo-kwéd (?)	wira-pepofét	-	-	* <i>wyrápepópwér</i>
60	pena da asa	-	ipepo-fét	-	-	* <i>i-pepó-pwér</i>
61	peneira	írupém	irupém	-	-	* <i>yrupém</i>
62	pênis	-	ae-rakwái	-	-	*- <i>akwāj</i>
63	pente	kiwáb	kiwáp	-	kyʔwap	*- <i>kyʔuáβ</i>
64	penugem	-	aobét	-	-ʔap	*- <i>ʔaβ</i>
65	pescoço	ae-ayúd	ae-ayut/ae-ayút	-	-ajut	- <i>ajúr</i>

66	remo	ayikuái	igapiwaháp	igá-piwáp	-yapywuap	
67	roupa	tapiia-pid	tirú/tiru/tupáp	-	-	* <i>tyrú</i>
68	taboca fina	-	takwát	-	-	* <i>takwár</i>
69	veia	-	ae-rayik/yi-rayik	-	-ajyk	* <i>ajyk</i>

● Pós-oralização de consoantes nasais

A língua Parintintín, como foi também o caso do Amondáwa e do Tenharím, desnazalizaram parcialmente ou totalmente as consoantes nasais quando seguidas de vogais orais. No quadro seguinte, dois exemplos do Kawahib-Tupí apresentam consoantes pós-oralizadas:

QUADRO 29: PÓS-ORALIZAÇÃO DE CONSOANTES NASAIS

	Parintintín	Kawahib-Tupí	Tupí do Alto Machado	Kayabí
cambayuva	-	akamayúp	-	-
cana braba	uibá	uíp/uišá	-	-
cana da flecha	kambayúb	-	-	-
me dê	-	emoú yipé/emboú yipé/emooú iyipé	-	-
me dê!	e-mboú ye- be	-	-	-
me deixa entrar	-	také	-	-
me traz!	-	eru yipé	-	-
medalha	itambaraé	-	-	-
dedo médio	-	ae-fã-mutét	-	-
mel	-	eíl	-	eit
membro dele	bakwáĩ	-	-	-
membro masculino	-	ye-rskwái	-	-
menina	kunyá- mbukú	-	-	kũjãmuku
cabelo do corpo	-	ae-rap/ye-rap	-	-
caça	mbiará	miát	-	-
homem	akoimbaé	koimaé	akuimaé	kũima'e
homem bom	-	ikatuvae	-	-
id., pequeno (piscis?)	arauwbabé	-	-	-
igarapé	-	i-kwáp	-	-
inambu	-	inambubú	-	-
inambú grande	inambu-bu	-	-	-

Os dados do Kawahíwa-Tupí mostram que línguas mais próximas fonologicamente do Kayabí exibiam variações fonéticas encontradas em outras línguas Tupí-Guaraní da região.

- Enfraquecimento de **pw* e de *p* seguido de *u* para ϕ .

O Parintintín, o Tenharim, o Amondáwa mudaram o PTG **pw* para *kw*, mas o Kayabí (WEISS, 2005), o Kawahib-Tupí e o Tupí do Alto Machado (NIMUENDAJÚ, 1924) mudaram **pw* e *pu* respectivamente para ϕ , conforme os exemplos seguintes:

QUADRO 30: ENFRAQUECIMENTO - **pw* e de *p* seguido de *u* para ϕ .

	Parintintín	Kawahib-Tupí	Tupí do Alto Machado	Kayabí
alto	-	yiráu	-	-fuku
asas de pássaro	-	ípepó/wira-pepofét	-	wyra pepo
barrigudo (callicebus)	kai-bu	-	-	-tefut -etefuruu
não quero	-	nafutári	-	-
pena	wira-pepo-kwéd (?)	wira-pepofét	-	-
pena da asa	-	ipepo-fét	-	-

Os dados que ilustram esta subseção mostram que o Kayabí, o Kawahíwa-Tupí e o Tupí do Alto Machado compartilham inovações distintas das encontradas em Parintintín e outras línguas Kawahíwas, como o enfraquecimento total de PTG **ts* e **tʃ*, a mudança de **pw* para ϕ e a manutenção de consoantes nasais em contextos orais, embora, neste ponto, o Kawahíwa-Tupí mostram que as consoantes nasais também se pós-oralizavam e que esta oralização e a não oralização alternavam. Por outro lado, o vocabulário analisado ressalta que as línguas comparadas são lexicalmente muito próximas. Muito interessante é o fato de que ‘índio não Tupí’ e ‘inimigo’ é *tapyʔyj* em Kawahib-Tupí, mas índio Tupí é *kawahib*, uma prova de que os Kawahíwa Tupí se consideravam Kawahíwa.

Sobre as discrepâncias entre essas três línguas e as línguas Parintintín e Piripkúra, Amondáwa e Tenharim, é importante ressaltar que a mudança de *h* para zero é uma mudança rápida, haja vista o fato de que em algumas variedades Parakanã, os /h/ foram para zero em várias palavras, permanecendo em outras. É mister deixar claro que há línguas como Zo’é que possui *kw* e *pw* como reflexo de Proto *pw*, de forma que encontrar entre as línguas Kawahíwa algumas delas que tenham mudado PTG* *pw* para ϕ não representaria uma mudança tão antiga, mas passível de existir sincronicamente na história de uma língua.

6.4 Evidências lexicais e fonológicas –

(RODRIGUES, 1984-1985, RODRIGUES, DIETRICH, 1997)

Nesta subseção, apresentamos argumentos em favor da hipótese de um sub-ramo VI, que inclui o Kayabí, como proposto por Rodrigues e Cabral (2002). As evidências são lexicais e fonológicas e a comparação leva em conta os reflexos dos sons reconstruídos para o Proto-Tupí-Guaraní por Rodrigues (1984-1985) e Rodrigues e Dietrich (1997).

Apresentamos, a seguir, uma descrição de aspectos fonológicos da língua Kayabí em comparação com outras línguas do sub-ramo VI e, também, com as línguas Asuriní do Xingu, Kamajurá e o Wayampí. Os aspectos são: consoantes finais, mudanças vocálicas, enfraquecimento de PTG **p* em *ϕ* diante de **u*.

6.4.1 Sobre as consoantes finais

Como mostramos na seção precedente, o Kayabí compartilha com o Kawahíwa-Tupí e com o Wirafed (NIMUENDAJÚ, 1924, p. 267, 274), a presença de oclusivas surdas finais – *p*, *t*, *k* –, as quais seriam respectivamente reflexos das consoantes – **β*, **r*, **k* – do Proto-Tupí-Guaraní, que teriam se dessonorizado neste ambiente. Ao compararmos o Kayabí com o Kamajurá, sub-ramo VII, com o Asuriní do Xingu, sub-ramo V, e com o Wayampí, sub-ramo VIII, chegamos à conclusão de que, de acordo com critérios fonológicos, embora compartilhe a presença de consoantes finais oclusivas surdas com o Asuriní do Xingu e com o Kamajurá, assim como alguns itens lexicais específicos ora com uma, ora com outra, outros traços fonológicos as distinguem como línguas de sub-ramos distintos, como mostraremos adiante. Concluimos também que o Kayabí não forma uma unidade genética com o Wayampí, como propõem alguns.

6.4.1.1 Consoantes finais

O Kayabí compartilha com o Asuriní do Xingu e com o Kamajurá, a presença de consoantes oclusivas surdas finais, como mostram os seguintes exemplos:

QUADRO 31: CONSOANTES FINAIS

PTG	Asuriní do Xingu	Araweté	Wayampí	Kayabí	Parintintín	Amondáwa	Karipúna	Kamajurá	Glossa
1) *-atapek ^w áβ	tapekwáp	tapekō	itapekwá	-apekwap	-pejuhav	--	--	tatpekwa	‘abano’
2) *-o-páβ	-páp	o-pā	o-pá	-teepap ‘acabado, terminado, completado’ -momap ‘terminar, acabar’ ‘matar’	--	--	--	-pap	‘acabou’
4) *-pák	--	--	-pá	-pak ‘acordar-se’	-koʔē	--	--	-awak	‘acordar’
24) *amotáβ ‘bigode’ *-eniβá-áp ‘pêlo do queixo’	-amutáp	-eniβá	-enywál-a (G) ‘barba’	-amutap ‘bigode, antena de inseto’	-ambotav	--	--	atsihwarap	‘bigode’
28) *-tíŋ	-tíŋ	-tŷ	-sí	-sig	-tiğ	--	--	-tsiŋ	‘branco’
29) *k ^w ár	ywy-kwát	-kō	-kwá	kwat	-kwar	--	--	-kwat	‘buraco’
31) *-ap#fak ^w ár	-apyakwát	-apŷnākō	-apyakwá	--	--	--	--	-apyakwat	‘buraco do ouvido’
32) *-akáŋ	akyŋ	atʃi	-akā	myrysi	-akağ	akāga	akāga	-akaŋ	‘cabeça’
33) *-ʔáβ	-ʔáp	-ʔā	-apir-á	-ʔap	-‘av	ʔawa	hawa	-ʔap	‘cabelo’
40) *-íát	yát	járotʃo	ywára, yá	yara	yhar	-	-	yat	‘canao’
41) *kapiʔ	kaʔápiʔi	(ytí), (amāmā)	kaʔápiʔi	juap	nhungwav	--	--	kapiʔi	‘capim’
42) *kapiʔiβár	kapiʔiwát	kapiwará	(kapiwára)	kapiuat	tapivar			kapiʔywat	‘capivara’
45) *-ók	-ʔák	-ʔá	--	-ok	okaj		tapyja	ok	‘casa’
46) *-irúpém ‘peneira’	(-arakurýk)	-iropē	-urupē, ylupē ‘peneira’ (G)	panakú ‘cesto oblongo’	-ambakugwer yreivikwaʔri -epyru	--	--	yrypari	‘cesta’, ‘paneiro’
47) *iβák	yβák	iwā, iβā	yβá	ywak	yvaga	--	--	ywak	‘céu’
48) *-atī *ʔák	-uʔák	-iʃi	-aśi	--	atī	--	--	-atsī	‘chifre’
49) *amán	amín	āmī/amí	amāna/amā	aman	-aman	amana	amana	aman	‘chuva’

51) * <i>tanimúk</i> 'cinza' * <i>tatapŋj</i> 'carvão'	tatapŋj	tadimó	tanimú	tanimuk	--	--	--	tanimuk	'cinza'
55) *- <i>ŋár</i> /* <i>moŋi</i>	-ŋát	-ã	-ŋá	moŋyt 'colar, miçanga' -mu'at fazer cair, pegar peixe -'at 'cair, nascer'	mboŋyr	boyra	boŋyra	moŋyt	'conta',
57) * <i>tupatŋám</i>	tupaŋm	topalhí	(kearapaŋ)	tupaam	pyham	--	--	tupa-ham	'corda'
58) * <i>urukureŋá</i>	--	ryryŋyŋá	ulukulea (G)	urukure'a	hurutahun	--	--	korokore'a	'coruja'
61) *- <i>ŋiŋ</i>	-ŋŋp	-ŋí	-ŋý	-'up-	-apy	--	--	ŋup	'coxa'
62) *- <i>eimáŋ</i>	-eimáp	(-apá meŋéraŋá)	-imá, -eyma	eymap	--	--	--	-eymap	'criação'
66) *- <i>ãj</i>	-ŋj	-í ~ -ŋj	-ãj	-ãi	-anh	ãja	ãja	-ãj	'dente'
68) *- <i>kér</i>	-kít	-tŋé	-ké	-set	-kir	--	--	ket	'dormir'
73) * <i>porepŋákáŋ</i> (instrumento que serve para ver gente)	moretŋákáp	poretŋahã	(waruá)	werawerap	-a'angavahepiakav	--	--	yhet	'espelho'
80) *- <i>ajŋ</i>	-adzyyt	-adzí	-ayý (-ajý ~ - adzý (WA))	--	--	--	--	-ajyt	'filha de homem'
81) *- <i>memŋ</i>	-membýt	-memí	-memý	--	--	--	--	-memyra	'filho (a) de mulher'
82) *- <i>aŋŋ</i>	-aŋýt	-aŋí	-aŋý	--	--	--	--	--	'filho de homem'
84) *- <i>uŋŋ</i>	-uŋŋp	-oŋí	(rapára, (wy)rapá) (G)	uŋŋp	-uŋŋv	uŋŋwa	uŋŋwa	ŋŋŋp	'flecha'
85) * <i>potŋ</i>	yŋyará-ŋutýt	i-potí	i-potý	ŋywoyt	yvatyŋri	ypotyra	ywoytyra	-potyt	'flor'
87) *- <i>óŋ</i>	ywyra r-áŋ-a	h-á, iwíra n-a-wé	kaŋa r-ó, -ó (G)	kaŋa	kaŋa	--	--	-op	'folha'
89) * <i>t-atatŋ</i>	tatatŋiŋ	h-atatŋi	t-átãŋi, t-atasiŋ (J)	-atasiŋ	-atatiŋ	tatatiŋa	tatatiŋa	tatasiŋ	'fumaça'
90) * <i>petŋ</i>	-petŋm-a	-pefí	-petŋ	-pytem 'tabaco, fumo'	--	--	--	petŋm	'fumo (cigarro)'
97) *- <i>kípiŋŋ</i>	-kypyŋýt	--	-kypy-sakyré, kypyy (G)	-emirekokypy'yt	--	--	--	-kypyŋyt	'irmã mais nova de mulher' (ff)

				‘cunhada (irmã mais nova da esposa)’					
98) * <i>ekiʔit -ikeʔit</i>	-ekyʔýt	-etʃiʔí	-ekyʔy (G)	-ekiʔyt	--	--	--	-tykeʔyt	‘irmão mais velho de homem’
101) * <i>janipáβ</i>	dzenipáp	janipã	janypá	janypap	nhandypav	--	--	janypap	‘jenipapo’
102) * <i>enipíʔi</i>	-kanawá	-enapĩ	-enypyʔã	-enupyʔã	-ʔandagwyr	--	--	-perenap	‘joelho’
113) * <i>maníʔok</i>	maníʔák	madyʔá	maníʔó	maniʔok	mandiʔog	mãdioka	mãdiʔoga	maníʔok	‘mandioca’
114) * <i>mamō</i>	(maniʔákumí), (dʒarakatʃiʔá)	mōmō	mão, mǎu (G)		karaʔndyvuhu	kãdjuhua	karadywuhua	jupājupā	‘mamão’
123) * <i>poʔir</i> * <i>moʔir</i> ‘m. de gente’	moʔyir-a	poʔí	moʔyr-a	moʔyt	--	--	--	moʔyt sowy	‘miçanga’
124) * <i>kujã</i> ‘mulher’ * <i>kujãmukú</i> ‘moça’ * <i>kujãtaʔi</i> ‘menina’	kupãtaʔi	kojĩ	kupãmukũ, kujãkyky	kũjãtãi	--	--	--	kujãmuku	‘moça’
128) * <i>mutúk</i>	mutuk-uní	--	motú	mytuʔme	mbutug	--	--	mutuk	‘mutuca’
132) * <i>íβa-tiŋ</i>	amýn-yβák	iwan-atatsỹ	yywá-ratesĩ, yβa-sĩ (J)	ywak ‘nuvens’	--	--	--	ywyysĩŋ	‘nuvem’
135) * <i>ererekʷár</i>	-ererekwát (marido)	-ererekó (marido)	-ererekwá (esposa)	-men ‘marido’	--	--	--	-men	‘o que faz ficar consigo’, ‘esposo’
137) * <i>káŋ</i>	-kỹŋ	-tʃi	-kã, (-káŋ WA)	-kağ	-kağ	--	--	kaŋ	‘osso’
138) * <i>enúβ</i>	-enúp	-enó	-enú	-apyaka		--	--	-anup	‘ouvir’
141) * <i>úβ</i>	-úp	-ó	-ú	tup	apĩ	--	--	-up	‘pai’
152) * <i>pír</i> ‘pele’ * <i>pírwér</i> ‘pele fora do corpo’ * <i>mit</i> ‘pele humana’	mít	-pydé	-piré	-pit	-pir	--	--	-pit	‘pele’
153) * <i>kíʔwáβ</i>	-kywáp	-tʃiwã	-kywá (G)	kyʔwap	kyʔgwav	--	--	-kywap	‘pente’
154) * <i>aβ</i> ‘pena, penugem’ * <i>pepó</i> ‘pena da asa’	maʔér-áp	(-pepá)	mūmaʔe r- awéra	-ʔap	-akuruv	--	--	--	‘penugem’

155) *-etĩmã	-etymã-kýŋ	-atãma-ʔí	-etymã	-etymakag 'canela (da perna) 'cabo (eg. do remo)	-py 'pé, perna'	--	--	-etyma-kaŋ	'perna'
156) *-áβ	-áp	--	-á	-ʔap	-upi	--	--	h-ap	'pêlo'
158) *-kĩβ	-kýp	-awí-tʃí	-kyy	-kyp	-kyv	--	--	-kyp	'piolho'
167) *-akúβ	h-akúp	-akó	-akú	-akup	-akuv	--	--	-akup	'quente'
168) *-uwáj	--	h-awãj	-waj	-ai	gwaja	--	--	(u)waj	'rabo'
178) *p ^w eráβ	-feráp	--	-poela (G)	-ferap	-kaʔẽ	--	--	-h ^w erap	'sarar'
179) *-kám	-kÿm	-tʃí	(-susu), kã	-kam 'seio, peito'	-kam	--	--	-kam	'seio'
181) *-ajtó	(-dzát)	r-atʃó	(pipí)	-meny 'sogra (mãe do marido) -ojo 'sogra (mãe da esposa)'	--	--	--	-ajo	'sogra'
182) *-atũβ	--	ratí	ratý	-menup 'sogro (pai do marido) -atyup 'sogro (pai da esposa)'	--	--	--	-atyup	'sogro'
184) *k ^w ár	kwát	--	--	kwat 'sol, buraco'	--	--	--	k ^w at	'sol'
189) *-okár	-okát	h-okã	oká 'casa'	--	-ʔar	--	--	okat	'terreiro'
190) *tareʔr	taraʔit	tareʔí	tareʔí,taleʔy (G)	tareʔyt	pirauhu	--	--	tareʔyt	'traíra'
191) *tukán	tukán	tytʃinãhã	tukã (J)	sokwet	tukan	tukano	tucanuhua	tukan	'tucano'
192) *(m)ojepeteʔ	mujepěj	(je)typé	peʔí	ajepei	ojipeji	--	--	mojepete	'um'
193) *-piruã	-pyryʔÿ	-piríʔí	puluʔã (G)	tuʔã	-uʔã	--	--	-pyruʔã	'umbigo'
201) *-ep'ák	-etʃak	-etʃã	-esá	-esak	-epiag	--	--	-etsak	'ver'
202) *-piráŋ	-pirýŋ	pyđí	-pirã	-piraḡ	--	--	--	-pirarŋ	'vermelho'

6.4.2 Mudanças vocálicas

O Kayabí, assim como o Kamajurá e o Wayampí não sofreram mudanças vocálicas como desarredondamento de PTG *o, alteamento de PTG *ã, como ocorreu em línguas do sub-ramo IV (cf. RODRIGUES, CABRAL, 2002; SOLANO, 2004). Comparem-se os exemplos seguintes das três línguas:

QUADRO 32: MUDANÇAS VOCÁLICAS

PTG	Wayampí	Kayabí	Kamajurá	Glossa
1) *-atapek ^w áβ	itapekwá	-apekwap	tatpekwa	‘abano’
8) *-eβík ^w ár	eikwa (G)	eikwat	--	‘ânus’
14) *-pořó	-pořó	-ekyi ‘arrancar, puxar’ -monorok ‘arrancar, rasgar’ -mosok ‘tirar fora (uma coisa), extrair, arrancar’ -’ok ‘arrancar, tirar fora, cavocar’	--	‘arrancar com as mãos’
16) *-pepó	-pepó	-pepo	-pepo	‘asa’
17) *-amōj	-amūj	-amÿi tamÿi	-ayÿj	‘avô’
21) *-nupã	-nupã	-nupã ‘bater em’	-nupã	‘bater’
23) *-pitfám	-piã	-piam	--	‘beliscar’
24) *amotáβ ‘bigode’ *-eníβá-áp ‘pêlo do queixo’	-enywál-a (G) ‘barba’	-amutap ‘bigode, antena de inseto’	atsihwarap	‘bigode’
27) *-jíβá	-jiwá- (jiwá ~ d3iwá (WA))	-jywa ‘braço, asa’	-jywa	‘braço’
32) *-akáŋ	-akã	myrysi	-akaŋ	‘cabeça’
49) *amán	amãna/amã	aman	aman	‘chuva’
52) *mój	mój	moi	moĩ	‘cobra’
137) *káŋ	-kã, (-káŋ WA)	-kağ	-kaŋ	‘osso’
173) *paranã	paranã	--	parana	‘rio caudaloso’
174) *-kó	ko (G)	ko	ko	‘roça’
179) *-kám	(-susu), kã	-kam ‘seio, peito’	-kam	‘seio’
182) *-atíúβ	ratý	-menup ‘sogro (pai do marido)’ -atyup ‘sogro (pai da esposa)’	-atyup	‘sogro’
193) *-píru?ã	pulu?ã (G)	tu?ã	-pyru?ã	‘umbigo’

O Assuriní do Xingu mudou PTG **o* para *a* em palavras como ‘mão’ *po* > *pa*.

Mudou também o PTG **ã* para *ĩ*, em sílabas acentuadas: *akãŋ* > *akĩŋ*.

Mas nenhuma dessas mudanças ocorreram em Kayabí, uma língua, afora algumas exceções, é uma língua conservadora com respeito as vogais do Proto-Tupí.

6.4.3 Enfraquecimento de PTG **p* em ϕ diante de **u*

Com respeito à mudança de **p* em ϕ diante de **u*, o Kayabí se aproxima mais do Asuriní do Xingu e do Kamajurá, como mostram os seguintes exemplos:

QUADRO 33: ENFRAQUECIMENTO DE PTG **p* EM ϕ DIANTE DE **u*

PTG	Asuriní do Xingu	Araweté	Wayampí	Kayabí	Parintintín	Amondáwa	Karipúna	Kamajurá	Glossa
54) <i>*-pukú</i>	-fukú	-fokō	-pukú	ifuku	-puku			-huku	‘comprido’
85) <i>*potír</i>	yβyrá- ϕutýt	i-potí	i-potý	‘ywoty	yvaty’ri	ypotyra	ywotyra	-potit	‘flor’
178) <i>*p^weráβ</i>	-feráp	--	-poela (G)	-ferap	-kaʔē			hwerap	‘sara’
194) <i>*-p^wápē</i> <i>*m^wápē</i>	moapé, ϕōapé	-papē	poápē, pāpē(G)	-fuápē	puapā			pē ‘unha’	‘unha da mão’ ‘unha humana’

Os exemplos mostram que, embora o Kayabí tenha enfraquecido o PT **p* para ϕ diante de **u*, como ocorreu com o Asuriní do Xingu e com o Kamajurá, no Kayabí houve deslabialização de proto **pw*, como ocorreu com o Asuriní do Xingu, mas não com o Kamajurá, que preservou a labialização. Note-se que o enfraquecimento de PTG **p* nessa direção também começa a ocorrer no Zo’é, uma língua do sub-ramo VIII, mas apenas em fala rápida (CABRAL, comunicação pessoal).

Quanto a pelo menos um aspecto fonológico o Kayabí assemelha-se ao Wayampí e ao Kamajurá, a fonética do fonema /j/. Em ambas as línguas é uma aproximante, embora em Kamajurá esteja ocorrendo uma oclusivação de /j/ inicial (CABRAL, comunicação pessoal).

Quanto aos reflexos do PTG **t/e* **ts*, o Kayabí se desenvolveu como o Kamajurá, o Asuriní do Xingu e o Wayampí. Mas esses traços não são relevantes para agrupar línguas, pois o Wayampí é certamente mais próximo do Zo’é, e o Wayampí e o Kamajurá, como mostraremos, têm morfossintaxe diferenciada em vários aspectos.

6.4.4 Algumas considerações

Nesta subseção fizemos algumas observações sobre correspondências sonoras entre o Kayabí, o Asuriní do Xingu e o Kamajurá. Vimos que o Kayabí compartilha alguns aspectos fonológicos ora com o Kamajurá ora com o Asuriní do Xingu, mas que diverge em outros aspectos das duas línguas. Também diverge do Wayampí, mesmo considerando que registros feitos no século XIX mostram que esta língua possuía oclusivas surdas finais (cf. SOUZA, 2013, p. 45). Por outro lado, aproxima-se do Karipúna quanto à fonética do /j/ e com as demais línguas Kawahíwa a manutenção de consoantes finais e o conservadorismo das vogais. As observações aqui feitas contribuem para a hipótese de que o Kayabí pertence ao sub-ramo VI, mas encontra-se fonologicamente mais afastado.

6.5. Comparação Morfológica e Morfosintática

Nesta subseção, tomando com base Solano (2004), reunimos aspectos gramaticais que mostram ser o Kayabí uma língua Kawahíwa. Como Solano (2004, p.14-17), utilizaremos neste capítulo critérios gramaticais usados por Rodrigues e Cabral (2002) na sua revisão da classificação interna da família Tupí-Guaraní proposta por Rodrigues (1984-1985). Esta seção tem, portanto, entre suas preocupações contribuir para uma atualização do modelo arbóreo proposto por Rodrigues (1984-1985), dando sequência à revisão realizada por Rodrigues e Cabral (2002) da classificação interna da família Tupí-Guaraní. Para tanto, este trabalho desenvolveu-se à luz do Método Histórico-Comparativo, que requer, para o estabelecimento de relações genéticas entre línguas, entre outros, correspondências sistemáticas em todos os subsistemas das línguas comparadas.

Como já apontados por Solano (2004, p. 65) esses critérios foram os seguintes:

- 1) existência ou não de um mesmo conjunto de prefixos correferenciais para todas as pessoas em verbos intransitivos;
- 2) existência ou não de um mesmo conjunto de prefixos correferenciais para todas as pessoas em nomes;
- 3) modo circunstancial acionado em todas as pessoas;
- 4) modo circunstancial acionado na primeira e na terceira pessoa;
- 5) modo circunstancial acionado apenas na terceira pessoa;
- 6) distinção morfológica entre reflexivo e recíproco;
- 7) presença ou ausência de pronomes pessoais ergativos;

- 8) distinção entre marcas de primeira pessoa inclusiva de acordo com a transitividade do verbo;
- 9) presença de um sistema de partículas que associam funções epistêmicas de atestado / não atestado pelo falante a noções temporais escalonadas.

Consideramos dois outros critérios adicionados por Solano (2004, p.66), que também são pertinentes para a comparação aqui apresentada: (a) a expressão de agente e/ou paciente quando o primeiro é ‘2’ ou ‘23’ e o segundo é ‘1’ ou ‘13’⁶⁸ e (b) a existência de formas pronominais de terceira pessoa.

Alguns dados usados por Solano, considerados aqui são oriundos do acervo do LALLI/UnB e foram coletados por Rodrigues e Cabral, por Cabral e Solano, por Cabral ou por Solano. Estes dados não apresentam identificação.

6.5.1 Expressão de agente e/ou paciente

- quando o primeiro é ‘2’ ou ‘23’ e o segundo é ‘1’ ou ‘13’

Como mostra a literatura disponível sobre a família Tupí-Guaraní, e como mostra Solano (2004, p. 66), as línguas da família Tupí-Guaraní se servem de uma variedade de estratégias para expressar as relações entre agente e paciente, quando o agente é uma primeira pessoa e o paciente uma segunda pessoa. Neste caso, Solano (2004, p.66) informa que:

Cabral, em seu artigo ‘O desenvolvimento da marca de objeto de 2a. pessoa plural em Tupí-Guaraní’ (2001), mostra que, para expressar essas relações, há línguas que marcam no verbo apenas o objeto, como ocorre em Tupinambá, Guaraní Antigo, Chiriguano, Tapirapé, Jo’ê, Wayampí, entre outras. Línguas como essas possuem duas marcas acusativas usadas quando o agente é de primeira pessoa e o paciente de segunda pessoa: oro-/uru-/ara/ro- ‘2’ e opo-/poro-/puru-/ãpa-/po- ‘23’. Nessas situações, ou apenas o paciente é expresso no verbo, ou tanto o agente quanto o paciente são marcados no verbo.

Os exemplos dados por Solano (2004, p. 67) são os seguintes

⁶⁸ 1 ‘eu’ (primeira pessoa singular), 13 ‘eu e ele(s)’ (primeira pessoa plural exclusiva), 2 ‘tu’ (segunda pessoa singular), 23 ‘tu e ele(s)’ (segunda pessoa plural).

Tupinambá

- (1) **oro-nupã**
2Acus-bater
'eu/nós(excl.) bato/batemos em você'

- (2) **opo-nupã**
23Acus-bater
'eu/nós(excl.) bato/batemos em vocês'

De acordo com Solano (2004, p. 67),

“o Asuriní do Xingu possui a marca *uru-* para expressar o paciente ‘2’ quando o agente é ‘1’ ou ‘12’, como ocorre no Tupinambá, no Guaraní Antigo e no Chiriguano, entre outras. Contudo, quando o paciente é ‘23’,” o Asuriní do Xingu combina as marcas subjetivas *a-* ‘1nom’ ou *uru-* ‘13nom’ com o morfema *-puru-* ‘23acus’ (MONSERRAT, 1998; CABRAL, 2001).”

O **Asuriní do Xingu**, segundo Cabral (2001), seria mais conservador na expressão dessas relações:

- (3) (ijé) **a-puru-nupã**
 1 1nom-**23Acus-bater**
'eu bato em vocês'
- (4) (uré) **uru-puru-nupã**
 (13) 13nom-**23Acus-bater**
'nós (incl.) batemos em vocês'

O Wayampí, segundo Solano, é uma das línguas que possui duas formas acusativas **oro-** ‘2acus’ e **poro-** ‘23acus’. E como ressalta “seriam essas as mais próximas da forma do Asuriní do Xingu do que de formas como **opo-** ‘23acus’ do Tupinambá. Mas o Wayampí, contudo, teria eliminado a combinação de marcas subjetivas com as marcas acusativas.” (CABRAL, 2001). Os exemplos dados por Solano (2004, p.71) são os seguintes:

- (15) idzé **oro-mo-pirã**
 1 **2-Caus-vermelho**
'eu pinto você'

- (16) idzé **poro**-mo-pirã
 1 **23**-Caus-vermelho
 ‘eu pinto vocês’
- (17) oré **oro**-mo-pirã
 13 **2**-Caus-vermelho
 ‘nós (excl.) pintamos você’
- (18) oré **poro**-mo-pirã
 13 **23**-Caus-vermelho
 ‘nós (excl.) pintamos vocês’

O Kayabí, nesse aspecto passou a usar o mesmo padrão das construções em que o sujeito é uma primeira pessoa e o objeto de segunda (DOBSON, 1997, p. 53):

- (19) **a-nupã je ene**
 1sg-bater eu 2sg
 ‘eu bato em você’
- (20) **a-nupã je pee**
 1sg-bater eu 2pl
 ‘Eu bato em vocês’

6.5.2 Existência ou não de um mesmo conjunto de prefixos correferenciais

- para todas as pessoas em verbos intransitivos

Outro critério usado por Solano em sua comparação foram prefixos correferenciais. Solano (2004, p. 71) mostra, com base em Rodrigues e Cabral (2002), que o Asuriní do Xingu (MONSERRAT, 1998), assim como o Araweté (VIEIRA, LEITE, 1998) possuem prefixos correferenciais para todas as pessoas, ao passo que o Wayampí possui apenas o prefixo correferencial de terceira pessoa (JENSEN, 1990).

A série de prefixos correferenciais de cada uma das duas línguas é apresentada no quadro abaixo.

QUADRO 34: PREFIXOS CORREFERENCIAIS

PTG	Asuriní do Xingu	Araweté	Kayabí	Kamajurá	Glossa
*wi(t)-	te(j)-	te-	te(j)-	wi-/w-/	‘1corr’
*e-	e-	e-	e-, ej-	e-	‘2corr’
*ja-	jare-, jare(j)	o-	jare-	jare-	‘12(3)corr’
*oro- ∞ orow-	uru- ~ oro-	oro-	oro-, oroj-/aru-	oro-	‘13corr’
*pe-	pedʒé(j)- ~ petʃé(j)-	pe-	peje-, pejej-	peje-	‘23corr’
*o- ∞ ow-	o-	o-			‘3corr’

Este quadro mostra que há maiores similaridades entre o Asuriní do Xingu e o Kayabí do que Kamajurá.

Alguns dos exemplos do **Kayabí** extraídos de Dobson (1997, p. 83), são os seguintes:

Nos nomes:

-Wiret	‘irmão mais novo (de homem)’
1s tejewiret	‘meu irmão mais novo’
2s ejewiret	‘seu irmão mais novo’
1p incl jarejewiret	‘nossos irmãos mais novos’
1p excl orojewiret	‘nossos irmãos mais novos’
2p pejewiret	‘seus irmãos mais novos’ (de vocês)
3p wewiret	‘irmão mais novo deles’

Exemplos de prefixos reflexivos Kayabí com nomes (DOBSON, 1997, p.67):

tepy	‘meu pé’
jarepy	‘nossos (incl) pés’
epy	‘seu pé’
oropy	‘nossos (excl) pés’
pejepy	‘seus pés’
opy	‘o pé dele’

Exemplos com verbos posicionais do Kayabí, extraídos de Gomes (2007, p. 41):

- (24) **ype je o-i te-jauk-a**
 água em eu ir-enf. 1-banhar-nar
 ‘Eu vou banhar no rio’
- (25) **mama’e eru-a i’wa-u**
 coisa trazer-nar. 3-comer-nar
 ‘Traz uma coisa para (eu) comer’
- (26) **a-jau je te-‘yina**
 1sg-banhar eu 1sg-aux
 ‘Eu tomo banho sentado (na água)’
- (27) **y’wa a-kui u-‘ama fruta**
 3-cair 3-aux
 ‘Caiu uma fruta (em pé)’

Alguns exemplos de correferenciais do **Asuriní do Xingu** reunidos em Solano (2004, p.72-74) são os seguintes:

- (19) a-puraáj **te-ját-a**
 1-dançar **1Corr-vir-Ger**
 ‘*vim para dançar*’ (MONSERRAT, 1998, p.17) - (SOLANO, 2004, p. 72)
- (20) pejé sa-á **jare-jaúk-a**
 23.fazer 12-ir **12Corr-banhar-Ger**
 ‘*vamos banhar!*’ (MONSERRAT, 1998, p.17) - (SOLANO, 2004, p. 72)

Verbos Posicionais

- (21) kunumí u-apík **o-ín-a**
 menino 3-sentar **3Corr-estar.sentado-Ger**
 ‘*o menino está sentado*’ (MONSERRAT, 1998, p.18) - (SOLANO, 2004, p. 73)

Nomes

- (22) a-atá **tej-úw-a** r-upí
 1-andar **1Corr-pai-Arg** R¹-com
'fui caçar com meu pai' (MONSERRAT, 1998, p.10) - (SOLANO, 2004, p. 73)

- (23) jandé **jarej-úw-a** sa-ru-atá \emptyset -ér-aá-w
 12(3) **12(3)Corr-pai-Arg** 12(3)-Ccom-andar R²-Ccom-ir-Ger
'nós fomos caçar com o nosso pai' (SOLANO, 2004, p. 73)

Verbo Intransitivo

- (24) a-há ko hé **te-jĩ**
 1-ir Foc 1 **1Corr-correr**
'eu saí correndo' (SOLANO, 2004, p. 73)

- (25) ere-há ko né **e-jĩ**
 2-ir Foc 2 **2Corr-correr**
'você saiu correndo' (SOLANO, 2004, p. 73)

- (26) oro-há ko bidé **oro-jĩ** tipe
 13-ir Foc 12(3) **13-correr** em vão
'nós saímos correndo, em vão' (SOLANO, 2004, p. 73)

- (27) o-há ko **o-jĩ**
 3-ir Foc **3Corr-correr**
'ele saiu correndo' (SOLANO, 2004, p. 74)

Já o Wayampí, como mostra Solano (2004, p.74), o único prefixo correferencial sobrevivente é o de terceira pessoa. Os exemplos seguintes foram extraídos de Solano (2004, p.75):

Verbos Intransitivos

- (32) wajwĩ o-wã o-poroŋetá
mulher 3-ir 3Corr-falar
'a mulher chegou falando'

Nomes

- (33) o-erekw-á
3Corr-esposa-Arg
'sua própria esposa' (JENSEN, 1990, p.82)

- (34) awĩ o-watá o-ú r-upí
esse 3-andar 3Corr-pai R¹-com
'ele saiu com seu pai'

6.5.3 Distinção morfológica entre reflexivo e recíproco

O Kayabí manteve as marcas de reflexivo je- e do recíproco jo-, como mostram os exemplos seguintes extraídos de Dobson (1997, p.121):

● Reflexivo

-pymĩ	submergir algo
-jepymĩ	mergulhar
-je-	a pessoa faz algo para si mesma

ajepymĩ je	1p
sajepymĩ jane	1p incl.
orojepymĩ ore	1p excl.
erejepymĩ	2s
pejepymĩ	2p
ojejpymĩ 'ğa	3s
ojejpymĩ 'ğã	3p

• **Recíproco**

ojou'u 'gã (u'u 'morder)
 'uns deles morderam outros deles'
 ou, 'eles morderam um ao outro'

ojonupã 'gã (nupã 'bater')
 'eles bateram uns nos outros'

sajuesak jane (esak 'ver')
 'nós nos vimos uns aos outros'

O Asuriní do Xingu, assim como o Kamajurá mantêm essa distinção, as demais línguas Kawahíwa também a conservam. Exemplos do Asuriní do Xingu dados por Solano (2004, p.75) são:

• **Asuriní do Xingu**

(35) a-**je**-aṅát
 1-**Ref**-assustar
 'eu me assustei'

(36) jaṛwára u-**ju**-uṛú
 cachorro 3-**Rec**-morder
 'os cachorros se morderam' (MONSERRAT, 1998, p.12)

• **Wayampí**

(39) a-**ji**-nupã ta
 1-**Ref/Rec**-bater Proj
 'eu vou me bater'

(40) oré oro-**ji**-nupã ta
 13 13-**Ref/Rec**-bater Proj
 'nós (excl.) vamos nos bater'

6.5.4 Modo circunstancial

Quanto ao modo circunstancial, que é também chamado de Indicativo II (RODRIGUES, 1953), é uma declaração e foi também chamado por Rodrigues (1981) de modo circunstancial, o qual ocorre quando uma circunstância precede o predicado mudando-lhe a sua forma morfossintática. Em Kayabí esse modo ocorre em todas as pessoas, diferindo do Asuriní do Xingu e do Kamajurá em que o Indicativo II só ocorre na terceira pessoa.

Exemplos do Asuriní do Xingu coletados por Solano (2004, p.77):

- (41) ?-ká- \emptyset \emptyset -pipé tipé aʔé kunumí \emptyset -muúk-**i**
 R³-casa-Arg R²-dentro só esse menino R²-lavar-**Ind.II**
 ‘só dentro de casa a gente lava bebê’ (MONSERRAT, 1998, p.21)

- (42) Murawú-we ŋá \emptyset -á- \emptyset
 Murawú-Loc ele R¹-ir-**Ind.II**
 ‘no Marawú ele foi’ (MONSERRAT, 1998, p.21)

- **Kamajurá**

- (37) **ma’are kunu’uma i-jae’o-w**
 Por que menino 3-chorar circuns
 ‘Por que o menino está chorando?’ (BRANDON, SEKI, 1984, p.86)

- **Kayabí**

Ma'ape te ereo ra'e?
 'Aonde é que você foi?'

'Y pe je oì ko.
 'Fui ao rio'

'Y pe ore oì.
 'Vamos para o rio'

Ko pe ore oì.
 'Vamos para a roça'

Ka'a pe ore oi
 'Fomos pela mata'

'Og ipe ore oì.
 'Vamos para a casa'

(DOBSON, 1997, p. 13, 39)

6.5.5 Presença ou ausência de pronomes pessoais ergativos

Rodrigues (1998) descreve os morfemas que marcam o agente de segunda pessoa do singular e de segunda pessoa do plural usadas em línguas Tupí-Guaraní quando o paciente é de primeira pessoa, como pronomes ergativos⁶⁹. O Asuriní do Xingu tem duas formas pronominais com essas funções *jepé* e *pejepé*:

(60) pené oré r-esák **pejepé**
 23 13 R¹-ver **23**
 ‘vocês nos viram’

(61) né hé \emptyset -pñ hé **jepé**
 2 1 R¹-beliscar 1 **2Ag**
 ‘você me belisca’

Com respeito ao Araweté, Vieira e Leite (1998, p.13) observam que, nas construções “em que há o envolvimento da 1ª e 2ª pessoas, podem co-ocorrer as formas *jepé* e *pejepé*, que estão ligadas tanto ao sujeito quanto ao objeto de 2ª pessoa, *jepé* para o singular e *pejepé* para o plural”. Os exemplos abaixo mostram essas formas marcando o agente:

(62) hé r-etjã ko pé (*pejepé*)
 1 R¹-ver Foc 23 (**23**)
 ‘vocês me viram’ (VIEIRA, LEITE, 1998, p.13)

(63) oré \emptyset -nopĩ (*pejepé*)
 13 R¹-bater (**23**)
 ‘vocês nos bateram’

Note-se que no exemplo acima a forma *pejepé* indica o agente, como ocorre nas línguas mais conservadoras da família, embora no Araweté o seu uso nessa situação seja opcional. Em Kayabí, as marcas ergativas se mantêm, tendo mudado apenas a forma para a segunda do singular que é *ape* e não *epe* ou *jepé*, como em outras línguas. Os exemplos seguintes são de Dobson (1997, p. 74):

⁶⁹ Em Rodrigues e Cabral (2003) são reconstruídas para o Proto-Tupí-Guaraní as formas *ejepé* ‘2’ e *pejepé* ‘23’.

-esak (trans-2B) ver

aesak je ene eu vejo a você
 aesak je 'gã eu vejo a ele
 aesak je pẽẽ eu vejo a vocês

je resag ape você me vê a mim
 ore resag ape você nos a vê (excl) a nós
 ereesak 'gã você vê a ele

je resak 'gã ele me vê a mim
 ene resak 'gã ele vê a você
 wesak 'gã 'gã ele vê a ele
 jane resak 'gã ele nos vê (incl) a nós
 ore resak 'gã ele nos vê (excl) a nós
 pẽ nesak 'gã ele vê a vocês

siesak jane 'gã vemos (incl) a ele
 aruesag ore ene vemos (excl) a você
 aruesag ore 'gã vemos (excl) a ele

je resak pejepe vocês me vêem a mim
 ore resak pejepe vocês nos vêem (excl) a nós
 peesak 'gã vocês vêem a ele

6.5.6 A existência de pronomes de terceira pessoa

Como mostrado por Solano (2004, p. 82), pronomes de terceira pessoa não são uma das características da família Tupí-Guaraní. São encontrados em línguas como o Asuriní do Xingu, o Apiaká, o Parintintín, o Amondáwa, entre outras, mas as formas e a divisão feita pelo Kayabí é similar em forma e conteúdo às marcas de línguas Kawahíwa. Solano (2004, p. 82) mostrou que o Asuriní do Xingu distingue três pronomes de terceira pessoa: uma terceira pessoa masculina singular *ɲá*, uma terceira pessoa feminina singular *ẽ* e uma terceira pessoa plural *ɲí*. Por outro lado, o Wayampí não possui pronome de terceira pessoa. Alguns exemplos que ilustram as formas de terceira pessoa em Asuriní do Xingu são dados a seguir:

- **Asuriní do Xingu**

(64) ě o-jaʔá
3fsg 3-chorar
'ela chorou'

(65) ŋá o-jáʔá
3msg 3-chorar
'ele chorou'

(66) ŋí r-erakwár-a
3pl R1-marido-Arg
'marido delas'

- **Araweté**

(67) ée ko atjitjí u-jukã
3 Foc guariba 3-matar
'ele matou guariba'

6.5.7 Distinção entre marcas de primeira pessoa inclusiva

- de acordo com a transitividade do verbo

O Kayabí, assim como o Wayampí, o Zo'é, o Emérillon e o Tembé (versão conservadora) distinguem duas formas de primeira pessoa inclusiva, uma delas usada para marcar o sujeito de verbos transitivos e a outra para marcar o sujeito de verbos intransitivos (CABRAL, comunicação pessoal).

Nessas línguas, a forma que se combina com verbos transitivos é **si-** e a forma que se combina com verbos intransitivos é **sa-** no Zo'é e **ja-** no Wayampí.

Já Kamajurá possui **ja-** para codificar a primeira pessoa inclusiva tanto em verbos transitivos, quanto em intransitivos. Exemplos de cada uma das línguas são dados a seguir:

- **Zo'é**

(68) dadé si-juké-potá
12(3) 12(3)-matar-potá
'nós(incl.) vamos matá-lo' (CABRAL, notas de campo)

- (69) dadé **sa-há**
 depois **12(3)-ir**
 ‘*depois nós vamos*’ (CABRAL, notas de campo)

• **Wayampí**

- (70) jané **si-mo-pirá**
 12(3) **12(3)-Caus-vermelho**
 ‘*nós o fizemos vermelho*’

- (71) jané **ja-wã** **ja-nijá**
 12(3) **12(3)-chegar** **12(3)-cantar**
 ‘*nós chegamos e cantamos*’

• **Asuriní do Xingu**

- (74) jané ja'wara **sa-esák**
 12(3) onça **12(3)-ver**
 ‘*nós vimos a onça*’

- (75) jané **sa-je-aját**
 12(3) **12(3)-Ref/Rec-assustar**
 ‘*nós nos assustamos*’

Exemplos do **Kayabi** são (DOBSON, 1997, p. 70-71):

Saata jane.
 ‘andar nós fomos’

Saapyaka jane.
 ‘nós nos ouvimos’

Sienuj jane.
 ‘nós nos escutarmos’

Karupama jane siesak.
 ‘veado nós olharmos’

6.5.8 Noções de tempo

O Kayabí compartilha com as demais línguas Kawahíwa um conjunto de partículas temporais associadas a marcas de modalidade epistêmica que distinguem fonte de informação epistêmica. O quadro seguinte sumariza esse sistema:

	atestado pelo falante	não atestado pelo falante
recente (hoje)	<i>ko</i>	<i>ra'e</i>
passado (ontem até alguns meses atrás)	<i>a'ii</i>	<i>ra'ii</i>
passado mais distante (mais do que alguns meses)	<i>ikwe</i>	<i>rakwe</i>
(DOBSON, 1997, p. 39)		

Um sistema como esse é encontrado em Parintintín, por exemplo:

	pessoa presente	pessoa não-presente
recente(hoje)	<i>ko</i>	<i>ra'e</i>
passado (ontem até alguns meses atrás)	<i>heaji'i</i>	<i>ra'ii</i>
passado mais distante (mais do que alguns meses)	<i>ikwe</i>	<i>raka'e</i>
(PEASE, 2007, p. 68)		

Salientamos que nem o Kamajurá, nem o Asuriní do Xingu possuem sistema similar. O Kamajurá embora distinga uma informação atestada pelo falante, não desenvolveu, até agora, nenhum sistema complexo de dêiticos.

6.6 Considerações gerais

Mostramos nesta parte do trabalho que a língua Kayabí guarda mais similaridades com as línguas Kawahíwa do que com o Asuriní do Xingu, o Kamajurá e o Wayampí. Assim sendo, este trabalho apresenta-se como uma contribuição aos estudos da família linguística Tupí-Guaraní e, por extensão, ao tronco Tupí.

CONCLUSÃO

As semelhanças e diferenças entre o Kayabí, o Asuriní do Xingu, o Kamajurá, o Wayampí e as línguas Kawahíwa pontuadas nesta tese, somadas àquelas sugeridas por Rodrigues e Cabral (2002, p.334) corroboram a plausibilidade da hipótese de maior proximidade genética do Kayabí e as línguas Kawahíwa, embora sejam necessários mais estudos que tragam mais elementos em favor dessa hipótese, o que será possível quando essas línguas forem melhor conhecidas.

Numa perspectiva linguístico-histórica, procuramos, neste trabalho, tecer algumas considerações sobre as semelhanças e diferenças entre as línguas comparadas e apresentar contribuições para a revisão do modelo arbóreo proposto por Rodrigues e Cabral (2002), especificamente para a revisão do sub-ramo VI da família linguística Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1984-1985; RODRIGUES, CABRAL, 2002, 2012), cujas línguas constituem o complexo Kawahíwa.

Visto por esse ângulo, os fatos linguísticos estudados neste trabalho dão sustentação à nossa hipótese de que: i) correspondências sonoras, evidências gramaticais e o vocabulário básico entre as línguas comparadas atestam o agrupamento do Kayabí ao sub-ramo VI da família linguística Tupí-Guaraní e, ii) as similaridades interlinguísticas identificadas na inspeção do vocabulário e da estrutura das línguas em investigação possibilitam postularmos, tomando por base as considerações teóricas sobre parentesco genético, que as línguas do sub-ramo VI constituem um subagrupamento com características específicas.

O que mais contou na nossa análise foram traços estruturais como flexão pessoal, a flexão relacional, o sistema de dêiticos, com distinção de gênero, o indicativo II e o sistema de partículas epistêmicas. Esses aspectos foram cruciais para as conclusões a que chegamos, pois constituem formas cabais em favor do agrupamento do Kayabí ao lado das línguas Kawahíwa. Não é por acaso que os Kayabí fazem questão na atualidade de serem chamados de Kawahíwa.

Assim, a tese “Contribuições para os Estudos Histórico-Comparativos sobre a diversificação do sub-ramo VI da família linguística Tupí-Guaraní” apresentou um trabalho etnolinguístico que não pretendeu ser conclusivo, pois de acordo com a justificativa apresentada por Rodrigues e Cabral (2002) para a revisão da classificação interna da família linguística Tupí-Guaraní, novos estudos e análises dos dados linguísticos e culturais são necessários para uma outra revisão e atualização do que aqui foi apresentado.

Sob essa perspectiva, foram fundamentais para o presente trabalho os estudos desenvolvidos por Rodrigues (1984-1985, 1985, 1993, 1996, 1999, 2001) sobre as línguas da família Tupí-Guaraní, bem como, notadamente, os estudos de natureza histórico-comparativa desenvolvidos por este autor, indispensáveis a qualquer estudo dessa natureza sobre as línguas indígenas brasileiras. Aliados a este, consideramos cruciais para esta tese os estudos realizados sobre a Linguística Histórica, especialmente os estudos sobre o Método Histórico-Comparativo. Os estudos de Rodrigues foi, portanto, o ponto de partida para realizarmos a descrição e análise da associação do Kayabí ao subconjunto VI da família Tupí-Guaraní.

Assim sendo, a descrição, análise e comparação dos dados da língua Kayabí com as línguas Parintintín, Uru-Eu-Wau-Wau, Amondáwa e outras desse grupo (sub-ramo VI) e as línguas Asuriní do Xingu (sub-ramo V), Kamajurá (sub-ramo VII) e Wayampí (sub-ramo VIII) com os dados da língua Kayabí permitem apontar quais línguas estudadas compartilham mais propriedades estruturais e lexicais com o Kayabí.

Como vimos na seção 6, o estudo dos dados mostra que a língua Kayabí tem maior aproximação genética com as línguas do sub-ramo VI (Parintintín, Amondáwa e Uru-Eu-Wau-Wau, por exemplo) do que com as línguas Asuriní do Xingu, Wayampí e Kamajurá. Pelo menos é o que verificamos na descrição e análise dos dados morfossintáticos apresentados neste trabalho (cf. 6.4 e 6.5). Sendo assim, verifica-se que os dados descritos e analisados parecem corroborar a hipótese de Rodrigues e Cabral (2002, p. 334) e ser legítima a organização do *Kawahíb branch* apresentado no texto *Tupian* (RODRIGUES, CABRAL, 2012, p.499). Isto é, o Kayabí pode ser “associado ao subconjunto VI” (RODRIGUES, CABRAL, 2002, p.334). Portanto, tendo em vista o estudo apresentado neste trabalho e os recentes estudos realizados sobre línguas da família Tupí-Guaraní (SOLANO, 2004, 2009; SILVIA, 2010; CORREIA-SILVA, 2010; SOUZA, 2013; LOPES, 2014; SILVA, 2015), é possível postular que o Kayabí é uma língua que parece ser um elo entre as línguas Kawahíwa meridionais e setentrionais. Mas, essa é uma hipótese a ser testada.

Antes de concluir este texto, considero importante informar que este trabalho apresenta algumas limitações, como o fato de ter sido realizado sem um trabalho de campo junto aos Kayabí. Mas, tive a oportunidade e o privilégio de conhecer e interagir com indígenas Kawahíwa (Parintintín, Tenharim, Diahói, Júma e Uru-Eu-Wau-Wau), com os quais pude realizar entrevistas, coletar dados linguísticos e sociolinguísticos. Em 2011 e 2012 estive nas aldeias Traíra, Pupunha e Canavial. As duas primeiras estão localizadas na Terra Indígena Nove de Janeiro, a terceira está na TI Ipixuna (AM). Nessas aldeias pude conviver um período com

os Parintintín-Kawahíwa, os quais me ensinaram sobre a língua e a cultura de seu povo, bem como, me contaram histórias sobre outros povos indígenas. Daí eu ter concordado com a proposta de minha orientadora de, sob a perspectiva da Etnolinguística e da Linguística Histórica, desenvolver um projeto sobre o complexo Kawahíwa.

Além dessa limitação, destaco meu pouco conhecimento teórico-prático da Linguística Histórica, da Antropologia e da Arqueologia, áreas em que precisei adentrar para desenvolver o projeto de estudo proposto. É preciso entender, também, que estudar um texto sob a perspectiva da linguística textual e da linguística tipológica é bem diferente do que faz a Linguística História e o Método Histórico-Comparativo. É um sistemático e rigoroso trabalho descritivo e analítico dos dados criteriosamente selecionados. Para mim foi, portanto, um desafio compreender e utilizar o método histórico-comparativo para descrever e analisar as línguas Tupí-Guaraní dos sub-ramos V, VI VII e VIII. Aprendi muito. Valeu a pena. Contudo, estou consciente que essa análise ainda necessita ser melhor trabalhada em estudos subsequentes para ser possível fundamentar a hipótese de uma protolíngua.

Também considero importante registrar nestas considerações conclusivas que está em andamento a organização de alguns repertórios bibliográficos relacionados às leituras e estudos desenvolvidos para realizar esta tese. Um deles é o “Repertório Bibliográfico sobre os Povos e as Línguas Tupí-Kawahíwa”. A organização desse repertório foi para mim uma forma de colaborar para o acesso a uma quantidade significativa de textos sobre esses povos e línguas. Boa parte dos textos apresentados nesse repertório está incluído em meu arquivo bibliográfico pessoal. Todavia, por questões diversas não foi possível disponibilizar esse levantamento bibliográfico comentando, neste trabalho, em forma de Apêndice. Mas, uma primeira parte já está em fase de conclusão e será publicada em breve, sob o título (provisório) “Estudo Crítico da Bibliografia sobre as Línguas Kawahíwa (AGUILAR, 2015, Manuscrito). Nesse repertório bibliográfico, apresento vários textos sobre as línguas e os povos Tupí-Kawahíwa (artigo, tese, dissertação, etc.) de diversas áreas do conhecimento, como a Antropologia, a História, a Arqueologia, a Filosofia, a Psicologia.

Essa organização da bibliografia (e webgrafia) utilizada e/ou consultada para realizar este trabalho, é um dos frutos de um projeto pessoal que iniciei em 2011 quando comecei a fazer o levantamento bibliográfico de textos escritos e arquivos sonoros sobre as línguas Tupí-Kawahíwa. Acontece que, por diversas vezes, não consegui acesso à determinadas obras, porque algumas instituições, pesquisadores e estudiosos se negaram (de forma direta ou indireta) a disponibilizar os textos para cópia e/ou consulta, ainda que eu provasse que os tais

seriam utilizados como material de estudo. Essa lamentável situação motivou-me a organizar o “Arquivo Tupí-Guaraní” e o “Arquivo Tupí-Kawahíwa”, que foram subdivididos em repertórios bibliográficos temáticos. Uma decisão inspirada no trabalho desenvolvido pela Profa. Dra. Ana Maria Domingues de Oliveira, que em 2002 foi membro externo em minha banca de Mestrado pela UNESP/SJRP, autora do livro *Estudo Crítico da Bibliografia sobre Cecília Meireles* (OLIVEIRA, 2001), uma obra que resultou do projeto intitulado “Arquivo Cecília Meireles: Atualização de Acervo”. Assim, tendo essa obra como referencial, o levantamento bibliográfico que iniciei em 2011 sobre os povos e as línguas Tupí-Guaraní, mas com foco no material sobre aos povos e as línguas Kawahíwa, resultou de uma necessidade de obter dados linguísticos, históricos e culturais para desenvolver a tese aqui apresentada. O que foi muito bom, pois foi possível organizar várias referências bibliográficas e webgráficas com dados etnolinguísticos sobre esses povos e línguas.

Portanto, o “Arquivo Tupí-Kawahíwa” e a obra “Repertório Bibliográfico sobre os Povos e as Línguas Tupí-Kawahíwa” são frutos de pesquisa realizada desde 2011 para o desenvolvimento desta tese. Contudo, por ser um trabalho que exige dedicação e meu foco maior devia ser a escrita e defesa desta tese, precisei parar temporariamente esses projetos, que consistem na organização de um arquivo com uma sistematização de referências bibliográficas e webgráficas sobre os povos e as línguas Kawahíwa.

Por fim, com este trabalho, pretendi contribuir, por um lado, para um melhor conhecimento dos graus de relações genéticas entre as línguas Tupí-Guaraní, particularmente as questões relativas à revisão da classificação das línguas do sub-ramo VI dessa família, e, por outro, é desejo meu que o estudo apresentado nesta tese possa contribuir para o desenvolvimento de material didático para o trabalho com as línguas Tupí-Kawahíwa.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAMSON, Arne; ABRAHAMSON, Joyce. *Os fonemas da língua Júma*. SIL, Brasil, Nº 11, pp. 157 -174, 1984.
- AGUILAR, A. M. G. C. *Caderno de campo: Aldeia Traíra-Parintintín – Humaitá/AM*, 2012.
- _____. *Caderno de campo: Aldeias Parintintín – Humaitá, Amazonas*, 2012.
- _____. *Caderno de Campo: Língua Kamajurá – Brasília: UnB/LALLI* 2015.
- _____. *Contribuições Etnolinguísticas e Histórico-Comparativas para os estudos sobre os povos e as línguas Kawahíwa*. Tese (Exame de Qualificação de Doutorado), PPG/UnB, 2013.
- AGUILAR, A. M. G. C.; CABRAL A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. Sobre alguns aspectos Conservadores das línguas Kawahíwa. In: *I Seminário internacional de Letras Estrangeiras (I SILE) e XVI Semana de Letras (XVI SELET)*, 2011, Porto Velho. Livro de Resumos, 2011. v. 1. p. 19-19.
- ALMEIDA SILVA, A. *Territorialidades e identidade do coletivo Kawahib da terra indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia*. (Tese de doutorado). Curitiba: PPGG/UFPR, 2010.
- ALMEIDA SILVA, A; COSTA SILVA, J. Restabelecimento Da Maloca Yñamōrarikãgã: Um espaço de representação cultural do povo Jupaú. *II Colóquio Nacional do NEER*, Curitiba, 16-17nov., 2006. Disponível em: <http://www.neer.com.br/anais/NEER2/Trabalhos_NEER.pdf>
- ATHAYDE, S. F. *Knowledge Transmission and Change in Kaiabi (Tupi-Guarani) Basketwork, Southern Amazonian Region, Brazil*. Dissertação (Mestrado em Etnobotânica), Inglaterra, Department of Anthropology, Canterbury: Universidade do Kent, 2003.
- _____. *Weaving Power: Displacement, Territory and Indigenous Knowledge Systems Across Three Kaiabi Groups in The Brazilian Amazon*. Tese (Doutorado em Ecologia Interdisciplinar com concentração em Antropologia), Universidade da Florida, 2010.
- AZANHA, LEÃO. *Karipúna de Rondônia*. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Karipúna-de-rondonia/print>>, 2005. Acesso em: dez. 2011.
- BANDEIRA, I; CARDOZO, I. V. J. (Org.). Diagnóstico etnoambiental participativo, etnozoneamento e plano de gestão Terra Indígena Ipixuna. Porto Velho (RO): *Kanindé*, 2012. Disponível em: <http://www.kaninde.org.br/upload/2012/09/ipixuna_1346535711.pdf>. Acesso em: nov. 2015.
- BARTOLOMÉ, M. A. *As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político*. Mana 12 (1): 39-68 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v12n1/a02v12n1.pdf>>
- BATALHA, L. Breve Análise sobre o parentesco como forma de organização social. *Instituto Superior Técnico*. Lisboa, 1995. Disponível em: <<http://www.iscsp.utl.pt/~lbatalha/downloads/analiseparentesco.pdf>>. Acesso em: nov. 2015.
- BETTS, L. V. *Kagwahiva Dictionary albeit posthumously*, Anápolis: SIL, 2012. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/KHDict.pdf>>. Acesso em dez. 2012.
- _____. *Dicionário Parintintín-Português Português-Parintintín*. Cuiabá: SIL, 1981. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/PNDict.pdf>>. Acesso em: mar. 2011.
- _____. *Parintintín discourse*. Anápolis: SIL Brasil, 1969.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BITTENCOURT, L. B. *Cidadania multicultural, biodiversidade e identidade indígena* In: SERPA, Élio Cantalício; SALOMON, Marlon (org.). *Escritas da história: cultura e política*. Goiânia: UCG, 2006.

BORGES, Mônica Veloso. O estudo do Avá: relato e reflexões sobre a análise de uma língua ameaçada de extinção. In: *LIAMES* (Línguas Indígenas Americanas). Campinas: UNICAMP/IEL, nº 2. p. 85-104, 2002.

BORGES E SOUZA, P. O. *Estudos De aspectos da língua Kayabí (Tupí)*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, 2004.

BRANDON, F. R.; SEKI, L. Moving Interrogatives without an initial + wh node in Tupi. *Syntax & Semantics*, Mich, vol. 16, p. 77-103, 1984.

BRASIL. IBGE. O Brasil indígena: os indígenas no Censo Demográfico 2010. Brasília, DF: *Ministério da Justiça*, FUNAI, IBGE, 2010.

BURGEILE, O.; AGUILAR, A. M. G. C.; LIMA, C. A. N.; VENERE, M. L. A imagem do índio e do negro na literatura brasileira: desqualificação e reabilitação. In: CORREIA; H. H. S.; KLEPPA, L. (Org.). *Multiculturalismo e Intertextualidade nos Estudos de Língua e Literatura*, RO: PVH, UNIR, 2010.

CABRAL, A. S. A. C. Em qué sentido el Kokáma no es una lengua Tupí-Guaraní. In: *Actas de I Congresso Internacional de Lenguas Indígenas Sudamérica*, Lima, Universidad Ricardo Palma, VII, p. 237-251.

_____. Aspectos gramaticais compartilhados por línguas do Baixo Xingu, Tocantins e Nordeste da Amazônia: partículas evidenciais. In: *Congresso Nacional da ABRALIN*, Florianópolis, 2000. Anais. Florianópolis: UFSC, 2000b. 1 CD-ROM.

_____. Flexão relacional na família Tupí-Guaraní. *Boletim da Abralín*, Fortaleza, n. 25, p. 233-262, 2000a.

_____. O desenvolvimento da marca de objeto de segunda pessoa plural em Tupí-Guaraní. In: Cabral, A. S. A. C.; Rodrigues, A. D. (orgs.). *Estudos sobre línguas indígenas*. Belém: Gráfica da UFPA, p.117-146, 2001.

_____. Natureza e direções das mudanças de alinhamento ocorridas no tronco Tupí. In: QUEIXALÓS, F. (Org.). *Ergatividade na Amazônia I*. Paris: Centre d'études des Langues Indigènes d'Amérique (CNRS, IRD); Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas (UnB), 2002. v. 1, p. 5-7

CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. *Dicionário da Língua Asuriní do Tocantins*. Belém: UFPA/IFNOPAP; Brasília: UnB/IL/LALI, 2003. 267p.

CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. Pronomes e marcas pessoais em línguas do tronco Tupí. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. (Org.). *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História. Atas, Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, 1, tomo I, p. 138. Belém: Editora Universitária UFPA. 2002.

CABRAL, A. S. A. C.; SOLANO, E. J. B. Mais fundamentos para a hipótese de proximidade genética do Araweté com línguas do sub-ramo V da Família Tupí-Guaraní. *Trabalho apresentado no XXI Encontro Nacional da ANPOLL - GT- línguas indígenas*, 03-06 de julho, São Paulo, 2006.

CAMARA JR., J. M. *Princípios de Linguística Geral: Como introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguêsa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1977.

_____. *História da Linguística*. Petrópolis: Vozes, 1990.

CAMPBELL, L. *Historical Linguistics: an introduction*. Edinburgh University Press, 1998.

CAMPBELL, L; POSER, W. J. *Language classification: history and method*. Cambridge University Press: New York, 2008.

CARDOZO, I. B.; VALE JÚNIOR, I. C. (Org.). *Diagnóstico etnoambiental participativo, etnozoneamento e plano de gestão Terra Indígena Igarapé Lourdes*. Porto Velho (RO): Kanindé, p. 7-8, v. 2, 2012.

CERTEAU, M. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. Disponível em: <<http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/CERTEAUMAEscritadahist%C3%B3ria.pdf>>.

CHRIST, C. L. Grupos de indígenas isolados no Mato Grosso. In: *Relatório 2009: violência contra os povos indígenas no Brasil*. Brasília: CIMI, 2009, p.132-141. Disponível em: <http://www.cimi.org.br/pub/publicacoes/1280418665_Relatorio%20de%20Violencia%20contra%20os%20Povos%20Indigenas%20no%20Brasil%20-%202009.pdf>. Acesso em: out. 2015.

CORREA-DA-SILVA, B. C. *Urubú-Ka'apor-Da Gramática à História: A Trajetória de um Povo*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Brasília, Universidade de Brasília, 1997.

_____. *Mawé/Awetí/Tupí-Guaraní: Relações Linguísticas e Implicações Históricas*. 424p. Tese (Doutorado em Linguística), Brasília: UnB, 2010a.

_____. Etnolinguística e etno-história Tupí: desfragmentando o olhar Tupí: desfragmentando o olhar. *Revista Estudos da Linguagem*, v. 18, n. 1, p. 61-86, jan./jun. Belo Horizonte, 2010b. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo:correa-da-silva-2010/correa-da-silva_2010_desfragmentando.pdf>. Acesso em: maio 2014.

_____. Projeto CNE/UNESCO 914BRA1136.3: Desenvolvimento, aprimoramento e consolidação de uma educação nacional de qualidade – História e Cultura dos Povos Indígenas. *Relatório Final de Consultoria*. MEC/CNE, 2013. 36 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13941-produto-2-historia-cultura-povos-indigenas-pdf&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>.

COSERIU, E. Sobre las categorias verbales (Partes de la Oracion). In: *Revista de Linguística Teórica e Aplicada*, Vol. 10, 1972.

COUDREAU, H. *Voyage au Tapajoz*. Paris: A. Lahure, 1897.

CREVELS, M.; van der Voort, H. The Guaporé-Mamoré region as a linguistic area. In MUYSKEN, P. *From linguistic areas to areal linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p.151-179, 2008.

CRUZ DE SÁ, A.; AZANHA, L. G.; MARETTO, L. C. *Diagnóstico Final E Potenciais Interferências nas Terras Indígenas Karitiana, Karipúna, Lage, Ribeirão e Uru-Eu-Wauwau*, p. 13-38, 2005.

DENÓFRIO, J. P. M. Breve contribuição etnográfica sobre os Kagwahiva: O Coletivo Piripkúra. *Relatório – Etnologia e Antropologia Social*. FUNAI, 2012.

_____. *La mort est dans la vie: contre-métamorphose et ascension Kagwahiva*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), 2013.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, *Diahói*, (Roque de Barros Laraia). Jus Brasil, Nº 80, Seção 1, p. 23-26, 26 de abril de 2000.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. *Terra Indígena Kawahiva do Rio Pardo* (Gilberto Azanha). Nº 50, Seção 1, p. 37-40; 14 de março, 2007.

DIETRICH, W. *More evidence for an internal classification of Tupí-Guaraní Languages*. Indiana, Supplement 12. Berlin: Gebr. Mann, 1990.

_____. *Categorias lexicais nas línguas Tupi-Guaranis (visão comparativa)*. In: Francisco Queixalòs (org.), *Des noms et des verbes en tupi-guarani: état de la question*. Studies in Native America Linguistics, 37: 21-38. München: LINCOM Europa, p. 1-13, 2001.

_____. O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico In: DIETRICH, W.; NOLL, V. *O Português e o Tupi no Brasil*. Editora Contexto, São Paulo, 2010.

DOBSON, R. M. Aspectos da língua Kayabí. *Série Linguística nº 12*. Summer Institute of Linguistics (SIL), Brasília, 2005 [1988].

_____. Gramática prática com exercícios da língua Kayabí. *Arquivo Linguístico nº 228*. Summer Institute of Linguistics (SIL), Cuiabá, 1997.

EMERY, B. Como foi amansado o tudesco Kurt Unker vulgo Nimuendaju, natural de Iena. Portugal: *Castriana*, nº 1, Ossela, 2002, p. 7-50. Disponível em: <<http://www.ceferreiradecastro.org/capas/publicacoes/castriana1.pdf>>. Acesso em: fev. 2015.

FARACO, C. A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FAULSTICH, E. *Avaliação de Dicionários: Uma Proposta Metodológica*. Revista Oragon, v. 25, n. 50, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28346>>.

_____. Roteiro para avaliação de dicionários e glossários científicos e técnicos. In: Mateus, Maria Helena e Correia, Margarita. *Cursos da Arrábida, Portugal, Terminologia: questões teórica, métodos e projectos nº 04*, Publicações Europa-América, 1998.

FIGUEIREDO, G. R. *O ramo IV e seu desmembramento em línguas independentes: contribuição aos estudos histórico-comparativos da família Tupí-Guaraní*. 2004. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária), Belém: UFPA, 2004.

FRANÇA, L. B. C. Aliança com os fracos ou o verso e o reverso de uma relação. Amazônica: *Revista de Antropologia*, vol. 2, n. 1, p. 72-91, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/340/784>>.

_____. *Caminhos cruzados: parentesco, diferença e movimento entre os Kagwahiva*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, 2012.

GAKRAN, N. *Aspectos morfosintáticos da língua Laklãnõ (Xokleng) 'Jé'*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Campinas: UNICAMP, 2005.

GALUCIO, A.V. *A Relação entre linguística, etnografia e arqueologia: um estudo de caso aplicado a um sítio com ocupação tupiguarani no sul do Estado do Pará*. In: Edithe Pereira; vera Guapindaia. (Org.). *Arqueologia Amazônica*. Belem: MPEG, v. 2, p. 795-824, 2010.

- GALVÃO, Eduardo. *Encontro de Sociedades: Índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GOMES, N. S. *Clíticos, redobro e variação da ordem oracional em Kayabí (Tupi-Guarani)*. Tese (Doutorado em Linguística), Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2007.
- GRÜNBERG, F., *Tentativas de análisis del sistema de parentesco de los Kayabí (Brasil Central)*. Separata del Suplemento Antropológico 5 (1-2): 277-287, 1970.
- GRUNBERG, G. *Os Kaiabi do Brasil Central – História e Etnografia*. Profácio, SENRA, K. SILVA, G. M. ATHAYDE, S. F. São Paulo - Instituto Socioambiental, 2004, 299p.
- GUÉRIOS, R. F. M. *Estudos sobre a língua camacã*. Curitiba: Empresa gráfica paranaense Ltda, 1945.
- GUIMARÃES, J. S. Memoria sobre os usos, costumes e linguagem dos Appiacás, e descobrimento de novas minas na província do Mato Grosso. *Revista Trimensal do Instituto Histórico do Brazil*, Tomo 6, p. 297-317, 1844.
- HALL, S. Cultural Identity and diaspora. In RUTHERFORD, Jonhatan (org.). *Identity – Community, Culture, Difference*. London/Lawrence & Wishrt, p. 222-237, 1990. Disponível em: <<http://sites.middlebury.edu/nydiasporaworkshop/files/2011/04/D-OA-HallStuartCulturalIdentityandDiaspora.pdf>>
- HAMP, E. P. On Maxakalí, Karaja, and Macro-Jê. *International Journal of American Linguistics*, Vol. 35, No. 3. Jul., p. 268-270, 1969.
- HINTON, L; HALE, K. *The Green Book of Language Revitalization in Practice*. Berkeley: Academic Press, 2001.
- HOCK, H. H. *Principles of historical linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.
- HOCKETT, C. *A Course in Modern Linguistics*. New York: Macmillan, 1958.
- HOERHANN, R. C. L. S. *O Serviço de Proteção aos Índios e a desintegração cultural dos Xokleng (1927 – 1954)*. Tese (Doutorado em História), Florianópolis, 2012.
- ILARI, R. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 2002.
- JAKOBSON, R. *Princípios de fonologia Histórica*. Trad. D'Angelis, W. R. Campinas: Curt Nimuendaju, 2008.
- JENSEN, Cheryl Joyce. *O desenvolvimento historico da língua Wayampí*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- _____. *Comparative Tupít-Guaraní Morphosyntax*, volume 4, 489–618. New York: Mouton de Gruyter, 1998.
- JUNQUEIRA, Carmen. *Os índios de Ipavu*, 3a. ed. São Paulo: Ática, 1979.
- _____. Dinâmica cultural. *Revista de Estudos e Pesquisa*, 1, 1: 205-239, 2004.
- _____. Disputa política na sociedade Kamaiurá. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. Vol. 1, n. 2, dez, 2009.
- KAIABI, T.; SILVA, G. M. Experiencia de manejo de recursos genéticos amazônicos por indigenas del Xingu. *Growing Diversity Project*. Taller Regional Latinoamericano. Sasaima, Colombia.

Disponível em: <<http://www.grain.org/gd/es/casestudies/cases/fulltext/la-full-brazil2-es.cfm>>, 2001.

KAMAIURÁ, Aisanain Paltu. *Uma análise linguístico-antropológica de exemplares de dois gêneros discursivos Kamaiurá*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Brasília: UnB, 2010.

KAUFMAN, T. Language History in south of America: what we know and how to know more. In: Payne, D. L. (org.). *Amazonian Linguistics-studies in lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, p. 13-73, 1990.

KRACKE, W. H. *Force and Persuasion: leadership in Amazônia Society*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1978.

_____. *Ivaga'nga, Mbahira'nga e Anhang: gente do céu, gente das pedras e demônios das matas (espaço cosmológico e dualidade na cosmologia Kagwahiv)*. Comunicação apresentada no Grupo de Trabalho Cosmologia Tupi. Brasília: XVI Reunião da ABA, 1984b.

_____. Kagwahiv moieties: form without function? In: KENSINGER, Kenneth M. (org). *Marriage practices in lowland South América*. Chicago: Ed Urbana/University of Illinois Press, p.99- 124, 1984a.

_____. O poder do sonho no xamanismo Parintintin (Tupi). *Caderno de Antropologia* nº 79, Brasília: UnB, 1989.

_____. *A posição histórica dos Parintintín na evolução das culturas Tupí-Guarani*. In *Línguas e culturas Tupí*. RODRIGUES A. D.; CABRAL, A.S.A. C.(Orgs.), 23-35. Brasília: Editora Curt Nimuendaju/ LALI-UnB, 2007.

KUROVSKI, A. Os abandonados: o mito Kagwahiva. In: _____. *Anfitriões guerreiros: um estudo sobre rivalidades e generosidades nos Kagwahiva Parintintín*. 2005. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de PósGraduação em Antropologia Social, UFPR, 2005, p. 93 -122.

LABOV, W.; HERZOG, M.; WEINRICH, U. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. 2. ed. São Paulo. Ed. Parábola, [1968], 2006. [Traduzido por Marcos Bagno. Coleção: Linguagem, nº 18].

LEÃO, A. C. S.; AZANHA, G.; MARETTO, L. C. *Estudo socioeconômico sobre as terras e povos indígenas situados na área de influência dos empreendimentos do rio Madeira (UHEs Jirau e Santo Antônio) – Diagnóstico final e avaliação de impactos nas terras indígenas Karitiana, Karipúna, Lage, Ribeirão e Uru-Eu-Wau-wau*. Brasília, 2004.

LEÃO, A. C. S. Diagnóstico final e avaliação de impactos nas terras indígenas Karitiana, Karipúna, Lage, Ribeirão e Uru-eu-wau-wau. Brasília: IBAMA, 2004.

LEHMANN, W. *Historical Linguistics: An Introduction*. New York: Holt. Rinehart and Winston, 1962.

LEITE, Y. F.; VIERA, M. D. Observações Preliminares sobre a Língua Araweté. *Moara – Rev. dos Cursos de Pós-Grad. em Letras da UFPA* 9:7-31. Belém, 1998.

LEVI-STRAUSS, C. Tribes of the right bank of the Guaporé River. In: Steward, Julian H. *Handbook of South American Indians*, vol. 3, Washington: United States Government Printing Office, 1948.

_____. *Tristes Trópicos*. Librairie Plon, Portugal, 1955.

_____. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976 [1947].

LOPES, J. D. *Uma interface da documentação linguística e modelos lexicográficos para Línguas Indígenas Brasileiras: uma proposta para o Suruí-Aikewára*. Tese (Doutorado em Linguística), Brasília: UnB, 2014.

LOUKOTKA, C. La familia Kamakan del Brasil. In *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, Tomo II, p. 493-524, 1932.

MARTINS, A. M. S. *Revisão da família linguística Kamakã proposta por Chestmir Loukotka*. Dissertação (Mestrado em Linguística), UnB, 2007.

_____. *Uma avaliação da hipótese de relações genéticas entre o Guató e o Tronco Macro-Jê*. Tese (Doutorado em Linguística), Brasília: UnB, 2012.

MARTIUS, K. F. P. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens, I. Zur Ethnographie, II. Zur Sprachenkunde*. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867.

MEILLET, A. *Les dialectes indo-européens*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1908.

_____. *Linguistique historique et linguistique générale*, Paris, Champion, 1921.

_____. *La méthode comparative en linguistique historique*. Oslo. (Repr. 1966, Paris: Champion.), 1925.

MEIRELES, D. M. *Populações indígenas e a ocupação de Rondônia*. Cuibá: UFMT, (dissertação de mestrado), 1983.

MELATTI, J. C. *Áreas Etnográficas da América Indígena*. Apostila, Brasília: Universidade de Brasília (UnB), 2011. Disponível em: <<http://www.juliomelatti.pro.br/areas/00areas.htm>>

_____. *Áreas Etnográficas da América Indígena: Amazônia Centro-Meridional - Capítulo 23*, 2014 [2011]. Disponível em: <<http://www.juliomelatti.pro.br/areas/23azctme.pdf>>

_____. *Índios do Brasil*. 5.ed. São Paulo: Hucitec, Brasília: Ed. UnB, 1987.

MELLO, A. A. S. *Estudo Histórico da família linguística Tupi-Guarani*. Tese (Doutorado em Linguística), Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

_____. Evidências fonológicas e lexicais para o sub-agrupamento interno Tupí-Guaraní. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. (Orgs.) *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História*. Belém: Editora UFPA, vol. 1, p. 338-342, 2002.

MENÉNDEZ, M. A. *Chronica dos povos gentios que habitavam e habitam dilatados sertões entre rio Madeira e Tapajoz*. Obra mui minuciosa com onze illustraçõens e uma charta ethnographica ou Uma contribuição para a etnohistória da área Tapajós-Madeira. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1981.

_____. Uma contribuição para a etno-história da área Tapajós-Madeira. In: *Revista do Museu Paulista*. Separata do vol. XXVIII. São Paulo: USP, 1981/1982.

_____. *Os Kawahiwa. Uma contribuição para o estudo dos Tupi Centrais*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), São Paulo: FFLCH, Universidade de São Paulo, 1989a.

_____. A Presença do Branco na Mitologia Kawahíwa: História e Identidade de um Povo Tupi. *Revista de Antropologia*. Vol. 30/32, p. 331-353, 1989b.

MILLER, E. T. *História da cultura indígena do Alto-Médio Guaporé (Rondônia e Mato Grosso)*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Porto Alegre: PUC-RS, 1983a.

_____. *Pesquisas Arqueológicas em Sambaquis Fluviolacustres no Noroeste do Pantanal do Rio Guaporé, Rondônia*. Porto Velho, Relatório SECET/Rondônia, 15p. Il. 1983b.

_____. *A cultura cerâmica do Tronco Tupí no alto Ji-Paraná, Rondônia - Brasil*. Revista Brasileira de Linguística Antropológica 1(1): 35-136, 2009.

MONSERRAT, R.; IRMÃZINHAS de Jesus. *Língua Asurini do Xingu: Observações gramaticais*. Altamira: Editora Prelazia do Xingu/CIMI, 1998.

MOSELEY, C. (ed.). *Atlas of the World's Languages in Danger*, 3rd edn. Paris, 2010. UNESCO. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>>. Acesso em: jul. 2012.

NETTO W. F.; M. M. J. *Descrição Fonológica Preliminar da Língua dos Uru Eu Wau Wau: Subgrupo Mondáwa*. 1992. Disponível em: <www.fflch.usp.br/dlc/lport/pdf/WFNetto07_Fono01.pdf>

NIMUENDAJÚ, C. Os Índios Parintintin do Rio Madeira. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, n. s., 16, p. 201-278, 1924.

_____. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju*. Rio de Janeiro: IBGE, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em colaboração com a Fundação Nacional Pró-Memória. 1987 [1944].

_____. The Cawahib, Parintintín and their Neighbors. In *Handbook of South American Indians, vol. III: The Tropical Forest Tribes*. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143:283-297, 1963 [1945].

_____. The Cawahib, Parintintín, and their Neighbours. In: STEWARD, Julian H. (ed), *Handbook of South American Indians*, vol. III: The Tropical Forest Tribes 3. pp. 283-297. Smithsonian Institution, Washington: Bureau of American Ethnology, 1948.

NOELLI, F. S. José Proenza Brochado: vida acadêmica e a arqueologia Tupi. In: PROUS, A.; LIMA, T. A. (Eds.). *Os Ceramistas Tupiguarani*. Volume I – Sínteses regionais. Belo Horizonte: IPHAN, 2008.

PADUA, A. J. *Contribuição para a fonologia da língua Apiaká (Tupí-Guaraní)*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Brasília: UnB, 2007.

PAGLIARO H. *A revolução demográfica dos povos indígenas no Brasil: a experiência dos Kayabí do Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, Brasil, 1970-2007*, 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v26n3/15.pdf>>

_____. *Revolução Demográfica dos Povos Indígenas: a experiência dos Kaiabi do Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso*. In PAGLIARO, Heloísa; AZEVEDO, Marta Maria; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Demografia dos Povos Indígenas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz e Associação Brasileira de Estudos Populacionais/ABEP, p. 79-102, 2005.

_____. *A revolução demográfica dos povos indígenas: a experiência dos Kaiabi do Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso (1970-1999)*. Tese (Doutorado em Epidemiologia). São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2002.

PAGLIARO H.; AZEVEDO M. M.; SANTOS; R.V. Demografia dos povos indígenas no Brasil: um panorama crítico. In: PAGLIARO, Heloísa; AZEVEDO, Marta Maria; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.).

Demografia dos povos indígenas no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz e Associação Brasileira de Estudos Populacionais, p. 11-32, 2005.

PAGLIARO H., AZEVEDO, M. M.; SANTOS, R. V. orgs. *Demografia dos povos indígenas no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 192p. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>.

PAGLIARO, H. et al. Comportamento demográfico dos Índios Kamaiurá, Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, Brasil. In: *XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais* (CD-ROM). Caxambu: Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), 2004.

PAGLIARO, H.; MARTINS, J. C.; MENDONÇA, S. *Tendências da Fecundidade dos Kaiabi, Povo de Língua Tupi do Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, Brasil Central. Uma proposta de análise longitudinal e transversal*. XVII ABEP, de 20 a 24 de set de 2010. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2010/docs./abep2010_2206.pdf>. Acesso em: nov. 2013.

PAIVA, J. O. *O silêncio da escola e os Uru-Eu-Wau-Wau do Alto Jamari*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), 1998.

_____. *Rupigwara: o índio Kawahib e o conhecimento ativo nas diversas áreas da consciência*. Tese (Doutoramento em Psicologia). São Paulo: USP 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-08012008-133908/pt-br.php>>

PEASE, H. Júma-Parintintín similarities. *Arquivos Linguísticos*, 038. Brasília: SIL, 1977.

_____. *Parintintín Grammar*. SIL, Brasil, PVH/RO, 2007. 84p.

PEASE, H.; BETTS, L.V. *Anotações sobre a língua Uru-Eu-Wau-Wau* SIL, Brasília, DF, Nº 201, 1991.

_____. *Parintintín Phonology*. In. TUPI Studies I. SIL, Nº 29, p.1 – 14, 1971.

PEGGION, E. A. Educação e diferença: a formação de professores indígenas em Mato Grosso. In: Luiz Donizete Benzi Grupioni (Org.). *Em aberto – experiências e desafios na formação de professores indígenas no Brasil*. Brasília, Volume 20, fev., p. 44-53, 2003a.

_____. *Alianças e facções: a organização política dos Kagwahiva da Amazônia*. Estudos Latinoamericanos, Varsóvia, v.23, p. 109-119, 2003b.

_____. *Forma e função: uma etnografia do sistema de parentesco Tenharim Kagwahív-AM*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Campinas: Universidade de Campinas, 1996.

_____. *Relações em perpétuo desequilíbrio: a organização dualista dos povos Kagwahiva da Amazônia*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

_____. *Jiahui*. Outubro de 2002. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/jiahui>>. Acesso em: ago. 2012.

PEREIRA, A. A. *Estudo Morfossintático do Asuriní do Xingu*. Tese (Doutorado em Linguística, Campinas: UNICAMP, 2009.

PRIA, A. D. Tipologia Linguística: Línguas analíticas e línguas sintéticas. *SOLETRAS*, Ano VI, Nº 11. São Gonçalo: UERJ, jan./jun., 2006.

RAMIREZ, H. Etnônimos e topônimos no Madeira (séculos XVI-XX): um sem-número de equívocos” *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Vol. 2, n. 2, Dez. 2010.

RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização: A integração das populações indígenas no Brasil Moderno*. Vozes: Petrópolis, 1993.

_____. *O Povo Brasileiro. A formação e o Sentido do Brasil*. 1 ed. 1995 – 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RODRIGUES, A. D. *Um Aspecto da Evolução Fonética na Família Tupi-Guarani*. Rio de Janeiro: Revista Filológica, v. 29:74-77, 1944. Disponível em: <<http://www.periodicos.unb.br/index.php/ling/article/viewFile/8858/6659>>

_____. *Diferenças Fonéticas entre o Tupí e o Guaraní*. Curitiba: Arquivos do Museu Paranaense, v. 4:333-354, 1945. Disponível em: <http://biblio.wdfiles.com/local--files/rodrigues-1945-diferencas/rodrigues_1945_diferencas.pdf>

_____. Notas sobre o sistema de parentesco dos Índios Kiriri. *Revista do Museu Paulista*, 2:193-205 São Paulo, 1948.

_____. Morfologia do Verbo Tupí. In: *Separata de Letras*, Curitiba, 1953.

_____. Classification of Tupí-Guaraní. *International Journal of American Linguistics*, 24: 231-234, 1958. (Republicado na Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v. 3, n. 2, p. 167-172, dez, 2011).

_____. A classificação do tronco linguístico Tupí. *Revista de Antropologia*, 12:99-104. São Paulo, 1964.

_____. Línguas ameríndias. In: *GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA-LAROUSSE*. Rio de Janeiro: Editora Delta, p. 4034-4036, 1970a.

_____. Classificação genética consensual das línguas indígenas do Brasil [versão adaptada por Melatti]. In: MELATTI, Julio Cezar. *Índios do Brasil*. Brasília, DF: Coordenada, p. 44-50, 1970b.

_____. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*. São Paulo, n. 27/28, p. 33-53, 1984-1985.

_____. *Línguas Brasileiras: Para o Conhecimento das Línguas Indígenas*. Ed. Loyola, 1985.

_____. Argumento e predicado em Tupinambá. *Boletim da ABRALIN*, n. 19, p. 57-66, 1996.

_____. Tupí. In: Robert M. W. Dixon; Alexandra Aikhenvald (eds.) *The Amazonian Languages*. Cambridge University Press. p. 107-124, 1999.

_____. Caso em Tupí-Guaraní, particularmente em Tupinambá. *XIII Congresso da ANPOLL*, 2000.

_____. Sobre a natureza do caso argumentativo. In: F. Queixalós (orgs.). *Des nome et des verbs em Tupi-Guarani*. LICOM EUROPA, p. 103-116, 2001.

_____. Correspondências lexicais e fonológicas entre Tupi-Guaraní e Tuparí. In: CABRAL, A. S. A. C., e A. D. RODRIGUES (orgs.), *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*, Tomo I, p. 288-297. Belém: EDUFPA, 2002.

_____. Linguistic reconstruction of elements of prehistoric Tupí culture. In: Eithne B. Carlin; Simon van der Kerke. (Org.). *Linguistics and archaeology in the Americas: the historization of language and society*. 1ed. Leiden, The Netherlands: Brill, v. 2:1-10, 2010.

_____. Endangered languages in Brazil. In: *D.E.L.T.A.*, 30 especial, 2014, (447-463). (Symposium on Endangered Languages of South America. Rijks Universiteit Leiden, December 2, 1993.)

RODRIGUES, A. D.; Dietrich, W. On the linguistic relationship between Mawé and Tupi-Guarani. *Diachronica* 14: 265-304, 1997.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. Pronomes e marcas pessoais em línguas do tronco Tupí. In: *I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, 2002, Belém, PA. Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história - Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL v. 1. Belém, PA: EDUFPA, 2001.

_____. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. In: CABRAL, A. S. A. C., RODRIGUES, A. D. (Orgs.). *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Tomo I. Belém: UFPA/EDUFPA, p. 327-337, 2002.

_____. (Org.). *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005a.

_____. Considerations on the concepts of language and dialect: a look on the case of Asuriní of Tocantins and Parakanã. *ReVEL. Special edition* n. 3, 2009. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br/eng]. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_special_3_considerations_on_the_concepts_of_language.pdf>.

_____. Tupían. In: CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (Eds.). *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, p. 495-574, 2012. (The world of linguistics; 2)

SAHLINS, M. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). *Mana* 3/2 (Estudos de Antropologia Social), Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, UFRJ/Ed. Contracapa, abril, 1997.

SAMAIN, E. *De um caminho para outro. Mitos e aspectos da realidade social nos índios Kamayrá (Alto Xingu)*. 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980.

SAMPAIO, W. B. A. *As línguas Tupi-Kawahib: um estudo sistemático e filogenético*. Tese (Doutorado em Linguística). Porto Velho: PPGL/UNIR, 2001.

_____. *Estudo comparativo sincrônico entre o Parintintín (Tenharim) e o Uru-eu-wau-wau (Amondawa): contribuições para uma revisão na classificação das línguas tupi-kawahib*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: UNICAMP, 1997.

SAPIR, E. *Language: An Introduction to the Study of Speech*. New York: Harcourt, Brace, 1921. (A linguagem: introdução ao estudo da fala. CÂMARA Jr., J. M, Tradutor. Rio de Janeiro: Academia, 1971.)

_____. Internal Linguistic Evidence Suggestive of the Northern Origin of the Navaho. In: MANDELBAUM, D. G. (ed.). 1985. *Edward Sapir, Selected Writings in Language, Culture and Personality*, p. 213-24, Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1936.

SCHLEICHER, A. *A Compendium of the Comparative Grammar of the Indo-European, Sanskrit, Greek and Latin Language*. London, Trübner; Co. 1874. Disponível em: <<https://archive.org/stream/acompendumcomp02schlgoog#page/n7/mode/2up>>

_____. *Les langues de l'Europe moderne*. Paris: Garnier, 1974 [1897]. Trad. de Hermann Ewerbeck.

SCHNEIDER, S.; SCHIMITT, C. J. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/373.pdf>>

SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas/São Paulo, 2000a.

_____. Aspectos diacrônicos da língua kamaiurá (tupí-guaraní). In: Bruno Staib (ed.). *Linguística Romanica et Indiana: Festschrift für Wolf Dietrich zum 60. Geburtstag*, p. 565-581. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2000b.

_____. Construções com o gerúndio em Kamaiurá. *DELTA* [online], vol.30, n.spe, p. 685-702, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v30nspe/0102-4450-delta-30-spe-0685.pdf>>

SENRA, K. V. Resumo do relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena Batelão. *Diário Oficial*, 17/07/2003, p. 30 -32.

SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e Identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

SILVA F. A. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 4, n. 1, p. 27-37, jan.- abr. 2009, p. 27 – 37. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v4n1/v4n1a04.pdf>>. Acesso em: nov. 2013.

SILVA, A. P. C. *Elementos Fonologia, Morfossintaxe e Sintaxe da Língua Avá-Canoeiro do Tocantins*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Brasília: UnB, 2015.

SILVA, T. F. *História da Língua Tenetehára: Contribuição aos Estudos Histórico-Comparativos sobre a diversificação da família lingüística Tupí-Guarai do Troco Tupí*. Tese (Doutorado em Linguística), Brasília, UnB, 2010.

SILVA, F. A. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 4, n. 1, p. 27-37, jan.- abr. 2009, p. 27 – 37. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v4n1/v4n1a04.pdf>> . Acesso em: 10 nov. 2013.

SILVA, G. M. *Peanut Diversity Management by the Kaiabi (Tupi Guarani) Indigenous People, Brazilian Amazon*. Tese (Doutorado em Filosofia), University of Florida, 2009.

SILVA, J. P. O método em Filologia. *SOLETRAS* online, UERJ n. 23 (2012), p. 249-269. Disponível em:< <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/3883/2712>.

SILVA, R. L. *A Saga Karipúna: uma narrativa oral de Experiência Pessoal*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Rondônia – UNIR, 2013.

SILVEIRA, A. J. Limitação ao direito de usufruto exclusivo das terras indígenas Tenharin e Jiahuy. In. ALMEIDA, A. W. B.(Org). *Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia*, 009, p.217-234, 2009. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/profseva/ConflitosSociaisnoComplexo_Madeira_PNCOSA_2009.pdf>

SILVEIRA, A. J. Limitação ao direito de usufruto exclusivo das terras indígenas Tenharin e Jiahuy. In. ALMEIDA, A. W. B.(Org). *Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia/UEA Edições*, 2009, p.217-234). Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/profseva/ConflitosSociaisnoComplexo_Madeira_PNCOSA_2009.pdf>

SOLANO, E. J. B. *A posição do Araweté na Família Tupi-Guarani: contribuições linguísticas e históricas*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Belém: UFPA, 2004.

_____. *Descrição gramatical da língua Araweté*. Tese (Doutorado em Linguística), Brasília: UnB, 2009.

SOUSA, S. A. *Contribuições para a história linguística do subgrupo Tupí-Guaraní norte-amazônico, com ênfase na língua Zo'ê*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília: UnB, 2013.

STEINEN, K. V. D. Entre os aborígenes do Brasil Central. *Separata da Revista do Arquivo*, São Paulo, Departamento de Cultura, n. XXXIV e LVIII, tradução de Egon Schaden, 1940, p. 179-206.

_____. *O Brasil Central*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942.

STUCHI, Francisco Forte. *A Ocupação da Terra Indígena Kaiabi (MT/PA): História Indígena e Etnoarqueologia*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), São Paulo: USP, 2010.

TEMPESTA, G. A. *Travessia de banzeiros*. Historicidade e organização sociopolítica apiaká. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009a.

_____. Padrões, cunhados e onças. Os brancos no universo relacional apiaká. In: SMILJANIC, Maria Inês; PIMENTA, José Pimenta; BAINES, Stephen Grant (Orgs.). *Faces da indianidade*. Curitiba: Nexo Design, 2009b.

_____. Guerreiros, riquezas e onças nas rotas fluviais. Notas históricas e etnográficas sobre os Apiaká. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Vol. 2, n. 1, p. 78-97, 2010a. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/viewFile/8830/6633>>

_____. Vivendo como parente: notas sobre a concepção de pessoa e a organização social apiaká. *Sociedade e Cultura*, Vol. 13, n. 1, p. 91-99, Universidade Federal de Goiás, Brasil, 2010b.

TESNIÈRE, L. *Éléments de Syntaxe Structurale*. Paris. Editions Klincksieck, 1953.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*, Berkeley, CA: University of California Press, 1988.

TRAVASSOS, E. A tradição guerreira nas narrativas e nos cantos caiabis. In COELHO, Vera Penteadó (Org.), *Karl von den Steinen: Um século de Antropologia no Xingu*,. São Paulo: EDUSP/FAPESP. pp. 445-484, 1993. Disponível em: <<https://books.google.com.br>>.

UNESCO: *Interactive Atlas of the World's Language in Danger*. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/indangermentlanguages/atlas> Acesso em: 20 jun. 2013..

UNESCO. *Projet UNESCO: Atlas des langues en danger dans le monde*. Paris: UNESCO, 2011. 19p. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001924/192416e.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

UNICEF. *EL PARINTINTÍN*. Disponível em: <<http://www.sorosoro.org/es/el-Parintintín>>. Acesso em: nov. 2013.

URBAN, G. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. M. (Org.). *História dos índios no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras; Sec. Municipal de Cultura: FAPESP, 1998 [1992].p. 87-102.

VANDER VELDEN, F. F. Os Tupí em Rondônia: diversidade, estado do conhecimento e propostas de investigação. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. Vol. 2 n. 1, Jul. 2010.

VAZ, A. *Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato no Brasil: Políticas, direitos, problemáticas*. 2013. Disponível em: Disponível em: <http://www.abant.org.br/pdf>.

_____. *Isolados No Brasil – Política de Estado: da tutela para a política de direitos – uma questão resolvida?*, 2011. Disponível em: <http://servindi.org/pdf/informe_10.pdf>.

VENERE, M. R. *Políticas Públicas para Populações Indígenas com Necessidades Especiais em Rondônia: O Duplo Desafio da Diferença*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente), Porsto Velho/RO: UNIR, 2005.

WEISS, H. E. (compiladora). *Dicionário Kayabí-Português, com um Glossário, Português-Kayabí*. Brasília: SIL, 2005.

WEISS, H. E. *Para um dicionário da língua kayabí*. Tese (Doutorado em Linguística), São Paulo: USP, 1998.

VILLAS BÔAS, O. *A arte do pajés: impressões sobre o universo espiritual do índio xinguano*. São Paulo: Globo, 2000.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. (Org.). *Identidade e diferença, a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.p.7-72.

XOKLENG. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xokleng/972>. Acesso em: nov. 2013.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AGUILAR, A. M. G. C. Sobre o Ensino de Português nos Cursos de Magistério e nos Cursos Interculturais Indígenas. In: D'ANGELIS, W. R. (org.). *Ensino de Português em comunidades indígenas (1ª e 2ª línguas)*. Campinas: CURT NIMUENDAJÚ, p. 141-155, 2013.

ATHAYDE, S. F. Organização social, aspectos econômicos e sustentabilidade ambiental: perspectivas para a potencialização do comércio de artesanato no Parque Indígena do Xingu. *Relatório Técnico. Instituto Socioambiental/The Norwegian Rainforest Foundation*, São Paulo, SP, Brazil, 1998.

BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Vol. I, Paris: Gallimard, 1974.

BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Vol. II, Paris: Gallimard, 1976.

BRASIL. IBGE. O Brasil indígena: os indígenas no Censo Demográfico 2010. Brasília, DF: Ministério da Justiça, FUNAI, IBGE, 2010.

CABRAL, A. S. A. C. Prefixos relacionais em Asuriní do Tocantins. *Moara*, Belém, v. 8, p. 7-24, jul./dez. 1997.

CABRAL, A. S. A. C.; LOPES, J. D.; SILVA, A. P. C.; SOUSA, S. A. Esboço gramatical do Asuriní do Trocará. In: CABRAL, Ana Suely et al. (Orgs.). *Contribuições para o Inventário da Língua Asuriní do Tocantins: Projeto Piloto para a Metodologia Geral do Inventário Nacional da Diversidade Linguística*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas/UnB, 2012.

CABRAL, A. S. A. C.; SILVA, A. P. C.; SOUSA, S. A. *Expressão do caso argumentativo em três línguas Tupí-Guaraní: Asuriní do Tocantins, Avá-Canoeiro e Zo'é*. Anais do SILEL, v. 3, n. 1, 2013. Uberlândia: EDUFU, 2013.

CABRAL, A. S. A. C.; SOLANO, E. J. B. Sobre as línguas Tupí-Guaraní do Xingu e os seus deslocamentos pré-históricos. In: SIMÕES, Maria do Socorro (org.). *Sob o signo do Xingu*. Belém: UFPA/IFNOPAP, p. 17-36, 2003.

CAMPBELL, L.; M. C. MUNTZEL. The structural consequence of language death. In: Dorian, N. C. (org.). *Investigating obsolescence: studies in language contraction and death*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 181-196, 1989.

CAMPBELL, L.; POSER, W. *Methods for establishing relationships among languages: a historical survey with object lessons for today's practice*. (Unpublished ms.), 1992.

CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística. Tradição e Modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 240p.

CASTELNAU, F. Expedição as regiões centrais da América do Sul. *Biblioteca Pedagógica Brasileira*. Série Brasileira, 5:266-266A. Companhia Editora Nacional. São Paulo, Brazil, 1949.

CORRÊA-DA-SILVA, B. C. 1997. *Urubú-Ka'apor-Da Gramática à História: A Trajetória de um Povo*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília.

_____. Mais Fundamentos para a Hipótese de Rodrigues (1984/1985) de um Proto-Awetí-Tupí-Guaraní. In: RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. (Orgs.), *Línguas e Culturas Tupí, 1*: 219-240. Campinas: Curt Nimuendajú, 2007.

_____. O mundo a partir do léxico: reconstruindo a realidade social Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 5, n. 2, p. 385-400, 2013.

DOBSON, R. M. O uso de conectivos referenciais no discurso narrativo Kayabí. [S.l.]: *Summer Institute of Linguistics*, 1983a.

_____. Padrões oracionais Kayabí. [S.l.]: *Summer Institute of Linguistics*, 1983b.

_____. Morfonemica Kayabí. [S.l.]: *Summer Institute of Linguistics*, 1983c.

_____. Notas sobre substantivos do Kayabí. Série Linguística nº 1. *Summer Institute of Linguistics (SIL)*, Brasília, 1973, p. 33-56.

_____. Notes on Kayabí discourse. [S.l.]: *Summer Institute of Linguistics*, 1973.

FAULSTICH, E. J. Roteiro para avaliação de dicionários e glossários científicos e técnicos. In: Mateus, Maria Helena e Correia, Margarita. *Cursos da Arrábida, Portugal, Terminologia: questões teórica, métodos e projectos* nº 04, Publicações Europa-América, 1998.

FOLEY, W. A., VAN VALIN R. D. *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

GARCIA DE FREITAS, J. Os Índios Parintintín. *Journal de la Société des Americaistes*, Paris, n. 18, p. 67-73, 1926.

GIVON, T. *Syntax: a functional-typological introduction*, Vol. II. John Benjamin's, Amsterdam, 2001.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Tradução de T. T. da Silva; G. L Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. Disponível em: <<http://www.anthropology.ir/sites/default/files/public/anthropology-files/13566.pdf>>

HAWKINS, J. (ed). *Explaining language universals*, Blackwell, Oxford, 1988.

HOPPER, P. e Thompson, S. Transitivity in grammar and discourse. In: *Language*. Vol. 56:2, 1980.

JAKOBSON, Roman. *Fonema e Fonologia. Seleção, trad. e notas de J. Mattoso Câmara Jr.* Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

KLIMOV, G. A. On the character of languages of active typology. In: *Linguistics*, an International Review, 131:11-25, 1974.

KUROVSKI, A. “Os abandonados”: uma reflexão sobre o mito Cosmológico Kagwahiva. *Tellus*, ano 10, n. 18, jan./jun. 2010.

_____. *Anfitriões guerreiros: um estudo sobre rivalidades e generosidade entre os Kawahiwa Parintintim*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFPR, 2005.

_____. Distantes e próximos: um estudo sobre as metades exogâmicas Kagwahíva Parintintín. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 61-83, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EspaçoAmeríndio/article/viewFile/8276/5252>>. Acesso em: jan. 2013.

_____. Os abandonados: o mito Kagwahiva. In: _____. *Anfitriões guerreiros: um estudo sobre rivalidades e generosidades nos Kagwahiva Parintintim*. 2005. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFPR, [2005]. p. 93-122

LABOV, W. Some further steps in narrative analysis. *To appear in special issue of The Journal of Narrative and Life History* v. 7, n. 1-4, 1997.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: J. Helm (Org.). *Essays on the Verbal and Visual Arts*. (p. 12-44). Seattle: University of Washington Press, 1967.

LÉVI-STRAUSS, C. The Tupi-Cawahib. In: Steward, J. (org.). *Handbook of South American Indians*. III: 299-305, New York: Cooper Square Publishers Inc., pp. 299-305, 1963.

MEILLET, A. *La méthode comparative en linguistique historique*. Oslo. (Repr. 1966. Paris, Champion), 1925.

MENÉNDEZ, M. A área Madeira-Tapajós: situação de contato e relação entre colonizador e indígenas. In *História dos índios no Brasil*, organizado por M. Carneiro da Cunha, 281-296. São Paulo: FAPESP/ SMC/Cia. das Letras, 1992.

_____. *A Presença do Branco na Mitologia Kawahiwa: História e Identidade de um Povo Tupi*. *Revista de Antropologia*. Vol. 30/32, p. 331-353, 1987/88/89.

_____. Contribuição ao estudo das relações tribais na área Tapajós-Madeira. *Revista de Antropologia* 27-28:271-286, 1984-1985.

MILLER, E.T. *História da Cultura Indígena do Alto Médio-Guaporé (Rondônia e Mato Grosso)*. Porto Alegre, Pontifícia Univ. Católica do RGS, Mestrado - História da Cultura, 1983.

MITHUN, M. The convergence of noun classification systems. Noun Classes and Categorization. *Typological Studies in Language* Vol 7. Colette Craig, ed. Amsterdam: John Benjamins. 379-397, 1986.

_____. The evolution of noun incorporation. *Language* 60: 847 – 894, 1984. Paulo: Editora da UNICAMP/Imprensa Oficial, 2000.

PEREIRA, A. H. *O Pensamento mítico Kayabi*. Instituto Anchieta de Pesquisas, UNISINOS. Pesquisas, Série Antropologia, 51. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brazil, 1995.

RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização: A integração das populações indígenas no Brasil Moderno*. Vozes: Petrópolis, 1993.

_____. *O Povo Brasileiro. A formação e o Sentido do Brasil*. 1 ed. 1995 – 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RIBEIRO, E. R. Prefixos relacionais como evidência histórico-comparativa: os casos Chiquitano e Jabutí. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. et al (ORGs). *Línguas e Culturas Tupi* (volume 3), *Línguas e Culturas Macro-Jê* (volume 2). Brasília, DF: Editora Curt Nimuendajú – LALI (UnB), 2001.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 2002. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ub2l_8HbEF0C&lpg=PP1&pg=PP1#v=onepage&q&f=true>. Acesso em: dez. 2015.

_____. Tarefas da linguística no Brasil. *Estudos Linguísticos. Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada*, vol. 1, n. 1, p. 4-15, 1966.

_____. Tupinambá e Mundurukú: evidências fonológicas e lexicais de parentesco genético. *Estudos Linguísticos*, 3:194-209. Araraquara: GE, 1980.

_____. Evidências linguísticas da antiguidade do piolho e de outros parasitas do homem na Amazônia. *Revista de Estudos e Pesquisas*, 2.2:89-97. Brasília, 2005c.

_____. As vogais orais do Proto-Tupí. In: Rodrigues, A. D.; Cabral, A. S. A. C. (orgs.). *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora UnB, pp. 35-46. 2005b.

_____. As Línguas Gerais Sul-americanas. In: Papia. *Revista de Crioulos de Base Ibérica* 4(2). Brasília: Thesaurus Editora/UNB, p. 6-18, 1996.

_____. Dois exercícios de etimologia Tupí: ‘esposa’ e ‘boca’. *Moara* 9: 33-51, 1998.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C.; CORRÊA DA SILVA, B. C. Evidências linguísticas para a reconstrução de um nominalizador de objeto *-mi- em Proto-Tupí. In: *Estudos da Língua(gem)*, v. 4, n. 2, p. 21-39, 2006.

RONDON, C. M. S.; FARIA, J. B. *Glossário geral das tribos silvícolas de Mato-Grosso e outras da Amazônia e do norte do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Comissão Rondon, publicação n. 76, 1948.

SCHMIDT, M. Los Kayabi en Mato Grosso. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, Sociedad Científica del Paraguay*, 5(6):1-34. Assunción, Paraguay, 1942.

SEKI, L. Para uma Tipologia Ativa do Kamaiurá. *Cadernos lingüísticos* 12. UNICAMP, 1987, p. 15-24.

TEMPESTA, G. A. Patrões, cunhados e onças. Os brancos no universo relacional apiaká. In: SMILJANIC, Maria Inês; PIMENTA, José Pimenta; BAINES, Stephen Grant (Orgs.). *Faces da indianidade*. Curitiba: Nexo Design, 2009b.

_____. Vivendo como parente: notas sobre a concepção de pessoa e a organização social apiaká. *Sociedade e Cultura*, vol. 13, núm. 1, enero-junio, pp. 91-99, Universidade Federal de Goiás, Brasil, 2010.

TRAVASSOS, E. 1993. A tradição guerreira nas narrativas e nos cantos caiabis. In COELHO, Vera Penteadó (Org.), *Karl von den Steinen: Um século de Antropologia no Xingu*. São Paulo: EDUSP/FAPESP. pp. 445-484. Disponível em: <https://books.google.com.br>.

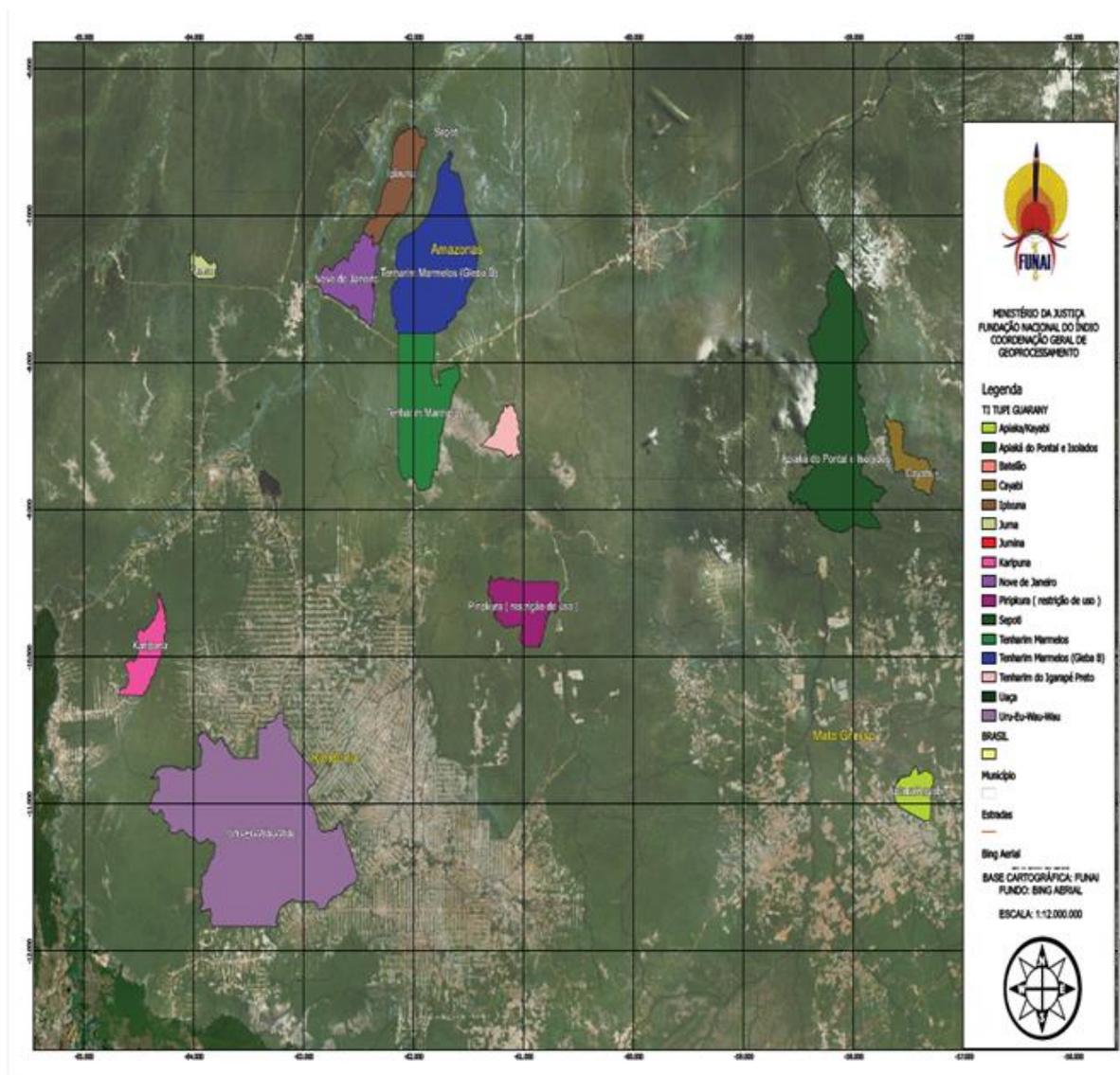
VIVEIROS DE CASTRO, E. (Org.). *Cosmologia Tupi. Associação Brasileira de Antropologia*, 1984b. (datilografado).

VON MARTIUS, K. F. P. *Beiträge Zur Ethnographie und sprachangenkunde südamerika's Zumals Brasiliens*. Leipzig: Frederich Fisher, 1867.

WEBER, M. *Economia e Sociedade*. V.I. Brasília: Editora Universidade de Brasília, [1922] 1991.

ANEXOS

ANEXO A – MAPA - T. I. TUPÍ-GUARANÍ (SIC/FUNAI/BSB)



ANEXO B – LÍNGUAS KAWAHÍWA AMEAÇADAS - ATLAS

1 – Sobre a vitalidade das línguas, de acordo com a UNESCO: Graus de comprometimento.

Degree	of endangerment Intergenerational Language Transmission
Safe	language is spoken by all generations; intergenerational transmission is uninterrupted >>not included in the Atlas
Vulnerable	most children speak the language, but it may be restricted to certain domains (e.g., home)
Definitely endangered	children no longer learn the language as mother tongue in the home
Severely endangered	language is spoken by grandparents and older generations; while the parent generation may understand it, they do not speak it to children or among themselves
Critically endangered	the youngest speakers are grandparents and older, and they speak the language partially and infrequently
Extinct	there are no speakers left >> included in the Atlas if presumably extinct since the 1950s

FONTE: Moseley, 2010.

2- A situação das línguas Asuriní do Xingu, Kamajurá e Wayampí, de acordo com o Atlas of the World's Languages/UNESCO: Moseley, 2010.

● **ASURINÍ DO XINGU**

Name of the language	Asurini do Xingu (en), asuriní du Xingu (fr), assuriní do Xingú (es)
Alternate names	Awaeté
Vitality	Vulnerable
Number of speakers	124 In 2001; 2006 pop=124, ISA, all speak language
Country or area	Brazil
Coordinates	lat:-3.9095; long: -52.4707
Corresponding ISO 639-3 code(s)	asn

●KAMAJURÁ

Name of the language	Kamaiurá (en), kamaiurá (fr), kamayurá (es)
Alternate names	Kamayurá, Camaiura
Vitality	Vulnerable
Number of speakers	400 In 2008; 2006 pop=492, Funasa/ISA
Location(s)	Terra Indígena do Xingu - Alto Xingu - Estado de Mato Grosso - Brazil
Country or area	Brazil
Coordinates	lat: -12.1655; long: -53.4292
Corresponding ISO 639-3 code(s)	kay

●WAYAMPÍ

Name of the language	Wajãpi (en), wayãpi (fr), wayãpi (es)
Alternate names	Wayampi, Oyampi, Wayãpy, Waiãpi
Vitality	Vulnerable
Number of speakers	905 In 1999; 2008 pop=905, Funai/ISA
Country or area	Brazil
Coordinates	lat: 0.747; lon: -52.8442
Corresponding ISO 639-3 code(s)	oym

FONTE: Moseley, 2010.

2 - A situação das línguas Tupí-Kawahíwa de acordo com Atlas of the World's Languages/UNESCO:

●URU-EU-WAU-WAU

Name of the language	Uru-eu-au-au (en), uru-eu-wau-wau (fr), uru-eu-uau-uau (es)
Alternate names	Kawahíb, Amondawa, Jupaú
Vitality	Vulnerable
Number of speakers	183 In 2003; 2006 Uru-eu-wau-wau (Jupaú?) pop=100, Funasa/ISA; 2003 Amondawa pop= 83, Kanindé/ISA
Country or area	Brazil
Coordinates	lat: -11.6852; long: -63.6547
Corresponding ISO 639-3 code(s)	adw, urz

●KARIPÚNA

Name of the language	Karipúna (en), Karipúna (fr), Karipúna (es)
Alternate names	Kawahíb, Caripuna
Vitality	Definitely endangered
Number of speakers	10 In 2001, 2004 pop=14, Azanha/ISA
Location(s)	Indigenous lands Karipúna, north-western Rondônia, Upper Madeira River - Brazil.
Country or area	Brazil
Coordinates	lat: -10.2284; long: -64.5556
Corresponding ISO 639-3 code(s)	kuq

●TENHARIM

Name of the language	Tenharim (en), tenharím (fr), tenharim (es)
Alternate names	Kagwahiva
Vitality	Severely endangered
Number of speakers	350 In 2000; 2006 pop=699, Funasa/ISA, speaker survey/estimate by Ana Carla Bruno in last two years
Country or area	Brazil
Coordinates	lat: -8.4071; long: -61.1499
Corresponding ISO 639-3 code(s)	pah

●APIAKÁ

Name of the language	Apiaká (en), apiaká (fr), apiaká (es)
Alternate names	Apiacá
Vitality	Critically endangered
Number of speakers	1 In 2007; infos from researchers (UnB) and one Apiaka met at the Indigenous University of UNEMAT. Confirmed pc Henri Ramirez, 2008; 2001 pop=192, Funasa/ISA
Location(s)	The group lives in the northern state of Mato Grosso - Brasil
Country or area	Brazil
Coordinates	lat: -11.1519; long: -57.3113
Corresponding ISO 639-3 code(s)	api

•DIAHÓI

Name of the language	Diahói (en), diahói (fr), diahói (es)
Alternate names	Jiahui, Jahói, Djahui, Diahkoi, Diarroi
Vitality	Critically endangered
Number of speakers	1 In 2006; 2006 pop=88, ISA, speaker estimate by Ana Carla Bruna, based on her survey
Location(s)	The group lives in indigenous lands Diahui, Middle Madeira River, southern Amazonas State, Municipality of Humaitá - Brazil.
Country or area	Brazil
Coordinates	lat : -7.9939; long : -62.1936
Corresponding ISO 639-3 code(s)	pah

•JÚMA

Name of the language	Júma (en), Júma (fr), yuma (es), Júma (ru)
Alternate names	Yuma
Vitality	Critically endangered
Number of speakers	5 In 2002, the ethnic group consisted of 5 persons (ISA/EPIB).
<i>Location(s)</i>	The group lives in indigenous lands Júma, upper courses of the Ipixuna, Mucuí, Tabocal, and Jacaré rivers (tributaries of the Purus), on the Igarapé Tapiu (right tributary of the Içuã), Municipality of Canutama between the cities of Humaita and Lábrea - Amazonas State - Brazil
Country or area	Brazil
Coordinates	lat : -7.4496; long : -63.8195
Corresponding ISO 639-3 code(s)	jua

•PARINTINTÍN

Name of the language	Parintintín (en), parintintín (fr), Parintintín (es)
Alternate names	Kagwahiwa
Vitality	Critically endangered
Number of speakers	10 In 2000; 2006 pop=284, Funasa/ISA; recent independent speaker censuses by linguists Ana Carla Bruna and Nílson Gabas Júnior both indicate 10 speakers
Country or area	Brazil
Coordinates	lat: -6.5773; long: -61.7871
Corresponding ISO 639-3 code(s)	pah

ANEXO D – FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES⁷¹
PARA ESTUDOS COMPARATIVOS PRELIMINARES
NAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

II. Questionário

MUSEU NACIONAL
Divisão de Antropologia--Setor LinguísticoSegunda Edição⁷²
Rio de Janeiro, 1960

⁷¹ Neste anexo apresentamos apenas as três primeiras páginas. A relação completa está disponível em meu Arquivo pessoal (AGUILAR, 2015). São 341 tópicos, com vocábulos e frases. Um total de 25 páginas.

⁷² A primeira edição apareceu sob o título de "Questionário Padrão para a Pesquisa nas Línguas Indígenas Brasileiras."

LÍNGUA
FAMÍLIA:
DIALETO OU LOCALIZAÇÃO:

PESQUISADOR:
Nome:
Endereço:
Instituição:
Data do Trabalho de campo:
Formulário arquivado:

LÍNGUA:
Nome da língua:
Localização exata:
Áreas dialetais da língua:
Número de falantes da língua:
Grau de bilinguismo português:

INFORMANTE:
Nome:
Idade provável:
Sexo e posição na comunidade:
Lugar de nascimento:
Atual residência:

É favor acompanhar com a informação seguinte cada lista vocabular preenchida, mesmo que já tenha sido dada essa informação com vocabulários da mesma língua ou dialeto obtidos de outros indivíduos. Se se registrar mais de um vocabulário individual da mesma língua ou dialeto, é favor distingui-los por letras, a saber, Kalaba A, Kalaba B, etc. Não importa que o vocabulário colhido seja pequeno: use um questionário completo por vocabulário colhido.

Queira indicar abaixo as consoantes, vogais e sinais diacríticos, usados no registro da lista que se segue. Se possível, devem eles ser dispostos de acordo com o ponto de articulação. É favor também indicar que alfabeto, dos três apresentados na Parte I do Formulário, foi o utilizado, explicando quaisquer símbolos adicionais que não estão incluídos no alfabeto escolhido.

Alfabeto usado:

Lista de consoantes:

Lista de vogais:

Explicação de sinais diacríticos:

ANEXO E – ROTEIRO PARA A AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS

ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUA COMUM E DE DICIONÁRIOS OU GLOSSÁRIOS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS⁷³

I – O ROTEIRO VAZIO

Título:

Autor:

Editora:

Edição:

Data:

Local de publicação:

Volume(s):

Epígrafe:

1. Sobre o autor

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

3. Sobre a apresentação material da obra

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica técnica?

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?

⁷³ FAULSTICH, Enilde. avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. *Organon*: revista da Faculdade da Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 25, n. 50, 2011, p. 2-3. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/download/28346/16994>.

- 3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?
- 3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?
- 3.8. A obra está editada em suporte informatizado?
- 3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?
- 3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?
- 3.11. A obra possui ampla divulgação?
4. Sobre o conteúdo
 - 4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?
 - 4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?
 - 4.3. Os verbetes apresentam:
 - a) categoria gramatical?
 - b) gênero?
 - c) sinonímia?
 - d) variante(s) da entrada?
 - e) variante(s) da definição?
 - f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?
 - g) marcas de uso? Como se classificam?
 - h) indicação de área ou subárea de especialidade?
 - i) contexto? (exemplo ou abonação?)
 - j) equivalente(s)?
 - k) formação da palavra?
 - l) indicação de pronúncia?
 - m) origem e etimologia?
 - n) divisão silábica?
 - o) nomenclatura científica?
 - p) remissivas úteis entre conceitos?
 - q) fontes?
 - r) notas?
 - 4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?
 - 4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?
5. Sobre a edição e publicação
 - 5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?
 - 5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

ANEXO F – VOCABULÁRIO – LÍNGUAS AMONDÁWA E KARIPÚNA

VOCABULÁRIO ⁷⁴

	PORTUGUÊS	AMONDÁWA	KARIPÚNA
		(MONSERRAT, 2000)	
(1)	abelha (espécie de abelha)	iruwa	eiruwa
(2)	anta	tapi'ira	tapi'ira
(3)	aranha	jãdua	jãdua
(4)	besouro	inemuhua	mamãgauhua
(5)	besouro rola-bosta	-	enemuhua
(6)	boi	boj	boj
(7)	borboleta	panama	panama
(8)	calango	tejua	tejua
(9)	camarão	poti'a	poty'ã
(10)	capivara	tapiwara	tapiwara
(11)	catete	taitua	taitetua
(12)	cavalo	apytawae'a	emybabuhua
(13)	coelho	inãbiapyja	-
(14)	cutia	akutia	akutia
(15)	formiga	tayrema	kubiga
(16)	formiga vermelha	-	-
(17)	galinha	inamutiga	inamutyga
(18)	gato do mato	marakaja'ia	barakaja'ia
(19)	paca	karawaruhua	karuwaruhua
(20)	pato	ypekuhua	-
(21)	porco espinho	juajawa'ea	kuj'ija
(22)	tatu	tatua	tatua
(23)	tucano	tukano	tukanuhua
(24)	barbeiro	-	beju'a
(25)	arco	ywyrapara	ywyrapara
(26)	bacia	takupeuhua	pyperewa
(27)	banco	apykawa	apykawa
(28)	brinco	inãbikuahama	ainãbikuahawa
(29)	calça comprida	tymakãbira	ipyarewa'ea
(30)	caderno	-	kadehnua
(31)	camisa	aipira	ipotyarewa'ea
(32)	chapéu	tapyja	akanytara
(33)	casa	-	tapyja
(34)	cocar	kanytara	-
(35)	colar	boyra	bo'yra
(36)	enxada	ywapidawa	jybepoa
(37)	facão	itawia	itakyheuhua
(38)	faca	kyj'ia	itakyhe'ia
(39)	flecha	u'ywa	u'ywa
(40)	fósforo	tata	tata

⁷⁴ Organização: AGUILAR (2015) a partir das informações de MONSERRAT, Ruth Fonini. Vocabulário Amondawa-Português. e Vocabulário e frases em Karipúna e Português. In: _____. **Vocabulário Amondawa-Português; Vocabulário e frases em Arara e Português; Vocabulário Gavião-Português; Vocabulário e frases em Karipúna e Português; Vocabulário e frases em Makurap e Português; Vocabulário e frases em Suruí e Português; Pequeno Dicionário e Frases em Tuparí e Português.** Caixas do Sul, RS: Universidade de Caixas do Sul, 2000. 91p..

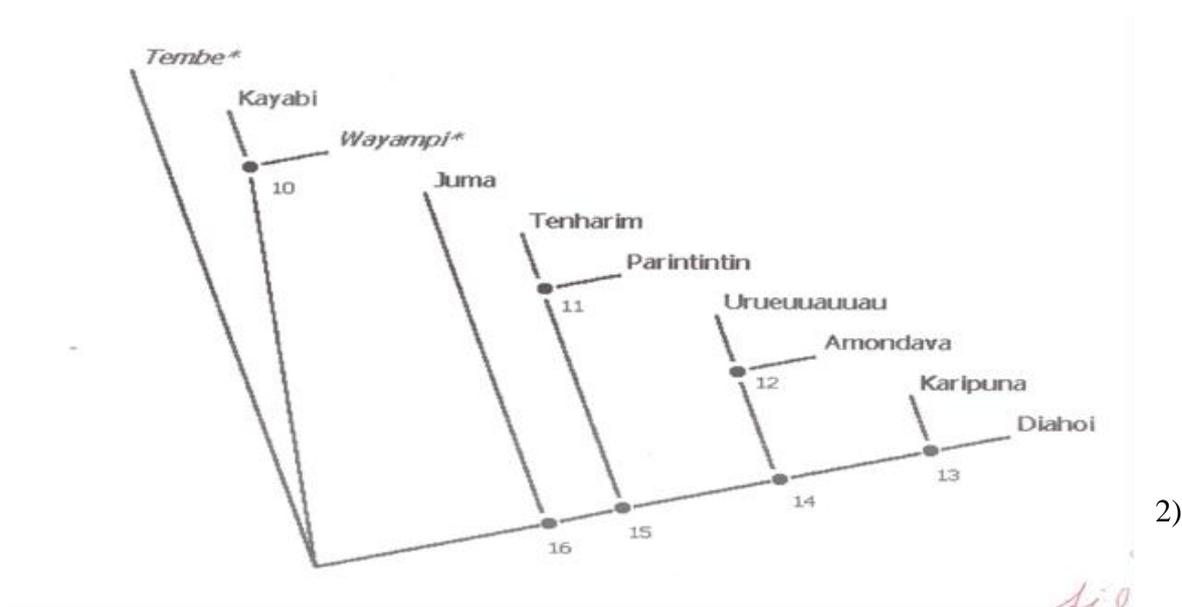
(41)	mão de pilão	ywyra	ywyra
(42)	panela	jetig	jaetiga
(43)	panela	jepepoa	-
(33)	pilão	gu'a	ygu'a
(45)	cuia, pote	y'a	kujy'a
(46)	sapato	jipiopawa	jipyopawa
(47)	pulseira	-	bo'yra
(48)	terçado	itawia	itakyheuhua
(49)	tucumã	kymãuhua	-
(50)	minha cabeça	jiakãga	jiakãga
(51)	meu cabelo	ji'awa	jihawa
(52)	meu olho	jirakuara	jireakuara
(53)	minha boca	jjjuraa	jjjuraa
(54)	meu dente	jirãja	jirãja
(55)	minha orelha	jinãbia	jinãbia
(56)	meu nariz	jiapyja	jiapyja
(57)	meu queixo	jirydywa	jirajywa
(58)	minha testa	jirowa	jirowa
(59)	meu pescoço	jjjura	jjjura
(60)	meu pescoço	jiratyoa	
(61)	meu rosto	-	jiratypya
(62)	meu peito	jipoti'a	jipoty'a
(63)	meu seio	jikama	jikama
(64)	minha barriga	jireweka	jirewega
(65)	minha coxa	ji'uwa	ji'uwa
(66)	meu joelho	jirinypy'a	jiredypyã
(67)	minha perna	jiretymãkãga	jiretymãkãga
(68)	meu pé	jipyã	jipyã
(69)	minha mão	jipoa	jipoa
(70)	meu dedo da mão	jipuã	jipuã
(71)	meu dedo do pé	jipyã	jipyã
(72)	minha sobrançelha	jirytywytawa	jiretywytawa
(73)	minha pestana	-	jirea'awa
(74)	abacaxi	parapara'ia	abakaxia
(75)	açúcar	atuka	atuka
(76)	...	medu'ia	-
(77)	amendoim	-	amedu'ija
(78)	arroz	botowaruhua ra'yra	ahuja
(79)	banana	pakowa	pakowa
(80)	cacau	jãbitauhua	jubitauhua
(81)	caldo	tykuera	-
(82)	carne	biara	biara
(83)	carne	a'oa	-
(84)	castanha	jahã	jã
(85)	chicha	kawia	kawia
(86)	coco	inatauhua	inatauhua
(87)	farinha	u'ia	u'ia
(88)	mamão	kãdyuhua	karãdywuhua
(89)	mandioca	mãdioka	mãdi'oga
(90)	manga	mãga	mãga
(91)	mel	ehira	ehyra
(92)	milho	awatia	awatia

(93)	ovo	upi'a	-
(94)	ovo de pássaro	-	wyra upi'a
(95)	feijão	bururea	-
(96)	beiju, pão	bejua	-
(97)	beiju, tipo de massa	-	bejua
(98)	peixe	pira	pira
(99)	sal	jykyra	jukyra
(100)	tucumã	-	tukumãuhua
(101)	água	yhya	ya
(102)	areia	yhyja	yja
(103)	árvore	ywa	ywa
(104)	cachoeira	ytua	ytua
(105)	arco-íris	atara'ia	-
(106)	chuva	amana	amana
(107)	estrela	jatata'ia	jaytata'ia
(108)	barro	yhyja	-
(109)	flor	ypotyra	ywotyra
(110)	fogo	tata	tata
(111)	fumaça	tatatiga	tatatiga
(112)	capim	juahawa	-
(113)	lagoa	yap	ypopewa
(114)	lua	jahya	jahya
(115)	mata	ka'ura	ka'wya
(116)	montanha	wytyra	ywytyra
(117)	raio, relâmpago	awerãp	ywerap
(118)	rio	paranã	paranã
(119)	sol	kuara	kuara
(120)	lama	ape'emuhua	-
(121)	temporal	ywytua	ywyruhua
(122)	terra	ywyja	ywya
(123)	trovão	anarãga	tupã
(124)	poeira	wytybõg	-
(125)	vento	ywytua	ywytua
(126)	arara bonita	rarara way	kanydea ikatu
(127)	mosquito pequeno	beru'ia	peru'ia
(128)	mandioca gostosa	mãdioka ehe	mãdi'oga ehe
(129)	milho maduro	awatia jaju	awatia iabui
(130)	sol quente	jyra akuwahim	kuara akuwa'i
(131)	água fria	yrya irutiagam	y'a irotyagã'i
(132)	homem forte	kuaewa'e ipakam	-
(133)	homem	-	tiwa'ae
(134)	macaco velho	ka'ia nyjmyama	-
(135)	macaco	-	jajurana
(136)	homem velho	kuaewa'e tiawa'e	-
(137)	colar velho	boyra nyjmyama	-
(138)	menina magra	kurumiga ikagerahi	-
(139)	menino pequeno	kurukiga tijuite	kunumi tiuny
(140)	porco gordo	tajauhua ikãp	taihua ikãp
(141)	vento fraco	wytya naipakari	-

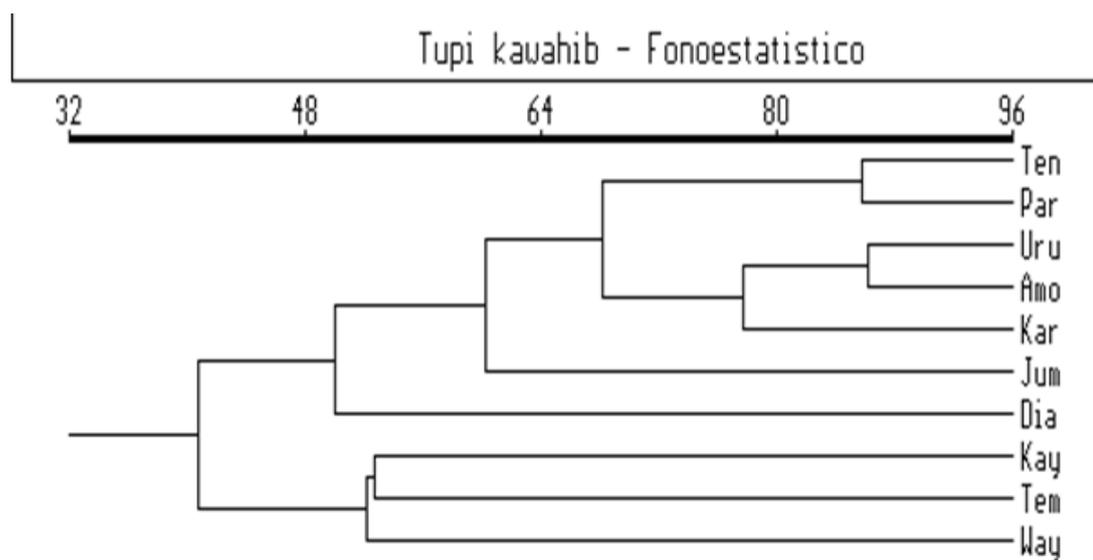
(142)	mulher fraca	kujã naipakari	jytai hea
(143)	pedra dura	ita itea	-
(144)	arco novo	kawadiwa ipyahua	ywyrapara ipyahua
(145)	cabelo preto	aeawa jupi	jawuna'y
(146)	cabelo branco	aeawa iatig	jati
(147)	noite escura	uputu nahi	ypytuna'y
(148)	...	tayriga ajao	-
(149)	...	tayriga ikatui	-
(150)	...	tayruga apomodo	-

ANEXO G – CLASSIFICAÇÃO INTERNA TUPÍ-KAWAHÍWA (SAMPAIO, 2001)

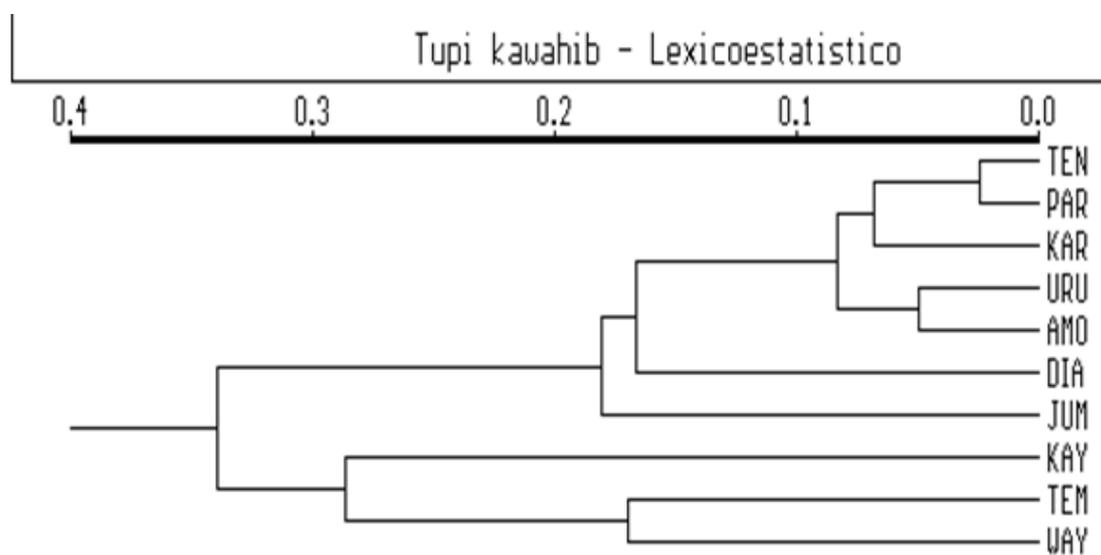
1) Cladograma: diagrama arbóreo enraizado (SAMPAIO, 2001, p. 73)



Fenograma Fonoestatístico (SAMPAIO, 2001, p. 94)



3) Fenograma Lexicoestatístico (SAMPAIO, 2001, p. 95)



ANEXO H – CLASSIFICAÇÃO DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ (MELLO, 2002)

Subgrupo I	Ia.	Guarani Mbyá Guarani Antigo Guarani Paraguaio
	Ib.	Chiriguano Chané Izoceño
	Ic.	Guayaki
	Id.	Xetá
Subgrupo II	Sirionó	
Subgrupo III	Guarayo	
Subgrupo IV	IVa.	Parintintin Amundava Urueewauwau
	IVb.	Tenharín Karipúna
Subgrupo V	Apiaká Kayabí Kamayurá	
Subgrupo VI	VIa.	Asurini do Trocará Suruí Parakanã
	VIb.	Tembé
	VIc.	Tapirapé
	VIId.	Asuriní do Xingu
Subgrupo VII	Araweté Aurê e Aura Anambé Guajá	
Subgrupo VIII	Wayampí do Jarí Wayampí do Amapari Emerillon Urubu-Kaapór	
Subgrupo IX	Tupinambá Língua Geral Amazônica (Kokama)	

Mello (2002, p. 341) informa que:

A partir das evidências fonológicas e lexicais, podemos detalhar a classificação interna de Rodrigues, propondo principalmente a divisão entre o Guarayo e o Sirionó (cada um em seu próprio subgrupo), algumas mudanças no rearranjo das línguas amazônicas, e a divisão do subconjunto VIII de Rodrigues em dois subgrupos.

ANEXO I – FOTOS: PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA/TRABALHO DE CAMPO



FOTO 1: Palestra “Como manter uma língua viva”, com a participação dos Parintintín – Aldeia Pupunha”, Humaitá/AM (Outubro, 2012).



FOTO 2: Marazona Parintintin, o Cacique da Aldeia Pupunha, falando sobre a história, costumes e canções do povo Parintintín – Aldeia Pupunha (Outubro, 2012).



FOTO 3: Realização da pesquisa sociolinguística na Aldeia Pupunha/Parintintín. Participação da Profa. Milsolange Pires (Outubro, 2012)



FOTO 4: Os participantes do seminário de encerramento do Projeto Ecoturismo Pykahu-Parintintín (PEPP), nas boas vindas ao evento, contaram a com a dança do ritual Yrerua, a Festa do Guerreiro. Aldeia Traíra/Parintintín (Julho de 2012).



FOTO 5: Oficina sobre a língua e a cultura dos Parintintín com participação das três aldeias: Traíra, Pupunha e Canavial. Os velhos sábios contam histórias (Morongitá) na língua Parintintín sobre os animais e falam sobre a língua e a cultura. Aldeia Traíra (Maio, 2012).



FOTO 6: Oficina (Morongitá) – Uma encenação da história contada para explicar o significado de uma expressão na língua Parintintín. Aldeia Traíra (Maio, 2012).



FOTO 7: Oficina (Morongitá) na Aldeia Traíra. Os mais jovens ouvem e fazem os desenhos para ilustrar as narrativas/mitos contadas pelos velhos sábios. Participação dos Parintintín das três aldeias (Maio, 2012).



FOTO 8: Revendo o vocabulário da Oficina (Morongitá), registrando explicações sobre palavras e expressões da língua Parintintin. Uma atividade realizada com a participação de Zeca Parintintín, da Aldeia Canavial; Roque Parintintín e Mimíco Parintintín. Humaitá/AM (Novembro, 2012).



FOTO 9: Professor Natalício Parintintín participando da escrita de algumas questões na língua Parintintín para o projeto de um livro bilíngue Parintintín-Português, que foi sugerido na Oficina “Morongitá”, Humaitá/AM (Novembro/2012).



FOTO 10: Pescando com a cacica Benedita Parintintín e a professora Maria Parintintín. Constei com a participação voluntária dos Parintintín da Aldeia Canavial para a realização da pesquisa sociológica (Novembro, 2012).



FOTO 11: Maria de Lurdes, esposa de Zeca Parintintín, mãe da cacica Benedita Parintintín narra vários mitos Parintintín utilizando o material organizado por W. Kracke. Aldeia Canavial (Novembro, 2012).



FOTO 12: Conversando com os alunos sobre a língua Parintintín. Escola localizada na Aldeia Canavial (2012). Essa foi uma importante fase do trabalho de campo sobre a língua e a cultura dos Kawahíwa/Parintintín.



FOTO 13: Cacique Severino Parintintin (Julho, 2012). A pesquisa sociolinguística e as atividades relacionadas ao trabalho de campo nas aldeias Parintintín foram realizadas de acordo com a Organização do Povo Indígena Parintintin do Amazonas (OPIPAM) e com os caciques das três aldeias: Severino (Aldeia Traíra), Marazona (Aldeia Pupunha) e Benedita (Aldeia Canavial).



FOTOS 14/15: Para realizar o trabalho de campo, além da participação dos **Parintintín**, contei com a colaboração de vários Kawahíwa (2012/2013): **Diahói** (LALLI-UnB/2013), **Tenharim** (na Aldeia Traíra/Parintintín/2012), **Jupaú** e **Júma** (cf. FIGURA 9 e 10



FOTOS 16: Os professores-pesquisadores **Tamahet Kamaiurá** (camisa amarela, pai do Wary Kamaiurá) e **Nanblá Gakran**, que é Laklãnõ/Xokleng (à direita, camisa branca): voluntariamente participaram e colaboraram para o desenvolvimento do trabalho de campo sobre a língua e a cultura dos povos Kamajurá e Laklãnõ (LALLI/UnB-2014/2015).

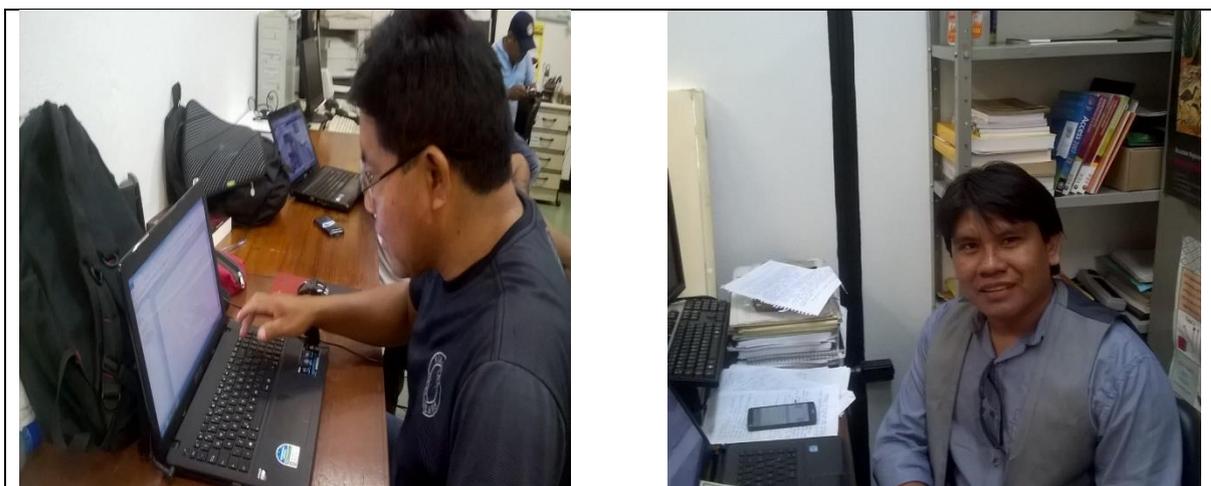


FOTO: 17: Os professores-pesquisadores **Paltu Kamaiurá** (à esquerda) e **Wary Kamaiurá** (à direita) participaram voluntariamente do levantamento dos dados linguísticos da língua Kamajurá apresentados neste trabalho (LALLI/UnB-2015).

APÊNDICES

APÊNDICE A – AMOSTRA LEXICAL_43-100_SUB-RAMO_VI

Amostra⁷⁵ Lexical_43/100⁷⁶ SR_VI

	Inglês	Português	Kayabí	Parintintín	Tenharim	Amondáwa	Jupaú	Karipúna	Júma	Diahói
	Holman et all, 2008		WEISS, 2005	BETTS, 1981	SAMPAIO, 2001					
1.	louse	piolho	-kyp	-kyv	ky	kyβə	kyβə	kyβə	kyβ	kyhyβə
2.	two	dois	mukūi	meme, mokonh	mōkōj	mōkōj	mōkōj	mōkōj	mōkōjnə	mōkōj
3.	water	água	ʔy	-hy -y	yhyə	yhyə	yhyə	yhy	yhyə	yhy
4.	ear	orelha	-nami	-nambi	nāmi	nāmiə	nāmiə	nāmiə	nāmi	nāmiə
5.	die	morrer	-mann	-mano	mōnō	mōnō	mōnō	mōnō	mano	mōnō
6.	I	eu	je	a-, i-, ji-, jihi	ɲihi	dzihe	dzihe	dzihe	ɲi	ɲihi
7.	liver	fígado	-pyʔa	-pyʔa	pyʔa	pyʔa	pyʔa	pyʔa	pyʔa	pyʔa
8.	eye	olho	-ea	-eakwar	ak ^w rə	ak ^w rə	εakrə	εak ^w rə	εak ^w rə	reak ^w rə
9.	hand	mão	-po	-po	pə	pəə	pəə	pəə	pəə	pə
10.	hear	ouvir/escutar	-apyaka	ʔapyha, -enduv	enu	enu	enu	enu	enu β	enu
11.	tree	árvore	ʔyp	-ʔyva	yβa	yβa	yβa	yβa	yβa	yβa
12.	fish	peixe	pira	pira	pira	pira	pira	pira	pira	pira
13.	name	nome	-ʔet	-er	rɛr	rɛrə	rɛrə	rɛrə	ɛrə	rɛr
14.	stone	pedra	ita	itaky	ita	ita	ita	ita	itakyə	ita
15.	tooth	dente	-āi	-anh	əhānə	əhānə	əhānə	Pānə	ānə	Pānə
16.	breasts	seios	-kam	-kam	kāmə	kāmə	kāmə	ɪkāmə	ɪkāmə	kāmə
17.	you	você	ene	ere-	nehe	nehe	nehe	nehe	ne	nehe
18.	path	caminho	-ape	pehe	pɛhɛ	pɛhɛə	pɛhɛə	pɛhɛ	pəpoku	pɛhɛ
19.	bone	osso	-kagʔ	-kaḡ	kānə	kānə	kānə	kānə	kānə	kānə

⁷⁵ As línguas Apiaká e Piripkura, línguas do complexo Kawahíwa, não foram incluídas nesse quadro. Os dados disponíveis não puderam ser confirmados.

⁷⁶ Adding typology to lexicostatistics: a combined approach to language classification

Disponível em: <http://email.eva.mpg.de/~wichmann/Levenshtein%20versus%20WALS%20FINAL.pdf>

20.	tongue	língua	-ku	-kũ	ajme	ajme	hajme	ajme	ajme	ajme
21.	skin	pele	-pit	-pir	pirə	pirə	pirə	pirə	pirə	pirə
22.	night	noite	-ap̃yi	yꝑytun	yꝑytunə	yꝑytunə	yꝑytunə	yꝑytunə	yꝑytunə	yꝑytunə
23.	leaf	folha	kaʔa	kaʔa	kaʔa	kaʔa	kaʔa	kaʔa	kaʔa	kaʔa
24.	rain	chuva	aman	aman	amãñð	amãñð	amãñð	amãñð	amãñð	amãñð
25.	kill	matar	-juka	-juka	ɲuka	dʒɲuka	dʒɲuka	juka	ɲuka	ɲukãñǎ
26.	blood	sangue	-uy	-eko, -gwy	ɲ ^w i	βyʔy	βyʔy	βyʔy	eko	ɾeko
27.	horn	chifre	-asĩ	-atĩ	ãti	atʃiə	atʃiə	atʃiə	hatʃiəŋ	ɲapɲɾati
28.	person	pessoa	ae-	ahe	ahe	ahe	ahe	ahe	ahe	gahe
29.	knee	joelho	-enupyʔã	-enypyʔã	neꝑyʔã	eneꝑyʔã	eneꝑyʔã	neꝑyʔã	eneꝑyʔã	neꝑyʔã
30.	one	um	ajepei	ojipeji	onipeɲi	odzipeɲi	odzipeɲi	onipeɲi	onipeɲi	odzipeɲi
31.	nose	nariz	-sĩ	-apynh-, -tĩ	apynə	apynə	apynə	nipyɲə	ty	py
32.	full	cheio	-pap	-pypiar d: cheio; grávida	haiɲ ^w ɲiʔi	haβaheβahim	haβaheβahim	tyhuə	itaru	nikoβahĩ
33.	comeR	vir	-jot	-ur	ʔu	ʔu	ʔu	ʔu	ʔu	ʔu
34.	star	estrela	jaytata	jaytata'ia	ɲahytataʔi	dʒahytataʔiə	dʒahytataʔiə	ɲahytataʔi	ɲahytataʔi	ɲatataʔi
35.	mountain	montanha	ywyʔamuku	yvytyruhu yvy'am	ĩβiterə	yβyterə	yβiterə	yβyterə	ywyaʔmar i	yβytyrə
36.	fire	fogo	-ata	-ata	tata	tata	tata	tata	tata	tata
37.	we	nós	jane	nhande-, ore-	ɲane ɔɾe	ɲane ɔɾe	ɲane ɔɾe	ɲane ɔɾe	ɲane ɔɾe	ɲanememe gapəβe
38.	drink	beber	-yʔu	yʔu	yʔu	yʔu	yʔu	yʔu	yʔu	yʔu
39.	see	ver	-esak	-epiag	epiɛ	epiɛk	epiɛk	epiɛ	epiag	epiɛ
40.	bark	casca	-ape	-ape	-	-	-	-	-	-
41.	new	novo	-pyau	-pyahu -voja	pyahu	pyahuə	pyahuə	pyahu	βoɲa	ipyahuə
42.	dog	cachorro	kasuru kwataʔi	nhaǧwatiǧ; ingaruruʔi	ɲãɲ ^w atiɲə	dʒaʔɲ ^w arə	dʒaʔɲ ^w arə	dʒaʔɲ ^w arə	dʒaʔɲ ^w arə	ɲãɲ ^w atiɲə
43.	*sun	sol	kwatʔ	kwara	k ^w ra	k ^w ra	k ^w ra	k ^w rahy	k ^w ra	k ^w rahy

APÊNDICE B – LÉXICO 43_100 (As.T, Av.C-T, Prt, Km, Uru, Kby)

LÉXICO_43/100								
MÉTODO: Lexicoestatística (DYEN, 1962; 1973)								
METODOLOGIA: 40 itens mais estáveis (HOLMAN et alii, (2008) ⁷⁷)								
	Inglês	Português	Asuriní do Tocantins	Avá-Canoeiro do Tocantins	Parintintín	Kamajurá	Uru-Eu-Wau-Wau	Kayabí
			Cabral, Rorigues, 2003	Silva, 2015; Borges, 2002	Betts, 1981	Aguilar, 2015	Pease, Betts, 1991	Weiss, 2005
1.	louse	piolho	-k'ýp	-kyw	-kyv	kyp	kyp	-kyp
2.	two	dois	mokó'j	mokô'j	mokonh	mokô'j	môkô'i	mukû'i
3.	water	água	ʔý	y	-y	ʔy	yhy	ʔy
4.	ear	orelha	-namí	-nami	-nambi	nami	nãmi	-nami
5.	die	morrer	-manó	-mano	-mano	manô	mônô	-manû
6.	I	eu	isé	txi	ji	i'je	jihe	je
7.	liver	fígado	-pyʔá	-pya	-pyʔa	peré	-pyʔa	-pyʔa
8.	eye	olho	-ehá	-ea	-eakwar	tea	e-akwar	-ea
9.	hand	mão	-pá	-po	-po	-po	-po	-po
10.	hear	ouvir	-enóp	-nanô	-apyaka	anup	enu	-apyaka
11.	tree	árvore	yʔýp	-yw	-ʔyva	ywyra	ypa	ʔyp
12.	fish	peixe	ipirá	pira	pira	pira	pira	pira,ipira
13.	name	nome	-ét	-eɾ	-er	het	-er	-ʔet
14.	stone	pedra	itá	ita	itaky	itá	ita	ita
15.	tooth	dente	-ó'j	-ã'j	-anh	tã'j	-ãnh	-ã'i
16.	breasts	seios	poti'á 'peito' -kóm 'seio'	-kam 'peito/seio'	-kam	kam	-kãm	-kam
17.	you	você	ené	ni	nde	ene	nehe	ene
18.	path	caminho	-apé	-ape	pehe	tape	pehe	-ape
19.	bone	osso	-k'ýng	-kang	-kaḡ	kang	kang	-kaḡ

⁷⁷ Adding typology to lexicostatistics: a combined approach to language classification

Disponível em: <http://email.eva.mpg.de/~wichmann/Levenshtein%20versus%20WALS%20FINAL.pdf>

20.	tongue	língua	-ko	-apekũ 'ponta da língua'	-kũ	kõ	kũ	-kũ
21.	skin	pele	-pít	-pilik	-pir	pit	-pir	-pit
22.	night	noite	-yppytón	pyaji	yppytun	yppytun	yppytun	yppytun
23.	leaf	folha	-áp	-ow (BORGES)	kaʔa	hop	kaʔa	kaʔa
24.	rain	chuva	amýn	amyn	-aman	aman	amãñẽ	aman
25.	kill	matar	-soká	-juka	-juka	juká	-juka	-juka
26.	blood	sangue	-owý	-owy	-eko -gwy	tywy	-eko	-uy wy
27.	horn	chifre	-atí	-ãti	-atĩ	atsĩ	atĩ	-asĩ
28.	person	pessoa	awá 'gente, pessoa' poró- 'gente, outro (humano)'	awã 'gente, pessoa' po- 'gente, outro (humano)'	ahe	awa	ahe	ae-
29.	knee	joelho	-kanawá	-epya	-enypyʔã	perenan	-enypyʔã	-enupyʔã
30.	one	um	osepé	mepe	ojipeji	mojepete	ojipei	ajepei
31.	nose	nariz	-tiapýr 'ponta do nariz' -tikýng 'osso do nariz'	-apýj (BORGES)	-apynh/-tĩ	apýj	apyn	-apýi -sĩ
32.	full	cheio	-ynehém	-	-pypiar	moʔakang	-pypiar	-pypiat -tyneem
33.	come	vir	-sát -ót	-juk	-jor -ur	-ut/jot	-ur	-ʔut turi
34.	star	estrela	sahýtatá	jaytata	jaytata'ia	jaytata	jaytataʔia	jaytata
35.	mountain	montanha	-	yw-am 'terra levantada'	yvy'am	ywy'am	yvyter	ywytyt
36.	fire	fogo	-atá	-ata	-ata	t-atá	tata	-ata (tata)
37.	we	nós	sané 12(3) oré 13	jane (BORGES) ore (BORGES)	nhande- ore-	ore, oro	ore	ore (excl.) jane (incl.)
38.	drink	beber	-ʔó	-u	y'u	-yʔu	-yʔu	-yʔu
39.	see	ver	-esák (VT) -ma'é (VI)	-mae (VT/VI)	-epiag	etsak	-epiag	-esak

40.	bark	casca	-apé	-pilik	-ape	ype	-ape	-ape
41.	new	novo	-ʔyahó	-pyaw	-pyahu	ipyau	-pyahu	-pyau
42.	dog	cachorro	sawát	jawaᵛ	nhaḡwatiḡ ingaruruĩ	wararuijap	nhaḡwatig	kasuru kwataʔi
43.	sun	sol	kwát ‘Sol’ -át ‘dia’	kwaᵛ -aᵛ	kwara	kwat	kwara	kwat